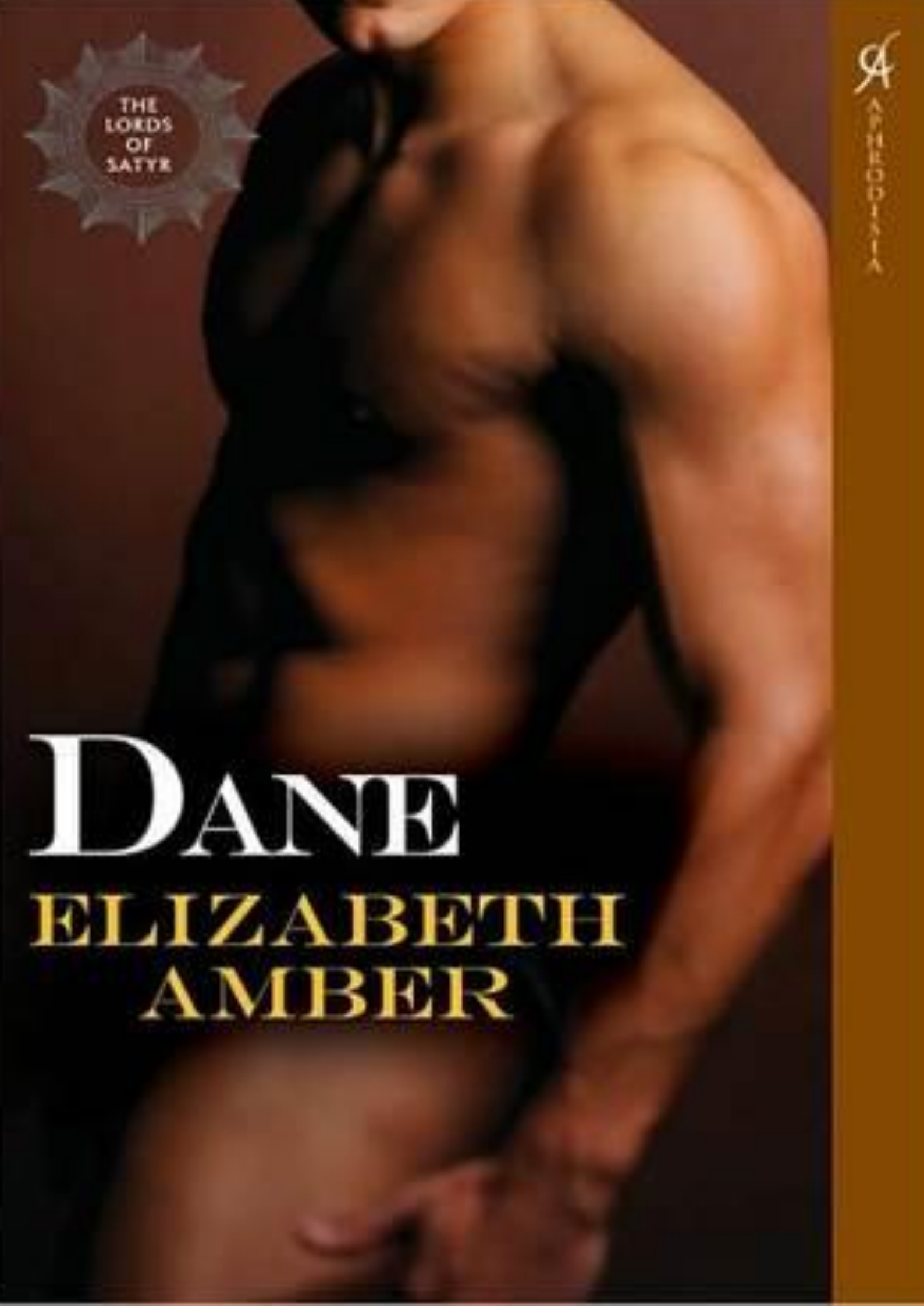


A photograph of a muscular man from the waist up, wearing a black harness. He is looking down and slightly to the side. The background is a solid brown color.

THE
LORDS
OF
SATYR

A
PHERODISIA

DANE

ELIZABETH
AMBER



Elizabeth Amber

The Lords of Satyr #04

Dane

Formatação e Revisão

Eve & Antonia Suely



Sinopse

A sensualidade sombria dos Lordes de Satyr volta para 1880 na Itália, onde esses homens poderosos saciam sua luxúria sem inibição...

Enquanto ele procura seu irmão desaparecido em 1880 em Roma, o arrogante Senhor Dane Sátiro luta com seu demônio interior ardente, Dante. Dane tem pouca paciência com a insistência do Conselho de Elseworld que insiste que ele deve ter uma esposa humana para proteger suas terras ancestrais.

Eva, uma bela emergente social com um dom para casamenteira, está determinada a lançar o seu humilde início nas faces de uma sociedade italiana que, uma vez desprezou sua mãe. Ela tem esquemas para casar um homem de entre as suas fileiras. Mas ela está longe de ser humana a si mesma. E se Dane, seus irmãos, sua melhor amiga, ou alguém descobre que ela realmente é, todo o inferno vai libertar-se.

Quando Dane e Eva tem o primeiro encontro, eles são consumidos pelas necessidades intensas que não podem satisfazer sozinhos. Pode a sua paixão ardente e amor um para o outro crescer e superar os perigos que os mantêm separados?

Dane e Eva têm segredos.

Por causa de um trauma de infância misteriosa, ele abriga uma personalidade alternativa que visa protegê-lo a partir do conhecimento do paradeiro de seu irmão desaparecido.

Eva é uma casamenteira, cujo trabalho é encontrar esposas humanas para Dane e seu irmão. Ela é a única mulher sátiro existência. Um fato que deve se escondido, mesmo de Dane.

PRÓLOGO

Nos séculos passados, os Lordes do Sátiro secretamente habitaram toda a Europa, trabalhando nos antigos vinhedos do deus do vinho, Baco. Em 1820, seus números tinham diminuído até que poucos permaneceram para proteger o portão sagrado entre Earthwold e Elseworld, um reino paralelo povoado por sátiros, duendes, nereidas, fadas e outras criaturas mitológicas. Trinta anos depois, um tratado permitiu que mais dessas criaturas passassem através do portão, e os sátiros se espalharam na Itália. Outras espécies foram menos afortunadas. Uma grande doença surgiu, afetando as fêmeas, nascidas de sangue não humano, e em grande número elas morreram estéreis.

Agora é ano 1880. E as viagens entre os mundos são muito restritas, exceto para negócios ou para fins diplomáticos especificamente sancionados pelo Conselho de Elseworld. Dentro de um corredor de terras que se estendem desde o sul da Toscana a Roma, tudo está completamente abaixo de encantamento para que os imigrantes de Elseworld passem despercebidos.

Ainda assim, a magia que esconde este território é frágil, e a descoberta pelos humanos é uma ameaça constante a um pequeno clã dos senhores Sátiros, em Roma. A estes irmãos ancestrais de sangue real foram confiados a salvaguardar os artefatos, relíquias e antiguidades criadas por seus antepassados, que estão agora escavas por arqueólogos.

Após a vinda de cada mês, o seu sangue acena para que eles atendam ao chamado da lua cheia para acasalar. Negar-se a este chamado carnal é buscar a morte. Ao acatá-lo recebe-se a bem-aventurança.

CAPÍTULO 01

Roma, Itália Earthworld, 1880.

- Deus! Onde diabo fica isso?

O som de uma voz feminina deslocou-se para ele através de um espesso bosque de oliveiras. A brisa de início de outubro sacudiu as folhas verde-prateadas nos galhos retorcidos, alternadamente revelando e dissimulando a intromissão feminina do ponto de vista. Enquanto ela se movia passando em uma direção paralela a ele, ele angulou seu queixo para que assim seus olhos pudessem segui-la.

Perfeito. Agora ele não teria que ir caçar hoje à noite.

Mas ele ainda estava em transição, ainda não estava totalmente no controle, e assim por enquanto só arquivou a informação de sua chegada distante para considerar mais tarde. Respirando profundamente devido ao fresco crepúsculo, Dante continuou lentamente para facilitar seu caminho para dentro de uma mente que pertencia a outro—Dane seu anfitrião relutante.

É para seu próprio bem, Dante acalmou. Para sua proteção. Eu vou vir de novo, voltará manhã. Relaxe agora. Durma.

Mas Dane o ignorou e lutou com uma força interior que era tão admirável quanto era inútil. A subjugação não poderia ser agradável para alguém tão obstinado. Esta transição sempre era um momento estranho e desconfortável, trazendo a tona memórias que ambos preferiam esquecer. Então, Dante pisava com cuidado, confiante de que ele acabaria por prevalecer. Justo como tinha feito na noite de lua cheia do mês passado, e durante todos os Moonfuls anteriores ao longo da segunda metade da vida de Dane.

Em questão de instantes, ele assumiu a plena posse. Ele era Dante agora. Não uma pessoa em seu direito próprio, mas uma personalidade alternativa que repousava dormente dentro de Dane e saía apenas quando necessário. Em ocasiões como esta.

Lentamente, ele levantou-se de onde estava agachado no chão do bosque. Ele encolheu os ombros largos, ajustando-se ao conjunto familiar de ossos e carne que ele vestia. A mente e, portanto, o corpo lhe pertencia no presente momento. Ele seria o mestre deles, mas só até o amanhecer.

A camisa de linho sobmedida que ele usava solta e desabotoada e a sua frente, branco reluzente contra a carne escura de seu peito esculpido. Ele flexionou as mãos e as encontrou feridas. Ele observou o machado no chão um metro de distância e os troncos derrubados, as pilhas de videiras invasoras, que tinham sido cortadas recentemente fora de troncos torcidos nas proximidades.

Ah, sim, ele lembrava agora. Quando ele teve o primeiro vislumbre de consciência, eles estavam trabalhando.

Ele e Dane.

Duas facetas do mesmo espírito. Possuidores de um único corpo.

E era um corpo pelo qual as mulheres desmaiavam de admiração e ao qual sempre procuravam. Quase dois metros de sólidos músculos, ombros largos, quadril estreito. Um pescoço forte, encimado por um rosto masculino de queixo quadrado, com um nariz reto e proeminente, e coroadado com uma basta cabeleira. Um rosto que ostentava uma semelhança distinta as de seus irmãos. Tudo isso lhe conferia beleza exceto por uma característica. De baixo das sobrancelhas em linha reta, olhos prateados e gélidos refletiam o mundo, fazendo-o parecer sobrenatural e estranho. O que de fato era.

Através do tecido da calça, ele achava a característica que talvez lhe rendesse ser a mais aberrante. Aquela que ele revelava nessas noites. Carinhosamente, ele acariciou seu comprimento considerável com a ponta do seu polegar como se estivesse afiando uma arma feita precisamente destinada apenas para dar e receber prazer. Já estava grosso e ereto e apenas confinado dentro da calça.

Este pênis deles simbolizava a totalidade do papel de Dante nas coisas. Ele era o devasso — apenas um aspecto do todo que era o Lord Dane Satyr. Trazido à vida sempre que a necessidade lasciva desse corpo se apresentava. Ele adorava seu papel. Dane o invejava por isso. Ansiando para si mesmo.

Um som farfalhante chegou aos seus ouvidos. A mulher. Ele sabia que ela estava lá o tempo todo, é claro, tinha estado acompanhando-a com um pequeno canto de sua mente. Agora, seus olhos a encontraram novamente.

Ela movia-se negligentemente pelo bosque, pensando sozinha. Uma vez ou outra, ela fazia uma pausa para dar um puxão em uma rama, arrancando uma azeitona verde ou duas dela. Segurando estes pequenos pedaços de pilhagem sob seu nariz, em seguida, ela os embolsava como se estivesse colhendo amostras. As azeitonas não estariam prontas para a colheita por mais um mês, então ele se perguntou brevemente do por que das suas ações. Mas a curiosidade não era uma falha dele. Dane, no entanto, sofria de uma riqueza dela. E olha onde os tinha lançado.

Além dela, o sol estava no horizonte, uma enorme bola laranja suculenta presa por lanças de cipreste negras que marchavam ao longo da colina oposta a este. A pele dela ficou de um pálido dourado, as sombras de seu rosto revelavam traços lindos, seus cabelos escuros como o carvão. Ela estava bem vestida com um elegante vestido puritano cinza que se misturava com a cor das árvores aqui. Talvez tivesse vinte anos de idade ou um pouco mais. E bem feita.

Ele sorriu. Eles só estavam aqui há algumas semanas, mas já gostava deste novo mundo. A doença tinha matado muitas das espécies do sexo feminino em Elseworld que normalmente serviam como companheiras de sua espécie e outras se tornaram incapazes de suportar a prole dos sátiros. Somente os membros do Conselho tiveram o luxo de manter suas próprias mulheres. No entanto aqui, as mulheres se entregavam direito à própria porta.

Sua presa desapareceu em uma clareira e ele moveu-se atrás dela, mantendo-a em vista. Sua cabeça estava inclinada para estudar algo que ela segurava. Um pequeno livro. Uma página virada em sua mão com luvas de renda, uma carranca vincou a pele cremosa suave entre as sobrancelhas escuras enquanto ela se esforçava para ler o texto, à luz falhando. O que quer que ela esteja lendo em suas páginas a fez suspirar de frustração.

- Honestamente Mamãe! O que devo fazer com esses rabiscos? Você não poderia ter feito algo melhor do que isso em uma questão tão importante? - Olhando em volta, ela abanou o livro de borda dourada para frente e para trás em uma mão com impaciência óbvia.

Dotado de uma descrição natural reforçada por uma década de formação e experiência de campo como Perseguidor em Elseworld, Dante silenciosamente se moveu na direção dela, com a intenção de cortar a sua saída para a estrada. Embora ela não tivesse nenhuma maneira de saber, ela veio em um momento mais oportuno. Anoitecia. Uma noite muito especial para aqueles da estirpe de Dane. Uma vez que a lua se levantasse, tudo começaria.

Ele fez uma rápida, inspeção visual do bosque. Ele estava protegido. Dane tinha enfeitado seu perímetro naquela mesma manhã. Se os seres humanos vagassem muito perto, eles iriam encontrar-se repelidos por forças desconhecidas. Uma vez que ela tinha conseguido transgredir os feitiços, ele só poderia presumir que ela devia ser de sangue Elseworld.

Seus olhos a varreram novamente. Ela era magra, mas com agradáveis curvas. Fada, talvez. Nesta noite especial, o seu sangue iria ferver também, embora não tanto quanto o do sátiro. Não tão quente quanto o seu. Quando se vivia apenas dez horas por mês era compreensivo que se tornasse ardente.

Uma leve brisa soprou em suas costas, rapidamente passando por ele e ondulando mais visco, bentônica, chicória, erva-doce, alecrim e açafraão, que crescia pelo chão do bosque. Ele observou-se fazer o seu caminho em direção a mulher, levando consigo o seu perfume.

Quando ela inflou sua saia de babados e puxou as mechas de seus cabelos, ela acalmou — como uma criatura da floresta teria feito de forma repentina e bem ciente do perigo. Seus olhos se deslocaram em sua direção, flashes gêmeos de esmeralda. Seus olhos se estreitaram e ele sorriu, satisfeito com o que ele havia lido em seu olhar. Reconhecimento. Somente uma criatura de Elseworld conseguiria detectar outra pelo cheiro. Seu sangue bombeou um pouco mais rápido com esta confirmação de seu pressuposto inicial. Uma fêmea de seu próprio mundo faria com que seu encontro fosse bem mais interessante do que uma humana poderia ter feito.

- Esta é uma propriedade particular. - Ele pisou livre das sombras da floresta para a pequena clareira em que ela estava. Ela virou-se para enfrentá-lo, então, as saias enviaram as folhas voando ao seu redor. Suas narinas queimando, a espera que o cheiro dela permeasse o ar em sua direção. Ele sabia que tipo de criatura ela era em breve.

Quando seu perfume chegou até ele, o seu delicado, delicioso impacto envolveu-o como uma carícia física. Seus sentidos analisaram e classificaram através de suas nuances, e um novo espinho na consciência varreu sua pele. Seu corpo chegou a uma conclusão espantosa sobre suas origens uma fração de segundo antes de sua mente o fazer. Ele realmente pode sentir os olhos se dilatarem, seu coração suspirar, seu sangue parar em suas veias.

- Deuses, que... Quem é você? - Ele exigiu.

Congelados no lugar, eles simplesmente olhavam um para o outro com apenas uma dúzia de metros de mata silvestre e silêncio chocado entre eles. Até o ar em torno deles parecia ter retido sua respiração.

Então ela girou sobre as saias e se, pois a correr. *Ela estava fugindo!*

Tão abruptamente como tinha parado, o bombeamento de seu sangue reiniciou, queimando por ele com o seu extático jorrar. Seus instintos de caça em total eficácia, ele girou em sua direção em um ângulo, cortando o bosque dos antepassados de Dane com facilidade. A vegetação rasteira emaranhada o ajudava, arrebatando-lhe as saias e retardando seu passo.

Suas mãos lançadas para fora se fecharam a frente de sua cintura baixa, entre suas costelas, puxando-a para trás contra ele e roubando sua respiração. Ela era leve comparada a ele, sua espinha facilmente moldada à caverna de seu peito largo. Seus quadris eram exuberantes contra suas coxas fortes. Seus cabelos sedosos uma cascata em sua garganta.

Toda a natureza parecia ainda dentro da mata, ele a trouxe junto. Ele abaixou a cabeça para enterrar o rosto no emaranhado de seus cabelos, inalando profundamente. Uma correção — o perfeito encaixe no seu — abalou-lhe a sua essência.

- Quem é você? - Ele perguntou novamente.

- Ninguém. Eu não sou ninguém.

Longos momentos se passaram e eles estavam sozinhos no universo, agarrados em um íntimo casulo. Os pássaros se calaram, mas o seu sangue cantava. A música suave de um córrego próximo cessou, mas os seus batimentos cardíacos trovejavam. Sua estrutura maciça estremeceu sob um dilúvio de luxúria. Suas bolas se cerraram, seu pau endureceu cada um de seus sentidos em sintonia com ela.

Ele sentiu Dane mexendo em algum lugar dentro dele, como alguém se revirando em seu sono. Sua atração era tão forte que estava afetando até mesmo ele. *Quem é ela?* Dane sussurrou, mas sua pergunta, também, não ficou sem resposta.

Dante cuidadosamente empurrou-o mais profundo em seu subconsciente mútuo, onde ele deveria permanecer até que esta noite terminasse. Ele tinha vindo para protegê-lo nos últimos treze anos e não via nenhuma razão para parar agora. Não enquanto o perigo para eles ainda existisse neste mundo.

Sob a palma da mão, ele sentiu o espartilho firme sob seu vestido de seda cinza. Ele considerou a maneira mais rápida de convencê-la a deixá-lo removê-los.

- Não tenha medo de nós. Nós somos como você.

- Nós? - Ela sacudiu sua cabeça e puxou-lhe as mãos de sua cintura, resistindo à atração que ele exercia sobre sua pessoa e seus sentidos. - Do que você está falando, senhor? Eu apenas vagava aqui por engano, a procura de flores para a minha mesa esta noite. Eu não sabia que a casa estava ocupada. Se você me deixar ir meu transporte se encontra logo ali. - Ela fez um gesto em direção à estrada, depois ela puxou o braço e o deslocou para baixo uma vez, batendo o ponto do cotovelo em sua costela, lutando.

Ele franziu a testa, assustado, incapaz de compreender por que ela não o queria.

- Por que você luta? - ele murmurou em seu cabelo, sua voz quente e sombria. - À noite está vindo, e com ela o Moonful.

Ela engasgou, chicoteando sua cabeça ao redor. Seus olhos estavam cautelosos, mas nas profundezas de sua consciência cintilaram.

As costas de seus dedos traçaram o rosto pálido. - Você sabe do que falamos - acusou baixinho. - É a mudança que virá sobre nós quando o sol morrer. - Cada palavra foi encantada, um engodo destinado a acalmar seus sentidos.

- Não. - Ela sacudiu sua cabeça como se para sacudir o seu toque, seus encantos, e suas intenções para com ela. Ele sentiu a sua magia e seu duelo pela supremacia, e ele enviou uma emoção lasciva por ele. Mas em poucos segundos, a sua magia surgiu em sua consciência, afetando visivelmente a ela. Seu corpo permaneceu meio afastado, mas ela tinha relaxado, já sem intenção de fugir. A expressão dela suavizou e um resplendor de rosa roubou todo seu rosto. Seus dedos subiram levemente acariciando os seus lábios, em seguida, desceram para o decote do corpete, inquietos traçando a sua renda.

- Deuses, - ele sussurrou. - Todo mundo acredita que criaturas como você são apenas um mito.

Ele dobrou um cacho do cabelo dela atrás da orelha, estudando todas as nuances de seu rosto virado para cima, perguntando-se sobre ela. *Quem ela era. Por que ela tinha vindo aqui?*

- Eu sou uma fada, - ela protestou fracamente.

Ele riu. - Pequena mentirosa.

Dane com sua necessidade insaciável de conhecimento teria perguntas para ela quando eles se reunissem com a vinda da manhã. Deixá-lo-ia, encontrar as respostas. Esta noite era destinada ao prazer. Sua mão aqueceu em sua bochecha, lançando uma calma sobre ela.

- Fique, - ele murmurou. - Fique conosco esta noite.

Sua vontade de lutar com ele — contra ele para combater a sua própria natureza — vacilou. Seus ombros e braços começaram a relaxar. Algo atingiu a ponta de sua bota.

Seu pequeno livro. Sua cabeça repousou em seu ombro e ele sentiu-a ficar como desossada contra ele. Quando seus lábios se arrastaram em sua garganta, ele sabia a tinha ganhado. Mas não foi o suficiente que seus artifícios mágicos a conquistassem. Ele queria que ela o quisesse, desejando-lhe com o seu corpo e espírito, e não ficaria satisfeito até que ela implorasse para que ele a enchesse. Ele trouxe os dedos até ao fecho do corpete e ajudou-a abrir o primeiro deles livremente.

Um estranho adormecimento súbito veio-lhe então, e seus dedos se atrapalharam, tornando-se descoordenados e incertos. Seu controle sobre ela afrouxou. Não porque ela renovou seus esforços insignificantes para se livrar dele, mas por causa de... Qualquer outra coisa. Algo estava errado.

Dante sentiu-se vacilar, sentiu sua consciência ondular como as ondas em um lago que tinha sido perturbado. Suas mãos se afastaram dela, quando a sombra de outra presença se aglomerou em torno das bordas de sua mente. *Dane? Não, não podia ser. No entanto era ele.*

Mas Dane nunca havia ressurgido durante um encontro carnal. Não era seguro. *E se eles viessem novamente e o levassem de volta para aquele lugar horrível? Tinham-no levado para um asilo antes. Da próxima vez, poderiam matá-lo. Dante não podia deixar isso acontecer! Proteger Dane era pelo que ele vivia.*

Você não lembra como eram as coisas... Antes? Dante advertiu. *Não dá valor a sua sanidade? Você deve se esconder. Durma...,* ele sussurrava.

Sai da minha cabeça, maldito seja! Dane mordeu fora. *Eu não preciso de você!*

Atordoado, Dante só podia continuar parado lá, com os braços inúteis ao seu lado enquanto ele desaparecia ainda mais, inexoravelmente, perdendo o controle sobre...

Dane sugou em uma ingestão aguda da respiração, inalando a sua alma de volta em sua carne. Sua mente, sua própria essência, vertida para dentro de seu corpo como o vinho em uma taça. Era ele novamente. Sozinho em sua própria pele.

Ele abriu a os olhos, piscando para o mundo, vendo-a em primeiro lugar, como se estivesse debaixo de água. Se afogando. Ele estava desorientado, sua visão embaçada, quase perdeu o equilíbrio por um momento antes de conseguir endireitar-se. Suas mãos encontraram uma âncora. Uma mulher.

Suas costas estavam contra ele, seu corpo quente, flexível, peso delicioso em seus braços. As palmas das mãos se curvavam em suas costelas, acariciando a volta de sua cintura e os quadris. De alguma forma ele sabia que deveria se apegar a ela, como se ela fosse sua conduta à consciência. Sua salvação.

Coisas nadavam de volta para o foco como flashes desconectados. Ele estava no bosque, exatamente como ele permanecia em suas ultimas lembranças. Ele estava trabalhando aqui, na sua propriedade adquirida recentemente, cortando videiras mortas para impedi-las de sufocar as árvores.

Então o bastardo fantasma do Dante tinha chegado. Tinha tomado o controle dele, de sua mente, de seu corpo. Com a intenção de usá-lo para foder a noite toda em seu lugar. Alegando que era tudo feito a Dane para seu próprio bem, - igualmente a todos os outros Moonful. Mas Dane tinha interrompido o bastardo desta vez!

Como ele tinha conseguido fazer isso era uma incógnita. Ela tinha algo a ver com isso, essa mulher que inexplicavelmente estava aqui com ele na escuridão que se adensava, com a cabeça sobre o seu peito, seu corpo requintado e sem resistência sob sua exploração íntima.

Seu corpete cinza pálido estava parcialmente desabotoado, revelando as curvas cheias, branca, seios perfeitos. Ele tinha um carinho muito especial por esta parte da anatomia de uma mulher. Como num sonho, ele viu sua mão deslizar entre o tecido e a carne, capturando as correntes de ouro fino que ela usava. Seu peito era macio sob os seus dedos, e firme. Ele encontrou e provocou um bico rosado, arrastando as correntes de metal frio sobre ele mais e mais até que eles estiveram duros.

Ela gemeu e tocou-lhe o pulso, as coxas deslocando sem descanso contra a dele. Seu pênis cresceu e ele engasgou, quase se pondo de joelhos pela sensação. Ele encontrou o seu prodigioso comprimento com a mão, agarrando-o por meio da leve lã negra que dificilmente poderia contê-lo.

Ele estava duro. Ele. Não Dante. Sim estava. Com o pau totalmente duro.

Nunca em sua vida ele havia experimentado a sensação quente de sua própria excitação. Com urgência, ele a virou para ele, meio com medo de que ela pudesse ser um fantasma e desaparecesse. Ela era graciosa, com cílios e cabelos negros, e bochechas gentilmente rosadas. Seu pau estava grosso e faminto entre eles, contraindo-se com desespero por uma prova dela. Este era um presente, um milagre realizado por essa estranha sedutora.

Com o braço dobrado em suas costas e sua mão em concha na sua nuca, segurando-a enquanto baixava a boca. Seus dedos se enroscaram em seus cabelos, e ela encontrou seu beijo. Ela tinha gosto de magia.

Inspirou seu perfume e o achou impregnado de Elseworld. Seus sentidos se aguçaram, classificando através do arco-íris de seus sabores suaves dentro dela. Eles eram extraordinariamente complexos polvilhados de citros e de especiarias, uma varredura do encanto glamoroso das fadas, e uma confusão inebriante de outras fragrâncias. Mas ele era um perseguidor e logo teria a sua medida.

Segundos mais tarde, sacudiu a cabeça para trás. Suas mãos agarraram seus ombros e ele olhou para ela, chocado.

- Você é... Não, é impossível... - No entanto, seu perfume era inconfundível. Ela era uma sátiro, como ele. Nunca em toda a história tinha nascido uma mulher entre os de sua espécie!

- Quem é você? - Ele exigiu, dando-lhe uma sacudida. Ele precisava ouvi-la admitir.

Os olhos que estavam sonolentos, a cor do trevo da primavera, emaranhados com os dele. - Eu estou vazia. Quero... - subindo na ponta dos pés ela esfregou os lábios sobre os dele. - Encha-me. - Ela sussurrou.

Sua fome disparou mais forte, ultrapassando todas as restrições. Com urgência, ele pressionou as costas dela contra o tronco de uma árvore centenária, oliveiras plantadas pelos antigos e cobriu-lhe o corpo com o seu maior. Suas mãos varreram por sua cintura, costelas e peito, memorizando suas formas.

- Sim, vamos fazer como a nossa espécie sempre tem feito na noite de chamado, - Dane murmurou contra seus lábios, sua voz áspera com a necessidade. - Mas você vai responder às minhas perguntas pela manhã.

- Oui, monsieur. - Ela respirou. Seus olhos escuros com paixão ainda estranhamente evasivos.

Ela o queria se devido a um desejo inato ou pela magia de Dante, ele não sabia — Isto pertencia ao passado. Ele levou a mão entre seus corpos para a elevação monumental que ameaçava explodir sua calça, então, virou o próprio dedo para abrir o fecho. Seu pênis saltou de sua prisão de lã, encontrando a palma de sua mão.

Um rosnado predador retumbou de sua garganta quando ela cercou a base de seu pau com os dedos que não abrangiam todo sua circunferência. Através de cílios abaixados, os olhos prateados brilharam com a excitação, olhando em seu rosto enquanto ele recuava os quadris, movendo-se dentro de sua mão em um arrasto, muito sensual. Em seguida, um empurrão, e ainda outra retirada, esta enviando a seu comprimento para cima e por toda sua extensão como lava quente passando pelas veias azuis, até que finalmente ela segurou sua coroa.

Seu corpo inteiro deu um tremor violento com a estimulação sedutora. Nunca antes deste momento ele tinha sentido o pulsar do seu pênis com um toque erótico feminino ou sentiu a prazerosa queimação do pré-sêmen viscoso jorrando pela fenda minúscula em sua crista. Coisas que outros homens com virilidade tomavam como garantido. Ela encontrou suas sementes peroladas e as espalhou com a ponta de um polegar. Seus olhos se arregalaram como se isso fosse novo para ela também. Com uma ousadia devassa em desacordo com sua expressão inocente, ela levou o polegar à boca, sentindo o gosto dele.

Como se ela tivesse acendido o pavio de um barril de pólvora, seu ardor explodiu. Ele capturou seus pulsos com uma das mãos e os colocou acima de sua cabeça de encontro à casca lisa da árvore. Seus seios se elevaram, quase saltando de seu corpete e atormentando-o com cada inalação dela.

Uma coxa deslizou para cima entre as suas acariciando com suavidade suas bolas. - Por favor. -Ela sussurrou.

- Deuses, sim. - Ele grunhiu. Sua boca desceu pelos lábios dela que se separaram suavemente. Sua língua pressionava no interior da dela da mesma forma como o seu pau

logo pressionaria outro par de lábios e cruzaria outra boca feminina. Com a mão livre, ele puxou mais sua saia.

Em qualquer outro momento ele não teria agido de modo precipitado. Mas era Moonful, e o desejo de estar dentro dela tamborilava através dele, mais forte do que a batida do seu coração ou o funcionamento de sua mente curiosa. Embora seu corpo tivesse se empenhado na cópula em cada lua cheia que passara desde o seu décimo oitavo ano, ele não se lembrava de nada. Mas hoje, ele venceu Dante. Desta vez, ele se lembraria do que faria.

Ele guiou o seu pênis estendido para a vagina delicada e quando se insinuou entre suas pernas ela se moveu um pouco, se abrindo para ele. Carne encontrou carne. Sua respiração ficou engastada e um grito feminino sufocado de desejo perfumou o ar. Uma pressa de responder as necessidades masculinas enviou a grossa coroa de seu pênis mais vontade de lavrar no sulco feminino. Infalivelmente, ele encontrou seu coração quente e pulsante de desejo, e aninhado lá, ungindo-se com sua paixão um pranto precioso. Seus olhos capturados e agarrados...

Acima deles, as copas das arvores do bosque sussurravam na brisa suave, abrindo-se para que seus olhos se focassem na Lua sem piscar, que escolheu aquele momento de seu curso para observá-los. Sua luminescência acariciou suas figuras entrelaçadas, chamando-lhes.

- Doce inferno! – Os pulmões de Dane exalaram um sopro áspero, sufocado quando a divina senhora levou-o, ordenando que ele se voltasse para o culto a qual ela presidia desde o tempo de seus antepassados. Exigindo a mudança dele, que ele se envolvesse nos rituais exigidos de todos os sátiros em noites como essa. Seu rosto ergueu para a sua luz, e ele gemeu — um sombrio, som carnal que atravessou a exótica noite de veludo.

- Por favor. – Era um sussurro desesperado. Da mulher de carne e sangue em seus braços.

Mas ele estava pego na armadilha da lua agora, e só poderia esperar enquanto a luz e sensação de seu banho passassem por ele, de rosto para baixo na coluna de seu pescoço, o peito largo, costelas e finalmente, a barriga. Sob o tecido da calça, uma pelagem macia nascia em suas coxas e panturrilhas, tão fina que era pouco visível. Contudo, era o início da mudança, o que o tornaria diferente, pelo menos para aqueles que residiam neste mundo, se eles soubessem.

Dane nunca tinha experimentado a mudança por si mesmo e agora se assemelhava a um homem morrendo de fome. A necessidade se enredava nele ainda mais apertada. No momento em que o escravo da lua fosse liberado, ele iria virar a mulher que tinha em seus braços e levantar a parte de traz de suas saias. Ele assaltaria em suas duas aberturas. Exigiria outro tipo de acasalamento com ela uma vez que a lua o tivesse levado por seu caminho, seria uma dupla.

Um gemido vibrou dos lábios que estavam rosados e úmidos de sua boca. Como se ela tivesse lido sua mente.

Sua barriga se retorceu em uma câibra súbita brutal, pegando-o desprevenido. Ele a agarrou pela cintura. Com a outra mão laçou-lhe os pulsos em um punho e os levantou sobre a casca da árvore. Longos momentos se passaram enquanto ele era atormentado por um prazer tão penetrante que era colorido com a dor.

Ao libertar-lhe os pulsos viu seus braços lentamente descenderem a seus lados. Em seus doces olhos claros viu florescer o medo. *Dele ou de si mesma?* Ele franziu a testa. *Dante tinha de fato encantado-a de alguma forma? Era por isso que ela parecera tão disposta?*

- Mova-se. Deixe-me ir. - Sua voz tremeu.

Seu tórax prensou o dela rapidamente contra o tronco da árvore enorme e antiga. - Você nunca viu a mudança em um macho de sua espécie? - Ele questionou.

Ela apertou as mãos trêmulas sobre seu peito. - Não! Eu não sei o que você está falando. Eu...

- Está começando em mim agora, aqui. - Ele a interrompeu, cortando suas mentiras. Ele pegou sua mão e a obrigou a passá-la abaixo de seu abdome, não para ela ajudá-lo, mas para ela sentir o quão duro estavam atados os músculos de lá. Assim ela não poderia negar a verdade de que ela sabia o que ele era. Um macho de sua espécie.

Ela hesitou, e lutou com uma ânsia desesperada de retomar de onde ele parou; para enterrar-se dentro dela, bem-vindo ou não.

- Você não vai mudar da mesma forma que eu vou esta noite, mas você deve estar sentindo os efeitos. Desde que completou dezoito anos, não é?

- Não! - Ela puxou a mão dela e lutou contra ele, negando que soubesse o que ele tinha acabo de dizer.

- Eu não sou como você! - Ela gritou.

Antes que ele pudesse repreendê-la sobre esta inverdade, sentiu os dedos de repente desajeitados e descoordenados. Ele flexionou-os, tentando sacudir o torpor. -*Não... Deuses, ainda não. Não agora.*

Dante tinha voltado. E ele queria essa mulher para si.

É como as coisas devem ser a voz em sua cabeça sussurrou.

Dane enrijeceu a mandíbula em uma careta, lutando contra a supressão com cada fibra do seu ser. Sabendo que era inútil. Ele estudou a mulher diante dele com atenção, memorizando todos os seus traços. O conhecimento de que ele não seria capaz de concluir o que ele tinha começado com ela era uma pílula amarga. Mas ele iria encontrá-la mais tarde, ele prometeu a si mesmo. Um dia ele iria livrar-se de Dante e ele a teria. Enquanto isso, ela deveria ser protegida. De alguma forma.

- O que está errado com você? - Dane a viu mover os lábios, formando as palavras, mas ela parecia distante, como se estivesse flutuando para longe dele. Ela estava olhando para ele com redondo, olhos assustados. Bem, não exatamente para ele. Ela

parecia estar olhando em volta dele a sua esquerda, direita, acima de sua cabeça, mas não diretamente a ele.

- Fique. Você precisará de mim em breve, entre suas coxas. - Ele murmurou.

- Não! Eu não posso.

Mas ela queria. Ele lia em seu rosto.

- Fique, - ele murmurou novamente. - Se não por isso, fique, pois você vai precisar de minha proteção. Por causa do que você é. Há aqueles que irão querer prejudicá-la.

Ela se afastou, sacudindo a cabeça. Negando-lhe e a ela mesma, o que ela era.

Um relâmpago disparou a dor através de seu crânio. Ele cambaleou, travando o seu peso contra o tronco da árvore mais próxima.

- *Qual é seu nome?* – perguntou ele desesperadamente, mas suas palavras eram silenciosas agora. Ele a estava perdendo. Estava perdendo a si mesmo.

Ele pressionou os dedos sobre a testa, tentando forçar o usurpador de volta. Mas foi inútil. Ele sentiu-se afundando, sua mente deslizando para longe dele, como a maré que se retrai para longe. Ele estava sucumbindo... Sendo ultrapassado por...

Dante encontrou-se no controle novamente. Ele balançou, então estremeceu, recuperando rapidamente seu equilíbrio. Ele estava com dor. Sua mão foi para sua barriga e sentiu o duro aperto dos músculos rígidos lá. O ar no bosque ficou ventilado com a noite. E a lua tinha vindo, banhando-o em sua luz gloriosa, inundando-o em necessidade carnal.

Onde estava a mulher? Ele olhou para cima e encontrou-a. Ela tinha ficado livre dele e de seus feitiços, e se afastou. Longe o suficiente para que ela pudesse ser capaz de iludi-lo, no seu atual estado debilitado, quando a mudança alcançou-o.

Como estivesse hipnotizada, ela observava seus dedos em fascínio enquanto eles apaziguavam sua barriga. Na escuridão crescente, a abertura que ele tinha deixado na frente de sua calça estava sombreada, deixando-a adivinhar o que estava acontecendo dentro. Suas emoções conflitantes eram facilmente lidas em seu rosto. Ela estava com medo de demorar-se aqui com ele, mas não conseguia sair.

Ele acariciou a si mesmo. - Venha aqui. - Ele chamou suavemente. Ele estava entre ela e a estrada, e esperava que fosse suficiente para impedir sua tentativa de fuga, enquanto ele estivesse sob o domínio da mudança.

Ela deu um passo para trás, sacudindo a cabeça. - Como você ousa lançar seus feitiços em mim.

Ele levantou uma sobrancelha, o seu olhar sobre ela constante, a sua voz calma. - Você está molhada por nós, e não por causa de alguma magia. E mesmo com todos os seus protestos, você ficou ainda mais.

Mas ele não ouviu sua resposta, por que uma súbita agonia feroz o queimou, e ele se dobrou, suas mãos segurando suas coxas para não cair. Um músculo saltou em seu

maxilar e um gemido primitivo o deixou quando uma série de agulhoadas ondularam sobre sua pélvis. Longos momentos se passaram, enquanto ele esperava que a dor diminuísse.

Ele sentiu-a cada vez mais apertada, mais perto ainda. *Vindo para ele!* Ele abriu os olhos e a viu agachada diante dele, a seus pés. Seus dedos pálidos se estenderam. Ele sentiu algo puxar debaixo de sua bota.

Ele conseguiu agarrar-lhe o pulso, segurando-a. Com os olhos fechados ele franziu a testa. - Por que você não é afetada?

- Porque eu não sou o que você pensa. - Ela sussurrou. Ela puxou o braço se soltando. Ele estava fraco agora, fraco demais para segurá-la.

E então ela foi se afastando longe dele, espanando as folhas em sua pressa para deixá-lo. Ela estava segurando alguma coisa. O livro. Ele caiu mais cedo. Ele estava sob sua bota e ela só se aproximou para recuperá-lo.

Sem dizer uma palavra, ela se afastou, olhando-o como se fosse uma víbora perigosa. Seu pequeno livro foi pressionado e elevado para o peito, como se ela estivesse tentando evitar que seu coração saltasse de seu peito. Ela olhou incerta e desconfiada de que tivessem remanescentes aqui com ele, mas absolutamente fascinada com o espetáculo de sua mudança. Tanto que ela foi incapaz de virar-se para ir embora.

Ele estabilizou o seu olhar sobre ela.

- Não vá. Negar a sua natureza não vai mudar isso. Você vai precisar de nós logo, entre suas coxas. - Disse ele. Um eco do que Dane lhe tinha dito.

Em seguida, o chamado do luar se intensificou, a lixiviação de toda a cor de sua pele e reforçou seu desejo lascivo quase de forma insuportável. Suas costas se arquearam sobre o primitivo rugido de dor e prazer que irrompeu de sua garganta, agitando muito as folhas sobre as árvores quando a última alteração física da noite ocorreu nele. Era com se estivesse em uma piscina prateada, ele sentiu esticar os braços, as mãos se apertaram. Seu rosto se ergueu para homenagear o astro luminoso no céu escurecido.

Momentos mais tarde, tudo estava terminado. Ele havia se transformado, pronto para começar a noite. A palma de sua mão escorregou em torno do eixo grosso enraizado em seu pelo escuro. Sua mão encontrou o outro pênis gêmeo recentemente despertado que estava enraizado apenas uma polegada acima. O Moonful lhe presenteava com este segundo mastro de tendões — este segundo pênis arrancado de seu próprio ventre. Erguia-se alto e duro de sua pélvis e estava seco de fome. Ele acariciou ascendente ao longo de mais ou menos dez polegadas de ambos os pênis até que seus polegares encontraram e espalharam as gotículas de umidade que combinavam e se sobressaiam de cada ponta.

À distância, ele ouviu a mulher sair do bosque. Em seguida, ele ouviu o clop de sua carroça descendo o morro. Ela estava fugindo. Fugindo dele. E, da sua própria necessidade. Surda a qualquer coisa que ele poderia querer dizer a ela. Ele eliminaria

qualquer memória dela da mente de Dane antes que ele partisse na madrugada. Da mesma forma que limpou a memória de outras, as amantes muito mais cruel de sua mente, há doze anos.

Instintivamente, ele se moveu em direção ao templo situado nas terras de Dane, o viu brilhando à frente. Bem abaixo, no vale, ele podia ver o brilho das luzes dos arqueólogos enquanto eles trabalhavam até tarde da noite. As escavações no Fórum davam a volta ao relógio, semana após semana. Eles estavam descobrindo relíquias e artefatos que tinham sido escondidos por séculos.

E segredos, também.

Segredos que deveriam ser mantidos longe de Dane.

CAPÍTULO 02

Com o coração batendo forte no peito, Mademoiselle Evangeline Delacorte lutava para encaixar a lâmina delgada da chave na fechadura de bronze no portão ornado de ferro. Uma tarefa difícil quando as suas mãos enluvadas por renda estavam tremendo tanto.

Seu rosto estava vermelho, com uma doença febril lamentável que vinha até ela com regularidade e força cada vez maior. As fêmeas humanas que conhecia podiam queixar-se sobre o seu fluxo mensal em confidencia na privacidade de seus salões de chá ou de beleza. No entanto, para sua própria segurança e a dos que ela protegia, ela deveria permanecer em silêncio sobre o assunto de seus próprios desconfortos mensais.

- Odette? Pinot? - Ela chamou, sacudindo a chave na fechadura com o desespero crescente. *Por que não conseguia colocar a chave?* Em contraste com a sua luta frenética, o luar italiano e preguiçoso da Lua olhava-a acima do horizonte. *Quanto tempo ela ainda tinha? Quinze minutos? Dez?* Ela nunca cortou seu tempo tão perto. Assim para além do portão havia um pequeno jardim e, depois, para além a porta à sua moradia. Nesse momento, ela já estaria desmoronando.

De súbito iluminações estilhaçaram o céu acima dela, estourando como bolas de neve ardente. Ela estremeceu violentamente e a chave caiu para a pista de paralelepípedos em seus pés.

Ela amaldiçoou baixinho. - todas as noites tem que trazer festas a esta ridícula cidade? - Abaixando-se, ela jogou a saia de lado e procurou no chão por todos os lados dela pela chave.

Passos soou e ela ergueu os olhos alarmados. *Teria o homem do bosque a seguido?* Não, era apenas um grupo de foliões humanos que passavam correndo, a caminho para alguma Festa romana de algum tipo. Décadas de escavações no Fórum ao longo da Via Sacra causou um fascínio desenfreado para todas as coisas mitológicas. Eles estavam vestidos a rigor. Era irônico que eles escolhessem para disfarçarem-se das espécies que ela e outros imigrantes de Elseworld faziam de tudo para esconder.

O Baco solitário entre o grupo usava uma coroa de ramos de oliveira e segurava no braço de um delicado elfo. Os outros que o acompanhavam eram diversas maenades, uma fada com asas, que brilhava a luz minguante, e da deusa romana do amor, Vênus. Um falso sátiro estava fantasiado com uma máscara escura e um casaco. Um falo grande e multicolorido se sobressaía do cortando em um ângulo para cima de tapa-sexo que ele usava lhe chamou a atenção.

Você vai precisar de mim então, entre suas coxas. Ela estremeceu, recordando as palavras do homem no bosque. *Deuses! Como ele tinha adivinhado quando ninguém tinha se dado conta antes em todos os seus vinte e dois anos?*

Ao lado de seu pé, sua mão tocou o metal. A chave. Quando ela se levantou de novo, um rosto sisudo olhava para ela através das voltas de ferro da grade do portão. Ela se encolheu e colocou uma mão sobre o coração.

- Odette ! Você quase me tira a vida com o susto.

A mestiça que tinha os olhos de um azul surpreendente que contrastavam com sua pele café, se estreitou sobre ela. Ela tinha o dom sobrenatural de investigar os segredos de Eva, desde que ela era ainda uma menina. *Ela seria capaz de adivinhar o que acabara de acontecer naquele pequeno olival no Monte Aventino?*

Mas Odette só arremessou um olhar significativo para a lua. Cacarejando, ela caiu no palavreado coloquial misturando a língua nativa de Elseworld e um obscuro dialeto da região montanhosa da Itália enquanto suas mãos trabalhavam na fechadura teimosa do interior.

Então...

- Você esta atrasada mademoiselle! Eu enviei Pinot a sua procura, - disse ela, referindo-se ao diminuto duende que servia como uma combinação de cocheiro, caseiro, emissário de fofocas. - Eu estava preocupada, você poderia estar lá fora como tantos outros, morta, boiando no rio Tibre.

- Obviamente eu não estou. Eu sou cuidadosa, - Eva torceu as mãos. – Você poderia ir mais depressa?

Finalmente, o portão se moveu. Ele abriu com um protesto e um grito por falta de lubrificação o que oferecia para eles a distância o aviso prévio de que tinham visitantes. Enfim ela entrou no jardim. Quando Eva se lançou para dentro, Odette olhou para os dois lados da rua, olhando aqueles que circulavam por lá enquanto ela fechava o portão novamente. Ela ainda não havia se acostumado ao fato de que já não habitavam no bairro duvidoso em Elseworld, em vez de seu endereço atual, mais respeitável no Capitólio, a menor das sete colinas de Roma.

Odette fechou o portão com um estrondo e seguiu atrás dela, seus passos desengonçados. - Onde você estava? - Ela exigiu desconfiada.

- Segui o mapa do livro de Mamãe para o bosque. - Eva fez uma pausa longa o suficiente para encher com um punhado das azeitonas que tinha no bolso as mãos de Odette.

- Isso foi tudo o que você conseguiu obter?

- Eu tenho sorte de ter conseguido pelo menos estes. O terreno está ocupado. - Eva lançou atrás dela enquanto ela corria através do pequeno pátio do jardim e para a casa.

- Por quem?

- Não agora. - Eva sacudiu a cabeça, apontando para as duas meninas de olhos arregalados que estavam descalças à porta. Vestidas com camisolas de linho branco, que

quase pareciam ser dois fantasmas. Elas não eram, é claro. Mas elas não eram totalmente humanas também.

- Mademoiselle! Você voltou! - Disse Mimi de cinco anos de idade. Ela saltou em seus dedos do pé em infantil excitação. Ao lado dela, Lena oito anos de idade, estava acariciando nervosamente o fim de sua trança sobre os lábios, olhando como se estivesse beliscando um pincel.

- Vite, bebes! Vão para dentro Todas vocês. – Eva repreendeu suavemente. Se dobrando para dar-lhes rápidos abraços, ela gentilmente puxou a trança da boca de Lena, oferecendo-lhe um sorriso tranquilizador. Em seguida, ela contornou o par e mergulhou dentro da casa.

Erguendo as saias no alto em ambos os lados, ela correu até as escadas com modos grosseiros. Em qualquer outra noite, Odette a teria repreendido.

Mas hoje, ela só a chamou do início da escada.

- Tudo está preparado para você! - Atrás dela, as meninas espiavam de ambos os lados da saia de seu avental, fascinadas como sempre por alguma dica do que estava para acontecer com Eva durante este misterioso evento mensal.

- Fora as duas! - Odette enxotou as meninas para o quarto do lado oposto da casa.

- Façam o que ela pede. - Eva pediu. No topo da escada, ela correu pelo corredor e atirou-se em seu quarto de dormir.

Empurrando a porta fechada com o cotovelo, ela meio que caiu contra ela, o peso do seu corpo batendo e fechando a porta atrás dela. Sua cabeça caiu para trás e ela arrancou os botões para abrir o pescoço do corpete. O espartilho tornou-se um dispositivo de tortura. Seu fôlego estava estrangulado em seu peito, lutando para escapar. Ela correu os dedos para baixo nos fechos de gancho, avançando no mais alto deles e o abrindo. Lançando-se a partir de sua prisão decorosa de seda, seus seios incharam dentro do “V” profundo. *Ah doce liberdade!*

Mas hoje, estas quatro paredes serviriam como outro tipo de prisão. Uma que manteria o mundo do lado de fora e lhe manteria segura dentro. As portas e as paredes aqui eram grossas e as vidraças eram duplas. O que acontecesse aqui estaria protegido do mundo exterior e das duas meninas que haviam se tornado a sua família. Quando ela chegou aqui há três meses, um vizinho lhe havia dito que uma louca fora mantida aqui nesta câmara um século atrás. *E ela não se voltaria louca logo, logo?* Ela supôs que estava feliz que sua loucura só teria dez horas de duração. Do crepúsculo ao amanhecer.

Seus olhos se abriram, correndo para o armário alto ao longo da parede mais afastada. Uma pequena porta ao nível dos olhos normalmente era mantida trancada, mas agora estava aberta para revelar uma variedade de frascos de cristal, garrafas e outros itens curiosos. Se empurrando fora da porta, ela cruzou em direção a ele, caminhando ainda de botas sobre os tapetes que tinham sido tecidos em teares de Elseworld. Eva fez uma pausa ante o armário, que tinha sido construído por fadas carpinteiros. Na verdade, a casa em si ficava muito próxima das propriedades secreta do Conselho Elseworld.

Num lugar proeminente em uma prateleira de baixo dentro do armário estava um frasco de vidro fino, que aos olhos leigos pareceria conter vinho tinto comum. Era uma relíquia de Elseworld, encontrado em algum lugar por Odette, que sabia como localizar essas coisas. Ao lado dele estava uma taça, que já havia sido preenchida, esperando por ela. Odette obviamente tinha vindo aqui recentemente, preparando as coisas.

Ela colocou a taça nos lábios e tomou um longo gole dela, sentindo o elixir otimista queimar o seu caminho para baixo de sua garganta. Ela seguiu rapidamente com outro trago. Ofegante, ela enxugou os lábios com as costas de um pulso. Esta era uma bebida antiga, um componente necessário para iniciar o ritual desta noite. Um ritual que só ocorria uma vez por mês com a plenitude da lua.

Um dos pós que tinha tomado esta manhã foi feito para amenizar os efeitos do presente Chamando, para retardar o seu início. Quando ela começou a tomar o primeiro pó há quatro anos, este lhe tinha permitido passar noites como esta com relativa calma. Mas com cada lua cheia subsequente a força dos efeitos estava diminuindo. A noite tinha apenas começado e já estava perto de saltar fora de sua pele.

Felizmente, o vinho poderia acalmá-la e colocá-la no caminho inevitável que ela deveria seguir esta noite. Ela tomou mais um gole de sua terceira taça. A garrafa inteira estaria vazia no fim da noite. E de alguma forma votaria a estar cheia novamente daqui a um mês sem que ninguém a tivesse reabastecido.

Segundos mais tarde, ela ouviu o deslizar suave de metal sobre metal. A fechadura gemeu caindo em seu lugar. A porta estava sendo trancada pelo lado de fora. Por um momento, houve silêncio, esperando além dele. Odette estava escutando do corredor.

- Eu estou bem. - Eva suavemente assegurou. Após uma pequena pausa, ela ouviu os passos desiguais e familiares da serva desaparecer pelo corredor.

Na verdade, ela estava começando a se sentir muito melhor. O elixir estava fazendo o seu trabalho. O ritmo de seu sangue já estava diminuindo e seu temperamento de agitado estava sendo alterada para um de excitação e antecipação. Em poucos instantes mais...

Eva olhou para a taça, inclinando-se para a janela, a fim de ver a luz da lua em cima da superfície do vinho vacilar. Mergulhando um dedo na bebida, ela esfaqueou a orbe refletido, observando enquanto ela se tornava sangrenta com o suco de uvas Sangiovese. Quando ela ergueu o dedo outra vez, caíram algumas gotas de sua ponta em cima dos seios, que saíam do corpete escancarado. As gotículas carmesins escorregaram entre as suas curvas. Ela pegou-lhes nas almofadas de dois dedos e pintou sua umidade em um círculo de luz sobre seu mamilo.

Onde ele tinha tocado. Uma emoção lasciva formigou sobre sua pele, mamilo e tornou-se mais duro ainda. *Humm*.

Sua cabeça pendeu preguiçosamente para um lado e seu olhar caiu para a mesa de cabeceira. Uma toalha de linho e bacia tinha sido colocada sobre ela. Para mais tarde, ao amanhecer, quando tudo isso estivesse terminado.

Através dos cílios baixos ela observou outras preparações. Dois pedaços de corda de seda trançados firmemente vinculados à cabeceira da cama, um ancorado em cada poste da cama. Seus olhos deslizaram através destes cabos, um pouco envergonhada por eles. Por sua necessidade deles. A colcha tinha sido removida e dobrada sobre o tablado, deixando apenas travesseiros e os lençóis de cambraias em cima de seu colchão.

Ela tomou outro longo gole. Então, a base de sua taça bateu na prateleira de baixo, com uma conversão. E sem saber exatamente como ela chegou lá, viu-se ao pé da cama. Sua mamãe tinha encontrado para ela em um leilão de antiguidades em Elseworld, e tinha sido desmontada e trazida para cá, quando Eva e Odette atravessaram o portão, há três meses. Logo após Mamãe ter morrido. Suas origens eram incertas, mas tinha certamente sido feita por um sátiro artesão. Sua mãe havia dito que o proprietário não entendia os seus segredos, mas que Eva entenderia.

Ela era linda e imponente, feita de oliveira envernizada. A cabeceira e os estribos foram feitas em elaborado projeto de videiras estilizadas e figuras mitológicas. Estes dissimulavam uma série de características interessantes que Eva descobriu por conta própria com o passar dos anos. Ela contornou o baú alto de couro que ficava ao pé da cama chegando ao mesmo nível que o colchão.

Rastreado ao longo do trilho de pé com os dedos, ela encontrou o recuo que procurava embaixo e o pressionou. Houve um clique suave e o carrossel começou a girar. Um cilindro liso cerca de seis centímetros de comprimento e uma polegada de diâmetro ou mais caiu de suas amarras dentro de um design esculpido de videiras, gavinhas, folhas, brotos, e cachos de uva no estribo. Uma vez que o comboio tinha torcido uma meia rotação e ao redor, ele travou-se em seu lugar com outro clique. Agora, o cilindro de pé, ainda enraizado na grade. De lá, curvados para cima, dobrando um pouco longe do próximo poste da cama. Um falo altamente polido de oliveira impecável tinha sido propositadamente colocado ali justamente para o uso que ela daria a ele esta noite.

Você vai precisar de mim então, entre suas coxas.

Um pequeno e angustiado gemido escapou dela. Um envolvimento carnal com o homem de carne e osso no bosque era um risco demasiado grande. Mas ela o queria. E ela ainda poderia tê-lo. Aqui. Esta noite. Em um modo de falar.

Olhando atentamente para um espaço vazio além da cama, ela começou a sussurrar seu feitiço de convocação. Sua mamãe lhe havia ensinado para ajudar a aliviar o seu sofrimento nessas noites. Embora sua mãe tenha lhe dado o feitiço, apenas Eva era dotada com a capacidade de utilizá-lo. Sua mãe tinha sido fada, mas pouco do seu sangue tinha passado à sua descendência. Não, a outra linha sanguínea, a do pai de Eva tinha tido muito mais influência ao definir o que se tornara.

Conforme suas palavras foram se difundindo pela sala, o ar à sua frente começou a vibrar. Vertentes de névoa translúcida lentamente começaram a aparecer por lá, onde antes não havia nada. Concentrando-se, ela chamou a memória do homem do bosque. A

memória de como ele a fizera sentir, os detalhes de sua aparência. Ele era perigoso e proibido, emocionante, bonito.

Fique. Fique comigo esta noite.

Ela apertou tanto os punhos contra o peito por ainda o querer que saltou para dentro dela algo que ela não poderia ter. Pois a verdade era que ela tinha desejado ficar lá com ele. Mesmo que ter ficado fosse além da insensatez. Mesmo que ele lhe aterrorizasse com sua estranheza e das suas suspeitas sobre suas origens.

Mas, na verdade, ela era muito mais estranha do que ele.

Em ambos os lados do portão, não era nada anormal para os homens sátiros espalharem suas sementes férteis amplamente entre as mulheres sejam elas humanas, fadas, ou qualquer outra das dezenas de espécies de Elseworld. E quando um filho sátiro nascia de tal aliança, era considerado normal. O nascimento de uma filha não suscitava qualquer comentário especial, desde que ela nascesse só com os genes do sangue de sua mãe. *Mas e se outro tipo de filha nascesse de tal união? Uma filha, com apenas os genes do sangue de seu pai sátiro, mas nenhum sinal dos de sua mãe?*

Essa eventualidade era simplesmente inédita. Em toda a história de Elseworld, nenhum único sátiro feminino puro-sangue jamais existiu em qualquer um dos mundos.

Até ela.

O homem tinha razão em suas suspeitas. Ela era como ele. Apesar do fato de que uma fêmea de sua espécie fosse considerada impossível.

É claro que havia indícios de tais coisas nos antigos petroglifos nas cavernas. E os rumores. Mas os cientistas e filósofos de Elseworld há muito proclamavam a viabilidade de uma criança—menina sátiro ser absurda. Um mito. Alguns chegaram a dizer *uma abominação*. No entanto, aqui estava ela em perigo em ambos os mundos. Simplesmente por causa de seu sangue.

Para além do poste da cama, a névoa começou a girar e girar em uma turva confusão de magia. Balançando suavemente de um lado para o outro, ela continuou com seu mantra em voz baixa. Com toda a habilidade, ela tentou convocar uma semelhança particular de dentro dela. No passado, ela ocasionalmente conjurou uma amálgama única das características de vários homens que ela conheceu ao longo da vida. Mas nunca sentiu tanto desejo por um homem específico ao ponto de tentar levar adiante uma réplica exata dele.

Dentro do turbilhão de névoa, um contorno começou a tomar forma e solidificar. Então, nascido do próprio éter, no meio de seu quarto de dormir, lá estava um homem. Um que era alto e viril, com os olhos de prata e em linha reta, sobrancelhas salientes e os cabelos cor de fogo de madeira enegrecida. Suas bochechas estavam coradas com vigor, seu maxilar forte acariciado com uma pitada de uma sombra de barba. Esta era uma cópia do homem do bosque, ou o mais próximo que ela conseguia se lembrar.

Mas este não era um homem humano. Nem ele era um sátiro. Nem era de carne e sangue. Ele era um ser insensível. Uma das fileiras daqueles que tinham atendido aos sátiro desde os tempos antigos. Um Shimmerskin. Seu único propósito aqui esta noite era obedecer. Servi-la. Ao amanhecer, ele desapareceria.

Ela circulou sua criação, apreciando a vista suave dos declives e dos vales, colinas e planaltos dos músculos e ossos. Sua pele era resistente e brilhava extraordinariamente na luz. Ele era mais alto que ela pelo menos uma cabeça a mais, com ombros largos e braços fortes e quadris estreitos. E ele estava nu.

- Eu não tenho tempo para isso, você sabe, - ela murmurou para ele, sabendo que ele não seria capaz de compreender do que ela falava. - Tenho outros assuntos importantes aqui em Earthworld, em Roma.

Compartilhar suas confidências com um ser inanimado era tolice, mas deu-lhe consolo.

-Eu estou procurando meu pai. O que me fez o que sou.

Seus olhos desceram para seus órgãos genitais. Mesmo em repouso, ele parecia agradável. Se ela tivesse permanecido naquele olival no Aventino mais alguns momentos, ela não teria sido forçada a adivinhar as suas dimensões. Independentemente disso, ela imaginou o pênis que deu a sua criatura baseada em um modelo extraordinário. Pouco antes de seu aniversário de dezoito anos, seu tutor a tinha levado para ver uma das maravilhas antigas de Elseworld uma série de famosas estátuas de mármore do deus do vinho Baco que ladeavam o espelho Hall da Vitis Vinifera.

Ao longo de sua inspeção da efígie que ela moldou, ele só ficou lá parado olhando docilmente para ela. Ela suspirou. Esta era a dificuldade com esses seres. Eles precisavam de instrução.

- Vem. - Ela pediu-lhe suavemente.

Obediente, ele foi aproximando toda sua estatura para perto dela. Seus passos e movimentos eram estranhos em sua fluidez sobrenatural.

Cílios negros focaram o olhar prateado para ela. Olhos que eram vagos.

Ela encostou a mão em seu braço. Ele estava quente e suave. - Tome-me a tua vontade.

Ele hesitou inseguro. Naturalmente, pois ele não tinha vontade, ele não entendeu. Ele exigia mais comandos específicos.

- Remova minha roupa. - Ela instruiu, e seus dedos vieram para o corpete de seda cinza, desabotoando-o. Ele fez um rápido trabalho com seu colete, saia e anáguas também. Longos e fortes dedos puxaram as cordas, desvinculando suas meias e em seguida, as desenrolando. Logo, só a camisa dela permanecia. Ele logo se encaminhou para abri-la também.

De repente, um raio de luar encontrou o seu caminho através da janela, acariciando sua pele pálida. E com a sua vinda, um grande desejo tomou conta dela. Ela estremeceu e empurrou as mãos dele.

- Não, - ela sussurrou. - Deixe-a.

Se apressando cambaleando até a cama, ela subiu e virou uma perna sobre o apoio para os pés. Com um joelho no colchão e o outro em cima do baú de couro no lado oposto da cama, ela ajoelhou-se ali, aberta. Pausando centímetros acima da projeção do pênis de oliveira.

A parte alta entre as suas pernas, sua carne foi liberada, morna e roliça, com seu desejo, efeito da lua cheia. Seus dedos encontraram e se enfiaram através do triângulo suave para baixo, separando suas dobras e escorregando entre elas. Ela estava úmida, cremosa. Um som que era meio gemido, meio suspiro brotou dela quando a necessidade urgente ficou insuportável.

Ela olhou para seu companheiro. Se lembrado da versão original dele de como a queria, ali sob as árvores murmurando no olival.

- Vamos fechar o círculo. Venha atrás de mim.

- Sim. - Ele moveu-se para ela como um bonito autômato, devidamente preparado para cumprir o papel para o qual ela o tinha desenhado. Ela agarrou o poste da cama ante dela quando ele montou o trilho sobre os joelhos, se aproximando para aquecer sua espinha.

Ela virou-se para olhá-lo por cima do ombro, pegando seus olhos.

- Tome-me. - Ela sussurrou.

Como se ela tivesse apertado um interruptor, suas pupilas se dilataram com a sugestão e sua expressão se encheu de luxúria. Ela sentiu seu pau endurecer na base de suas costas e sua respiração se acelerou. Com palavras macias, disse-lhe que ela precisava dele.

Mãos grandes e firmes vieram, em seus quadris, se posicionando e, em seguida, guiando-a para baixo. O pênis de oliveira beijou os lábios inferiores femininos, eles se separaram. Empalando-a. Seus olhos se fecharam e o queixo levantou em um sopro animado.

Mãos inclinaram seu quadril para trás e outro pênis, este um pouco mais suave, plantando outro beijo no anel enrugado dobrado dentro da fenda de seu traseiro. E então ele foi empurrando, e ela estava afundando e se espalhando ofegante na extraordinária, mordida quente dele. A ameixa grossa e ávida de sua crista escorregou dentro dela, um movimento sincronizado com o da outra entrada a crista de oliveira polida. Ela o sentiu empurrar, mais profundo. Ainda mais profundo. O longo deslizar duro parecia interminável.

- Oh! Sua mandíbula apertava contra a necessidade de pedir uma pausa do puxão das mãos e da gravidade, e o impulso espesso, de um pênis atrás do outro. Ele pararia se

ela assim pedisse. E ela não queria que ele parasse. Ela queria isso, precisava dele. Ansiava por ele.

E então, finalmente, ela estava chorando, quando a oliveira implacável e o duro macho a encheram completamente. Seu pelo escuro amortecia sua parte inferior, e seu queixo estava dobrado no oco de seu ombro. O peito dele estava quente e inflexível em suas costas, suas coxas um abraço poderoso em cada lado dela. E ela estava cheia, tão, tão cheia.

Você vai precisar de mim então, entre suas coxas.

Ela gemeu, lembrando. Ansiando.

- Faça-me gozar. - Ela respirava. Mãos fortes, obedientes se ergueram mais alto, puxando-a mais para baixo em um movimento ondulante, e assim começou seu passeio erótico. Murmurando encorajamento e instruções para ele todo o tempo, ela deixou a paixão construir, fodendo-se, deixando-o foder. Instigando-o a ir em frente.

O ar tremulava em sua garganta selvagem, rápido ofegante, a do seu companheiro vinha em sua nuca, em suspiros quentes em com cada mergulho e retirada. Suas coxas queimavam. Seus pulmões estavam perto da ruptura. O poste da cama deslizava entre os seios inchados, as juntas dos dedos brancas e crispados onde os apertava. E no fundo, no fundo ela estava molhada, sussurrante, à beira de algo maravilhoso.

Oh, Deus! Seus mamilos estavam retesados dolorosamente apertados, e ela estendeu as mãos para as mãos dele, necessitando-as lá, mostrando-lhe como a massagear. A bofetada de sua carne era um afrodisíaco quando ele ia mais fundo nela, quente dentro dela, longo nela. A doce, firme construção da sensação aumentando nela, mais e mais, até que finalmente, finalmente... finalmente... ela sentiu a primeira contração delicada. A apreensão dos tecidos de seu interior que pressagiava o fim. Outra contração veio mais forte desta vez, e depois outra, novamente e frequentemente, cada vez mais forte, caindo uma sobre a outra. Suas exalações vieram estridentes e gorgolejantes e gemidos. Seu clitóris torcido e repuxado, e os tecidos de seu núcleo acariciando o comprimento que ainda deslizava. Seu corpo todo apertado, pronto, tão pronto...

E então ela estava gozando, em convulsões extensas, áspero, belas ondas de sensações que estouraram estrelas por trás de suas pálpebras e pareciam durar para sempre e sempre, e ainda não muito o bastante. Tudo muito breve, eles diminuíram até ficarem somente os ecos de sua força anterior. Ela caiu para frente, à testa na cabeceira da cama. Seus tecidos internos pulsavam suavemente agora, retardando o ritmo do seu batimento cardíaco. Seus cílios levantados.

Além da janela, a lua uma tangerina, pálida e enorme acima de recortes de papel negro e dos ciprestes e carvalhos e torres e telhados. As iluminações da festa em andamento nas ruínas do Fórum explodiam e brilhavam ao redor da lua, dando a impressão de que ela chorava de alegria.

E depois ficou só um silêncio vazio. O rescaldo maçante de gratificação vazia. Uma lágrima correu pela bochecha dela e ela descansou a testa no poste da cama a frente dela, apenas acima de suas mãos crispadas. Como ela ansiava por outra coisa. Algo mais.

- Você tem sorte, você sabe disso? - ela murmurou. - Aparentemente, há uma legião de homens que pagariam grandes somas de dinheiro para ter-me desta maneira. No entanto, você não se importa. Não é possível se importar. E isso é o que o torna especial, e tão perfeito para esta noite. Em um mundo que estaria muito interessado em me explorar se soubessem da minha existência, você é singular. Seguro. Ao contrário do modelo ao qual eu utilizei para criá-lo.

Ele não respondeu, é claro, e ficou imóvel quando ela se empurrou para cima, abrindo mão das duas vergas de carne e madeira. Ela precisava dessa dupla penetração apenas uma vez. Apenas no início, era crucialmente necessária para a noite. Mas agora que acabou ela não exigiria isso de novo. Ela se deitou no colchão, com a cabeça no travesseiro, e ergueu os braços acima em direção à cabeceira da cama.

- Prenda meus pulsos livremente com as fitas. - Ela disse a ele, sem olhá-lo nos olhos. Ele obedeceu de pronto, e quando ele completou a tarefa, ela o enviou para o gabinete para recolher vários cilindros alongados de diferentes espessuras e desenhos. E um pequeno pote de pomada.

Deitada ali nua, amarrada, e esperando por ele excitá-la. Vê-lo trazer esses objetos para ela com o propósito expresso de dar-lhe prazer com ela amarrada lhe dava uma sensação ótima. Promovia a ilusão momentânea de que ele estava no controle, não ela. Essa era o tipo de situação que ela queria, mas nunca poderia ter. Não com um Shimmerskin — eles eram incapazes de exercer comando. E seria insensato procurar outro tipo de parceiro que fosse capaz disso. Como o homem no bosque.

- Amada. - Ele sussurrou quando estava com suas coxas em seus braços acariciando-as com a boca. Mas só porque ela queria que ele fizesse isso. Até o amanhecer, tudo o que ele fizesse ou dissesse estaria programado para incitar a sua paixão. Ela tinha apenas que imaginar uma ação e ele iria executá-la, não importa quão debochada fosse. No entanto, sua experiência e criatividade nestas matérias eram limitadas, e a necessidade permanente de esta controlando-o sempre esvaziava o seu prazer.

A carícia de seu rosto mal barbeado enquanto ele beijava o interior de sua coxa era uma proposta abrasiva que a excitava. Ela suspirou, puxando a respiração quando a língua rodou no seu clitóris, partindo sua fenda, entrando nela. Ela virou o rosto em direção a janela, olhando para a lua agri-doce.

Sentia-se maravilhosa. Ele iria fazê-la gozar. Uma e outra vez.

Mas não seria suficiente.

Como ela desejava sentir o derramamento de sêmen quente de um homem. Apenas uma vez. Shimmerskins eram desprovidos de sêmen, incapazes de produzir ou

transmitir isso. Ela queria o sussurro de palavras de amor, palavras sexuais que ela não tivesse que pedir especificamente ao seu companheiro para proferir. Ela queria se sentir fora de controle. A mercê da vontade de um homem. Para saber que ela era dirigida por seu companheiro selvagem para tê-la sob ele.

Seus olhos se voltaram para onde tilintava os dispositivos que seu amante tinha ordenadamente alinhado ao longo da superfície da mesa de cabeceira, como talheres finos em ordenados para um jantar. Ele usá-los-ia todos nela no decorrer da noite, como ela desejava, e a foderia com ela no momento e novamente nas horas que ela o comandava. Embora sua carne estivesse satisfeito com o amanhecer que viria, não seria suficiente.

Ela não podia continuar neste caminho. No entanto, era sabido que se um sátiro não acatasse o Chamado da lua cheia desta forma, ele pereceria.

Morte ou vida. Parecia que ela tinha poucas alternativas.

A certeza que suas necessidades sempre estariam insatisfeitas, que ela iria viver sempre assim, e que ela não poderia mudar sua situação, era tão terrível nestes momentos que às vezes ela temia que ela realmente enlouquecesse.

CAPÍTULO 03

Eu não sou louco.

Eu... não... estou... insano.

O Lord Dane Satyr repetia as palavras em sua mente, tentando banir o frio terror que lhe rasgava sua espinha. A dor perfurava ininterruptamente seu cérebro como os ramos de um pequeno raio. Seu coração batia duro, um batuque irregular em seus ouvidos. Por trás de suas pálpebras, uma nevoa de sangue vermelho- chamuscava sua visão. As latentes, memórias recém-formadas tinham lhe arrancado bruscamente em seus braços e pernas, e girando os punhos contra as restrições invisíveis.

Bocas, carícias, punhos, pênis, tapas, mordidas, dedos, línguas, beliscões, seios... tortuosos dispositivos. E as mãos. Aquelas querendo, necessitando de mãos, que ele não poderia escapar. Levaram dele, usadas sem o seu consentimento. Por que ele deixará? Por que ele não conseguia encontra a vontade de lutar? Ele estava desorientado, fora de controle. Desamparado. Ele, o mais temido e famoso Perseguidor da história de Elseworld.

Mas naquela época, ele tinha sido apenas um menino de doze anos.

Vinde agora, ser um bom menino.

Não! Não!

E então ele estava livre. Correndo.

Deuses! Onde estava Lucien? Ele tinha que chegar até ele. Libertá-lo também.

Mas a voz em sua mente, —Dante— pedia-lhe para continuar fugindo. *Se você voltar por ele, você será recapturado, ele tinha sussurrado. Você deve fugir... Você tem que viver... É a única maneira de salvá-lo... .*

Os primeiro dedos do amanhecer chegaram, acariciando a noite do céu. As memórias sufocantes que apertavam a alma de Dane como garras cruéis foram arrancadas. Seus sentidos voltaram para ele em um forte ataque de pânico. Seus olhos se abriram, e ele jogou sua cabeça para trás com uma longa e profunda inspiração de ar para os pulmões famintos. Sentia-se confinado, asfixiado, e os pequenos músculos de seu tórax largo convulsionavam com esforço. Um brilho de suor refrigerava sua pele no ar fresco da manhã.

Ele estava nu. Em um altar entre as coxas de uma mulher desconhecida. Seus olhos estavam fechados em êxtase, os seios arqueados e elevado e tremendo a cada respiração rápida. Eles estavam copulando, e não pela primeira vez. Ele apenas retirou-se dela e derramou seu sêmen em seu ventre. Ele sentiu que, escorria entre eles.

Maldição. Ele tinha perdido tempo de novo.

Quanto?

Somente a noite passada? Ou será que se ele olhasse no espelho descobriria que os anos se passaram e que ele havia se tornado velho e cinza? Não, sua pele ainda era suave e seus braços musculosos tão firme quanto antes. E eles não estavam presos.

Com a percepção de que ele não estava preso, seu pulso começou a se acalmar. A sensação de restrição só aconteceu devido ao fato de que seus braços foram feridos pelas mãos de sua companheira, suas mãos seguravam as dela firmemente no altar. Ele ejaculou e descansou seu peso em seus braços.

Em algum lugar atrás dele, folhas de oliveira farfalhavam na brisa do início de outubro. Ele estava em sua própria terra. No pequeno templo na encosta do Monte Aventino. Sob o abrigo de um pórtico, largo, coberto em cima de um chão de mármore em múltiplos níveis e amarrados com altas colunas. Um mosaico elaborado contínuo decorava suas paredes, cheio de cenas de adoração e sacrifícios que havia sido realizado aqui em tempos passados.

Seus antigos antepassados tinham provavelmente levado centenas de mulheres aqui neste altar. No entanto, esta foi a primeira vez que ele tinha tido a oportunidade de seguir a tradição da família. Havia sido somente na noite anterior que ele ganhou este templo e sua casa adjacente e o olival de Patrizzi em um jogo de cartas.

Outro raio de pavor rastejou até sua espinha, pegando-o desprevenido. Ofegante, ele se inclinou para frente. Mas foram apenas os riscos dos dedos da mulher que passaram levemente acima de suas costas. Ela travou as pernas mais elevadas em torno de seus quadris, esfregando-se contra seu pau, regando o seu comprimento na piscina aquecida de sua própria semente.

- Dante. – Era um ronronar feminino, o som de uma mulher satisfeita. O nome congelou seu sangue.

- Não, - ele balbuciou. - Não me chame assim.

Este não era o seu nome. Era o de seu ilícito ocupante, o automeado fornicador que tomava o controle clandestino de sua mente, corpo e espírito durante cada encontro de natureza carnal. Dante, que estava com ele por metade de sua vida e que teimosamente retinha as respostas para o enigma que o assolava. Dane nos últimos doze anos de sua vida esperava sua hora. Sobrevivendo em uma espécie de purgatório, do outro lado do portão, exercendo as funções de um rastreador das forças especiais em Elseworld. Ele esperou em vão todo esse tempo que Dante lhe revelasse seus segredos. Duas semanas atrás, ele finalmente conseguiu escapar para este mundo. E agora ele faria com que ele colocasse aqueles segredos para fora... ou morreria tentando.

- Sinto muito. - Sua companheira murmurou em um tom conciliador. Em vez de luxúria, a curiosidade agora coloria sua expressão. Amaldiçoou sua língua solta. Ele não podia se dar ao luxo colocar combustível em qualquer rumor de que o terceiro irmão Satyr, que aparentemente tinha surgido do nada há duas semanas, era, de fato, louco.

- Esse nome. É reservado para passatempos noturnos. - Explicou friamente.

- Claro que sim. Eu entendo. - Respondeu a mulher. Mas ela não entendia.

A desculpa soava pouco convincente, mesmo para ele. *Que tipo de homem queria ser chamado por um nome fora da cama e outro na mesma? Não, um sadio.* Ela queria saber o que estava errado com ele. A maioria dos habitantes de Elseworld já pensava que ele era um lunático, e ele logo teria a metade de Roma pensando a mesma coisa se ele não tomasse cuidado.

Desenredando-se dela, ele sentou-se. Seus pés tocaram o chão frio de granito, apoiado amplamente, ele descansou seus antebraços nas coxas. O chão estava extraordinariamente limpo. Ele percebeu então como bem cuidado todo o templo estava comparado com a casa e bosque que agora pertenciam a ele. Localizando sua camisa descartada, ele arrastou-a em seu colo, obscurecendo sua barriga e genitais, enxugando a evidência de um agradável passatempo em que ele participou, mas do qual ele não tinha nenhuma lembrança.

Um suspiro suave foi emitido a partir de vários metros de distância e ele virou a cabeça na direção do som. Outra fêmea estava reclinada ali, seu rosto preguiçoso com sono, seus cabelos drapejados no chão em uma varredura de seda vermelha. Ele sabia que ela estava lá, é claro, sentira seu perfume no momento em que ele despertou. Ela estava pálida, sua pele quase cor de um branco-azulado e levemente iridescente. Nereida, ele adivinhou. Uma espécie que apreciava a violência em suas relações sexuais. O que explicava os riscos que sentia nas costas. Ela usava apenas uma combinação, enrugada e torcida no alto de seus quadris. Suas coxas estavam esparramadas, e apesar de seus pelos estarem úmidos com os restos de seu sêmen, não se surpreendia que ele não tivesse memória de seu acasalamento.

Um de seus pulsos estava algemado ao rolo ramificado da bancada de mármore sobre a qual ela estava. Ele... não... Tinha sido Dante que tinha amarrado ela ali em algum momento durante a noite. Não ele. Seu olhar se agarrou a ela brevemente, mas não podia permitir que ele se prolongasse. Ele encontrou muito prazer aos olhos de uma fêmea voluntariamente amarrada à espera. Ainda sobre si abominava correntes de qualquer tipo, sejam elas construídas de ferro, corda, seda ou carne.

Braços deslizaram em torno dele. Sua amante de cabelos dourados veio para recuperá-lo.

- Só porque o madrugada rompeu não há nenhuma razão para você ir arrancando. - Disse ela baixinho. Afastando a camisa amassada, ela escorregou para o seu colo, escarranchada nele. E ele a deixou, com os braços fechados apoiando seu peso sobre o altar por trás dele. Pastosos seios comprimidos contra o seu peito, e seu torso se esfregando ao longo do seu como um gato. Dedos acariciaram sua nuca, e lábios macios roçavam a barba de uma noite em sua mandíbula.

- Será que você me quer de novo? - Sua vagina escorregadia balançava sobre o seu pau, tentando convencê-lo a entrar nela. Suas mãos foram para suas coxas, ajudando-a a montá-lo. Ele sentiu o fraco ataque de escamas em suas palmas das mãos. Como a outra fêmea, ela também era uma Nereida. Agarrando a bunda dela, ele a ergueu acima dele e levou seu pênis ao encontro de sua vagina com o próprio punho.

Em seguida ele vacilou um sentimento familiar, uma presença furtiva se elevava espreitando dentro dele. Como um elo de fumaça ondulando de um fogo latente, Dante estava se mexendo. Aprontando. À espera para ver se o calor do desejo seria reacendido. Se Dane continuasse por esse caminho, Dante, certamente voltaria. Tomaria o controle e deleitar-se-ia com a fornicção seguinte, até todo o prazer estivesse terminado e toda a luxúria extinta.

Era inútil continuar. Qualquer êxtase não seria seu.

Ainda assim, era tentador. Em um instante antes de sua consciência ser roubada dele, ele iria desfrutar de uma deliciosa e única centelha de satisfação carnal, como pederneira partida que se toca ou bate ante do fogo do acasalamento inflamado. *Valia a pena?* Com as duas mãos, ele apertava sua bunda, movendo-a com força contra ele, olhando para ela trêmula, as pontas coradas de seus seios, querendo chupá-las. Querendo sentir, mesmo sendo apenas aquele instante. No entanto, não querendo abrir mão do controle de Dante. Ela gemeu, com as unhas escavando em seus ombros.

Delicado ouro brilhou entre os seios no emaranhado caído de seus cabelos loiros, capturando seu olhar. Ela usava um colar. Suas mãos desaceleraram sobre ela e ele franziu a testa, de repente recordando outra mulher com cabelos negros como um corvo. Recordando outro colar cujo pingente tinha ficado encoberto nas sombras do bem talhado vale dos seios escondido dentro de um corpete empertigado cinza. Uma mulher com mamilos cor de rosa pálido, e não corados. Uma mulher com os olhos da cor do trevo novo da primavera, mas cuja face ele não conseguia se lembrar. A mulher da noite passada.

Sua mente trabalhava freneticamente, tentando segurar os feches da memória que teimava em fugir. Havia uma mulher no bosque na noite passada! Ela havia fugido dele. Não. Não era dele que ela fugia. Ela fugia de...

- Dante? - a mulher em seu colo voltou-se para olhá-lo. Ela parece estar tentando obter sua atenção há algum tempo. - O que há de errado?

Dane a afastou, segurando-a pelos pulsos, os olhos brilhantes e intensos enquanto procuravam os dela - Quem é você? Como você chegou até aqui?

Por um momento, ela o olhou surpresa. Em seguida, ela suspirou profundamente, olhando desapontada.

- Oh. Aos negócios então, não é?

- Che cosa il Diavolo ! Que diabo é que isso quer dizer? – Levantando-a de seu colo ele a colocou em seus pés.

Perto dali, a outra fêmea havia despertado, trabalhou a sua maneira para se livrar da escravidão, e agora estava bem. A mulher de cabelos dourados assentiu com a cabeça em sua direção, incluindo-a enquanto ela falava.

- Somos mensageiras do Conselho, Meu Senhor, chegamos ontem à noite. Quando chegamos até aqui você estava no auge do Chamado da lua, você mandou-nos servi-lo.

- E nós fizemos isso. Alegrementemente, - a outra mulher lhe assegurou. As duas mensageiras trocaram olhares cheios de memórias que ele não compartilhava.

Danação! Ele tinha sido descoberto. Ele não esperava isso tão cedo. Ignorando-as, ele se afastou, encontrando e puxando a calça.

- Nós viemos do outro lado do portão, – elas conjuntamente, informaram-no. - Nós viajamos através dos corredores aquosos formados pelos rios e afluentes, entre Toscana e Roma.

- Para quê? - Ele grunhiu.

- Para encontrá-lo. - A ruiva disse, oferecendo-lhe um sorriso de provocação.

- Bobagem, - a outra entrou na conversa. - Nós não sabíamos que ele estaria aqui.

- Mas agora você já sabe, não é? – Ele olhou-as com uma sedosa ameaça. - Que desgraça para todos nós.

- Nossa única missão era trazer uma missiva. - a loura lhe assegurou.

Sua companheira assentiu com a cabeça e retirou um cilindro de metal de cerca de oito centímetros de comprimento de seus escassos pertences. Nereidas percorriam pelo interior e usavam poucas coisas que os atrapalhassem. E as poucas coisas que tinham usado agora estavam úmidas e espalhadas sobre o chão de mármore, sem dúvida que Dante tinha lhes despido na noite passada. Vindo para onde ele estava sob o pórtico largo que cercava toda a circunferência do templo a Ruiva fez menção de dar-lhe o cilindro. Mas a de cabelos dourados, que parecia ser sua superior, precedeu-a e usurpou-lhe.

Removendo o tampa do cilindro com o polegar, ela tamborilou o cilindro com uma das mãos, causando o deslizamento de um pergaminho para fora dele. Sua ex-paquera retornando para ele, ela arrastou uma extremidade do pergaminho até o centro de seu peito nu e mais baixo, olhando para ele através de seus cílios.

- Asseguro-vos que apreciei esta entrega mais do que a maioria, meu Senhor.

Ele arrebatou o pergaminho dela antes que chegasse a sua virilha e viu que tinha o selo de cera do Conselho de Elseworld. *Maldição!* Sob a ponta dos dedos, o pergaminho vibrava com a magia.

Seu punho apertava o rolo do pergaminho, amassando-o, querendo destruí-lo. *Estas intrusas vieram até aqui sem serem convidadas, transaram com ele sem seu conhecimento. Será que elas achavam que iria levá-lo de volta com elas através do portão também?* Seu sangue bateu em uma explosão de raiva. Sentiu-se subitamente fora de controle, violento.

- Tomai-o de volta e vão embora por aonde vieram. Informem ao Conselho que eles podem ir se fod...

- Dane.

Uma voz familiar e profunda o acalmou. Ele a conhecia. Era Bastian, seu irmão mais velho. Ele tinha vindo de algum lugar dentro da área central do templo e agora estava enquadrado em uma de suas várias portas em arco. Ele usava um roupão como cinto frouxo de design persa exótico, que tinha, sem dúvida, adquirido em suas extensas viagens a vários sítios arqueológicos em todo o mundo. Além dele no templo interior, Dane vislumbrou almofadas e peles espalhadas ao redor todas exuberantes, e de maneira casual. Várias taças de vinho aqui e ali, piscando devidamente na obscuridade, vazias e esquecidas. Dane viu a mulher perfumada que o irmão parecia ter e que também permaneceu esquecida lá.

Uma polegada mais alto que Dane e cinco anos mais velho, Bastian tinha os mesmos olhos cinza-prata e estatura muscular, mas ele usava o cabelo escuro cortado rente ao invés de selvagem e despenteado. E, ao contrário da natureza crua e rude de Dane, havia um ar de inteligência refinada o acompanhava.

- Você não devia estar escovando a poeira de alguns objetos de cerâmica recém-descoberto do Fórum por agora? - Dane o arreliou.

- As escavações podem esperar. - Disse Bastian, de olho no rolo de pergaminho que Dane segurava.

- Foda-se. Dane rasgou o pergaminho e o desenrolou. Depois, ele franziu a testa, inclinando-o para o outros verem o que havia em sua superfície, havia algumas palavras e números - Isso é o que você veio trazer até aqui? Um endereço?

- A totalidade da mensagem que nos foi confiada deverá ser compartilhada somente quando todos os envolvidos estiverem presentes. - Uma delas falou.

Bastian angulou a cabeça sobre um ombro e gritou. - Sevin! Venha até aqui.

Em poucos segundos, seu irmão do meio apareceu do outro lado do pórtico, fechando a calça amarrotada que obviamente acabava de vestir. - O que é tão importante? - Ele rosnou. - Merda ainda é madrugada e eu estava no meio de alguma coisa.

- Duas Shimmerskins? - Bastian arriscou.

Sevin encolheu os ombros, mas um sorriso curvou o lado de seus lábios. Este era o Sevin de sua juventude que Dane recordava completo com sua habitual energia sussurrante, suas covinhas em evidência. Com a aparência de um anjo, que tinha sido dotado em tenra idade com a sorte do diabo. Cavalheiros perdiam seu dinheiro para ele, em toda sorte de jogo de azar. Suas esposas ofereciam-lhe seus melhores biscoitos e cannolis e pressionavam beijos apaixonados em suas bochechas. E suas filhas lhe ofereciam muito mais que apenas beijos.

Dane tinha apenas treze anos quando ele deixou seus irmãos em Elseworld. Sevin estava com quinze então, e Bastian dezessete. Embora tivessem ficado separados por doze anos, os três haviam caído rapidamente de volta para seus papéis de infância durante as duas semanas em que haviam se reencontrado.

Sevin lançou um olhar para as mensageiras e seu rosto ficou com ar provocador. - Nereidas, Dane? Não sabia que você tinha isso dentro de você.

Dane lhe favoreceu com um olhar longo de sofrimento e um gesto rude, os quais só serviram para alargar o sorriso de seu irmão. Quando ele jogou a mensagem sobre o altar, Sevin assentiu com a cabeça em direção a ela, uma pergunta sobre o seu rosto.

- É um endereço como de costume. - Bastian disse a ele, encolhendo os ombros. Sevin revirou os olhos. Dane ergueu as sobrancelhas, achando a reação de seus irmãos inexplicável. Mas antes que ele pudesse consultá-los, as mensageiras procuraram a atenção de todos.

-Nós trazemos uma comunicação do Conselho de Elseworld. - Anunciaram em conjunto. Aproximando seus dedos sob o queixo, ambas inclinaram suas cabeças na saudação tradicional conferida aos soberanos de Elseworld, pareciam ter sido informadas que todos os irmãos tinham mais do que uma pitada de sangue real em suas veias.

- Vá em frente, então, se você deve. - Resmungou Dane, pois parecia como se aguardassem um convite.

Se posicionando ombro a ombro começaram a recitar a sua mensagem de memória: - Uma boa manhã de Moonful para vocês Lordes Satyr.

Nós escrevemos hoje Manifestando nossa preocupação com as recentes mortes inexplicáveis em Roma— nove corpos Else foram encontrados no Rio Tibre, somente no ano passado. Acrescente a isso uma série de pequenas imprudências no uso de magia por alguns de nossa espécie em nossas colônias italianas, e da eventual descoberta de nossa presença lá parece inevitável. Nesse caso, nosso acesso às videiras e oliveiras estará em perigo. Como estará a sua propriedade da terra, a sua riqueza e sua cidadania. É imperativo que vocês mantenham uma posição segura lá. E nós temos uma sugestão a esse respeito.

- Eu aposto que tem. - Bastian murmurou. As mensageiras franziram o cenho para ele, então, continuaram.

- Todos em Elseworld tem interesse em assegurar a continuação da sua linhagem real, já que descendem dos antigos. Uma vez que é quase impossível para vocês se reproduzirem em nosso mundo agora, devido à doença que afetou a maioria de nossas mulheres, a nossa melhor esperança de garantir o futuro da linhagem Satyr está no útero das fêmeas humanas. Nós compelimos vocês para se casarem por conveniência. Para adquirir esposas humanas que, pela graça de nosso Deus, lhes darão muitos filhos sátiros e filhas humanas.

Deus seja louvado,

O Venerável Conselho de Elseworld

- Ah, não há nada como uma boa diretiva de Elseworld na parte da manhã. – Sevin notou esticando seus poderosos e musculosos braços e costas, e uma total falta de preocupação com o que ouvira.

- Será necessária uma resposta? - Dane perguntou. Como um desertor, com muito mais razão para ser cauteloso com o Conselho que seu irmão, ele cuidadosamente peneirava suas palavras em sua mente.

As mensageiras pareciam um pouco surpresas, mas só balançaram a cabeça.

-É suposto que você cumprirá com o seu dever.

-Então recolham seus pertences, senhoras. - Sevin lhes disse afavelmente. - Eu vou acompanhá-las na voltar para o Tiber para garantir que não serão interceptadas.

As mensageiras iriam viajar através da rede de magia que se estendia desde Roma à Toscana, onde elas retornariam para casa até o antigo portão intermundo. Híbridos de oliveiras e videiras trazidas de Elseworld foram plantadas em toda a rede e agora emitiam um cheiro constante que enfeitiçava todos os seres humanos que estivessem por perto. Isso era vantajoso para as criaturas de Else lhes permitindo realizar seus negócios sob a forma de seres humanos além de fazer com que eventos paranormais parecem normais para os habitantes de Earthwold. Ainda assim, a magia que envolvia este território era frágil. O Conselho estava certo de que a exposição parecia inevitável.

Depois que Sevin e as mensageiras se encaminharam para o rio, Dane localizou uma de suas botas sentou-se, e calço-a.

- Você esteve aqui à noite toda? - perguntou a Bastian. – E Sevin também?

Seu irmão assentiu com a cabeça. - Não sentiu nossa presença aqui?

Dane levantou a cabeça, e cada irmão procurou sombriamente o rosto um do outro. Durante o Chamado, os sátiros eram inexoravelmente atraídos a reunirem-se para os rituais de Moonful. Antigos laços de sanguíneos ligavam, levando-lhes a partilhar emoções e sensações. O cio de um alimentava o dos outros, aumentando o prazer de todos. Mas na noite passada, todas as gratificações físicas tinham foram roubadas de Dane pela presença fantasma que se escondia dentro dele. Ele não se lembrava de nada.

E ele podia ver nos olhos de seu irmão que tinha percebido algo peculiar sobre ele durante a noite. É claro que ele teria sentido e Sevin também. Maldição. Dane tinha a esperança de esconder isso deles um pouco mais. Mas os rigores do Moonful o expuseram.

- Eu não estava exatamente em mim na noite passada. – ele admitiu.

- O que isso significa exatamente? - Bastian perguntou com cuidado.

Dane passou os dedos de uma mão pelo cabelo. - Deus, eu odeio isso. - O resto do mundo era bem-vindo a pensar o que quisessem, mas seus irmãos tinham sido amigos antes. Ele não suportaria se Bastian pensasse que ele era louco, uma vez que soubesse a verdade. Ainda assim, ele resolveu contar os fatos, sem desculpas, e seus irmãos

poderiam aceitá-lo como ele era ou repudiá-lo. Seria escolha deles. Tinha sido apenas metade da sua vida. Ele iria sobreviver.

- Quer dizer que não sou eu quem fode, - Dane disse sem rodeios. - Outro faz isso por mim, em meu lugar. Uma parte separada de minha personalidade se apodera de mim — mente e o corpo— durante toda a experiência carnal. Ele obriga-me a dormir ao anoitecer de cada Moonful, e eu fico sem nenhuma memória de todo o tempo do chamado quando eu acordo novamente ao amanhecer.

- Ele? -Inquiriu Bastian.— Não deixando nenhum pensamento transparecer em seu rosto.

Dane continuou, determinado a falar a verdade crua. - Dante. Por causa dele, eu transo apenas durante Moonful quando nossos corpos nos exigiram sucumbir. Caso contrário, eu sou celibatário.

- Deuses, Dane. Uma noite por mês? Esse tipo de negação mataria alguns homens de nossa espécie. - Disse Bastian, com um novo respeito em sua voz.

Dane encolheu os ombros. Houve momentos em que ele desejou estar morto ao longo dos anos. Mas o pensamento de que Luc precisava dele o impediu de procurar a morte.

- Os médicos de Elseworld lançaram alguma luz sobre isso? - Bastian perguntou. - O Conselho jurou-nos que você seria cuidado. Nós não teríamos deixado você ir de outra forma.

- Fui para um manicômio.

- Porra! - Bastian amaldiçoou em um emaranhado de frustração e fúria. Dane teve um louco comportamento — convulsões, sonambulismo, pesadelos incessantes— após seu sequestro e tinha preocupado seus irmãos intensamente que eles concordaram que ele fosse deportado para Elseworld para tratamento quando ele tinha treze anos.

- Você não poderia saber, - disse Dane. - E os médicos não tinham experiência alguma com a minha desordem.

- Desordem?

- Dissociação, foi como eles chamaram, causada por um trauma psicológico. Algo me aconteceu que resultou em uma fragmentação da minha personalidade. É como se eu estivesse dividido em dois homens distintos. Aquele que vai sobre a vida e outro que fornicava.

- Esse trauma — foi algo que aconteceu durante o ano de seu desaparecimento? - Questionou Bastian.

- Sim, mas os médicos nunca foram muito além desse diagnóstico inicial. O tratamento foi antecipado quando Special Ops me recrutou. Após isso, foi fácil ficar sem mulheres. Nós somos treinados para não ceder a nossa natureza carnal.

- Exceto durante o Moonful.

Dane lhe enviou um meio sorriso triste. - Não há como evitar o ritual. Cada espécie do nosso mundo deve acatá-lo em algum grau, e os Ops não querem que seu exército inteiro esteja morto na madrugada seguinte ao Moonful. Trouxeram-nos um amplo número de fêmeas, e foi-me dito que Dante teve algumas boas orgias.

O crescente horror nos olhos de Bastian disse que ele estava apenas começando a entender como tudo isso afetava a forma de vida de Dane.

Dane enrijeceu. Ele não queria a piedade de ninguém. Estava além do desconfortável agora, e ele raramente ficou tão grato a alguém como ele ficou com a mulher que se juntou a eles vindo das profundezas do templo. Envolvida em um roupão muito largo semelhante em design ao de Bastian, ela carregava uma pilha dobrada do que ele assumiu serem as roupas de seu irmão. Depois que ela colocou-as sobre o altar, ela foi abraçar Bastian pela cintura.

Michaela. Dane lembrou o nome de algum lugar, percebendo que ele tinha conhecido ela antes. Ela era fey e uma cortesã — e dispendiosa que morava em uma das secretas propriedades comerciais de Sevin no Monte Capitólio.

Distraidamente, Bastian colocou um braço ao redor dela, acariciando sua lateral. Ele sempre foi um tipo tátil, mas as curvas de uma mulher e assim como um pedaço de cerâmica sempre pareciam fasciná-lo. Michaela se enrolou em seu toque.

Dane angulou o queixo em direção à mensagem descartada. - O que você acha disso? - Ele perguntou a seu irmão.

Concordando tacitamente com a mudança de assunto, Bastian sacudiu a mão num gesto despreocupado. - Nada. Recebemos essas mensagens e missivas com monótona regularidade. É mais provável que seja o endereço de um agente conjugal.

Dane riu e em seguida rapidamente ficou sério quando percebeu que seu irmão não estava brincando.

- Você não pode estar falando sério. Um casamenteiro? - Ele pegou a missiva, estudando o endereço.

- Estou falando muito sério. Eles se proliferam no norte da Toscana nos dias de hoje, cada um lutando para capturar o maior prêmio e lançá-los no inferno matrimonial. E agora alguém veio e esta aqui em Roma. Vá até ela, se você sentir o desejo de encontrar uma noiva. Eu, no entanto, não tenho esse desejo.

A mulher em seus braços enrijeceu em suas palavras. Teria sido um aperto imperceptível de músculos para a maioria dos observadores, mas Dane tinha sido treinado para perceber essas coisas. Um pequeno detalhe, por menor que fosse muitas vezes foi o que bastou para levar um rastreador a fazer uma captura.

Michaela estava apaixonado por seu irmão mais velho. No entanto, o afeto de Bastian tinha sido por muito tempo reservado para as mulheres esculpidas em mármore, calcário e granito. Mesmo doze anos atrás, quando Bastian tinha dezessete anos, a carne e o sangue das mulheres tinham encontrado o seu caminho em sua cama apenas por

ocasião. Mas, com seu coração, elas tinham poucas chances. Parecia que nada havia mudado a esse respeito.

- Eu vou tomar banho e me vestir. - Michaela murmurou, deslizando para longe dele. - Encontre-me quando estiver pronto para partir. - Então, dando um sorriso tímido para Dane, ela saiu correndo para baixo o caminho em direção a casa.

- Ela esta grávida. - Dane anunciou no silêncio que caiu depois de sua partida.

Bastian se endireitou. - Como? - Ele expulsou um fôlego - Às vezes eu esqueço o tipo de trabalho que você vinha fazendo em Elseworld nos últimos anos.

Dane olhou para ele. - É seu?

Bastian sacudiu cabeça em negação. - Ela foi estuprada uma semana antes de nos conhecermos. Ela se nega a fornecer o nome do vilão, mas uma vez que eu esprema o nome dela, ele se reunirá com um acidente rápido e fatal. A criança não vai chegar a nascer.

- Devido a outro acidente? - Dobrando o pergaminho no bolso, Dane esperou.

- Eu não tenho nenhuma desavença com a criança, apenas com o pai - Bastian garantiu a ele - No entanto, Michaela foi atingida com a doença e é incapaz de ter filhos. Ela percebeu isso quando veio até o portão. Uma...

O resto do que ele estivera prestes a dizer foi interrompido pelo som dos passos em direção a eles através do bosque. Era Sevin, olhando como se tivesse corrido todo o caminho de volta para eles após ver as nereidas fora das vistas.

- Houve outro assassinato, - anunciou. - Nós encontramos um corpo abaixo pelo rio Tibre quando as mensageiras partiram.

CAPÍTULO 04

O medo ferveu em Dane, quente e cáustico.

- Não é —

Sevin sacudiu cabeça. - Não. Deuses, não. Não é Luc. É uma menina. Fada. Vamos ver o que você acha dela. Antes que ela seja encontrada e seu corpo perturbado.

Bastian vestiu suas roupas, e em poucos minutos, os três irmãos estavam no pé do morro, e Dane estava sobre o corpo retorcido do que parecia ser uma menina de dezoito anos de idade.

Situado entre Aventino e o rio Tibre, este era a área do Monte Testaccio, construída em cacos de cerâmica. O Vinarium — mercado dedicado ao comércio de vinho — tinha estado aqui desde os tempos antigos. Os comerciantes tinham levado os seus vintages aqui em ânforas provenientes de vinhas muito distante. Uma vez que estes vasos de barro eram esvaziados, eles eram atirados ao rio Tibre. Eventualmente, os fragmentos quebrados tinham construído tão alto que ameaçaram bloquear o próprio rio. Eles haviam sido pescados para fora e atirados na praia. Como essa menina.

- Ela parece ter desembocado aqui, provavelmente foi objeto de despejo longe rio acima.

Dane ajoelhou-se e empurrou-a colocando-a de lado no chão úmido, estoicamente inspecionando-a. Em Operações Especiais, ele tratou mais de um corpo inchado, sem vida ao longo dos últimos doze anos.

- Há marcas de agulhas em seus braços, — observou. - E um anel vermelho em torno de cada um de seus seios.

- O que é? Perguntou Bastian.

- Eu não sei. - Quando Dane inclinou-se para examiná-la mais de perto, um odor pungente golpeou em cheio seu rosto. Cebolas. Suas entranhas retorceram e a soltou. Afastando-se, ele cambaleou e caiu ao longo da costa, lutando contra o impulso de vomitar.

- O que foi isso? O que há de errado? - Bastian perguntava por trás dele.

- Cebolas. Porra, eu não aguento o cheiro delas.

- Eu não sinto o cheiro delas. - Disse Sevin com um tom confuso.

- Nem eu, - disse Bastian. - Mas não se esqueça de que em Elseworld Dane foi dotado de formação que lhe deu a capacidade de detectar as minúcias dos perfumes.

- Você acha que este é um indício de algum tipo? - Sevin especulou. - Ela poderia ter sido assassinada em um campo de cebola?

Para Dane suas vozes pareciam estar distante quando se deparou com a agitação terrível das recordações que o roíam como os dentes de um tubarão. E a culpa. Sempre a culpa terrível, fervilhando sobre o fato de que ele voltou vivo, enquanto o quarto e mais jovem irmão, Lucien, ficara para trás. Ele ainda podia ver o confiante Luc, com o rosto aterrorizado em todos aqueles anos. Assim como se estivesse diante dele agora.

Tinha sido uma noite de Moonful, quando tudo tinha dado tão errado. Seus pais haviam saído para o bosque — muito parecido ao que Dane agora é proprietário — deixando seus quatro filhos sob os cuidados de servos. Dane tinha recentemente se tornado curioso para aprender alguma coisa desses ritos misteriosos em que os sátiros eram envolvidos ao abrigo de uma lua cheia. E ele tinha furtivamente escapulado para o bosque, esperando que pudesse espionar. Sem saber que Luc o tinha seguido.

Eles ainda eram meninos esperando tornarem-se homens rapidamente. Luc tinha apenas cinco e Dane doze anos. Ambos ainda tinham anos de distância para compreender plenamente o que significava ser Sátiro, pois não estavam fisicamente preparados para participar nos rituais carnavais até completarem 18 anos, quando seus corpos finalmente se alterariam pela primeira vez com a chegada da lua cheia.

A noite deveria ter sido segura para eles. O perímetro do bosque tinha sido encantado por seus pais e pelo resto do clã Satyr — havia muito mais deles em Roma então — e que estavam ali reunidos para o ritual. Nenhum ser humano deveria ter sido capaz de rasgar o véu de magia em torno dele, e todas as espécies de Else estavam engajadas na observância do Moonful.

No entanto, de algum modo, já havia tido outros espiões lá no bosque naquela noite, esperando. E quando Dane e Luc tinham acidentalmente tropeçado com eles, os dois irmãos haviam sido capturados e levados embora. Sua última lembrança de Luc era quando tinham vendados seus olhos. Quando Luc tinha olhado para Dane esperando que este pudesse salvá-lo.

Mas ele não tinha, e por isso ele não podia perdoar-se. Em vez disso, os dois rapazes tinham desaparecido, e apenas Dane tinha voltado, um ano depois. Sozinho e sem qualquer recordação de quem o tinha raptado ou de qualquer um dos eventos durante o tempo que tinha decorrido desde então. Sem nenhuma lembrança do que tinha acontecido com Luc.

Se ele ainda estivesse vivo nestes doze anos que passaram, Luc faria seu décimo oitavo ano em um mês a partir de agora. Em quatro semanas, outro Moonful viria, e seu corpo jovem se alteraria pela primeira vez em sua vida. Ele estaria em perigo de expor o que ele era para os seus captores.

Luc. Deuses, onde você está? Se você está vivo, por favor, espere um pouco mais. Eu vou te encontrar.

Uma mensagem veio das proximidades, arrancando Dane das lembranças de volta ao presente.

- Pescadores, - Bastian murmurou. - Eles já nos viram.

- Chamem a policia! – Pediu Sevin, indo ao encontro deles. - Nós encontramos um corpo.

Conseguindo levantar-se a seus pés, Dane olhou o rio, arrastando o ar fresco para os pulmões. À distância, viu um flash fraco de iridescência — as duas nereidas se dirigiam para o oeste para o Mar Tirreno, onde então se virariam para o norte em direção a Toscana. Depois fariam seu caminho através de um labirinto de mar, rio, afluentes, e fluxo, elas viajariam então por terra novamente por uma curta distância e, em seguida, passariam pelo portão para Elseworld.

Sem dúvida elas nadariam mais rápido, ansiosas para entregar seu pedaço suculento de fofoca. O paradeiro de um desertor — ele. Ele tinha duas ou três semanas, no máximo até que o Conselho enviasse Perseguidores atrás dele. Ele não iria se esconder deles. Mas ele não iria permitir-lhes levá-lo também. No entanto, ele só conseguia pensar em uma coisa que pudesse detê-los. Esta solução veio ate ele mais cedo, quando estava de volta ao templo. E agora a mensagem que ele tinha amassado e guardado em seu bolso pesava em sua mente.

Os pescadores tinham chegado e ficaram exclamando sobre o corpo, cruzando-se e resmungando enquanto aguardavam a chegada das autoridades locais.

- Eles ficarão segurando isso, - disse Bastian por trás dele. - Vamos tomar banho e café da manhã. Você estará mais sobre si mesmo.

Dane assentiu com a cabeça e os três se dirigiram para casa.

- Vou precisar de carona para o Capitólio mais tarde, quando você for. - Disse abordando a questão com naturalidade.

- O que tem no Capitólio? - Perguntou Sevin.

- Uma esposa. - Dane respondeu.



Na primeira luz da madrugada o amante Shimmerskin de Eva partiu de sua cama, sem deixar rastro e em retorno ao éter que ele tinha sido gerado. Como seu mundo nadou de volta ao foco, ela se deitou nua no meio do emaranhado cobre a pele ainda liberada de suas atenções. Exceto por sua respiração acelerada, tudo estava em silêncio mortal. Ela estava sozinha. Melancólica. Ela deslocou-se e sentiu uma ternura, agradável e residual em suas partes privadas.

Ontem à noite, sob a lua cheia, seu corpo e espírito haviam sido impulsionados por um instinto primitivo para acasalar. Ela tinha se satisfeito dezenas de vezes, tanto por suas ministrações próprias como pelas do amante que havia conjurado. Sem verdadeira vontade própria, ele havia obedecido a cada um de seus comandos. Ele aqueceu seu

corpo com o dele, mas ele não tinha aquecido a sua alma como imaginava que um amante de carne e sangue poderia ter feito. Sempre que ela se perdeu com o prazer nem por um momento, sua instrução para ele havia diminuído. E em tais momentos, ele tinha um hábito fastidioso de faltar em suas atenções. Era uma dificuldade que lhe flagelava em cada mês de ritual e para a qual ela não conhecia a cura.

Ela dominou e ele tinha submetido a sua vontade. Era o oposto do que queria de um amante. Ela teria preferido muito que pudesse comandá-la e tomar este encargo as suas mãos. Aquele que iria levá-la com sua força e espírito, em um profundo prazer da mente e do coração, assim como carne. *Porque, quando todos estiveram igualmente envolvidos, o prazer não seria aumentado exponencialmente?* Isto era algo que ela desejava descobrir por si mesma.

Era um luxo a chafurdar nestes anseios num momentos desses. Que só era permitido fazê-lo no rescaldo deste evento mensal, na privacidade do quarto com a vinda da madrugada. Em plena luz do dia, ela iria embora e colocaria tal loucura para trás e se concentrar sobre o negócio de viver uma vida respeitável.

Até o mês seguinte, quando a plenitude da lua viesse novamente, lembrando-a o que ela podia e não podia ter.

A fechadura clicou, e Odette entrou. Trazendo uma bandeja de prata com uma xícara, um bule, uma pequena cesta coberta com um pano de linho, e um almofariz e um pilão, ela veio para ficar ao lado da cama, olhando para Eva. Só para além dela, o céu estava estriado com listras rosa e laranja rapidamente dando lugar ao azul da luz do dia.

Eva sorriu, inalando alegremente. - Mmm. Eu cheiro bolinhos frito.

- Você sempre gostou deles desde que era um bebe. - Odette lançou-lhe um olhar amoroso enquanto colocava a bandeja em cima da mesa de cabeceira. Eva esticou os músculos cansados, não fazendo nenhuma tentativa de se cobrir, indiferente a que Odette a visse neste estado. Esta era a mulher que a tinha ajudado a levantar-se em todos os seus vinte e dois anos, e Eva não tinha segredos para com dela. Exceto um.

Seus olhos verdes fitaram a serva com culpa, e depois afastou o olhar. Se ela lhe dissesse o que tinha acontecido no bosque na noite passada, Odette se lançaria ainda mais sobre ela e sua segurança e iria tentar limitar suas liberdades. Depois de tantos anos na família, a mulher era mais uma tia do que uma empregada ou governanta, e ela nunca hesitou em lhe lançar seus conselhos. Era cedo demais para que o incidente fosse dissecado e criticado. Ainda mais sobre o que era muito privado.

Odette colocou a cesta de doces na cama ao lado dela. Depois, voltando sua atenção para a massa, ela jogou algumas pitadas de ervas e sementes de forma oval, do tamanho de um botão e começou a moê-los juntos.

Eva puxou um bolinho quente, da cesta ao seu lado. Mordiscando, ela deixou de lado Odette a sua tarefa e rolou sobre o estômago em direção ao lado oposto da cama, a colcha enrolada em torno de suas pernas nuas. Puxando e abrindo uma pequena gaveta

da mesa, ela encontrou o diário de sua mãe e virou a página que ela queria. Descansando em seus cotovelos, ela estudou a teia de rabiscos feminina.

- Porque você continua a lê as infantilidades de Fantine? - Odette perguntou, apontando para indicar o livro. – Você está com a memória comprometida agora, hein?

Eva deu de ombros, traçando um dedo sobre o ciclo de um "y". Ela só descobriu o livro depois que sua mãe tinha morrido há quatro meses, e ela tinha lido uma dúzia de vezes desde então.

- É ainda tem cheiro de seu perfume. E eu gosto de vê-la em sua escrita. Faz-me sentir a presença dela.

Seus olhos deslizaram se estabelecendo na lista de nomes, todos do sexo masculino. Enamorados de Fantine. Até agora, ela tinha focado suas suspeitas em três candidatos entre os ricos da sociedade aqui em Roma, com base nas datas que sua mãe fada tinha estado com eles. Um deles tinha que ser seu pai.

Mas isso era um enigma. Nenhum na lista levava o nome sátiro. E não havia nenhum sátiro em Roma no momento de sua concepção. Ela concluiu que seu pai deveria ter usado um pseudônimo. Se assim fosse poderia revelar-se relutante em revelar a sua identidade como sátiro, mesmo que ela o encontrasse.

Ela puxou a comprida e fina corrente de ouro que ela tinha envolvida no pescoço e a pressionou entre os lábios.

- Que tipo de homem abandona uma mulher bonita, grávida com seu filho, deixando-a para valer-se por si mesma? - Ela pensou em voz alta.

Odette mandou-lhe um olhar inescrutável continuando sua tarefa. - Um mau. Um que é melhor não conhecer.

- Eu não quero conhecê-lo. Eu só quero fazê-lo admitir que é meu pai e ouvir sua explicação de sua deserção.

- Isso é o que você diz, - zombou Odette. – Encontrá-lo não vai fazer com que as coisas se endireitem. Não espere que seu coração se abra para deixar você entrar você é um amor de criança, mas ele não vai amar você.

Odette sabia que esse era o seu ponto mais fraco e também como sondá-lo.

- Acredite no que quiser, mas não vai me impedir de procurá-lo.

Graças à visita a cama deste homem misterioso, sua mãe engravidara. A concepção de Eva ocorreu em uma noite de lua cheia, pois esta era a única data em que um macho sátiro poderia engravidar uma mulher. No entanto, mesmo nessa única noite, o sátiro poderia controlar a sua semente. Por conseguinte, seguindo esta lógica seu pai tinha sido imperdoavelmente descuidado, ou ele tinha dado a Fantine seu filho de propósito. Mas o que aconteceu depois é o que realmente a confundia. E tinha também confundido Fantine também. Eva correu um dedo ao longo das palavras que sua mãe escreveu vinte e dois anos atrás:

1 de setembro de 1858

Estou grávida! Estou tão feliz! Meu anjo diz que espero uma filha. Que se parecerá comigo. Ele pediu-me para esperar por ele, em Florença, aonde vamos nos casar e viver como marido e esposa. Odette está zangada com sua negligência e minha gravidez e tentou adivinhar a sua identidade. Mas ele é o meu segredo. Eu não vou lhe dizer o seu nome, embora ela logo o vá conhecê-lo quando vier me buscar. Eu sei que eu a decepcionei, porque eu deveria fazer um bom casamento entre a sociedade humana. Mas meu amado é certamente bom o bastante para atender até mesmo as exigências dela.

14 de setembro 1858

*Por que meu amado deixou-nos aqui em
Florença tanto tempo sem dar notícias?*

Quando ele virá?

*Faz duas semanas que ele está sumido e agora
eu começo a ficar bastante preocupada.*

Muito preocupada.

*Agora eu estou ciente do que eu carrego em
meu ventre e gostaria de compartilhar a notícia
com ele. Odette descobriu claro. Ela está de mau
humor, resmungando e praguejando contra meu
amado.*

*Pelo que parece seu sangue dominou o meu.
Esta criança que foi concebida de nossa união
não será fey como eu sou, mas será sátiro.*

Como ele é.

Será que ele ficará satisfeito?

*Ele queria tanto uma filha. Mas eu espero que
ele fique feliz com um filho, mesmo que ele seja
mais sátiro que fey, então ele poderá ser apenas
o primeiro filho.*

23 de setembro 1858

*Se tivesse havido qualquer dúvida de que meu
filho será um sátiro, não existe nenhum agora.*

*O nascimento é iminente, apenas quatro
semanas se passaram desde que Meu Anjo e eu
estivemos juntos.*

*Apenas uma criança de sua espécie exige tão
pouco tempo de gestação.*

*Confesso que estou contente por este desconforto
ter tão curta duração.*

*Odete está preparando tudo para que fuçamos
pelo portal.*

*O Conselho Elseworld enviou uma escotta.
Eles decidiram que, sem um marido, eu devo ir
para o exílio.*

*Enviei uma carta ao Meu Anjo, a terceiro que
tenho postado para ele e não obteve resposta.*

Eu estou grávida, pobre, e triste.

Tudo parece sombrio.

3 de outubro de 1858

Eu tenho uma filha!

Estou em choque. Odette também.

Nós não sabemos o que fazer com ela.

*Eu me curvei à pressão, por isso estamos todos
de volta a Elseworld agora.*

*Ninguém aqui sabe as circunstâncias do sangue
de meu doce bebê Evangeline, o que envidará
esforços para mantê-lo dessa maneira.*

*Eu vou mantê-la segura e espero que meu
amado venha para nós.*

*Evangeline vai precisar dele para protegê-la.
Eu temo por ela, que alguém descubra o que ela
é.*

Mas o amado de Fantine nunca tinha vindo por elas, e elas não tiveram sequer uma notícias dele. Em vez disso, elas viveram no exílio no outro lado do portal, incapaz de obter permissão para retornar ou para se comunicar com Earthworld. O tratado de 1850 negociado pelo sátiro da Toscana havia estabelecido cotas para a imigração do intermundo. Então sobreveio a grande doença e tudo havia mudado. Atravessar o portão de Elseworld para Earthworld tinha-se tornado quase impossível, exceto para fins diplomáticos ou comerciais sancionados pelo Conselho.

Durante as duas décadas seguintes, a esperança de Fantine tinha lentamente diminuído e foi substituída pela amargura. Ela dedicou o resto de sua vida a manter a verdade sobre a linhagem sanguínea de Eva em segredo e direcionou sua educação para um objetivo. Quando Eva crescesse, ela iria de alguma forma fazer o seu caminho de volta a Roma e casar com um homem rico, objetivo que sua mamãe não tinha alcançado.

E Eva precisou aprender bem essa lição. Quando sua mãe morreu há quatro meses, ela imediatamente entrou com um pedido de visto para vir a Roma. Tendo em conta a crescente necessidade de sua habilidade especial, e ela professando-se a ser enigmático e passou no teste desta, graças ao pó de Odette, então o visto foi rapidamente concedido.

- Por que ela nunca disse quem era meu pai? - Eva perguntou em voz alta. - E como você não poderia ter sabido? Você foi a sua maior confidente.

Odette sacudiu cabeça. - Ela era uma casamenteira como você, sempre em torno dos homens. Muitos deles entravam e saíam de sua cama para que eu conseguisse acompanhar. Disse-lhe que se ela fosse agir como uma grande cortesã, então, pelo menos, que recebesse o pagamento como uma. Mas não, ela era apaixonada pelo amor. Feliz por ter os seus clientes entre as pernas, enquanto ela procurava esposas para eles entre os seres humanos.

Odette pegou um amontoado de pó finamente do pilão e, pois na xícara. Em seguida, ela inclinou o bule e encheu a xícara com água fervente. Ela e Fantine tinham trabalhado juntas para descobrir os ingredientes para esta bebida através de tentativa e erro, e Eva tinha bebido umas misturas muito estranhas durante sua juventude, a fim de ajudá-las a determinar exatamente o equilíbrio certo.

Odette distraidamente agitou-o agora com uma colher de prata pequena, esperando que ela se dissolvesse.

- Minha pobre, e doce Fantine. Os anos passaram e ela se cansou de cada um dos senhores —humanos ou Else— muito antes de se cansarem dela. Sempre foi feliz para licitar os minutos da despedida, ela tinha que os casar. Nunca ouviu seus argumentos para mantê-los como amantes depois de casados, então eu não me preocupei. Como eu poderia saber que um entre eles, iria quebrar seu coração e deixá-la com uma bambina um dia? Uma boa lição para você.

Eva fez uma careta. - Eu sei, eu sei.

- Isso é bom, então. Odette afofou os travesseiros. - Sente-se agora, mademoiselle.

Colocando o diário de lado, Eva se empurrou de pé, abraçando os joelhos. Até o momento em que a xícara foi entregue a ela, seu conteúdo tinha esfriado, e ela engoliu rapidamente e sem argumento. Tendo tomado esta bebida quase todas as manhãs de todos os dias de sua vida, ela estava habituada ao seu sabor amargo e ao seu efeito mais afortunado de dissimular o fato de que ela era sátiro. Não o bastante ele emprestava seu perfume tão perto de um enigmático como um ser indistinguível até para os rastreadores. Eles não tinham detectado nada quando ela foi enviada a eles, para verificação da espécie. Eles declararam que ela era predominantemente fada-descendente de uma mãe fada e um pai humano como tinha reivindicado. E assim ela e sua empregada doméstica e empregado, Pinot, tinham sido concedidos à passagem para este mundo.

Esta bebida tinha permitido que ela viesse para este mundo. Permitiu-lhe permanecer aqui sem ser detectada. Seu ingrediente essencial era o pequeno poço de uma azeitona encontrado somente em arvores particular, — aqueles nos pomares antigos plantadas pelo sátiro. O que significava que só poderia ser encontrada em um único local, aqui em Roma. Na terra que evidentemente tinha sido adquirida pela carne e sangue do sexo masculino que ela conheceu na noite passada — a única pessoa que não tinha sido enganado por seu ardil. Como ele tinha adivinhado? E por que só ele?

Eva colocou o copo vazio sobre a bandeja. - Foi feito das azeitonas que eu trouxe ontem à noite?

- Não - Disse Odette, indo abrir a janela - É o que nós trouxemos conosco das árvores de Elseworld. Você precisará ir novamente para o bosque em Aventino e recolher mais.

Voltar lá? E se arriscar a encontrá-lo?

- Por quê? - Eva perguntou em alarme - O que estava errado com as que eu reuni na noite passada? Eram demasiadas verdes?

Os cabelos de Odette bem presos em um coque severo não balançam quando ela balançou a cabeça. -A maturidade não é o problema. É justo que as árvores que você escolheu foram às erradas.

- Como você sabe?

- Basta que eu saiba. Você siga o mapa de Fantine da próxima vez.

Eva agitou as mãos em exasperação. - Eu o segui. É confuso. Por que você não vem comigo para ajudar a próxima vez se você acha que é tão fácil?

Odette rapidamente desenhou um sinal no peito com o dedo indicador para afastar os maus espíritos. - As terras Satyr me dão arrepios, como no passado andando morto.

- E mesmo assim você quer mandar-me para lá, apesar de suas superstições.

- Esse bosque não vai ferir você— você é um dos deles. Essas árvores antigas sentem é melhor não fazer-lhe mal. Você vai voltar lá na próxima semana ou assim. Não tem que ir hoje.

Aparentemente considerando o assunto resolvido, Odette começou a arrumar o quarto, a intenção na eliminação de qualquer vestígio de que Eva tinha chegado até ali ontem à noite. A garrafa de vinho que se reabastecia seus próprios conteúdos no mês foi tampada, e o Cálice devolvido ao gabinete.

Eva deslizou e se encolheu em sua cama, sentindo-se subitamente cansada. Ela tomava a bebida todos os dias, mas só na manhã seguinte ao Moonful ficava sonolenta. Ela abriu os olhos novamente quando Odette se aproximou e pegou uma das cordas amarradas à cabeceira.

- Deixe-as. Eu faço isso, - protestou Eva sem vontade. - Eu não gosto de incomodá-la. - Ela tentou se levantar, mas caiu para trás, um pouco tonta.

- Você descanse.

- Eu deveria levantar-me. Tenho coisas para fazer. Eu preciso voltar para o bosque buscar mais azeitonas, - ela bocejou. - E eu prometi levar as meninas para visitar as ruínas.

- Você leva as pagãs um pouco mais tarde. Descanse agora. - Odette a fez deitar e a cobriu como sempre fez desde que Eva era uma criança.

- Não as chame assim. Elas são órfãs, que perderam suas mães para a doença. Abandonadas por seus pais como eu fui. Elas precisam e merecem o nosso carinho.

- Mmm - hmm.

Odette desamarrou as cordas da cabeceira da cama e enrolou em torno de sua mão sem comentário. Elas também seriam arrumadas no armário e Eva não iria vê-las novamente até o Moonful seguinte.

- Realmente, eu vou fazer tudo isso. - Eva insistiu novamente. Seus cílios vibravam enquanto ela lutava contra o sono.

- Não se envergonhe com isso cara. É a sua natureza. - Odette acalmou.

Com os olhos fechados à deriva, Eva abanou a cabeça sobre o travesseiro. Ela sabia melhor. Fantine e Odette a amavam, mas ela tinha se considerado uma aberração. A sua recusa em discutir a sua "Natureza", e o rigoroso sigilo que insistiu no que dizia respeito a ela, tinha ensinado-lhe que não havia vergonha nisso, pelo menos para uma mulher.

Machos Satyr eram reverenciados em Elseworld, mas ela — a única sátiro fêmea— isso era simplesmente anormal aberrante.

No entanto, elas tinham sempre sido dispostas a atuarem visando apenas o seu conforto durante o ritual que ela realizava a cada Moonful. Odette continuou a ajudar e estimular em todos os sentidos após a morte de Fantine apesar do fato de que ela desprezava as espécies sátiro em geral. No momento em que Eva acordasse novamente, as garrafas na mesa de cabeceira teriam sido limpas e devolvidas ao gabinete. O falo ao pé da cama seria limpo e girado de volta para sua antiga posição, entre vinhas fantasiosas e cachos de uvas esculpidos na madeira de oliveira.

- Eu não sei o que eu faria sem você, Detty. - Murmurou Eva em devaneios, mal percebendo que havia usado seu apelido de infância para a mulher que a servia. Após a primeira Moonful depois que Eva tinha completado dezoito anos, Fantine tinha sido confrontada com o passado e a prova incontestável de que a filha era realmente sátiro. Um distante, olhar de saudade entrou em seus olhos. Aquele olhar que lhe dizia que estava lembrando-se do pai de Eva. Mas tudo o ela disse foi: - Bem, nós temos muito que fazer. Mas foi Odette quem tinha feito as coisas práticas que haviam ajudado Eva a sobreviver sem ser detectada.

- Querida Mamãe, - Eva suspirou, fechou os olhos à deriva. - Eu sinto tanta falta dela.

Uma mão suave ajustou o cobertor sobre ela. - Durma agora. Sonhe que um marido rico vai chegar em breve para você.

Eva concordou com a cabeça em seu travesseiro. Ela teria um bom casamento nas fileiras da sociedade humana, e em algum lugar no céu sua mamãe saberia e se orgulharia de seu sucesso. Mas para ela, Eva desejava apenas uma coisa. Encontrar seu pai. Esperava que sua mamãe lá do céu entendesse que era algo que precisava fazer.

Um sorriso tocou seus lábios. Igual ao da bela Fantine, que tinha derrubado a metade dos homens em Roma e depois passou a fazer o mesmo no enclave francês em Elseworld.

- Um sorriso bonito como esse. Você vai ter homens a sua escolha. Mas você vai se casar com um humano e não um sátiro como o que arruinou sua pobre mamãe, - disse Odette, a satisfação colorindo a sua voz. - Você vai mostrar a estes patifes romanos quem são os Delacortes. Você os fará pagar.

Isto foi uma máxima que Eva havia desmamado a vida toda. Desde a infância, tinha sido preparada para vingar as injustiças que este mundo tinha feito a sua mãe.

- Descansa, bebe. Odette vai mantê-la agradável e segura. – A mística caiu sobre ela então, os cantos e magias de proteção que ela sempre sussurrou sobre Eva desde que ela recordava. A voz familiar sempre consolou Eva, e ela caiu num sono induzido por drogas.

- Isso assim, – se debruçando mais perto, Odette delicadamente puxou a colcha, em seguida, olhou para ela por um longo momento. Ela curvou uma palma junto à

bochecha de Eva quase com reverencia, depois, lentamente, passou a mão para baixo, sobre sua garganta, peito, costelas, até finalmente, a mão veio para descansar em sua barriga. - Essa é a minha boa menina. Tenha sonho de bebês. E a vingança.

CAPÍTULO 05

- Bons deuses!!! Eu acredito que você está louco, afinal. - Disse Sevin, quando seu transporte fez uma parada.

- Você não é o primeiro a pensar assim. - Dane respondeu.

O Capitólio era grande com monumentos, museus e palácios medievais e renascentistas. Mas escondido entre eles, os três irmãos tinham encontrado o endereço escrito no pergaminho das nereidas. Dane tinha insistido. Encarando a partir das janelas da carruagem de Bastian, ele e Sevin estudavam os tijolos dos três andares da moradia de pedra. Espremida entre as mais altas e edifícios mais imponentes que o sombreado, ela tinha uma encanto de outrora, e cheirava a magia de Elseworld.

- É de propriedade do Conselho, - disse Dane. - Eu posso cheirá-lo.

Sevin fez uma careta. - Parece apropriado que de alguma forma ele está localizado aqui, perto da Rocha Tarpeian, onde os homens historicamente têm sido jogados para a morte.

Dane ouviu um bufar do riso de Bastian, que estava sentado atrás dele no assento de couro.

- Realmente irmão, o que estamos fazendo aqui? - Sevin persistiu, apenas meio brincando. - Eu declaro fortemente que você fuja enquanto ainda pode.

- Você ouviu a missiva do Conselho, - disse Dane. - Nós somos obrigados a casar para que nossas sementes possam se assentar e prosperar. Isso exige uma esposa humana.

- Recebemos pelo menos uma dúzia de tais cartas. Não é nossa obrigação povoar esse mundo com a nossa espécie, - disse Bastian. — Se você estiver preocupado que as nereidas reportem sobre seu paradeiro—.

- Eu sou um desertor. É claro que elas irão relatar, - disse Dane - Cortando-lhe a palavra. - Em poucas semanas os perseguidores virão por mim. Mas se me encontrarem já casado com uma humana e pai — e se todo o assunto foi acertado pelo casamenteiro do conselho— o que eles poderão fazer? Vou ter cumprido o que pediram em sua carta. Eles não vão me arrancar daqui. - Ele se moveu chegando à porta.

- É um sacrifício muito grande, - Sevin protestou - Por que não se esconder até que desistam de procurar por você?

- Porque Luc faz dezoito anos em breve, - Dane cerrou. - Minha busca por ele não pode esperar.

- Você acha que não procuramos por ele durante todos estes anos? - Bastian perguntou, suas palavras como gumes de aço cortante uma grossa tensão que de repente se estendeu entre eles.

Dane abriu a porta da carruagem, suas emoções turbulentas. Será que eles não entendiam que só ele era responsável pelo desaparecimento de Luc? Ele levou seu irmão de cinco anos para sua destruição. Portanto, ele deveria ser o único a fazer as coisas direito. - Eu sei que vocês têm. Mas eu sou o único que o perdeu. Devo ser o único a procurá-lo. - Com isso, ele virou-se e dirigiu-se para a moradia.

Além de seu portão de ferro, duas meninas pequenas jogavam no jardim. A mais jovem notou seu carro e se aproximou do portão, uma pergunta nos olhos dela.

- Não espere por mim, - ele falou de volta para seus irmãos. - Eu vou encontrar meu próprio caminho para casa.

- Vamos embora, Mimi. - A menina mais velha advertiu quando ele se aproximou, atirando-lhe um olhar suspeito. O nariz dele disse-lhe que ambas eram misturas de fadas e humanos.

A chamada Mimi teimosamente envolveu seus dedos rechonchudos em torno da grade do portão e olhou para ele. A pergunta que estava em seus grandes olhos castanho-corça agora caiu para lábios. - Você está aqui para encontrar uma noiva?



Eva ouviu a balburdia alegre das crianças na escada enquanto saía de seu banho. Ela tomou o manto que Odette lhe estendeu e o vestiu, amarrando o cinto. Apenas duas horas tinha transcorrido desde que ela tinha tomado o pó de azeitona, mas, embora seu corpo ainda doesse pelo exercício da noite passada, ela havia despertado do sono refrescada.

- Há um homem em nosso jardim! - Mimi gritou, correndo para o quarto. - Ele veio em uma bela carruagem, como a madrinha da Cinderela do conto de fadas fez!

- Você o deixou entrar? - Disse Eva alarmada.

- Só porque ele tinha isso. - Disse Lena. Ela entregou um rolo de pergaminho amassado e a sua magia fez cócegas nos dedos de Eva.

Odette se aproximou para ajudá-la a investigar. - Ele tem o selo do Conselho Elseworld. - Ela observou.

- E o nosso endereço. - Disse Eva.

Esperando o veredicto, Lena puxou uma mecha de seus longos cabelos e sedosos entre os lábios e começou mastigá-lo. Quando Eva tinha encontrado pela primeira vez as meninas nas ruas de Roma, elas estavam abandonadas e implorando por água e comida durante o calor do verão. Os cabelos de Lena estavam roídos em comprimentos diferente, tão roídos quanto ela pode chegar com seus dentes afiados de fadas. Eva as tinha resgatado e elas agora estavam firmemente entrincheiradas em sua casa e seu

coração. E na moda típica fey o cabelo de Lena já tinha crescido até a metade das costas, em apenas poucos meses desde que elas vieram para sua casa.

- Quem quer que ele possa ser ele é definitivamente um cliente. - Odette pronunciou ao final.

-Então fiz certo ao deixa-lo entrar? - Lena perguntou esperançosamente.

Inclinando-se para baixo, Eva suavemente puxou o fio de cabelo úmido de sua boca e colocou-o sobre um ombro magro. Com o polegar, ela acalmou a ruga de preocupação severa entre as sobrancelhas de Lena - Está tudo bem, chérie. Mas a partir de agora alerte Pinot ou uma de nós quando os clientes chegarem, oui?

- Mas nós estamos alertando-o! - Mimi declarou. Então ela espirrou. Uma das suas ocupações favoritas era investigar os itens no quarto de vestir de Eva e ela estava cheirando um caixa de pó perfumado.

- Eu quero dizer antes de vocês deixarem alguém entrar. - Acrescentou Eva.

- Nada bom para Pinot! Ele deveria estar de guarda lá fora, - Odette resmungou se encaminhando para a porta. - Quando eu encontrá-lo, eu vou bater em seu traseiro.

- Coloque nosso visitante em espera em meu escritório, - Eva agarrou o braço da mulher em um aperto de advertência. - E nada de seus truques.

- Eu não faço truques. Você faz os truques. - Odette piscou se afastando. A magia danosa tinha sido proibida na Lei das Doze Tábuas no século V aC, mas Odette era pagã que não acatava. Eva tinha crescido em cima de seus joelhos, desmamados em seus contos, comprimidos, e os bonecos um pouco estranhos que ela sempre fez.

No minuto em que ela saiu da sala, Mimi subiu sobre a cama para começar a pular. Seu nariz estava polvilhado de pó branco.

Eva bateu mãos. - Pare com isso por um momento e virem-se, pequeninas. Odette tem tomado conta de vocês?

Ambas as meninas apresentaram as suas costas para a inspeção e ela passou o cumprimento dos seus dedos sobre suas omoplatas, sentindo o impacto de penas através do tecido de seus vestidos. Era triste para ela que todos eles devessem esconder suas naturezas, mas neste mundo, isso as mantinha a salvo e era o melhor a se fazer.

- Excelente, - ela afirmou. - Vocês estão suaves como os seres humanos.

- Mas eu quero que minhas asas cresçam! - Gritou Mimi.

- Você não pode, - repreendeu Lena, sacudindo um dedo para ela em imitação de Odette. - As asas são ruins. Temos que deixá-las para que os seres humanos não adivinhem o que somos.

- Asas, asa asas! - Mimi insistiu com voz estridente que apenas uma garotinha de cinco anos poderia alcançar. - Eu quero minhas asas de fada para que eu possa voar! - Ela abriu os braços dos lados dela e pulou em círculos ao redor da cama.

Lena revirou os olhos, abraçando o poste da cama, mas um leve sorriso puxou de um lado da boca.

Eva colocou as mãos nos quadris. - Como está minha aparência, meninas? Devo satisfazer o nosso cliente como estou somente em meu robe? - Ela fez como se quisesse deixar a câmara.

- Não! - As meninas riram com a ideia escandalosa, mudando até mesmo o riso Lena voltando a ser criança por um momento.

- Bem, então vocês devem escolher um vestido para mim enquanto eu arrumo meu cabelo. Vão ao meu armário e selecionem algo apropriado para que uma casamenteira como eu possa vestir certo? Vão!

Como se tivesse sido escolhida para um a missão sobre o qual o destino do mundo estava em jogo, Lena arrastou um banquinho para o armário e começou vasculhando os vestidos que pairavam dentro dele. Mimi saltou da cama para o chão em um movimento que, sem dúvida, sacudiu o lustre no teto abaixo as escadas e se juntou a ela.

Enquanto as meninas discutiam sobre os méritos de cada vestido, Eva foi ao seu tocador atrás de uma tela e, em seguida, sentou-se em sua penteadeira. Rapidamente, ela arrumou seu cabelo escuro em uma torção e o prendeu com um pente de madrepérola para manter tudo no lugar.

Embora ela tenha vindo Elseworld com sua própria agenda ela também deveria satisfazer essa cruz estipulada pelo conselho de Elseworld, o que significava esses compromissos com os clientes que eram enviados a seus cuidados de vez em quando. Este seria o seu quarto cliente em três meses. Assim até agora, todos foram do sexo masculino — um fada, um Elemental, e um centauro, que andava em duas pernas, exceto quando afetados por uma lua cheia. Ela conseguiu encontrar para todos fêmeas humanas adequadas, que permaneciam alegremente inconscientes das peculiaridades de seus novos maridos graças à magia cuidadosamente aplicada.

Ela não mentia sobre a utilização de sua habilidade neste sentido. Era a razão pela qual ela tinha sido autorizada a entrar aqui depois de tudo. E era a única fonte de seus rendimentos. Se ela recusa-se a uma atribuição, o Conselho poderia chamá-la de volta até o portão. Odette e Pinot também, o que deixaria Mimi e Lena aqui para se defenderem sozinhas. Todos eles dependiam dela para sua subsistência, e ela não poderia deixá-los.

- Eu estou pronta, ela anunciou, virando-se para as meninas - Agora, vamos ver —o que vocês escolheram para mim?

Quando Lena e Mimi exibiram a sua seleção, os seus rostos estavam tão cheios de uma necessidade de agradar a Eva que não teve coragem de dizer-lhes como era inadequado. Escondendo seu espanto, ela proclamou-o perfeito para a ocasião e vestiu. Vestir-se a si mesma era muito mais fácil uma vez que a agitação tinha saído de moda há dois anos, embora as placas de moda de Paris no ladies'journals insinuasse sua

ressurreição iminente. Por agora, os estilos populares permaneciam magros e apertados com um trem.

Depois que ela enganchou o fecho do vestido, ela calçou longas luvas brancas para disfarçar os pulsos que foram atados pelas cordas na noite passada.

- Vamos! Preciso de você. Procurem Odette e Pinot. Peça-lhes para dizer ao nosso visitante que irei recebê-lo em um momento.

- Espere! - Implorou Mimi - Não use as luvas. Use as joias de sua mamãe. Por favooooorr!

- Eu estou indo. - Disse a Lena sempre obediente, deixando o quarto para procurar por Odette.

Abrindo a caixa esmaltada na penteadeira de Eva, que a fascinava desde o momento em que a tinha visto, Mimi selecionou uma variedade de anéis, colares e pulseiras. Eva puxou fora as luvas e acenou para que ela chegasse mais perto. - Depressa, então. Traga-as.

Depois que ela foi mais do que suficientemente ponderada, com brilhos e pedras preciosas, Eva declarou: - Tudo certo. É o suficiente.

Ela olhou para seu reflexo no espelho, sorrindo pesarosamente. O vestido de tafetá bola esmeralda com sua longa cauda e joias abundantes era uma escolha ridícula para a manhã. Mas o sentimento de orgulho que ela tinha dado as meninas, vestindo este conjunto fez a escolha ser perfeita. O que importava se seu cliente a achasse uma excêntrica? Aqueles em sua profissão normalmente eram.

Rapidamente, ela e Mimi fizeram sua descida pelas escadas e entraram no salão pequeno, imponente que servia como seu escritório. O seu mais recente cliente estava examinando uma caixa de quebra-cabeças mosaico que tinha sido de sua mãe e que agora estava em uma prateleira atrás de sua mesa, entre outras curiosidades, livros infantis de conto de fadas, jornais, volumes grossos, e outros em desordem.

Ele estava de costas para ela. Ele era amplo, seus ombros largos. Seu cabelo era escuro, e era pelo menos uma cabeça mais alto do que ela. E familiar. Sua nuca se arrepiou com uma estranha e súbita consciência. Instintivamente, ela deu um passo para trás, contemplando uma fuga.

Parecendo sentir sua chegada, ele virou para ela e fez uma pausa, seu olhar de prata arrebatando o seu.

Oh, Deus! Era ele! O homem do olival.

Mimi ignorando o que se passava entrou, mas Eva só ficou lá congelada na porta à espera do reconhecimento que encheria a sua expressão. Em vez disso, só havia surpresa. E humor. Ele estava achando engraçado seu modo de vestir.

Mas ele não a reconheceu!

Dane sentou-se em seu lugar a mesa, genuinamente intrigado com ela como ele não tinha sido por uma mulher durante o tempo que ele poderia se lembrar. Ele não tinha sequer pensado como seria o escritório de uma casamenteira ou mesmo a própria casamenteira, mas ele estava certo que, se tivesse, ele não poderia ter imaginado isso. Por que não havia nada em tudo o que se esperava sobre o ambiente e seus bizarros ocupantes.

No jardim, ele havia sido interrogado brevemente antes de ser convidado para dentro pelo diminuto homem atarracado, que parecia ter mais do que algumas gotas de sangue duende nele. Na verdade, na moda do duende, o sujeito era versado na matéria de finanças e tinha discutido uma taxa exorbitante da casamenteira ao mesmo tempo em que o levaram a este salão. A serva mestiça chegou logo após, seu rosto sisudo e desconfiado. O sangue dela era tão misturado que era impossível de discernir sua ascendência, mesmo com a sua nariz talentoso. Provavelmente mais de uma dúzia de espécies de Elseworld tinha ido para a fermentação da bruxa tinha gerado nela.

Em seguida, retornaram as duas meninas que o haviam recebido no jardim no início. Elas se sentavam juntas no tapete agora, a mais velha desenhando, e a mais jovem entretida em um jogo com uma locomotiva a vapor de brinquedo e fazendo barulhos macios.

E, finalmente, ele foi confrontado com esta misteriosa mulher, Mademoiselle Evangeline Delacorte ela chamou a si mesma. A casamenteira. Sentado à sua frente com uma mesa entre eles, ele estudava todos os detalhes de sua pessoa sem demonstrar. Um truque que ele havia aprendido nas operações especiais.

Ela parecia uma vidente egípcia antiga, com kohl em volta dos olhos, anéis em cada dedo, e pulseira grossa em ambos os punhos. Que tipo de mulher usava um provocante vestido de baile para realizar negócios, que não fosse uma cortesã? Um emaranhado de colares drapejando seus seios opulentos, um aspecto de uma mulher que ele estava particularmente atraído. Ele deslocou-se na cadeira, fazendo com que o couro rangesse, e desviou o olhar. Se ele ficasse demasiado encantado com seu charme, isto equivaleria a um convite direto para Dante se juntar a ele em sua pele.

No momento em que ela entrou na sala, a casamenteira tinha abaixado à cabeça e rapidamente encontrou um véu diáfano, com o qual ela colocou sobre sua cabeça e ombros. Embora fosse transparente e pouco fazia para ocultar suas feições, alguma forma de magia tinha sido tecida nele, pois ele descobriu que quando olhava para longe não conseguia lembrar-se de seu rosto. Mas mais estranho ainda era o fato de que seu cheiro era tão esquivo que ele não conseguia identificar sua espécie. Isto acima de tudo despertou sua curiosidade. Em Elseworld, sua capacidade de distinguir um perfume de outro era lendária. No entanto, algo dentro dele, Dante, talvez, estava propositadamente impedindo sua capacidade de ler o dela. *Por quê?* Ela e sua comitiva representavam um enigma. Algo que ele nunca tinha sido capaz de resistir.

- Você veio para que eu lhe procure uma noiva? Era a segunda vez que a mulher lhe fez essa mesma pergunta. Era retórica. O pergaminho que o Conselho tinha enviado a

seus irmãos estava exposto sobre a mesa à sua frente, ericado com a magia de Elseworld e seu conteúdo era fácil ver. Seus dedos acariciavam suas bordas, inquietos. Ela estava nervosa. O que normalmente significava que alguém estava escondendo algo.

Dane cruzou o tornozelo sobre o joelho oposto e cruzou os braços. - Não, eu venho a Ti buscando um capataz para meu bosque.

A menina mais velha ergueu os olhos de seu desenho. - Mas Mademoiselle não localiza capatazes, - ela informou-lhe com uma seriedade que era estranha em alguém tão jovem. - Ela acha noivas.

Mimi, que tinha impulsionado seu trem embaixo da mesa da casamenteira, o olhou e balançou a cabeça. A serva se contorceu na cadeira do canto onde se sentou para fazer o trabalho de remendo. O comportamento da menina precoce a irritava, e ficou claro para ele que ela não tinha muito carinho por elas.

- Então, eu suponho vou ter que me contentar com uma noiva em seu lugar. - Ele olhou diretamente para o objeto de seu interesse, em seguida, determinado a estudar mais sobre ela. - Diga-me, - ele perguntou a mademoiselle. - Que tipo de credenciais que alguém necessita para se tornar um casamenteiro?

- Agente Matrimonial, - ela corrigiu. - Como era a minha mãe e a mãe dela antes dela, eu sou uma mistura de fada e humano. Certificada como predominantemente fada. O meu é um talento herdado, e o Conselho não o teria me enviado se eu não fosse boa em meu trabalho. - O tom dela continha uma nota de desafio, como se esperasse que ele refutasse alguma ou todas as suas declarações. Curiosidade e curiosidade.

O duende, que estava empoleirado num banco alto antes de uma escrivaninha, fez uma pausa em seus rabiscos. - Ela é a melhor.

Senhorita Delacorte estendeu a mão e acariciou o braço do homem diminuto, dando um apaixonado sorriso a ele. - Muito obrigada Pinot.

A menina mais velha moveu-se para se sentar no assento da janela e continuar seu desenho onde a luz era melhor. A mais nova ainda brincava sob a mesa da casamenteira e o espreitava sempre que seu humor permitia, e depois a casamenteira distraidamente acariciava o cabelo da criança, lhe prendendo a atenção. A velha serva o observava com um olhar ameaçador em silêncio, e o duende continuava debruçado sobre as anotações que estava tomando da reunião, mas os olhos estudavam Dane como um falcão.

Para a maioria esta seria uma cena perturbadora. No entanto, Dane encontrou algo atraente e confortável sobre isso. Embora fosse uma variedade ímpar, ele sentia que era uma família. As outras quatro pessoas na sala giravam em torno desta mulher com o véu, como os planetas se aquecendo no calor de um sol feminino os prendiam, juntamente com a sua atração gravitacional. Ele sentiu um estranho tipo de desejo de juntar-se a órbita dela. De ser acariciado pelos dedos macios também. Descartando a tola noção, ele perguntou: - Como é que se dá o processo? Você tem um catálogo de mulheres em perspectivas que eu possa ler, ou—?

A risada veio de baixo da mesa e os olhos de Mimi surgiram ao longo da borda, rindo dele. A casamenteira sacudiu a cabeça. - Isso não procede dessa maneira, - disse ela. Ela parecia estar olhando por ele, acima de sua cabeça, então para cada lado dele. Era uma coisa peculiar de fazer, mas havia algo estranhamente familiar sobre ela.

- Como, então? - Ele perguntou, querendo ouvir sua voz novamente. Havia algo familiar nela também.

- Primeiro você vai fornecer informações para me ajudar a formar um perfil do tipo de mulher que vai servir para ser sua esposa. Mais tarde, vou selecionar e recomendar as várias candidatas elegíveis. Eu as enviarei para você conhecê-las. Juntos, nós vamos verificar qual entre as senhoras é a mais adequada para você e sua situação na vida. Você vai conquistá-la e em seguida, se casar com ela. Será que o soa agradável?

Dane franziu a testa. - Parece complicado. Quanto tempo vai levar tudo isso? - Ele tinha coisas mais importantes para fazer com seu tempo — como encontrar seu irmão.

- É difícil de prever. Mas quanto mais cedo começarmos, mais cedo todos os trâmites serão feitos. - Antes que ele pudesse responder, ela sentou em sua cadeira com o ar de quem estava para provocá-lo e sentia prazer com a perspectiva. - Para começar, minhas meninas têm algumas perguntas. - Informou a ele. - Lena?

A mais velha das duas meninas pausa em seu desenho e olhou para ele. - Você prefere o arroz doce ou chocolate?

Mimi veio a inclinar-se contra o braço da sua cadeira, olhando para ele com grande concentração. O duende segurava uma caneta sobre o seu papel, se preparando para gravar sua resposta como se fosse de grande importância.

Elas eram ridículas, todos eles. No entanto, ele encontrou-se responder com seriedade, - Chocolate, absolutamente.

Lena quase sorriu, mas depois pareceu lembrar-se e simplesmente assentiu com a cabeça antes de retornar sua atenção para sua prancheta de desenho.

- Merci, Cherie. E agora Mimi? - A casamenteira convidando calorosamente.

A menina mais nova inclinou-se para mais perto dele, seu cheiro impregnado de pó perfumado. Seus olhos castanhos eram tão claros e doces que quase machucava olhar para eles. Teriam eles alguma vez sido tão inocentes? - Você prefere tempestades ou sol?- Ela exigiu.

- Um pouco de cada um. Mas o que isso tem de importante?

- Você prefere quebra-cabeças ou tintas? - Ela insistiu.

Ele olhou para a casamenteira achando tudo ridículo e suspeitando.

- Se você gosta de quebra-cabeças, você pode querer casar com alguém complicado e intelectual, - Eva explicou calmamente, como se as perguntas da criança fosse as mais sensíveis no mundo. - Se você gosta de tintas, você pode ser mais adequado para alguém com uma calma disposição criativa.

- Quebra-cabeças, então.

- Você prefere gatos, crianças, cavalos, ou joaninhas? - A menina perguntou.

- Para o almoço ou para café da manhã? - Ele devolveu com uma cara séria.

Mimi engasgou em horror, em seguida, percebendo que devia ser uma piada, ela explodiu em gargalhadas, batendo o seu pequeno punho contra seu ombro.

- Mimi! Esta bronca acentuada foi emitida pela serva, sua primeira palavra em sua presença. Mas a menina irreprimível só atirou outro sorriso e depois pulando longe para pilha de vários itens na escrivaninha da casamenteira no que parecia ser o início de algum tipo de projeto de construção infantil. Enquanto isso, Lena se aproximou cada vez mais furiosamente como se tivesse a inspiração temerosa que iria sair antes que ela pudesse terminar.

- Exatamente como você fará para escolher uma mulher para um homem que você não conhece? - ele perguntou à casamenteira - Quero dizer, quais são os mecanismos que fazem com que você possa selecionar uma companheira mais adequada para mim do que eu poderia escolher por conta própria?

Mimi olhou ao longo de seu prédio e soltou. - Ela observa para ver qual senhora você demonstra interesse.

Novamente, ele olhou a casamenteira, uma sobancelha levantada em questão.

- Ela está descrevendo a natureza do meu dom, - Mademoiselle Delacorte disse a ele. -Você pode não estar ciente disso, mas cada espécie tem um brilho em torno de seu corpo, como um grande halo ou contorno. - Ela agitou as mãos em direção a ele de uma forma vagamente circular para indicar a sua periferia. - Eles são chamados de auras, e como minha mãe antes de mim, Eu sou uma das raras pessoas que podem lê-los.

- Que significa?

- Que talvez eu possa interpretá-lo uma melhor palavra para descrever o que eu faço. Sua aura é como sua assinatura. Ninguém é completamente igual. Ele está sempre mudando de forma e cor com suas mudanças de humor, - Usou as mãos ao falar, e ele percebeu que sempre que as pulseiras se separavam, ela tinha o cuidado de reposicioná-las para esconder os pulsos novamente. - Sua aura tenderá a alargar para fora quando um parceiro compatível se aproximar, quase como se fosse abraçá-la. A fêmea faz o mesmo em reação para um potencial parceiro do sexo masculino, embora não seja tão dramático. Nuances em duas auras em sua reunião indica se uma determinada combinação irá se provar harmoniosa e produtiva.

- Produtiva. - Ele repetiu.

Lena olhou para cima. - Se vocês vão ter bebês. - ela informou.

A casamenteira lançou um olhar para a serva, que imediatamente se levantou e bateu palmas. - Isso é tudo meninas! Vão para o jardim. Agora. - As duas meninas foram sumariamente empurradas em direção à porta.

- Eu pensei que nós iríamos para as ruínas hoje. - queixou-se Mimi.

- Mais tarde, cara. – ela respondeu.

- Para você, signor. - A mais velha disse encaminhando-se para fora, entregando a Dane o desenho que ela estava trabalhando. Era um retrato dele, inacabado.

- Obrigado. - ele disse surpreso.

- Que lindo dom, Lena, - a casamenteiro disse a ela. - E quão atencioso.

- Suas filhas? - Dane perguntou um instante depois, inclinando-se para a porta através da qual elas e a serva partiram.

- Sobrinhas. - a explicação saiu facilmente de seus lábios. Mas, ao mesmo tempo, ela pegou um globo de neve, que estava servindo como peso de papel em sua mesa, e colocou-o diante dela como uma espécie de barreira entre eles. Um gesto inconsciente que insinuava uma mentira. Definitivamente ela estava escondendo algo. - Elas estão sob minha responsabilidade, agora que seus pais já faleceram. Lena é muito boa artista não é mesmo?

- Muito. - Mas ele não deixaria que ela o dissuadisse de suas perguntas. Colocando o desenho de lado, ele recostou-se para oferecer-lhe a ilusão de segurança.

- Você é francesa eu concluo. E recém-chegada neste mundo. Então como é que você já está tão bem arraigada na elite da sociedade romana para ser convidada para reuniões onde poderá localizar as parceiras elegíveis para os seus clientes?

Seus olhos se estreitaram sobre ele por um longo e considerado momento. - Você é um Perseguidor. – ela acusou lentamente, como se apenas agora soubesse. Seu rosto sem cor.

Ele franziu a testa. - Eu era. Isso é um problema?

Seu olhar moveu-se rapidamente para o duende e voltou para ele novamente. - Por que seria? – Os dedos dela subiram para passarem pelo decote do corpete, à deriva sobre os seios que eram lisos e perfeitamente redondos, com uma sombra profunda entre os dois. Seus olhos foram atraídos pelo gesto, lembrando-se dele de algum modo. De repente, ele se perguntou se tinha a conhecido antes. Ela notou a direção do seu olhar e deixou a mão cair em seu colo.

Sentindo uma fraqueza, ele sondou-a. - Perseguidores deixam algumas pessoas desconfortáveis. Particularmente aquelas que têm algo a esconder.

Uma descarga de alarme encheu seu rosto. - Eu não tenho nada para esconder de você, monsieur.

- Então por que o véu? – ele perguntou baixinho.

- Eu sempre o uso para atender os clientes.

Outra mentira. Suas mãos juntas sobre o mata-borrão e ela se inclinou para frente, querendo fazê-lo acreditar. - Agora que eu sei a sua profissão, eu compreendo porque

todas as suas declarações tem a qualidade de um interrogatório. E eu vou com prazer lhe fornecer todas as informações necessárias para definir a sua mente com facilidade, enquanto elas forem razoáveis e relevantes para as nossas negociações. Assim, no interesse da plena divulgação— eu sou filha bastarda de uma ligação deste lado do portão, mas fui criada no Enclave de Paris em Elseworld pela minha mamãe, Odette, e Pinot.

- O que explica seu sotaque. – o pequeno homem Pinot propeliu.

Ela assentiu com a cabeça, continuando. - Eu recebi um visto para atravessar o portal para esse mundo alguns meses atrás para procurar pares para inúmeras espécies de Elseworld entre os seres humanos desde então. Faço o que é necessário em meu negócio para me infiltrar na sociedade educada para o benefício de meus clientes. Agora, se isso for suficiente para satisfazer a sua curiosidade, podemos continuar?

Com as mãos apoiadas de maneira formal em cima de sua mesa, ela se dirigiu a ele na forma de uma governanta falando com um menino. Ela tinha um jeito de armar a cabeça e olhar para ele através de seus cílios que lhe rendia um convite a cada olhar inconsciente. Ele a queria cada vez mais. Fez querer introduzir um cenário alternativo entre deles, em que ele poderia jogar de mestre e ela sua aluna, em jogos mais íntimos do que este. Suas calças de repente pareceram desconfortavelmente apertadas. Ele deslocou-se na cadeira de novo e olhou para o duende. Ele estava olhando fixamente em sua direção, em sua virilha. Bons Deuses! Quando viu que ele tinha sido pego de surpresa, o duende apenas sorriu e voltou para as notas infernais que estava tomando.

- Eu preciso perguntar uma coisa. - disse Dane, balançando o olhar para a mulher.

- É claro que você quer perguntar, - ela suspirou. - Realmente, isso vai demorar o dia todo se você não me permitir assumir a liderança.

- Apenas um pergunta mais, – ele garantiu. – Bem então aqui vai, se eu e meus irmãos estamos sendo pressionados pelo Conselho como homens a nos casarmos e termos uma prole, porque você não está sendo também?

- Eu estou. Se eu quiser para ficar neste mundo, devo casar dentro dele. - Ela encolheu os ombros um ombro em um inato gesto francês. - Mas não há pressa no meu caso. O Conselho só tem cuidados para apressar casamentos que irá resultar em uma prole.

- Você tem a Doença?

Ela assentiu com a cabeça e prosseguiu, explicando como ela adoeceu. Mas ele estava escutando apenas parcialmente, sua concentração estava fixa em sua linguagem corporal e os ritmos de seu discurso, sabendo que ele iria aprender mais desta forma do que no conteúdo de sua resposta.

Seus olhos se estreitaram em seu rosto, tentando penetrar mais profundamente os mistérios do seu véu. Seus dedos subiram para ajustá-lo como se ela estivesse preocupada que ele pudesse ter sucesso. Com o levantamento das mãos veio um barulho metálico da riqueza de suas pulseiras caindo para os cotovelos.

Havia escoriações cercando-lhe os pulsos, ele percebeu. Frescas, feitas por cordas. Ela tinha sido atada. Recentemente. Através de um amante? Vendo a direção do seu olhar, ela cobriu ambos os pulsos com as pulseiras de novo. Seus olhos encontraram os dela, e sob o véu seu rosto estava se tingido de vermelho lentamente. Uma imagem veio a sua mente, aparecendo em flashes. Dela, atada no altar do templo em sua terra, em vez da Nereida. Dele levantando sua saia, anágua. Dele espalhando suas coxas. Rasgando sua calcinha para chegar a ela... movendo-se sobre ela... nela.

E de repente ele foi caindo, sentindo como se o chão houvesse acabado de ser retirado de sob seus pés. Outra presença ascendia nele. Dante. A tomada do poder nunca começou tão depressa antes. Era desorientador.

Agora não, idiota! Ele rugiu silenciosamente. Eles vão ver e nos enviaram a um manicômio de novo!

A casamenteira empurrou a cadeira e levantou-se, com os olhos arregalados para ele. - O que está acontecendo com você?

CAPÍTULO 06

Dane curvou-se para frente, com a cabeça caindo entre os joelhos, cotovelos plantados em suas amplas coxas. Seus olhos estavam apertados e sua mente latejava com a invasão de pensamentos de outrem para dentro dos seus próprios conforme o intruso se introduzia a sua maneira dentro. Ele pegou sua cabeça nas mãos, os polegares ainda pressionando as têmporas enquanto o caos dentro dele se agravava em um segundo. Ele teria dado qualquer coisa para aliviar. Mas ele não iria se entregar a Dante sem luta.

- Foda-se - ele resmungou.

A voz da casamenteira endureceu – Pardon?

Danação. Será que ele tinha falado em voz alta?

- Signor! A serva havia retornado e agora estava nas proximidades da porta de entrada a sua esquerda. A cadeira do duende raspou o chão quando o homenzinho saltou a seus pés.

Mas, preso em um terrível estado de confusão, Dane não olhava ao seu redor. Que diabo estava acontecendo? Dante tinha chegado, dividindo a sua cabeça com um machado invisível e forçando-se quando não havia sido convidado. Mas por alguma razão, o sacana não parecia se forçar em Dane com em sua prática habitual.

Dane não havia ido. No entanto, ele não era completamente Dante sequer. Ao contrário de outras incursões similares incursões do passado, ele ainda continuava plenamente consciente.

Por que é diferente desta vez? Dane exigiu em silêncio.

Por causa dela. Sua presença nos está mudando. Misturando-nos.

A mente de Dane doía miseravelmente enquanto a intrusão prosseguiu. Seus cílios escuros esvoaçavam, e sua cabeça estava abaixada até o queixo tocando o peito. Por um momento, tornou-se difícil engolir que seu corpo experimentou uma estranha paralisia. No fundo, ele ouvia os outros três ocupantes da sala discutindo sobre ele. Ele gemeu.

- O que é isso? Você está doente? - Era a voz da casamenteira, preocupada agora. Seus dedos macios vieram em seu cotovelo.

Instantaneamente, sua dormência passou e uma clareza incomum o encheu. Antes Dante sempre tomava seu corpo durante as transformações durante o Moonful e Dane era relegado ao esquecimento. Mas agora eles estavam compartilhando, coexistindo em um estado de consciência pela primeira vez. E a emoção mais alta ebulição nesse estado de consciência era um desejo feroz para a mulher que agora se ajoelhava diante deles. Eles queriam que a ela. Era instinto, uma fome inexplicável e primitiva.

- Evangeline. - Dane murmurou, degustando o nome dela. Saboreando o fato de que ela estava próxima.

- Eva. - Ela se qualificou.

- Eva. – ele olhou acima, necessitando vê-la. Ela estava ajoelhada no tapete entre suas pernas inclinadas, os olhos verdes estavam preocupados e procuravam os dele. Mas seus olhos não eram apenas verdes. Eles eram da cor de... trevo no início da primavera.

Sabemos quem ela é, Dante sussurrou presunçoso. Ele sabia o tempo todo, Dane adivinhou, e tinha mantido em segredo. *Para seu próprio bem*, como de costume, sem dúvida. O bastardo.

Com uma velocidade vertiginosa, Dane de repente lembrou-se de conhecê-la no bosque no Moonful, só ontem à noite. Recordou de desejá-la. Recordou a sensação de sua pele contra ele. Quente e doce. Luxúria estourou nele e se espalhou como um incêndio. Se os olhos do duende olhos estavam em sua virilha agora, eles estavam indo saltar fora de sua cabeça. Sem desviar o olhar dela, ele balançou a cabeça para indicar os servidores. - Diga-lhes para ir.

- O quê? - Eva balançou para trás em seus saltos, assustada. Ela parecia está olhando para além dele e em todas as direções menos diretamente para ele. Ele poderia muito bem imaginar que sua aura estava dizendo a ela sobre seu estado de espírito agora.

- Tem algo diferente em você. - Ela murmurou.

- O que está acontecendo comigo tem algo a ver com você. - Disse ele.

Ele precisava mantê-la com ele. Precisava dela. Se ela fosse embora, esse desejo maravilhoso que o encheu iria com ela.

- Fique comigo. - Ele alcançou por um de seus pulsos, esfregando o polegar sobre o atrito em seu lado vulnerável. O pulso estava rápido e morno. Ela de alguma maneira fez sentir-se mais ligado às coisas. Se ela o abandonasse, ele sabia que Dante iria usurpar-lhe inteiramente, e Dane se perderia novamente no emaranhado que era a sua mente.

A serva se aventurou mais perto, pairando logo atrás dele. - Pare com isso senhor! Pare-o Eva. Pinot faça alguma coisa!

- Por que não deixá-la fazer suas próprias escolhas para variar? - O duende respondeu em apoio a ele. Os dois servos começaram uma discussão.

Ignorando-os, Dane levantou o pulso de Eva para os lábios, beijando o rendilhado delicado de azul e branco de suas veias. Seu perfume era claro e delicioso, de repente, como nenhum que ele já tinha experimentado antes. Sua língua passou rapidamente para fora para sentir o gosto dela. Ele detectou uma pitada de fadas. E uma pitada de humanos, mas que parecia falso. Qual era o dela?

Eu não sei, Dante sussurrou. *Ele estava mentindo?* Impossível saber.

Tendo nascido com uma hiper-habilidade para detectar odor, Dane tinha sido treinado para refiná-la quando ele tornou-se um Perseguidor. Durante quase um mês, após a sua indução aos treze anos, ele foi exposto repetidamente a uma variedade quase infinita de odores, a fim de induzir uma sensibilização para eles. Ele tinha sido obsessivo, afiando suas habilidades olfativas, até que elas estivessem em seu modo máximo. Que o fez extremamente valioso para eles, agora — um homem que eles não deixariam ir facilmente de suas fileiras.

Olhos prateados capturaram os verdes de Eva que estremeceu. Suas pupilas escurecidas com uma compreensão de exata do que ele queria dela. Desejo brilhou em seu rosto e lá lutou com bom senso, pois ela lutava para decidir sobre sua reação.

- Eva! - Sua empregada colocou uma mão no ombro dela, dando-lhe um aperto com pouca agitação.

- Diga-lhes para sair. - Dane ordenou suavemente. Sua voz se afastado na última sílaba, crescendo mais sensual.

Queremo-la.

- Eu quero você. - Ele murmurou baixo e urgente.

O receio iluminava seu rosto, em seguida a necessidade, e em seguida, a aquiescência, todas em rápida sucessão. - Odette, por favor, busque um pouco de água para reviver Monsieur Satyr, - ela instruiu. - Pinot, localize os sais de cheiro.

Os olhos de Odette relancearam entre Dane e ela, obviamente, não gostando do que leu em seus rostos. - Ele parece estar bem o suficiente.

- Vá. - Disse Eva a ela.

Ela o queria! Através do véu, Dane conseguia vê-lo no resplendor do seu rosto, e na rápida pulsação na base da sua garganta. Poderia ver seu próprio desejo refletido nos olhos dela.

Abruptamente, ele levantou-se. Passando por ela, ele pegou cada um dos seus funcionários por um braço. Firmemente conduzindo-os para fora da sala, então ele bateu e fechou a porta atrás deles. Voltando-se para Eva.

Nossa Eva.

Ela levantou-se e ficou ao lado de sua mesa. Suas pernas longas percorreram o chão entre eles em uma meia dúzia de passos. Olhando vagamente alarmada, ela recuou em torno de sua mesa para prender-se no ângulo formado por uma estante do chão ao teto e da grande janela em que Lena tinha sentado, olhou para fora que dava para um pomar de pés de limão.

Sem pausa, ele encontrou-a e puxou-a para perto, envolvendo um braço em volta da cintura e colocando seu véu rosto velado na palma da mão. Seus corpos alinhados e se encaixando como duas peças de um mesmo quebra-cabeça como se fossem metades de

um todo. Sua boca acariciava a dela através do véu transparente e sua exalação impressionou o véu entre seus lábios, depois dela sussurrar entre os seus.

Nunca antes tinha ele sentido a alegria de um despertar sexual. Mas agora seu pênis estava duro em sua barriga, enjaulado dentro de sua calça, cheio, pesado e maravilhoso. Ele era um menino de doze anos, quando foi sequestrado, e em todos os anos desde então, Dante tinha arrancado o controle de seu corpo durante todas as experiências carnavais. Agora ele era um homem com uma tremenda fome. E nesta sala ele estava indo para fornicar conscientemente pela primeira vez em sua vida. Com uma mulher. Esta mulher. Queria vê-la.

Seus dedos reuniram o véu em um punho, arrancou-o, e, em seguida empurrou-o para longe. Abaixo, sua pele era macia e suave, os cabelos de um rico preto-azulado. Os olhos foram pincelados em kohl pesados e deixando saudades de velos limpos.

Ela é nossa.

- Minha.

Os lábios de Dane se curvaram e ele sorriu para o belo rosto de um milagre.

Lord Dane Satyr enviou-lhe um sorriso sensual, sedutor que Eva jamais teria imaginado que ele fosse capaz quando ela o encontrou pela primeira vez em seu salão. Ele era um enigma. Na última noite no bosque, ele adivinhou que ela era sátiro, e ainda hoje ele parecia não se lembrar, e parecia ter aceitado a sua afirmação sobre a ancestralidade fada e humana.

Ainda mais estranho era o fato de que sua aura tinha se alterado drasticamente nos últimos dez minutos. Primeiro ela tinha sido uma coroa de prata translúcida, em seguida, uma mistura de prata e ouro, então ele tinha mudado para ouro puro, e então se moveu para trás e para frente ao longo do mesmo espectro. Algo semelhante aconteceu quando eles se encontraram sob a lua cheia a noite passada. Era como se ele fosse uma mistura de dois homens, e que estava em transição contínua entre eles.

Mas o que estava acontecendo com ele — não importava. Não agora. Ela não iria deixá-lo. Este momento roubado do tempo, isso era o que importava. Essa coisa mágica que queimava entre eles. Ela queria mais do mesmo. Temia que isso lhe fosse arrebatado se não agisse rapidamente.

Ela pôs as mãos nos ombros dele e se levantou na ponta dos pés, os lábios procurando-o outra vez. Ela recusou-lhe ontem à noite no bosque e, em seguida, ansiou por ele mais tarde com um desespero profundo da alma. Esta era uma segunda chance com ele, e ela o iria agarrá-la. A perspectiva de fazer amor com um de sua própria espécie era tão atraente que dominava completamente todos os argumentos que ela poderia fazer com contra a ideia.

Odette deu uma martelada com o punho na porta. - Deixe-me entrar!

- Está tudo bem. - Eva a tranquilizou por cima do ombro.

- Eu apenas preciso de alguns momentos com o Sr. Satyr em particular. - Ela sorriu para ele, sentindo-se animada e brincalhona. Ele a puxou de volta contra as prateleiras grossas com as estantes cheias de seus livros, se pressionando na barriga dela. Ela sentiu o membro masculino entre eles, longo, grosso e rígido. *Ele iria realmente colocar-se dentro dela, aqui no salão?* A carne na parte alta entre as suas pernas pulsava, querendo e precisando disso.

Os lábios dele acariciavam seu rosto, seu pescoço, seu ombro. A batida do seu coração disparou quando as costas de seus longos dedos enroscaram-se em seus colares e entraram em seu corpete para afagar as curvas quentes dos seios. E então veio a boca.

Odette bateu na porta novamente. - Evangeline! Você é a sua cadela agora? Sua puttana! Abra a porta! E mande esse bastardo embora!

- Diga- me, mademoiselle, - murmurou Dane. – Ela esta certa? - Suas palavras eram uma provocação sedutora em seu peito. Sua língua rodeando ao longo de um mamilo. Seus dentes pouco delicadamente - Você é minha putinha agora?

Entre as pernas, o pulsar virou uma dor. Suas mãos subiram os contornos duros das costelas e no peito, explorando-as através de linho fino e leve. - Você é um bastardo? - Ela desafiou levemente.

- Às vezes. - Ele respondeu com uma honestidade que cortejou sua confiança.

Na continuação da batida na porta, Eva se mexeu. - Ela vai perturbar as meninas. É melhor eu... - Ela enviou-lhe um olhar de desculpas, e começou a se afastar.

Com um elevar de uma mão e um movimento descuidado de seus dedos na direção da porta, ele fez que cessasse os gritos e o bater na porta desaparecer. Ela olhou para ele, assustada. - O que você fez?

- Só fiz que nos esquecesse por um tempo e que fosse cuidar de seus afazeres. - Sua boca quente capturou um mamilo, puxando-o e enviando sensação tremulante direto para o clitóris. Grandes mãos juntaram suas saias e as levantou-as. - Agora, eu pergunto, será que você afastará as pernas para mim, minha puttana? – A voz baixa e sedutora, as palavras eram uma citação de prazer carnal.

Era a voz dele, e ainda de um modo estranho que ela não entendeu, não era. Não inteiramente. Mas qualquer dúvida ou curiosidade sobre isto foram lavadas pela maré crescente de seu desejo de tê-lo.

Através da tela, ela extraiu a ponta do dedo e a passou ao longo de sua masculinidade. - Se eu o fizer, o que você vai dar-me? - Ela sussurrou.

Prata reluzia e ele sorriu com os olhos. - O que você precisa. - Seus olhos se agarraram quando ele levantou suas anáguas e seu joelho pressionou entre as pernas dela. O que ele estava ofertando era o que ela desejava. Um interlúdio roubado com um de sua própria espécie. Sem promessas, sem arrependimentos. Ela iria fazer-se vulnerável a ele. Deveria saborear cada instante do presente, cada toque, quem sabia se tal hipótese poderia nunca voltar a acontecer?

Ela cedeu à coxa rígida que se movia mais e mais entre as dela. Suas mãos inquietas acariciavam até sua volta e para baixo novamente, moldando sua retaguarda. Ele estava quente, masculino. Emocionante. Quase o mesmo que a réplica que havia criado ontem à noite, e ainda assim maravilhosamente, vibrante e diferente. Tão real.

Sua mão encontrou a abertura em sua roupa íntima. Duras juntas acariciaram sua macia penugem, em seguida, virou-se, errando sua abertura. Ela ofegou em sua camisa e apertou os músculos de seus braços, mal ousando respirar com toda sua concentração focada em seu toque.

O ar ao redor deles foi anormalmente sugado quando dois dedos se apertaram no comprimento de seus lábios inferiores. Eles bifurcaram-se, espalhando-a com o dedo longo levando-o até a sua abertura e, em seguida, escorregou dentro dela. Ela ainda estava sensível devido à ocupação da noite passada em seu quarto, e isso maravilhosamente amplificou o efeito de sua intrusão.

- O que temos aqui? - Ele repreendeu suavemente. Suas palavras tinham o tom carregado, sua voz áspera com a necessidade. - Você está molhada para mim minha putinha.

Mas suas palavras só a fizeram mais molhada, fez a sua carne tremer com prazer. Sua panturrilha percorreu ao longo do dorso da coxa, e ela se abriu, convidando-o para que ele fizesse o que quisesse com ela, confiando-se aos seus cuidados. Dois dedos dirigiram profundo, acariciando uma vez, duas vezes, novamente extraindo umidade dela e puxando-o para cima para pincelar seu clitóris com seu próprio mel.

- Dieux Chers! Por favor. - Ela implorou.

- Sim, nós queremos agradá-la.

Nós? O que ele queria quer dizer com nós? Havia só ele aqui com ela. Ele esfregando e apertando seu ponto mais sensível. Ele serrava seus dedos em sua maciez. Ele buscando apenas... o. direito ...mmm ...localizando. *Deuses eram seus dedos encantados? Ela estava certa de que nenhum Shimmerskin nunca a tinha feito se sentir assim!* Suas mãos se agarraram no tecido de sua camisa e ela virou seus lábios para o oco de sua garganta, provando o gosto dele.

- Sim, eu acho que talvez você goste disso, - ele murmurou. - Especialmente em certas noites, quando a lua está cheia.

Ela levou um momento de compreender o seu significado, mas depois ela piscou para ele em confusão. Mesmo perto disso, seus olhos eram como espelhos, pouco reveladores.

- Você sabe. - Ela sussurrou em choque.

-Sim Evangeline. Eu sei. - Ele falou agora com a voz diferente, ainda mais sombria. E no momento sua aura se transformou em ouro puro fiado com apenas um toque de prata. -Eu sei o que você é, embora eu o tenha feito esquecer.

Não era exatamente uma explicação. Mas seus dedos mantiveram-se a agitá-la, deslizando para trás e para frente em um ritmo inebriante e erótico.

- Seu sangue será nosso segredo por enquanto - disse a ela - Nosso segredo... - E então sua aura mudou novamente, prata lentamente se misturando com o ouro.

Sua mente nadou em confusão. - Se você sabia sobre minhas origens desde que você chegou aqui hoje, porque você fingiu o contrário?

- Fingi? - A inflexão em sua voz de repente tinha um sabor diferente. Ele soou como se ele não tivesse ideia do que significava a sua pergunta ou porque ela perguntou. Era como se — como se um homem diferente falasse agora com ela.

Mmm. O que os dedos talentosos estavam fazendo agora? Ela lutou para se concentrar em sua conversa. Era importante, não era?

Lábios quentes flossavam o lugar sensível atrás da orelha. - Por que você estava na minha terra à noite passada, Eva? — Sua áurea estava toda prata novamente, macia. O interrogador agora — autocrático e exigente.

Seu toque a fez querer admitir tudo, mas ela deixou a verdade um pouco para trás, dando-lhe apenas uma parte dela. - Pelas azeitonas. Eu tenho um mapa. - Ela estava montando sua mão agora, sua respiração esvoaçante saía dela em suaves gemidos.

- Em seu pequeno livro.

- Mmm. Antes de sua morte, minha mãe o desenhou. Preciso das azeitonas de sua terra. Eu só transgredi naquele dia.

- E porque não me disse isso quando eu por acaso dei com você no meu bosque?

- Porque você estava em um estado muito parecido com o presente e sem vontade de ouvir.

Oh! Um novo tipo de tremor estremeceu até seu canal. Se ele se mantivesse assim ela estava indo vir sob seu curso, durante as suas perguntas. Mas ele sentiu a reação e os dedos a deixaram.

Seus olhos voaram abertos. - Mas...

-Lá, você vê o que posso fazer com apenas um dedo? - Ele murmurou - Imagine o que pode sentir com isso.

Capturando o dorso de sua mão, ele ajudou a palma a contornar o tesouro que estava escondido dentro da virilha da calça. Ele era arrogante, confiante em sua masculinidade e seus atrativos, cheio de si mesmo. Era exatamente o que ela queria em um amante.

O conhecimento de que ele não iria exigir instruções dela e nem obedecê-la a cada capricho era incrivelmente excitante. Ela não sabia o que iria acontecer, ou como tudo se desdobraria entre eles. Ele estava no controle — seu guia neste novo sensual deserto — e a emoção que ela se curvaria à sua vontade.

- Venha para dentro mim. - Ela suplicou sua voz urgente, oração esperançosa.

Embora ela não conseguisse ler sua própria aura, mesmo em um espelho, as dos outros eram facilmente decifradas. A sua reagiu fortemente ao seu fundamento e sua grande era envolvida com belas asas de prata e luz dourada. Colocando o pé encostado no assento na janela de baixo ele puxou sua coxa e levou a outra coxa sobre seu antebraço oposto, a mão deitada em seu traseiro.

Ela recolheu uma dura respiração de ar e outra mão entrou entre eles tentando abrir o fecho das calças. Ele tomou o seu comprimento nu e atacou-a com força com a cabeça de veludo quente, ao longo do seu sulco úmido. Aninhando seu pênis nos lábios rosados como pétalas ela que corou e tremeu por falta dele.

Ele sabia exatamente o que ela queria e ia dar para ela. Ela gritou baixinho quando seu calor suave separou os lábios brilhantes. Sua ameixa estava lisa e púrpura socando, pressionando mais amplo, fazendo-a ofegar por ele. Ela se abriu para ele. Ofegava por ele.

Ela gemeu e arqueou as costas quando ele deslizou para dentro dela. Seus lábios inferiores o seguravam querendo mais abraçando sua haste, e então começou a ministrar o comprimento da haste que seguiu com um longo, liso, beijo apertado. Seu olhar sobre ela ardeu com feroz concentração, olhando seu rosto enquanto ela o tomava.

Ele era grosso e interminável, alongando e enchendo-a com aço, implacável maravilhoso. E o tempo todo em que ele empurrava dentro dela, murmurava incentivos escuros em uma mistura de italiano e Else, prometendo que haveria muito prazer, dizendo-lhe como seu corpo quente o agradava. O quanto ele queria fodê-la. Quão duro. Quão profundo ele queria ir. Suas palavras eram cruas, eróticas roçando sobre sua pele. Oh! Tudo estava tão perfeitamente glorioso que ela queria chorar, queria desacelerar tudo, e ao mesmo tempo em que acontecesse mais rapidamente.

Sua cabeça caiu para trás em um tremendo gemido. O perfume de limões a atingiu. Um jardim de citros estava logo abaixo e os trabalhadores estavam ocupados lá. *Será que alguém poderia vê-los? Será que eles viam o quanto ele dirigia para frente, mais profundo e mais quente... e ainda mais profundo?*

- Olhe para mim. - Ele exigiu, e ela o fez. Seus olhos se agarraram aos dele quando ele mergulhou nas profundezas do seu interior, quente e úmido. Ela sorriu para ele, seus olhos brumados com um delírio, pungente, alegria carnal.

Dane lutava contra o fenômeno da alteração de sua alma até encontrar-se enterrado até o cabo em uma mulher pela primeira vez em sua vida. Dentro desta mulher. Com todas as outras, —e houve muitas— Dante sempre tinha feito este ato por ele.

- Sim. - Ela gemeu suavemente. O contraste sexy de sua quente, acolhedora vagina e sua voz doce, pudica o levou a selvageria. Sua bota esquerda do assento da janela bateu no chão, suas pernas apoiadas entre as dela. Suas mãos grandes envolvendo a parte inferior dela, mantendo-a para que ela se movesse apenas quando ele escolhesse

permitir. Ele fodeu-a atentamente, entrando duro, num movimento bamboleante, apertando seu bumbum enquanto ele resistia dentro dela.

As palavras sexuais e escuras que ele sussurrava para ela, não pertenciam a ele, e suas ações não eram todas no âmbito de seu controle, mas pela primeira vez em sua vida, ele estava completamente e gloriosamente consciente durante o ato sexual. Sua concentração era toda para ela, e ele anotou cada reação, cada suspiro e sopro, a sensação de sua vagina movendo-se sobre ele, determinado a não perder nada. E Dante estava lá com ele, um parceiro igual, divertindo-se com a foda, no caleidoscópio de emoções que cobravam através de seu corpo compartilhado.

Deslizando dentro e fora longamente, ele caçava seu prazer dentro dela com força primitiva. Mergulhando, dançando nela, esfregando seu clitóris contra ele apenas para ouvi-la miar e choramingar. Para ouvi-la implorar por mais. Palavras apaixonadas meio formadas saíam de sua boca e da dela, e se misturaram no ar. Mechas de cabelos negros e úmidos de suor caíam em seu rosto. Seus quadris subiam e desciam como um todo. Sua mão em sua nuca. Seus lábios em seu peito branco, tão gostoso, ao longo de sua garganta, na boca vermelha. Sua boca doce, sussurrando para ele, incentivando-o.

E através de tudo isso, ele podia sentir. Podia sentir sua fenda agarrar sua crista, sentir as suas repetidas invasões dilatá-la. Sentia-se bem apertado, sufocado no abraço ao longo de cada nervo que se amarrava em todo o comprimento de seu pau. Podia-se ouvir sua inspiração acelerada. Cheirar sua necessidade. E a sua própria.

A batida rítmica e quente de sua carne era crua e erótica. Ela era uma sereia, acenando-lhe com sua escorregadia promessas de gratificação. Sentia-se poderoso, no controle. Depois de uma vida de sublimar seus desejos, essa era a maior e mais tentadora emoção que ele já havia conhecido.

Faíscas quentes de luxúria o picavam enquanto ele e Dante tinham sua maneira com ela. Sua carne se rendia para ele, sua fenda sugava-o, os seios estremeciam, e ela ficava na ponta dos dedos dos pés a cada batida de seu pau. Livros foram empurrados na prateleira atrás dela. Algo caiu no chão e estilhaçou em torno de suas botas. Era o paraíso. Ele queria ir assim por diante. Queria levá-la consigo para uma das cavernas de acasalamento em Elseworld onde a cópula poderia excluir qualquer outra coisa por semanas em um momento. Onde a lei proibia a interrupção. Onde poderia permanecer até que ele tivesse obtido o seu preenchimento. Cem anos a partir de agora. Mil. Mais.

- Oh, Deus, sim! - Ela gemeu. Suas costas arqueadas e apertou as mãos nas bordas da prateleira em ambos os lados de seus quadris, seus dedos ficarem brancos. Tornozelos ligados as suas costas.

Suas bolas estavam como punhos apertados. Seu pênis tremeu com a necessidade de ejacular. Então, ele gemeu e bateu nela tão longe e alto quanto era possível para um homem ir. Seu corpo mantinha o dela preso à parede. Seu calor, úmido feminino lhe acariciava profundamente, numa foda profunda. Ficaram lá por um momento tenso do tempo, pairando sobre um precipício, tremendo com a necessidade de terminar. Seus

lábios se separaram e sua cabeça caiu para trás. Suas coxas e do corpo dela apertados um no outro. Como sua propriedade.

- Eu estou gozando. - Ele jogou para fora.

Como se em resposta, sua vagina se contraiu e começou a ordenhar seu pênis, gentilmente, uma vez. Na segunda vez, mais forte. Ela inalou agudamente e levantou o queixo, os olhos fechados.

Então veio um terremoto de sensações correndo por seu pênis. Pegajoso, abundantes jorros de esperma dispararam dele em sua quente vagina, com tremores violentos, marcando-a para sempre como dele. Ele sentiu seu orgasmo ocorrer sobre ele no mesmo instante, ele apagou-se, e a ouviu num choro sufocado.

Foi espetacular, um choque para o seu sistema. Nunca tinha experimentado seu próprio gozo. Até agora. Com ela. Foi uma foda incrível. E pensar que a ele tinha sido negado esta alegria lasciva por tanto tempo!

Eles arqueados juntos e curvados quando seus gozos incharam e recuaram. Sua carne o sugando, drenando, e ele a encheu com seu prazer, mais uma vez e outra vez, e orou a seus deuses que nunca, nunca terminasse.

Eventualmente, acabou e seu e o dela coração abrandou. Ele permaneceu entre suas pernas, seu pênis ainda enterrado nela, seu sêmen ainda sendo bombeado superficialmente dentro dela, a intervalos com os tremores de sua vinda. Ambos estavam escorregadios agora com as sobras de espermas e seus fluidos, e um brilho de luz de suor arrefecia sua espinha.

Eles cederam juntos, drenados, repletos. Ela tinha ido para ser sua para sempre, mas ainda não tinha sido muito rápido para ele. Ele a teria de novo depois, em apenas um momento, ele prometeu si mesmo.

Ela é boa. Macia. Nossa. - Dante sussurrou em algum lugar dentro dele. Imagine como será quando nós a fodermos no Moonful que vem.

Isso o mataria, Dane tinha certeza disso, mas ele morreria contente de tê-la sob a lua cheia. Para juntar-se ao seu corpo na forma de evocação, com seus dois pênis em vez de um, até que ela estivesse tão cheia dele que ela saber-se-ia ser verdadeira e irrevogavelmente dele.

A presença de Dante refluíu e então ele se foi. Havia apenas dois deles agora. Eva e Dane. Homem e mulher. Amantes.

Um suspiro de satisfação estremeceu seus lábios. - Não tenho a certeza que temos feito isso muito direito, - disse ela.

Sua cabeça levantou e os olhos travaram nele.

Ela estava sorrindo para ele, um sorriso tímido e doce. - Acho que vamos ter que tentar novamente, só para ter certeza. Quanto tempo a minha família continuará a esquecer-nos?

- Enquanto eu quiser que esqueçam.

Seu sorriso se aprofundou e ela suspirou um som bem-aventurado. Ociosamente, a mão alisou o cabelo, a nuca. Seus olhos foram para o corpete e ele abaixou a cabeça, beijando a curva de seu peito.

Desta vez não tinha havido despertar chocado após fazer amor. Ele se lembrava de tudo o que havia acontecido com ela. Sabia exatamente onde estava — ainda se juntou a ela, relutante em parte. Ele se lembraria da alegria milagrosa desse momento com ela para o resto de seus dias. Ele se sentia bem, feliz, de uma maneira que ele nunca se lembrava de ter sentido antes.

- Que diabo de roupa é essa que você está vestindo, afinal? - ele brincou, com a boca ainda atenta em seu peito. *Ele, brincando? Ele nunca provocou qualquer pessoa em sua vida!*

Seu sorriso brilhou novamente, irônico agora. - O vestido? Mimi e Lena o selecionaram. Lindo, é não?- Eles compartilharam um momento de humor quando ele finalmente percebeu porque ela estava vestida de tal forma.

- Você é uma rara mulher. Eu não sei de outra que usaria um vestido assim com tantos acessórios apenas para agradar as suas crianças - Beijou-a e sorriu.

O que você está fazendo?

Dane virou a cabeça quando a voz masculina e desconhecida gritou dentro dele. Ele ficou estarecido, assustado. Um desconhecido. Novo.

Eva disse algo mais. Mas ela parecia distante, suas palavras provenientes de um túnel. Dane franziu a testa, um sentimento de inquietação escorregando por sua espinha. *O que estava acontecendo com ele?*

Eu quero ir para casa.

- Quem está aí? - Ele exigiu. - Dante?

- O quê? - Eva perguntou inexpressivamente.

Mas Dane sabia qual era resposta à sua pergunta com uma certeza terrível. Dante serviu apenas para a função carnal e agora ele tinha ido. Havia mais alguém habitando nele. Alguém a quem desconhecia até o momento. Outra parte dele, escondida todo esse tempo, profundamente nos recessos de seu cérebro fraturado.

Ele recuou se retirando dela. Sua nuca formigava com medo, e ele olhou ao redor, sentindo-se perseguido. A sensação de que alguém o perseguia lanceava terror na espinha, mas não havia qualquer ameaça aqui. Ele estava se lembrando de algo. Algo a partir do momento em que ele tinha sido sequestrado. Esta nova peça dele tinha conhecimento da época, poderia ajudá-lo a encontrar Luc.

Onde está o Luc? - ele exigiu. Mas ele não obteve resposta. E então, Dane estava morrendo, sua consciência sendo levada pela maré. Sentia-se de repente se afogando no pântano sombrio que era sua mente povoada.

Eva olhou furtivamente para Dane quando ele saiu dela, sentindo-se quase tímida com ele agora. O pulso ainda estava acelerado, os joelhos ainda tremendo. Seu amante, — como era bom sentir e pensar nele dessa forma — estava ali, grande, forte e bonito.

Ele olhou para baixo de si mesmo, parecendo confuso por se encontrar com as calças em torno de seus joelhos. Subindo-as, ele colocou seu pênis dentro novamente e amarrou-as rapidamente, olhando para ela fixamente o tempo todo.

Como se ele não a reconhecesse.

Uma tensão estranha caiu entre eles, e seu sorriso desapareceu. Ela estudou o halo de luz ao redor dele, como era seu hábito quando ela precisava de pistas para as emoções de alguém. Ao longo a sua visita aqui, hoje, sua aura estava deslumbrante, toda prata derretida, aço forte e flashes de ouro. Estas cores tinham ido e vindo, oscilando, primeiro um dominando e depois o outro. Às vezes, eles se misturaram e, por vezes guerrearam também. Mas agora sua aura estava mudando mais uma vez. Desta vez, para um inteiramente novo cinza melancólico. Nunca ela tinha testemunhado tantos componentes diferentes na aura de uma pessoa.

Uma estranha expressão infantil tocou seu rosto. Ele parecia mais jovem. Imaturo. Um grande rubor tingiu as maçãs de seu rosto. E então sua cabeça foi empurrando para trás dela, seus olhos selvagens e chocados enquanto ele se retirava da sala.

Ela empertigou-se, deixando cair às saias, sentindo-se subitamente insegura. Era como tivesse se tornado um estranho.

- O que está acontecendo com você? - Ela sussurrou. - Sua aura. Está... diferente... novamente.

Sem dizer uma palavra, ele continuou se movendo para a porta, caminhando rapidamente. Parando no limiar da porta, ele parou para olhar para trás dela. Uma urgência repentina encheu sua expressão. - Bona Dea, — ele disse de forma obscura. As palavras brotaram de seus lábios, correndo juntos em uma maneira quase ininteligível e parecendo ainda surpresa dele.

Ela piscou. - O quê?

Mas ele já tinha saído da sala, batendo a porta atrás dele.

Eva olhou para a porta, sentindo-se completamente desorientada. Seu primeiro amante de carne e sangue tinha corrido após o coito com ela como se estivesse fugindo dos cães do inferno. O que foi que ela fez para isso? Ela correu os dedos pelos cabelos que foram bagunçados pelas mãos apaixonadas e colocou uma palma em seu seio que ainda sentia a força da sua boca.

Ela deslocou seu peso e sua carne privada suavemente tremeu com um eco do orgasmo profundo dado a ela por ele. Um filete minúsculo de seu derrame escorreu por sua coxa interna, e sua respiração disparou. Ela olhou para frente com os olhos cegos, lembrando o quão maravilhoso ela se sentiu ao manter o comprimento dele tão profundamente dentro dela. Lembrando-se o impulso duro dele. Uma sensação morna

em seu corpo. Ele determinou o ritmo de seu curso, ocupando-a como ele desejou fazendo com ela o que quis. Ela sentiu o palpitar de suas bolas em sua parte inferior, sentiu o calor da sua descendência intermitente através do estremecimento de sua veia longa em seu membro masculino. Em seguida, veio o calor, jatos de sêmen, a inundação quente e escorregadia da sua descendência. O primeiro que um homem tinha dado a ela.

Essa primeira vez tinha sido perfeita, linda, como ela sempre sonhou que poderia ser. Tinha sido assim, muito melhor do que um etéreo Shimmerskin.

Outro lento gotejar seguiu o primeiro filete entre a parte interna de sua coxa. E uma lágrima de alegria correu pelo rosto, mantendo o ritmo.

Ela apertou seus músculos internos, encontrando-os cansados, e irritados, bem-amados. Abraçando a sua semente e a memória dele fechada.

Ele. Sua semente. Ela queria mais.

CAPÍTULO 07

Uma fila que serpenteava de seis homens seguiam Gaetano através da torção do túnel mal iluminado. Todos eram humanos e conhecidos por ele, e cada um tinha voluntariamente as suas mãos atadas diante deles enquanto eles navegavam pelo terreno irregular com uma dificuldade que, às vezes, lhes fazia xingar e resmungar. Um cabo passado através de um anel em cada pulso se estendia desde o primeiro homem até o último, impedindo que suas mãos se movimentassem para cima para remover as vendas que Gaetano tinha lhes colocado.

Sem restrições, ele segurava uma das extremidades do cabo, como o guia usado pelas mães para manter seus filhos por perto e impedi-los de ir longe demais. Eles eram alguns dos homens mais poderosos de Roma, mas nessas noites especiais, eles eram como crianças ansiosas.

Gaetano levava uma única lanterna e, por algum tempo continuou no seu caminho, áspero e irregular, mas seria melhor mais a frente. Ele explorou este labirinto durante toda a sua infância, e o conhecia bem. Embora houvesse apenas um verdadeiro caminho para seu destino, ele levava em uma série de desvios. Ele escolhia um percurso variado todos os meses de modo que nenhum iria aprender o caminho.

Um dos homens atrás dele, tropeçou e gaguejava um juramento. - Será que todo esse segredo é realmente necessário?

- Um preço pequeno a pagar por sua noite de entretenimento, você não acha? - Gaetano respondeu.

- Sim, confira suas bênçãos, - disse outro. - Nós poderíamos ter sido forçados a passar uma noite na companhia de nossas esposas lá em cima.

- Não me importaria se fosse só uma vez, - murmurou alguém de dentro para trás. - Gostaria de ver o que elas fazem enquanto nós estamos aqui.

- Alguma vez você já ousou? - Perguntou outro dos seus encargos.

A questão foi dirigida a ele, Gaetano sabia. Ele deu de ombros, recusando-se a dizer. Tinha sido feliz o suficiente para desistir de estar em sua casa esta noite, no entanto. Ele tinha notícias de que partes do que fazia traria a ira de sua família sobre ele, e ele não tinha pressa para suportar isso.

Outro respondeu em seu lugar. - Ele valoriza muito a sua vida, sem dúvida, como o resto de nós. O Senhor guarda seus segredos muito caro. - Houve um burburinho geral de acordo.

- Ah, nós já estivemos aqui no passado. - Entrando em uma grande área circular lado a lado com uns belos mosaicos gastos pelo tempo, Gaetano pendurou a lanterna em seu gancho de bronze. Várias tochas queimadas em candelários foram colocadas ao redor da sala no subsolo. Há muito tempo atrás, havia sido projetada para ser ventilada

de modo ninguém aqui iria sufocar. Ele fez um levantamento em relação ao solo em sua juventude, mas tinha sido incapaz de determinar por onde a fumaça saía. Os antigos tinham arquitetos que eram soberbos, e ele tinha a maior admiração por eles.

- Sergio a corda, - ele disse, como forma de anunciar a sua chegada ao atendente cego. Por força de uma longa prática, o homem grisalho tateou seu caminho ao longo da fila de homens restritos pelas suas mãos.

- Bem-vindos Filhos de Fauno. Vocês podem remover as vendas de seus olhos. - Gaetano instruiu, embora todos eles fizessem isso, depois de serem libertados. Mas este era o anúncio tradicional feito para começar estas noites, e chamá-los pelo nome oficial do grupo. Era uma forma de fortalecê-los. Agora eles não eram mais os advogados, empresários, e políticos. Eles tornaram-se Filhos ordenados, livres para se envolver em atividades que jamais seriam toleradas pela sociedade.

Sergio enrolou o cabo em torno de seu pulso e no seu caminho de volta ao seu poleiro, atirou-o para um gancho na parede. Logo abaixo se situava uma mesa de pedra lascada que se assentava em cima de uma tigela grande com garrafas de vinho e taças.

Estátuas sibaríticas de mármore e granito enfeitavam a circunferência da sala, colocadas em intervalos entre as nove portas que os rodeavam. Todas foram fechadas, exceto uma que se abria para um quarto que estava ocupado atualmente por apenas uma cama estreita e em alguns outros mobiliários. Além das portas dos outros, uma sala similar se estendia do salão central, como raios de um cubo de roda.

A abertura do décimo não tinha porta e levava a um corredor curto e, além disso, era uma sala de fumo com os periódicos, uma seleção de dispositivos e literatura erótica, mais bebidas alcoólicas, e cartões. Um quarto para os cavalheiros para mais tarde.

As bebidas foram derramadas e charutos entregue para aqueles que quiseram participar, e não havia conversas desconexas. Vários empoleirados nas cadeiras que estavam aqui e ali em torno de uma plataforma do tamanho de uma mesa de café da manhã no centro do quarto. O que eles fariam aqui esta noite não era importante em si mesmo. Mas era um ritual honrado que suas esposas insistiam em cada mês como um companheiro aos seus próprios ritos secretos acima.

- Alguma coisa nova a oferecer? - Um dos homens perguntou.

Na questão, uma nova energia permeou a atmosfera. Olhos ansiosos procuraram as portas.

- É Claro. - Respondeu Gaetano, com sua sedosa, voz culta. Ele destravou e abriu uma das portas de saída da sala central e balançou-a largamente.

Uma jovem mulher sentada calmamente no interior da cela registrou sua chegada, piscando os olhos castanhos para eles. Ele apontou sua frente.

- Venha, menina. - Obediente, ela levantou-se, o fantasma de um sorriso moldando os lábios. Quando ela veio, ele a levou para fora do quarto, ajudando-a subir os degraus até a pequena plataforma no centro.

Então, ele deixou sua acanhada protegida lá e foi em busca de uma bebida e uma conversa com Sergio, o atendente. - Algum problema hoje?

- Nenhum. Calmo como cordeiros, ha muitos deles. - disse ele.

Gaetano há muito tempo que deixou de querer saber como esse sujeito grisalho aguentava preso aqui dia e a noite. Sergio tinha mantido a boca fechada por quase duas décadas de serviço. Que era o suficiente para atender a ele e à família.

Atrás deles, os senhores rondavam em torno da fêmea como leões famintos. Ela estava ali, dócil e indiferente, vestindo uma muda de tecido translúcido.

Muito mais tarde, depois que ele guiasse estes homens de volta para cima, Gaetano voltaria aqui para dormir. Ele agora preferia ter sua própria cama no andar de cima, mas não era sua a decisão. Como uma toupeira, ele deveria vir aqui toda noite, enquanto Sergio dormia, vigiando as coisas. Esta situação tinha lhe valido uma reputação entre os criados da casa, que especulavam e espalhavam rumores de que ele passava as noites na cama de uma variedade de senhoras por toda a cidade. Ele aproveitou sua reputação imerecida, e a forneceu com um álibi conveniente. Nenhuma palavra nunca saiu de onde ele realmente passava as noites, a polícia teria algo a dizer sobre isso.

A menina em exposição atrás dele apenas registrou quando um dos voyeurs ergueu seu antebraço. Seus dedos deslizaram pelas veias azuis no interior do cotovelo, como se estivesse tocando um instrumento de cordas.

- Você a drogou? - Perguntou ele, observando as punções.

- Como sempre, - respondeu Gaetano.

- Com o quê? - Adie Arturo era um dos médicos mais qualificados em toda Roma e sempre fazia as mesmas perguntas tolas. Como se Gaetano fosse revelar seus métodos!

Ele tentou manter a irritação em sua voz quando ele respondeu: - Isso não afetará seu desempenho.

- Você sabe melhor do que perguntar. - Advertiu outro homem. Ridolfi. Um membro do alto escalão da Arma dei Carabinieri, uma das escoltas militares do Estado soberano.

- O que é ela? - Arturo persistiu, olhando para ela com ceticismo.

Uma estranha pergunta, mas todos aqui sabiam o que ele quis dizer. Gaetano tomou um gole de vinho antes responder: - Ela será tudo o que você deseja que ela seja.

Por mais de um século, várias gerações de famílias destes cavalheiros tinham compartilhado o segredo desse lugar. Compartilhado o conhecimento de que seu mundo tinha sido invadido por criaturas de outro mundo. Eles levaram um grande esforço para garantir que ninguém descobrisse esse segredo, pois eles viam os seres Elseworld como

subserviente apenas e desejavam colher os benefícios de sua servidão sem impedimentos.

Arturo tragou em seu charuto. - Você sabe o que eu quero.

Gaetano sacudiu cabeça. -Elas não existem. Sátiros do sexo feminino são um mito. Além disso, posso dizer-lhe que se alguma vez encontrar tal criatura, não vamos emprestá-la para fora.

Ele fez um gesto em direção à menina na plataforma. - Por que não tentar esta no lugar?

- Ela é fada. Eu pensei que você tinha algo novo para nós, - Arturo amou. Um homem tão irritante.

- Ela é nova. Muito nova. Gaetano fez uma pausa para ver o efeito, então - Uma verginale innocente.

A excitação ávida iluminou os olhos do grupo. Ridolfi esfregou as palmas das mãos rapidamente, sua voz aguda. - Vamos chegar a ela então.

Indo para a mesa, Gaetano levantou a taça dela. Foi passando ao redor e cada homem retirado um anel idêntico do dedo mindinho da mão esquerda deixando-o cair dentro da taça.

Quando seis anéis foram recolhidos, Gaetano tirou um. Ele leu as iniciais inscritas no interior do anel e entregou-o ao seu proprietário.

- Arturo.

Arturo bombeou em seus calcanhares. - Escolhido em primeiro lugar. É minha noite de sorte, - ele levantou a menina do pedestal com ambas as mãos em seus quadris. - Desculpe meus amigos. Vocês vão ter que se esforçar.

Ele foi assistido com inveja pelos outros quando ele a levou para dentro de seu cubículo e chutou a porta que se fechou atrás deles.

- Sergio! – No estalar de dedos de Gaetano, o guarda levantou-se e, em seguida, fez a ronda da sala circular, abrindo cinco outras portas, uma de cada vez. Como se eles fossem zumbis, os ocupantes de cada quarto vieram pairar nos respectivos portais na sua convocação. Alguns eram do sexo masculino, algumas mulheres, e um deles era um pouco de tanto, uma hermafrodita. Como a menina, seus lábios curvaram para cima em bobos sorrisos, e seus olhos eram sonhadores e drogados.

Outro nome foi escolhido, e outro homem escolheu um parceiro e um quarto. E outro e outro.

Gaetano gostaria de saber se suas esposas sabiam o que faziam. Quando ele via esses homens fora deste lugar, eles nunca falavam destes acontecimentos. Em vez disso, eles sorriam e conversavam sobre política, bebida e fumo, e assistiam a corridas e bailes de galas junto com suas famílias, todos muito respeitáveis. O pensamento dos jogos de cartas tinha lhe feito correr os dedos preocupados pelo cabelo loiro-branco.

Para distrair-se de sua miséria, ele espiou em um dos vigias de vidro fixados na porta mais próxima e que permitia ao guarda vigiar os ocupantes. Ugh! A enorme bunda branca de Maggio, dono de um dos melhores restaurantes de Roma, o confrontou, balançando depravadamente enquanto bombeava no traseiro da mulher que ele tinha escolhido. Ela estava com no máximo 25 anos e vivia aqui mais da metade de sua vida. Ela estava um pouco desgastada, Gaetano moveu-se pensativo. Era tempo de encontrar uma substituta. Mas ele fazia pouco tempo que ele tinha mandado uma menina fada para o rio, e duas salas desocupadas iria irritá-los lá em cima.

Ele voltou-se para a porta ao lado, onde Luigi e Ridolfi estavam envolvidos com "ele", era como Gaetano tinha apelidado o hermafrodita. Ridolfi estava atrás de sua vítima, seu pênis enterrado em seu traseiro ou em sua vagina, difícil dizer qual. O juiz se ajoelhou na frente, sugando o pênis do hermafrodita. Qualquer um vendo a cena assumiria que o hermafrodita estava disposto e gostando do que estava acontecendo, pois seu pênis estava grosso e excitado e suas mãos estavam acariciando a cabeça de Luigi. Mas era a droga com a qual Gaetano alimentava as criaturas que ali estavam que as mantinham calmas e dispostas. No entanto, logo não haveria mais droga para dopá-los, porque ele perdeu a fonte de onde ela provinha. Com um peso terrível na boca do estômago, ele se jogou em um dos sofás.

Do outro lado da quarto, ele ouviu o som de Sergio, masturbando-se. A orelha do servo estava pressionada contra uma das portas, escutando a batida dos corpos dentro. Depois veio o gemido dele enquanto gozava em sua própria mão. Um suspiro e em seguida, ele colocou seu pau dentro das calças e se dirigiu para o seu poleiro.

Gaetano olhou as manchas de água no teto antigo pintado com gloriosas façanhas dos deuses Romanos, pensando freneticamente. *Como ele poderia reparar o dano que ele tinha feito antes que ele fosse descoberto?* Ele tinha bebido muito a algumas noites atrás, e ficara em desvantagem para esse maldito Satyr nas cartas. *Dane. Como esse diabo viera tão de repente?* Seus irmãos já eram bastante irritantes. Metades das mulheres em Roma estavam enamoradas por eles. E agora mais este que sem dúvida, viria a tomar a outra metade para si mesmo.

- O que está errado com você, rapaz? - Perguntou Sergio.

- Eu perdi o bosque nas cartas.

Os olhos cegos no rosto enrugado sorriram alegres com o problema que esse erro poderia lhe causar. – A patroa não vai gostar disso. Onde você vai encontrar as azeitonas para a droga agora?

Gaetano colocou os punhos sobre os olhos. - Eu vou consertar as coisas. Não se preocupe. E não mencione isto a ela ou eu vou com fúria para você.

- Então qual é o problema com você, hein? - Sergio perguntou. - Você não pode obter uma boa parideira ou seu pau não pode derramar a sua semente? Ou você não pode fazer bebês com o pau que tem no meio das pernas?

- Isso não é da sua conta.

O guarda sacudiu sua cabeça. - Esse seu pau se mexe?

Gaetano odiava o tom de pena em sua voz. Que ousadia deste humilde velho escoria de servo sentindo pena de seus superiores! Fê-lo furioso. - Alguma coisa faço questão de fato, - pulando para cima, ele espreitou o homem e o agarrou pelas bolas do homem colocando-o rígido. – Infiljo dor.

Ele envolveu a boca do homem com sua outra mão para conter seus gritos enquanto o segurava ali por um momento. Em seguida ele soltou, e Sergio caiu ao chão, chorando.

Gaetano endireitou os ombros, sentindo-se um pouco melhor. Ele pegou uma chave de seu gancho, abriu uma das portas, e entrou numa pequena sala. Um jovem sentou-se na borda da cama, vestindo apenas com uma tanga. Era o único ocupante da sala, ele era extremamente bonito, seu corpo fortemente musculado. Gaetano foi para diante e tomou-lhe o queixo na palma da mão, puxando seu rosto para cima. Estranhamente belos olhos flashes de prata. Assim como os de seu irmão.

Quando este tinha chegado aqui há treze anos, ele tinha cinco ou aproximadamente. Eles só foram capazes de sugar suas lágrimas num primeiro momento. Mas Eventualmente, ele tinha crescido o suficiente para dar-lhes a sua descendência masculina. Em questão de semanas, ele se tornaria um homem pleno no caminho de sua espécie, em seguida, ele lhes seria usado para render com sua prole.

Ele abriu a frente da calça e puxou uma das mãos do rapaz para que o segurasse. Embora o toque dele não lhe desse nenhum prazer especial, gostava de ver aquelas mãos sobre ele, o fazendo gozar. Isso o fazia se sentir poderoso. Mas, em mãos tão grandes, seu pau pequeno e pobre parecia patético e fino. Seu rosto se torceu com a raiva impotente.

Na mesa de jogo naquela noite, ele quis dizer ao bastardo do Dane Satyr sobre isto para fazer-lhe tão mal, queria machucá-lo com a notícia do segredo. *Eu sei onde o seu irmão precioso está ele queria dizer. Mas, evidentemente, ele não tinha dito.*

Então, ao invés de ferir Dane, ele magoaria aquele que estava ali naquela sala. Ele cavou um polegar por baixo da mandíbula do rapaz com uma das mãos e abriu sua calça com a outra.

-Venha, agora, Lucien. Abra-se, - ele disse suavemente. - Há um bom menino.

CAPÍTULO 08

Um presente! Um presente! – Gritou Mimi, correndo de seus estudos de francês para o salão de Eva.

- Dá-me já esse pacote, seu pequeno filhote de demônio. - Gritou Odette do corredor atrás dela.

Rapidamente, Eva escondeu o retrato que Lena fez de Dane e que este tinha deixado para trás naquela manhã em sua gaveta, pois não queria ser apanhada embevecida sobre ele. E ela puxou relutantemente seus pensamentos longe das preciosas lembranças e de sua vida amorosa com seu amante. Nem a sua perplexidade sobre a sua saída precipitada e suas auras flutuando, nem Odette com seus constantes sermões e resmungos tinham sido capazes de atenuar seu estado de espírito glorioso.

Uma Mimi vertiginosa gritou parando ao lado da escrivaninha de Eva. - O presente — ele agita-se, mademoiselle! - Ela deu à caixa em suas mãos um balanço para demonstrar - Oh, eu posso abri-lo? Por favooooorr!

- Não, você não pode! - Odette informou a ela, entrando na sala rígida sobre os calcanhares. Arrebatando-o de suas mãos pequenas, ela o colocou sobre a mesa de Eva. – Do Senhor Satyr, via mensageiro.

A escrita de Dane era forte e segura, barras pretas sobre fundo branco. Na visão dele, o coração de Eva bateu mais rápido no peito, montando um pico de prazer. Nenhum homem jamais lhe enviou um presente antes. Sua própria mamãe tinha recebido muitas encomendas como — perfumes, joias, sedas — de seu “senori e senhores”, como ela os denominavam, e cada entrega criava um grande entusiasmo na casa.

- Encontrei-as! - Pinot entrou, trazendo uma tesoura. Ela usou para cortar os laços rapidamente e então, cuidadosamente abriu o caixa, planejando guardar o papel na gaveta juntamente com o retrato.

Mimi olhava, saltando nas pontas dos pés. - Espero que sejam bombons!

- Não é para você, menina, seja o que for! - Disse Odette.

Eva sabia o que continha no olhar de Odette. Ela sentiu o sabor da sua mão mais de uma vez enquanto crescia e tinha se comportado mal. Mimi aparentemente, o notou também, pois ela buscou refugio no outro lado da cadeira de Eva, lá ela poderia fugir da mão de Odette e ainda testemunhar o abrimento do presente. Eva franziu o cenho para a serva. Elas haviam discutido muito sobre a forma como as meninas deveriam ser criadas e que ela não iria tolerar punições severas. A vida de Lena e Mimi já tinha sido dura o suficiente quando estavam nas ruas. Nesta casa elas deveriam ser tratadas com carinho.

Sentindo a tensão, a geralmente sóbria Lena pulou para cometer uma violação. - Quem se importa com o que é! É de seu namorado bonito. Uh la la! - Disse ela na sua

melhor imitação do sotaque francês de Eva, então fingiu desmaiar no sofá, enviando Mimi em um ataque de riso.

Desde que Lena mantinha suas emoções sob o apertado fechamento, aqueceu o coração de Eva ao ver que ela se importava o suficiente com Mimi para momentaneamente sair de sua concha.

- Nós não precisamos confiar em homens estranhos de Elseworld para nos trazer presentes, - disse Odette. - Eva vai encontrar um humano rico para marido logo. Nós vamos comprar os nossos próprios presentes, em seguida, com o seu dinheiro.

- Ela está certa. Ainda assim, o Lord Satyr é bonito, não é? - Eva enviou as meninas uma piscadela. O pacote foi aberto num instante, e ela puxou um envelope dele.

- Uma carta? - Mimi amuou em desapontamento.

Dentro havia uma folha de papel com uma assinatura na parte inferior feita com a mesma escrita forte de barras pretas. Por seus serviços, ele tinha escrito. Eva empalideceu, antes que ela percebesse ele queria seus serviços de decisões, e não serviços de natureza mais pessoal. Ela virou-o, em seguida, novamente. Não houve menção ao fato de que ele tinha apreciado ou mesmo lembrado de seu tempo juntos. Com uma sensação arrepiante de mau pressentimento, ela puxou uma segunda folha de papel a partir da parcela e examinou-o.

- Outra carta? - Mimi se amuava mais. Eva sacudiu a cabeça, ela murchou em suas próprias esperanças também - Não, é...

Ela a deixou cair sobre sua mesa de trabalho para que todos pudessem ver.

Os olhos de Pinot brilharam e ele alegremente o alcançou. - Um cheque do banco.

- Será que ele assinou isso? - Odette perguntou ansiosamente.

Ele balançou a cabeça. - Pagamento em cheio! Eu vou fazer o depósito. - Com isso, ele correu a buscar seu chapéu e casaco.

Lágrimas de desilusão arderam nos olhos de Eva. *Depois do que tinha acontecido entre eles, Dane ainda esperava que ela encontrasse uma noiva humana para casar-se com ela?* Uma estranha a dor a encheu com o luto. Ela virou-se, sorrateiramente enxugando as lágrimas de seu rosto com um lenço.

Odette esfregou suas costas como se ela fosse ainda uma criança. - Pobre bebe, - ela murmurou tão baixo que as meninas não puderam ouvir. - Você vê? Você dá o seu corpo para ele, e você vê o que ele faz? Homens Satyr — todos os homens Else— são o mesmo. Eles vão tirar vantagem, se você deixar que o façam. Melhor casar com um ser humano que pode ser controlado com sua magia.

Odette estava certa. Enrijecendo sua espinha, Eva colocou as lagrimas e o lenço à distância. Ela estava sendo ridícula. Naturalmente o Lord Satyr esperava que ela mantivesse sua concordância. *O que mais? Ela imaginava o que? Que ele iria voltar, esta tarde, declarar seu amor para ela, e decidir ignorar o comando do Conselho?*

Naturalmente que não. Não mais do que ela tinha mudado de ideia sobre seus planos para encontrar um marido humano. Nada havia mudado. Ambos eram necessárias para proteger suas famílias e fortunas, e isso significava obedecer aos desejos do Conselho.

Ela só estava chateada porque o que tinha acontecido entre eles tinha sido tão novo para ela. Porque ela nunca tinha estado com um corpo real de homem antes, isso é tudo o que era. E ele era Satyr, pelo amor de Deus — Os Satyr eram famosos por suas habilidades de fazer amor. Claro que tinha sido uma experiência avassaladora!

E como tinha sido avassaladora. Tão diferente do que ela tinha feito durante todos os Moonful desde seu décimo oitavo aniversário. Então foi exatamente o que ela queria. Ela se sentiu como um começo de algo, não um fim. Mas talvez ele não se sentisse da mesma maneira.

- Cartas não chocalham, - disse Lena. - Deve haver algo mais.

Atrás dela, Eva ouviu a menina procurar em torno do pacote. Então.

- Aha! – Uma triunfante Lena ergueu uma pequena caixa e deu-lhe uma breve sacudida. – Isso que estava chocalhando.

Mimi iluminou em expectativa. - Bombons?

- Joias seria melhor, - disse Odette pragmática. - Poderíamos vender e comprar muitos bombons então, e vestidos, e talvez uma nova carruagem.

Tomando a caixa, Eva ergueu uma pequena bolsa de dentro, que ela, em seguida, inclinou de modo que seu conteúdo foi derramado sobre sua mesa. Um único oval verde caiu fora e depois outro. E o outro.

- Azeitonas! - Lena exclamou com surpresa.

Eva apertou os dedos nos lábios ainda tremendo e encarou, tocada pelo simples presente. Ela queria as azeitonas, e ele presenteou-lhe com dezenas delas. Um gesto pensativo, entregue rapidamente. Ele deveria ter ido direto dela para o bosque e as reuniu.

- Un, deux, trois... - Mimi começou tocando cada um com um dedo, praticando sua contagem.

- Que tipo de presente é esse? - Disse Odette com azedume.

- São as azeitonas de que precisamos para o pó, - Eva explicou. – As que foram descritas no diário de mamãe.

- Você disse a ele?

- Só que minha mãe tinha escolhido algumas lá.

Os lábios de Odette se apertaram com preocupação. Com uma palavra para as crianças, ela as baniou de volta para suas aulas. Uma vez que tinham ido, ela se lançou em outro sermão.

- Você precisa me escutar. Não seja tola como Fantine. Este homem sábio vai dar-lhe seu sêmen. Seus bastardos, talvez. Mas ele vai dar os seus herdeiros para uma mulher humana. Sua esposa. Ele vai fazer o que o Conselho o mandar fazer. Guarde minhas palavras.

- Eu lhe pedi seus filhos? Seu anel?

- Você sabe o que acontece com você nas noites quando de lua cheia vem. Você vai acabar com o seu moleque em sua barriga sem querer. Estes sábios ricos e poderosos. Julgam-se melhores do que a sua mãe. Um deles derramou sua semente nela e deu-lhe quinquilharias em troca de seu coração. Então o quê? Eles abandonam a todas nós!

- Isso foi com mamãe. Não comigo! - Eva argumentou. - É tão errado eu querer conservar a minha sanidade mental? Na última noite de Moonful eu... - Sua voz vacilou com a emoção e ela apertou o punho contra o peito. - Eu simplesmente não posso mais fazer isso, Odette. Não quero estar sozinha. Eu preciso dele.

- Não! Você terá um marido humano...

- Que não saberá o que fazer comigo nessas noites! - Eva terminou por ela, tentando desesperadamente fazer essa mulher que ajudou a criá-la entender.

- Eu vou ter que enfeitá-lo e esconder o que eu estou com ele. Você sabe o que a lua faz comigo. Você pode culpar-me de querer uma ligação com um de minha própria espécie? Apenas uma noite por mês.

Os olhos assustados de Odette procuraram os olhos de Eva. Depois de um longo momento, sua expressão se encheu de relutante aceitação. - Você irá continuar com o Lord Satyr, então? Não importa o que eu digo você vai deixá-lo entrar em sua cama?

- Eu não sei. Ele não pediu. -Eva soltou uma risada triste. - Mas talvez eu pergunte a ele. Você disse que o pó me impede de engravidar, mesmo quando ele está em seu estado mais potente durante lua cheia.

- Você não vai se deixar cair de amor por ele, não é?

Eva esfregou a mão na testa, sentindo-se subitamente cansada. Ela tinha sido desmamada por sua mãe e pelos contos de Odette deste mundo e seus pontos de vista sobre o funcionamento da mente dos homens. Em suas noções de como capturar e controlar um marido humano. Haveria sempre tanta pressão para seguir seus desejos. Para encontrar uma maneira de subir na hierarquia da sociedade humana que tinha repudiado Fantine há vinte dois anos atrás, considerando sua origem humilde demais para eles. Às vezes a ideia de vingança em uma sociedade que nunca tinha feito nada de mal para ela parecia tão inútil.

- Não, eu não vou cair de amor por ele. De qualquer forma, eu irei vê-lo novamente. - Disse Eva. - Nós entramos em uma transação comercial. Eu preciso fazer o trabalho pelo qual ele está me pagando. E eu não vou deixá-lo pensar que ele me feriu, - ela angustiou o queixo superior. - Ele não me machucará.

-Tudo bem, bebê. Tudo bem. - Odette a acalmou.

- Agora eu estou indo ajudar as meninas com suas aulas.

Ainda preocupada, Odette a assistiu sair. Certamente, Eva não seria tola o suficiente para se apaixonar como sua mãe. Ela era mais forte do que Fantine. Mas nada estava certo até que Eva estivesse casada em segurança com um ser humano.

Na manhã seguinte, Dane encontrou seus irmãos nas ruínas do Fórum rodeado por sete colinas de Roma, sob a proteção de uma grande tenda de lona branca. Como de costume, Bastian estava labutando mais alguns pedaços de pedras preciosas e cerâmica colocada em uma longa mesa. Dane assumiu que os achados eram mais importantes do que pareciam, Bastian era o responsável pelas escavações e sua atenção só era chamada para os mais raros e os mais ricos achados. Sevin estava largado em uma cadeira, às botas apoiadas em um caixote virado. Atrás dele estavam prateleiras forradas com ferramentas variadas, vasos, bustos, livros de referências, e uma cópia do mapa rolando de Giambattista Nolli, de Roma. Todos os lados da tela haviam sido enrolados salvo uma que havia sido deixado para baixo como uma parede que cortava os raios do sol brilhante italiano.

La fora, senhoras elegantes passeavam pelos caminhos de cascalho nas áreas de escavação que não tinham sido isoladas. Admirados olhos permaneciam na tenda, algumas esperando em vão que os três belos homens sob o toldo as observassem e ficassem presos em sua atenção.

- Isto me é inútil, - Dane jogou-se em uma cadeira vazia, e ficou mais uma vez de pé quase que imediatamente para começar uma nova estimulação. Apoiando as mãos no alto da barra de reforço acima da entrada da tenda, ele olhava para as ruínas.

- Estive durante esta escavação inteira três vezes nas duas semanas desde o meu retorno. E nada. Eu não reconheço nada, maldição. E eu não me lembro de nenhuma dessas malditas coisas. É como se eu nunca tivesse estado aqui.

Bastian olhou por cima de sua análise de um fragmento de terracota pintada. Ele estava usando um par de óculos que Dane nunca tinha visto sobre ele antes. Eles eram grossos e ampliavam muito seus olhos, obviamente, para fazer um trabalho mais minucioso. Ele deixou-os cair mais baixo em seu nariz e olhou para Dane sobre o topo deles.

- Nós fomos ao longo de todo o sítio também, muitas vezes. Especialmente a área onde você foi encontrado vagando após o seu regresso um ano após o seu desaparecimento.

- Mas as escavações que decorreram desde que você nos deixou. - Sevin expôs. - As coisas têm mudado ao longo de treze anos. Os entulhos da escavação alteraram a paisagem, o que torna quase impossível...

Dane bateu com o punho na barra com as mãos, fazendo tremer a tenda. - Eu não estou desistindo, maldição. Luc não está morto!

- Nós não estamos sugerindo que ele está. - Disse Bastian.

Sevin se endireitou, as botas batendo no chão. - Nós o sentimos conosco também. Aqui, - ele bateu o punho no peito. – Por mais absurdo que possa parecer para alguns, acreditamos que ele ainda está vivo, também. Mas tudo é obscuro e nada nos fornece nenhum sentido, nenhum indício, nenhuma prova quanto à sua existência ou sua localização. O que você quer nós façamos?

- Infernos se eu souber. - Cheio de energia inesgotável, Dane passeou pelo tapete que tinha sido colocado como um piso temporário. Ele pegou um vaso da mesa de trabalho de Bastian aleatoriamente, com descuido jogando-o de um lado para o outro. - Vou ter que começar de novo. Estou esquecendo algo. Eu sei que as pistas estão aqui em algum lugar, sob os nossos narizes. Fez uma pausa para examinar a urna que ele prendeu mais de perto. Estava descrito um velho homem batendo numa rapariga com varas de murta enquanto a seduzia com vinho. - Que diabo é essa coisa horrível?

- Uma inestimável relíquia usada uma vez no culto de Bona Dea, - Bastian informou a ele. Um súbito arrepio na espinha de Dane caiu como se uma nuvem tivesse encoberto o sol por um momento. Ele parecia perder-se no objeto, flutuando em uma memória recém-formada.

Bastian esticou o braço e tomou a urna dele, em seguida, o colocou de volta em seu lugar preciso em sua mesa meticulosamente organizada. Instantaneamente, Dane sacudiu a sensação macabra que tinha momentaneamente o prendido incapaz de lembrar exatamente o que acabara de acontecer.

- Nós queremos encontrar Luc tanto quanto você, - disse Bastian. – Foi por isso que busquei originalmente este tipo de trabalho, porque eu senti me levado a descobrir os segredos do Fórum. Eu ainda tenho a esperança de que eles vão nos levar a ele um dia.

- Então, você verá... - Sevin começou. Mas, de repente, Dane estendeu a mão interrompendo o discurso de seu irmão. Alguém estava por vir. Uma mulher. Eva.

- Excusez-moi, senhores? - Disse ela, entrando logo em seguida, e dobrando sua sombrinha fechada.

Na sua chegada, Seus irmãos ficaram em deferência. Ela estava tão bonita quanto se lembrava, tão fresca e fina, e vestida em um vestido cinza semelhante ao que estava vestindo no bosque. Seu corte puritano fez querer tirá-lo do seu modo, ele poderia traçar as curvas que ele agora sabia que estava abaixo dela. Ele se mexeu, prendendo seu casaco — seu pênis havia notado sua chegada também.

Um sorriso esvoaçou sobre os lábios de Sevin. Dane se moveu por trás de Bastian se distanciando dela, pois necessitava de tempo para se recuperar. Ele manteve a sua luxúria em rédea curta por todos estes anos, sem nunca sucumbir a ela, exceto durante o Moonful, quando seus instintos mais básicos o subjugavam. No entanto, no minuto em que ela chegou toda restrição havia partido e ele ficou imediatamente duro para ela. Ele não entendia isso. Não confiava nele.

Desconhecendo a natureza de seus pensamentos, Eva olhou para a coleção de porcelana de Bastian interessada.

- Eu espero não estar interrompendo. Levei minhas sobrinhas para passear pelas ruínas, esta manhã, e notei a sua tenda. Eu vim para ver Monsieur Dane e tratar de negócios pendentes.

- Seu olhar varreu por ele e seu rosto ficou aquecido.

Que negócio? E se ela tivesse vindo para criticá-lo por ele atacá-la ontem? Ou melhor, ainda, tinha ela vindo para terem mais do mesmo? Ele não se lembrava da última parte de seu encontro o que o fazia ficar desconfortável. Quando ele despertou novamente, ele estava de volta no bosque, em pé no centro do templo. Como ele havia deixado ela e retornado para casa era um mistério.

Observando a tensão entre eles, Bastian disse: - Desde que as maneiras de meu irmão tiraram férias esta manhã, eu vou me apresentar – Bastian Satyr. E este é Sevin.

- Irmãos de Dane. - Acrescentou Sevin, sua expressão cheia de curiosidade.

Ela sorriu e assentiu com a cabeça educadamente. - Evangeline Delacorte.

- A casamenteira, - disse Dane, cruzando os braços. Os olhos de Bastian se arregalaram enquanto iam para ele com evidente intriga. Sevin ergueu as sobrancelhas, sorrindo para ele sobre sua cabeça, Dane fez uma careta. Como ele, seus irmãos tinham assumido que uma casamenteira seria uma feia mulher de idade avançada e enrugada.

- Eu prefiro o termo Agente matrimonial. – Eva o corrigiu.

- Então Agente Matrimonial será. - Disse Sevin - Bem-vinda à nossa humilde tenda, mademoiselle.

- Minha, na verdade. - Bastian murmurou sarcasticamente.

Ignorando-o, Sevin pegou sua mão e beijou-a na forma francesa, no pulso. Quando ele se endireitou longe dela, uma carranca ligeira marcava sua testa. Ele enviou aos dois irmãos, um olhar. Ele questionou a falta de seu perfume também.

- Obrigado. - Eva sorriu lindamente para eles, alheia às correntes. Então ela virou-se para Dane, não olhando completamente em seus olhos. - Eu quero que você saiba que temos um encontro esta noite, - ela entregou-lhe um cartão com um endereço no Capitólio - Uma Pretender Gala.

- Você está me convidando para um baile? - Disse Dane, pegando o convite.

Ela assentiu com a cabeça. - No Palazzo Nuovo. É como o meu trabalho em seu nome vai continuar. Ao longo das próximas semanas, você e eu vamos participar de reuniões e entretenimentos onde haverá um número suficiente de moças solteiras adequadas da ancestralidade humana. Você vai se misturar. E eu vou observar. Vou facilitar sua introdução, conforme necessário. Depois de cada evento, vamos começar a reduzir a lista de candidatas.

Ela se virou para seus irmãos. - Eu devo esperar que vocês quisessem vir com ele? - Ela perguntou, olhando entre eles.

Sevin começou a concordar com os olhos brilhando com humor da noção de estar lá para testemunhar Dane de namoro com um bando de mulheres estranhas.

- Meus irmãos são para outras noivas, - Dane informou-lhe, olhando para seus irmãos e desafiando-os a contradizê-lo.

Tenaz, ela dirigiu outra pergunta a seus irmãos. - Oh. Por acaso, vocês estão à procura de matrimônio, também?

- Não! - Bastian e Sevin disseram, ao mesmo tempo. Sem movimento, cada um deles parecia retirar-se dela e de sua sugestão.

-Que Pena, - obviamente desapontada, ela entregou a cada um deles o seu cartão. - Me deixem saber se vocês mudarem de ideia.

Eva voltou-se para Dane, então, seu olhar mais direto do que tinha sido. Era como se ele estivesse se desfazendo. Ele teria que encontrar uma saída para a energia que o encheu, e rapidamente, ou ele não estava certo de que ele poderia manter-se de fazer algo estúpido. Algo com ela. Algo extremamente gratificante e que provavelmente causaria a volta de Dante.

- Você se importaria de passear pelas ruínas um pouco comigo? – ela perguntou, como se fossem só conhecidos de passagem, ignorando o fato de que ele esteve dentro dela ainda ontem. Ele queria arrastá-la para fora e cair atrás de uma das ruínas para lembrá-la de quão exatamente perto eles estiveram. - O clima hoje está bom e não tenho outro compromisso, eu quero falar com você.

Dane ficou feliz pela oportunidade de direcionar sua mente para algo diferente de prostituição, Dane levantou a aba da tenda para ela precedê-lo. Ele olhou para seus irmãos sobre sua cabeça e um ombro deslocado, em resposta à curiosidade que ele leu em seus rostos, por que ele não sabia o que ela queria dele. Então, ele estava fora com ela e eles estavam andando entre as ruínas, como se fossem seres humanos sem preocupação, tanto para desfrutar uma tarde de outono em conjunto.

- Eu quero agradecer pelo presente das azeitonas, - ela começou uma vez que estavam sozinhos. - E pelo pagamento. – Ela abriu a sombrinha com uma pressão diferente.

Dane olhou para ela. Ela parecia estranhamente irritada quanto ao pagamento, mas ele sorriu para si mesmo, imaginando que seu assessor financeiro duende devia ter ficado feliz. - Você poderia ter agradecido lá na tenda.

- Sim, é claro, - suas mãos seguravam o cabo da sombrinha mais apertado. - Bem, na verdade é que há outra razão pela qual eu queria falar com você em particular. Duas razões, na verdade.

- E elas são...?

- Uma é muito importante para mim; gostaria de pedir que você mantenha minha espécie em segredo.

- Em segredo dos seres humanos você quer dizer não é?
- De todos.
- Por quê? Você tem vergonha de ser uma mistura fey e humana?

Ela olhou para ele suplicante. - Oh, por favor. Considere o que poderia acontecer com as minhas meninas se... *fey e humana?*

- Ela arremessou uma olhada na tenda atrás deles. Então seu olhar saltou dele para estudar o horizonte, uma carranca estragando sua testa. - Seus irmãos sabe que eu sou... uma mestiça?

O que estava acontecendo aqui? Dane olhou por cima do ombro em direção à tenda. Bastian e Sevin estavam ombro a ombro descaradamente a observá-los. Tê-los em volta xeretando em seus negócios era algo com o que precisava habituar-se. Tinham estado juntos apenas metade de sua vida e tinha esquecido como era ter a família se imiscuindo acerca de seus negócios.

Ele tomou seu queixo em sua mão, mas ela não enfrentou seu olhar. - A primeira lição que um perseguidor aprende é que, quando um suspeito evita seus olhos há sempre uma mentira que paira sobre os lábios.

Eva se afastou dele e o olhou diretamente nos olhos. - É verdade que minha mãe deu-me seu sangue de fada para mim. No entanto, ela era uma cortesã e nunca me disse quem é meu pai e onde estava. Ele pode não ter sido humano como eu reivindico, mas eu acredito que ele está aqui em Roma. É uma das razões pelas quais eu vim aqui. Estou procurando por ele. Meu olhar é direto o suficiente para garantir-lhe que não estou mentindo?

Isso explicava sua reação estranha quando ela lhe disse que era fey e humana. Ela tinha falsificando a verdade como ele suspeitava. Mas isso não explicava por que ele não conseguia sentir o perfume dela. Talvez isso tivesse algo a ver com sua atração por ela. Ou com seu envolvimento com Dante.

- Eu vou te contar uma à verdade minha. Você é a única pessoa que eu fui incapaz de sentir o perfume. Isso me deixa curioso.

- Oh! - Ela disse soando um pouco alarmada. O ritmo de seus passos aumentou, como se ela quisesse fugir de suas palavras.

Ele pegou seu pulso detendo-a. - Você disse que tinha outro motivo para querer falar comigo em particular.

Sua outra mão apertada em seu guarda-sol e ela enviou-lhe um olhar inescrutável.

- Sim, claro. Bem... - Ela puxou longe e respirou para se fortalecer, olhando para longe. - Depois do jeito que você me deixou, eu não tinha certeza. Umm. Isso é... Ontem correu tudo a seu gosto?

Ela quis dizer...? Sim, seu rubor disse-lhe que ela quis. Como poderia duvidar de seu prazer? Ele tinha ido para ela como um animal voraz.

- Sim. - Ele rosnou. -Você foi de meu agrado, Eva. Sim, muito.

Ela arremessou outro olhar ao seu caminho e ruborizando novamente, começando a rodar a sombrinha. - Bem, nesse caso... Eu ia perguntar se você poderia possivelmente estar interessado em... em entrar em um acordo comigo, separado da intermediação de seu casamento. É completamente até você, é claro, e eu não ficarei chateada se recusar. E nós vamos simplesmente esquecer que eu mencionei que se...

Ele a interrompeu no que parecia ser uma frase que nunca terminaria. - Que tipo de acordo?

- Uma união. - Ela desabafou.

CAPÍTULO 09

Eva apertou os dedos enluvados sobre os lábios, como se mal conseguisse acreditar que ela realmente pronunciou as palavras.

Dane dificilmente poderia acreditar por si mesmo. Ela estava lhe oferecendo exatamente o que ele queria. O desejo que ela tinha acendido nele desde que ele a tinha visto na tenda saltou mais alto. Ele foi tentado a aceitar sua oferta e também se encontrou com o olhar nos monumentos das proximidades, pesando a sua adequação como locais para um encontro clandestino com ela nesse mesmo momento. Mas ele aprendeu bem as lições do passado, e seu primeiro instinto era sempre a desconfiança. Qualquer bondade era suspeita, qualquer oferta potencialmente nefasta.

Ela vagou fora do caminho e ele tomou seu cotovelo, redirecionando-a. - Cuidado aí. Você está em terreno movediço.

- Oh, eu sinto muito! - Disse ela, virando os olhos contritos para ele. - Eu não queria fazê-lo ficar desconfortável. Eu simplesmente...

- Você não entendeu. - Ele disse, apontando para uma pilha de entulho nas proximidades. - Bastian avisou-me que algumas das fundações daqui são particularmente instáveis movediças compreende?

- Movediço? - Ela olhou sobre eles.

- Algum tipo de rocha porosa deixados por antigos fluxos de lava. Os romanos utilizavam-no como material de construção nos velhos tempos, porque era facilmente transformado em tijolos. Mas o tempo e os elementos os têm corroído e tornado fraco. Havia uma caverna apenas ontem sobre a Muralha Serviana, - fez uma pausa, sorrindo em autodepreciação. - Como você vê meu irmão mais velho terá em breve me transformado em uma enciclopédia de antiguidades.

- Fiquei feliz em conhecer seus irmãos, - ela disse-lhe, mudando de assunto com um fervor aliviado. - Porque eu estou determinada a transformá-los em clientes na minha empresa.

- Então eu lhe desejo sorte e paciência.

- Tendo-os como clientes elevaria minha posição com o Conselho. E seus irmãos, certamente angariariam favores com eles também se eles decidissem se casar.

- Meus irmãos não se preocupam com o casamento ou o favor sobre o vencimento do Conselho. Eva, sobre a sua oferta...

Ela correu para falar mais, interrompendo-o. - O arranjo que sugeri seria só durante o Moonful. Uma vez por mês. Tire algum tempo para analisar a questão antes de você me dar à resposta. Ela acenou para alguém além dele. - Bem, aqui vem Lena e Mimi. Eu dei-lhe o endereço da festa. Você vai estar lá?

- Sim, mas... - Ele estendeu a mão para ela, mas ela se esquivou e deu-lhe um sorriso falso.

- Excelente. Então eu vou vê-lo lá as nove desta noite. E refazendo seu caminho sem o olhar novamente, ela saiu correndo.



Danação. Dane ficou lá, vendo-a saudar as meninas calorosamente. Ela era uma mãe nata. Desde que ele deveria casar, ele ficaria feliz em torna-la sua esposa, mas havia dois problemas: ela não era humana e ela não podia gerar seus filhos. Não se tinha tido a doença como ela reivindicou. Ela estava certa em procurar um marido humano, pois isso daria a ela mais segurança neste mundo. E o Conselho jamais sancionaria um casamento entre ela e um macho de Else, e certamente não com um sátiro como ele, do qual era esperado dar continuidade a espécie. Ainda assim, ele poderia continuar como seu amante. E o faria.

Logo à frente, Eva saudou uma mulher loira, que estava aparentemente cuidando das meninas. A mulher olhou em sua direção, em seguida, sussurrou algo para Eva. Elas estavam discutindo sobre ele.

Bastian subiu atrás dele, entregando-lhe a extremidade de uma fita. - Aqui, Sevin esta indo para seu salão, por isso você terá que me ajudar a medir essa parede.

Sua mente ainda estava em Eva, e Dane fez como Bastian pediu e eles esticaram a fita ao longo de uma de uma parede desmoronando.

- O que está acontecendo com ela? E você? - Bastian perguntou enquanto rascunhava uma notação em seu caderno.

Eles se moveram para o outro lado da parede e a mediram novamente antes que Dane respondesse.

- Duas noites atrás, no arvoredo, havia uma mulher.

Bastian escreveu outra notação. - Uma mulher? - Ele repetiu, parecendo distraído.

- Quero dizer antes das Nereidas.

Bastian olhou acima, a sua atenção capturada. - Uma estranha?

Dane assentiu. - Eu senti algo com ela.

- O que você quer dizer?

- Quer dizer, eu senti algo com uma mulher. Pela primeira vez na minha vida.

- Vá em frente, - Bastian disse, parecendo intrigado agora, enquanto eles se moviam para uma terceira aresta da parede e corriam a fita ao longo dela.

- Isso aconteceu logo após Dante ter tomado o controle. De repente, eu surgi do transe e ela estava lá. Comigo. Calmamente em meus braços. E eu estava duro, morrendo de vontade de fodê-la. Antes que eu pudesse fazê-lo, Dante voltou e eu fui forçado a sair novamente. A próxima coisa que eu me lembro de que eu acordei no templo naquela manhã com você e Sevin nas proximidades. E ela estava longe das vistas.

- Por que você não mencionou isso antes?

- Eu pensei que havia sonhado com ela, - parecia o mais provável, pois ele tinha tido muita imaginação e pesadelos depois de seu sequestro. Ele tinha ficado histérico e temeroso por um tempo, incapaz de distinguir o sonho da realidade. Considerado um risco para a segurança, as autoridades do Conselho o tinham levado de volta para Elseworld e ele foi preso e custodiado por médicos, que tinham usado seus tortuosos dispositivos médicos com ele para efetuar uma cura - Podia ainda estar em seus cuidados duvidosos se as Operações especiais não o tivessem recrutado por seus dons para rastreador. Seu programa de treinamento foi rigoroso, mas tinha dado estrutura para uma vida jovem que tinha sido rasgada. Ele aprendeu a sobreviver.

- Quem era está mulher, e como ela chegou a suas terras? Você havia encantado todo o perímetro do bosque. Eu senti aquela noite. Se ela foi capaz de penetrar sem ser incomodada, ela deve ter sangue de Elseworld. - Eles se moveram para o lado das ruínas, medindo pela última vez.

- Eu sei quem ela é, - Dane deixou cair à fita até a borda e pisou-a com a sua bota para fixá-la no lugar. - Evangeline Delacorte.

- A casamenteira? - a testa de Bastian levantou-se e seus olhos encontraram onde ela e seu grupo examinavam o Arco de Septímio na extremidade das ruínas. Enquanto as duas mulheres estavam ambas delicadamente escolhendo seu caminho, as crianças estavam fazendo um animado Jogo de pular de uma pedra para outra, sem tocar o chão. - Muita coincidência.

- Exatamente. - Disse Dane - Ela disse que tinha ido caçar azeitonas no bosque naquela noite.

-Azeitonas durante a noite? - Bastian ecoou, balançando a cabeça em dúvida. - E quando você foi a sua moradia ontem? Eu senti que você estava tendo muito prazer.

Danação, com seus irmãos ao redor outra vez ele definitivamente precisava de tempo para se acostumar. Dane atirou um olhar. - Eu estava com ela.

O olhar de Bastian chicoteou nele. - Você? Não era Dante? - Como se fosse colocar um ponto sobre as coisas, a sua fita de medição foi recolhida com um piscar de olhos enquanto ele terminava a sua notação.

- Estávamos nós dois. Eu e Dante estávamos lá todo o tempo, ou pelo menos quase todo. Eu ia e voltava. Eu estava lá no fim, eu me lembro do prazer de fato - Os cantos de seus lábios se curvaram em um meio sorriso.

- Deuses, você nunca tinha sentido seu próprio prazer.

- Nunca. E eu sou só estou contando para dizer-lhe o rumo que pode ter sobre esse mistério todo. Porque eu acho que ela poderia ser a chave para a localização de Luc. Não me lembro de onde nós fomos mantidos em cativeiro, mas se alguém tiver a memória do tempo com nossos sequestradores, ele deve ser Dante.

- Eu tive o mesmo pensamento no altar depois de que você o mencionou pela primeira vez ele. - Admitiu Bastian.

- Eu duvido que ele vá nos dar a informação se eu perguntar. - Disse Dane.

- Mas e se outro perguntar?

Os dois olharam para Eva e seu séquito. Ela estava cuidando de uma das meninas que parecia ter caído e arranhado o joelho.

- Eu não disse a ela sobre ele. Ela iria sair correndo e gritando. - Disse Dane.

- Talvez ela não tenha que saber. Talvez ela possa ser encantada tempo o suficiente para que ela possa servir como uma espécie de mediadora, permitindo-nos a questioná-lo, para desbloquear quaisquer segredos que ele guarde.

- Ela sugeriu uma ligação. - Admitiu Dane.

- Então eu fortemente sugiro que você concorde.



- Antes que eu esqueça, trouxe-lhe o creme que prometi, - disse Alexa Patrizzi quando Eva deixou Dane para acompanhá-la entre as ruínas.

Eva tomou o creme de sua amiga, perplexa.

- Para a pequena cicatriz de Lena. - Disse Alexa.

Ao ouvir a conversa Lena colocou dois dedos sobre a borda da pequena cicatriz no canto esquerdo da boca, olhando envergonhada por que seu defeito tinha sido notado.

- É de uma antiga receita de família, - continuou Alexa. - E basta olhar para a minha mãe se você quiser provas de que ele funciona. Nenhuma sarda, cicatriz ou uma ruga pode ser vista em sua face. É certo que vai ajudar a sua menina. - Alexa não percebeu a derrota em Lena por estar muito ocupada olhando para Dane e seus irmãos. A qualquer momento ela perguntaria sobre eles.

- Obrigado. - Eva disse simplesmente, e embolsou o pote sem examiná-lo, de modo a não deixar Lena constrangida ainda mais. Ela não pediu pelo creme, mas às vezes Alexa era excessivamente preocupada com as aparências exteriores.

- Vocês estão livres para explorar, mas não muito longe, - Eva falou para as meninas, sentindo o seu desejo delas de vagarem. - Basta ficarem onde eu posso ver vocês e que vocês possam me ver.

Enquanto as crianças corriam as pressas para brincarem, as duas mulheres se ligaram os braços para andar através das escavações juntas. Elas se conheceram há dois meses em um encontro de jovens senhoras, organizado por uma das matronas da sociedade, e elas formaram uma amizade instantânea. Antes em Elseworld, sua mamãe tinha exigido muito de sua atenção, e Odette a tinha guardado ferozmente às vezes. Como consequência, Eva não tinha muitos amigos em sua vida, e agora ela estava aprendendo o quão maravilhoso era a forma como tinha uma amizade.

Ela justificou a amizade para Odette, dizendo que as alianças com os seres humanos eram necessárias, parte da profissão de corretora matrimonial. A realização de incursões na camada superior da sociedade comprou-lhe o acesso a eventos onde seus clientes poderiam se misturar com parceiros elegíveis. No entanto, Eva e as meninas deviam ainda guardar as línguas em relação a determinados assuntos enquanto estavam na companhia de Alexa. Havia alguns segredos que não podiam ser confiados a seres humanos, mesmo esses sendo amigos.

- Obrigada por observar as meninas para mim. - Disse Eva.

- Certamente. Mas diga-me o que você estava fazendo com os infames senhores Satyr? - Alexa olhou atrás para indicar Bastian e Dane que pareciam estar medindo algo com uma fita.

- Infames?

- Bonitões, então. Altos, morenos e fortes. Eu preciso continuar?

Eva estudou as costas largas de Dane, que se moveu a sua maneira, lembrando a sensação de como o prendeu em suas mãos ontem em seu estúdio. Lembrando como sentiu seu cabelo sedoso entre os dedos. Como seu beijo tinha aquecido seus seios. Como forte e capaz sentiu o seu corpo contra o dela.

Quando ela tinha visto ele de novo agora, um desejo doce a havia perfurado. E se ela tivesse se feito de tola com ele? Será que ele achava que ela estava tentando se agarrar? Ela suspirou interiormente. Ela alimentava a memória de seu interlúdio apaixonado e não pode ser desculpa para o que ela tinha proposto a ele agora.

Ele era o único de Elseworld que tinha adivinhado a verdade, apesar dos pós que sempre tomou. Deveria significar alguma coisa. Essa união que ela tinha sugerido seria correta entre eles. Ainda assim, havia também o enigma de por que ele parecia ter esquecido o que ele sabia do seu sangue novamente. Era tudo muito desconcertante, e ela desejava discutir o assunto com a Alexa e reunir a sua opinião. Mas, evidentemente, que era impossível.

- Bem? É um segredo? - Alexa solicitou. - Eu vi o de óculos antes, e o outro que deixou a barraca mais cedo. Bastian e Sevin?

Eva concordou, sem surpresa que Alexa já os tivesse notado antes. Alto, ombros largos, e exalando confiança masculina, eram difíceis de perder.

- Eles são irmãos.
- Eu sei disso. Mas quem é o novo?
- Um terceiro irmão, Dane.

Alexa deu outra olhada sobre os homens que trabalhavam à distância por trás deles.

- Bondade. O que eles fizeram para serem cultivados em grande família.

Eva sorriu para si mesma. Sua amiga não tinha ideia. As duas mulheres andaram novamente, errantes através do Arco de Septímio Severo.

- Vamos lá, eu vi você falando com eles, - cutucou Alexa. - Como eles são?

Ela encolheu os ombros. - Inteligentes, ricos, bonitos.

Os olhos de Alexa se alargaram com o interesse feminino. - Como isso soa terrível! Disse ela compartilhando um sorriso. - Como você sabe que eles são?

- Através amigos, - Eva inventou. - Dane pretende se casar em breve, e eu estou ajudando-o com introduções na sociedade.

- Ele disse que tem quer se casar? - Alexa disse em surpresa. Seu olhar voltou-se para ele e ela com os olhos especulativamente.

- Ele não é para você. - Eva se apressou a acrescentar.

- Desmancha-prazeres, - Alexa suspirou. - Minha mãe não permitiria de qualquer maneira. Infelizmente, eu já estou comprometida de todos os modos, falta apenas à pergunta final do Signor Fitzgerald. Mas eu ainda posso olhar, não posso?

Elas compartilharam um sorriso. - Não há mau nenhum em olhar. - Eva concordou.

Alexa roubou outro olhar sobre Bastian e Dane. - Você pode imaginar uma noite de núpcias com um deles? Eu estaria com medo da minha sanidade! - Ela inclinou-se, sussurrando. - Eu Ouvi dizer que eles têm um segundo membro em suas calças.

- Não! - Eva tentou parecer chocada de forma convincente. E ela estava — chocada Alexa sabia!

Alexa soltou uma gargalhada. - É verdade, eu vos digo. E eu também ouvi dizer que eles conhecem bem o que fazer com os dois.

- Isso é um absurdo.
- Bem, é claro que é. Mas e se houvesse algo de verdade? Basta imaginar. - Disse Alexa.
- De onde você tirou esta informação tão precisa?

- Como todas as outras, é um rumor iniciado pela escavação de artefatos aqui no fórum. Foi-me dito por uma fonte confiável que há uma estátua particular de um sátiro

desfrutando de um Bacanal em um dos templos. Possui um cálice de vinho, tem pelos nas ancas, uma cauda, e dois membros, - ela inclinou-se para voltar a sussurrar. - As peças estão eretas no ponto para o entretenimento. - Ela abanava-se.

Ambas chocadas e divertidas ao mesmo tempo, Eva estourou em gargalhadas - Licença artística eu imagino. Você ficará satisfeita de saber que Dane se comprometeu a participar da noite de gala Pretender. Assim, você poderá julgá-lo por si mesma. Eu prevejo que você vai encontrá-lo completamente inofensivo.

Alexa amou lindamente. - Eu espero que não!

Eva riu novamente, aproveitando o seu senso de humor irreverente. A maioria das mulheres em Roma parecia ter um, mas os ricos normalmente os mantinham escondido. Quando ela eventualmente casasse em suas fileiras Eva prometeu que ela não seria tão dura. Afinal Alexa, não era, e ela era uma das mais ricas, estimada em todas as famílias de Roma!

E ela tinha um irmão muito elegível. Aquele que era rico, nobre, e humano. Um cavalheiro que preencheria todos os requisitos da mamãe de Eva. O casamento lhe proporcionaria segurança e também para aqueles em sua casa. Seria um bônus que ele fosse o irmão de sua melhor amiga.

Ela tinha protelado o bastante, mas então decidiu que ela iria definir suas visitas para o irmão de Alexa. Ela iria conquistá-lo e levá-lo como marido. Mas ela não teria seus filhos, por que o Conselho descobriria que ela mentiu sobre ter contraído a doença, e eles iriam revogar seu casamento e seu visto. Ela encontrar-se-ia rapidamente em Elseworld, obrigada a casar e engravidar os filhos do sátiro elegível seguinte em sua lista de criadores em linha para uma mulher. E isto, sem dúvida, revelaria a sua espécie.

Ela olhou disfarçadamente para Dane novamente, quando ela encontrou o olhar dele em retorno. Seus olhos se fecharam. A esta distância, ela não conseguia ler sua expressão. Mas algo sobre o conjunto de seus ombros parecia determinado.

Afastar-se dele seria a coisa mais difícil que já tinha feito, mas ela se forçou a fazer isso. Para colocá-lo firmemente na categoria de amante, não de marido. Ambos os homens que ela estava perseguindo estariam na gala de hoje à noite. Ela teria anseio por um, mas ela se casaria o outro.

CAPÍTULO 10

Quando Dane e Eva, entraram no Hall dos Imperadores no Palazzo Nuovo, naquela noite, eles foram recebidos com a música e a visão das pessoas vestidas de fadas, nereidas, e uma série de deuses romanos, deusas, e as criaturas do mito antigo. Dane pôs a mão na curva da parte inferior das costas de Eva e se inclinou para ela. - Você não me disse que seria a fantasia.

Eva estava muito mais consciente de seu toque casual do que em ajustar a máscara branca cintilante que ela usava sua única concessão às festividades. Eles se encontraram lá fora, no hall de entrada e agora se juntavam a multidão da elite da sociedade romana reunida aqui no palácio renascentista projetado pelo próprio Michelangelo. Esta sala na qual a festa estava sendo realizada, adicionalmente foi preenchida com estátuas e bustos dos imperadores romanos mortos há muito tempo. Os convidados entrelaçavam em torno deles pisando em cima de um piso com padrão de mármore preto e branco.

- Estou bastante certa de que mencionei que estaríamos a assistir a uma gala Pretender. - Eva disse a ele.

- E o que é isso exatamente?

- Uma festa em que as classes superiores fazem uma pretensão de trazer à vida os seres mitológicos. O trabalho do seu irmão mais velho nas ruínas do Fórum os inspirou. Cada vez que uma pequena descoberta é feita — um pouco de mosaico ou de um novo busto — isso é uma desculpa para celebrar uma nova festa. Estes eventos são uma característica constante da sociedade aqui em Roma nestes dias. - Ela fez um gesto em direção a dois homens que passavam ambos estavam vestidos como sátiro. - E já que você é a coisa real, não vi necessidade de um traje. Além disso, eu quero que as senhoras possam vê-lo como você está exibido ao máximo.

Ele suspirou. - Então, eu sou um pedaço de carne na janela de um açougueiro?

Divertindo-se com seu tom sofredor, Eva cometeu o erro de olhar para ele. Ele estava intensamente belo esta noite no escuro traje noturno. A aura de cada mulher que passou respondeu-lhe. Mas ela não queria compartilhar essa informação com ele ainda. Os homens, por vezes, ficavam nervosos quando sabiam que as mulheres estavam intensamente cientes deles. Era como se eles esperassem que as mulheres vagassem em uma nuvem, esquecidas de qualquer coisa remotamente associada a elementos da atração, deixando aos homens a fazer toda a escolha de parceiros.

A mão de Dane em suas costas era leve, mas a dirigiu com confiança entre a multidão. Ela descobriu nesta medida pequena seu domínio masculino sobre ela, e pelo momento era fácil fingir para si mesma que ela era sua e que ele era dela. Ele não tinha mencionado a oferta que ela tinha feito nas ruínas, mas isso estava entre eles, como um tabu no momento.

Colocando sua máscara, esta noite, ela se forçou a assumir a personalidade de uma Agente Matrimonial. Era hora de enviá-lo para selecionar outra mulher, que seria sua esposa. Casualmente, ela se afastou dele. - Eu gostaria de uma bebida. - Disse ela, de repente, precisando de alguma coisa para sustentar-se para a tarefa.

Quando Dane levantou duas taças de uma bandeja que passava e entregou um para ela, ela tomou conhecimento de outras criaturas de Elseworld que estavam aqui se misturando com os seres humanos fantasiados. Todos eram clandestinos e tomando cuidado para não se revelarem, mas Eva sentiu seus olhares furtivos. Uma consciência passou entre todos eles como se eles reconhecessem que eram membros de alguma organização secreta.

Duendes que ficavam na metade da altura de Dane faziam seu caminho através da multidão, tendo bandejas de bebidas e aperitivos em cima de suas cabeças. Eles frequentemente encontravam emprego de garçons neste mundo e eram facilmente treinados para tarefas como esta. Agora, executavam complicados giros e lançamentos que causava um estrondo de palmas entre os convidados.

Quando ela e Dane pararam debaixo de uma das estátuas de um grande centauro, um centauro real passou galopando. Ele piscou para eles. Ela sorriu secretamente e tomou um gole de sua bebida.

Dane a olhou questionador - Um conhecido?

- Um ex-cliente. Felizmente casado devido a meus esforços em seu nome deve acrescentar. - Disse ela mordazmente.

Seus olhos varreram a multidão, e ela se surpreendeu que os seres humanos fossem alheios às coisas que eram tão óbvias para ela e para Dane aqui nesta noite. — o brilho da pele, as asas feitas de carne ao invés de tecido e lantejoulas. Um centauro que parecia andar sobre duas pernas ao invés de suas quatro reais. Era impressionante que ninguém tinha ainda percebido que Earthworld tinha sido invadida por espécies de outro mundo.

- Como pode tantos indícios ser negligenciados. - Ela murmurou, sacudindo a cabeça.

- Eles veem apenas o que esperam — o que queremos que eles vejam. Mas um dia algo vai dar errado, e seus olhos se abrirão.

- Mais uma razão, para encontrarmos uma esposa para você o mais rapidamente possível, - disse ela dando-lhe um firme empurrão em silêncio. Ela iria enviá-lo fora como ela tinha que fazer enquanto concentraria sua mente em outro negócio aqui esta noite, à procura de seu pai e o cortejo do irmão de Alexa.

- E o que me diz de seu marido? - Dane perguntou. - Quem irá definir o escolhido?

Ele seria um leitor de mentes?

- Seu futuro cônjuge pode ser meu negócio, mas o meu não é assunto seu. - Ela devolveu, colocando sua bebida em uma bandeja que passava, ela lhe entregou um cartão de seu bolso.

- O que é isso? - Ele perguntou, parecendo cauteloso.

- Seu cartão de compromisso para esta noite.

- Cinco nomes? Você esteve ocupada. - Disse ele, colocando o cartão em um bolso, como se pretendesse ignorá-lo.

- Em alguns instantes, vou apresentá-lo a todas as cinco senhoras que eu escolhi como candidatas - Ela advertiu - Você pode fazer suas próprias opções adicionais como preferir. Essa parte é mutável. Uma vez separadas, você deve dançar e conversar com qualquer uma que ache que poderá ser uma candidata. Mas se você ficar distraído demais com uma, espere minha interrupção. Não mais do que duas danças por mulher, nenhuma consecutiva, e eu quero vê-lo circulando.

- Eu serei seu escravo.

Ela piscou com um sorriso provocador. - Estou feliz que você entende o meu papel nas coisas. Seu objetivo esta noite se associar a uma grande variedade de potenciais parceiras. Uma vez que você seja suficientemente introduzido, eu vou te deixar livre para vagar como quiser.

- E para onde você irá?

- Eu em contrapartida ficarei observando. Sua aura irá reagir às parceiras mais adequadas. Estarei tomando notas mentalmente. E se você quiser ser resgatado de uma situação desconfortável, apenas faça um sinal, passando a sua mão direita através de seu cabelo. - Ela colocou a mão em seu braço.

- Venha, eu vejo os anfitriões. Deixe-me começar as apresentações.

- E se em suas mentes estivermos comprometidos por termos vindos juntos isso não será um impedimento para encontrar possíveis candidatas? - Ele perguntou enquanto caminhavam através do salão.

- Estamos em 1880, Lord, - ela informou a ele. - As regras da sociedade não são tão rigorosas como antigamente foram. Homens e mulheres podem se encontrar em público, agora como amigos sem incorrer em indevido controle. E se você aceitou ver senhoras na companhia de outra mulher lhes dará confiança de que você é seguro. Uma boa escolha para um marido.

No meio da multidão, alguém esbarrou nela e ele a puxou de volta contra ele.

- Seguro? - ele sussurrou contra seus cabelos. - É isso que uma mulher realmente quer no seu marido?

O coração de Eva trovejava em seus ouvidos e ela se deixou derreter contra ele por um momento roubado. - É o que eu quero. Mas só no meu marido, não no meu...

- Amante?

A multidão se espalhou e ela se afastou. Sorrindo educadamente enquanto eles se juntavam as matronas, ela começou as apresentações, que os levou em um circuito ao redor da sala e transcorreu há próxima meia hora.

- Evangeline! - Era Alexa Patrizzi, toda sorridente e vestida como uma Vênus vestida de pêssego. Alexa abraçou-a e, em seguida, olhou coquete para Dane, silenciosamente implorando uma apresentação.

Eva enviou-lhe uma pequena carranca.

- Você disse que eu era para julgá-lo por mim mesma, - Murmurou Alexa em um tom inocente de lado.

- Signorina Patrizzi, Signor Satyr. - Disse Eva, curvando-se para o inevitável. Alexa poderia ser obstinada quando queria alguma coisa. No entanto, Eva ficou feliz por que, embora a aura de sua amiga estivesse animada pela presença de Dane, a dele permaneceu calma e constante. Eva ficou grande parte em silêncio enquanto eles conversavam rapidamente, mas quando várias outras amigas de Alexa se juntou a seu círculo, Eva se dispôs a desvanecer-se na multidão, pensando que ninguém notaria. Mas, quando ela deu um passo atrás, uma mão forte e masculina agarrou seu braço.

Dane inclinou-se para que apenas ela ouvisse. - Você vai ficar bem e irá me observar?

- É claro. - Ela disse surpresa. Nenhum dos seus outros clientes tinham se incomodado querendo saber se ela era leal apenas a estes encontros.

- Nenhuma instrução ou conselho de ultima hora? - Ele brincou.

- Só que você deve ser educado e encantador, e que pese bem as candidatas. Lembre-se, você está selecionando a... mãe de seus filhos. - Era o mesmo conselho que deu para todos os seus clientes do sexo masculino antes de liberá-los, mas agora por alguma razão, ela tropeçou nas palavras. Embaraçada, ela torceu o braço ligeiramente e ele o soltou.

No entanto, tolamente enquanto ela se afastava desejou que ele tivesse continuado a segurá-la.

Uma mão enluvada segurou seu pulso enquanto Eva tecia seu caminho através da multidão. - Mais uma Vênus, - disse uma voz culta masculina. - Eu avisei a minha irmã que a escolha do seu traje estava destinada a encontrar muita concorrência aqui esta noite.

Eva se virou para ver o irmão de Alexa, o muito bonito, muito rico, muito loiro, e bastante solteiro descendente da família Patrizzi. De origem impecável, sua família era uma das mais poderosas de Roma durante um século ou mais. Uma década mais velho do que ela, era distinto e estável, e uma escolha adequada para ela. Ao contrário de Dane.

- Signor Patrizzi. - Eva arrastou seus pensamentos de Dane e conseguiu dar um sorriso e até mesmo uma pequena medida para o homem que tinha em pensamento transformar em marido. - A estátua de Vênus do Capitólio aqui no palácio inspira muitas como a sua irmã não como uma fantasia. No entanto, eu não estou em traje completo,

como tenho certeza de que você está ciente. Mas deixe-me vê-lo, - o seu olhar o varreu considerando. - Você usa o raio. Você está de Júpiter, rei dos deuses?

- Exatamente. E como governante do céu, tenho a honra de comandar que você dance comigo. - ele disse, oferecendo seu braço quando os músicos os surpreenderam.

Ele estava atraído por ela. Ela sabia já há algum tempo, mas porque as fofoqueiras estavam sempre observando, ele raramente tão descaradamente escolheu-a para sair. Embora ela não quisesse nada mais naquele momento do que deixá-lo e se afastar para algum local isolado onde pudesse observar Dane de longe, ela lhe sorriu e pegou seu braço, deixando-o guiá-la para a companhia de outros dançarinos.

Ela dançou com ele antes e encontrou o seu toque elegante e sua suave aura bastante agradável, mas agora isso a irritou. Por quê? Nada havia mudado, exceto... seus olhos encontraram Dane no outro lado da sala. Uma mulher bonita de cabelos castanhos estava flertando com ele agora. Sua aura rosa brilhante estendeu para ele, como se para envolvê-lo acima de seu próprio e especial presente e amarrá-lo com um arco. Ela estava atraída por ele. Muito atraída. Mas como com todas as outras mulheres em sua órbita, a aura prateada de Dane não se mexeu para ela.

Sentindo-se egoisticamente aliviada, Eva enviou a seu parceiro um sorriso deslumbrante. Seus dedos apertaram-na e ele balançou mais profundamente entre os dançarinos, e ela perdeu a visão de Dane.

- Você se mantém um pouco atenta sobre esse cavalheiro. – Ele comentou.

Surpresa, ela olhou para ele. Ele angulou sua cabeça na direção de Dane para indicar de quem ele estava falando.

Ele continuou: - Não achou que eu notaria? Eu estou interessado em você, você não notou? Perdoe-me se eu sou um pouco ciumento.

Esta declaração deveria tê-la alegrado, mas só a fez um pouco deprimida.

- Você não precisa ser, - disse ela. - Nós somos apenas conhecidos. Ele é novo na sociedade e seus interesses estão voltados para o casamento. Eu estou ajudando-o a estabelecer uma parceira adequada.

Ele riu, chamando a atenção a sua maneira. - Você é uma mediadora?

Ela encolheu os ombros, irritada com a forma denegrida e disse a ele. - Isso me diverte. Tenho uma intuição para assuntos do coração.

- Mas que fascinante, - disse ele. - Eu não tinha ideia de que você realmente fosse uma Vênus. Diga-me como você atua para ajudá-lo.

- Simplesmente faço as apresentações - Disse ela, em seguida, ela forçou a conversa em uma direção mais agradável. - Diga-me, senhor, o que você está esperando para se casar?

Ele percebeu isso como um flerte, e se lançou em brincadeiras para distraí-la. Ele era tão fácil como sua irmã, e ela descobriu que podia relaxar com ele, ignorando-o por

extensões de tempo e então facilmente pegando o fio da conversa para oferecer respostas sensatas. Na verdade, ela estava se sentindo um pouco entediada em sua companhia. Estranho, porque tinham se encontrado uma meia dúzia de vezes antes, e ela não havia sentido entediada por ele, então até agora.

Os músicos tinham parado de tocar, mas sua mão enluvada apertou a dela.

- Outra dança?

Ela forçou uma covinha em seu rosto. -Isso não seria um pouco escandaloso? – Era o equivale a um anúncio de um noivado, com certeza ele sabia disso.

Ele chegou mais perto. - Eu vou arriscar.

Mas ela queria arriscar? Ela sabia que deveria toma-lo em cima dele. Ela deveria roubá-lo para fora em uma varanda mais tarde e esperar que ele reunisse coragem de beijá-la. Seria um selo para sua aliança. *O que ela estava esperando?*

Ela virou-se para olhar para Dane. Três moças o cercavam agora. E ele estava passando a sua mão direita pelo cabelo com o sinal de que ele precisava dela!

- Oh, querida. - Ela olhou para seu namorado. Uma proposta parecia estar pairando nos lábios. Dane estava arruinando esta chance para ela. Mas ela não estava arrependida.

- Você vai ter que me perdoar, eu...

- Aí está você querido. - Disse uma voz feminina perfeitamente modulada por trás deles. Eles se viraram para ver a matriarca do clã Patrizzi, Serafina. Ela trazia uma bela jovem a reboque, uma destinada obviamente, para seu filho. Ela assentiu com firmeza para Eva e então lhe disse: - Você se lembra da Signorina Claiborne?

Após um pouco de conversa durante a qual a Signora Patrizzi conseguiu em grande parte excluir Eva, seu filho logo foi emparelhado com esta nova parceira, embora ele não parecesse satisfeito com isso.

Enquanto isso, do outro lado do salão, Dane estava quase deixando o couro cabeludo careca de tanto esfregar com a mão direita.

- Por favor, desculpem-me. - Não esperando ser desculpada - Eva deixou sua atual companhia e se dirigiu para Dane.

Eva deslizou no grupo em torno de Dane, que consistia em três dos nomes no cartão que ela lhe dera, assim como de três outras senhoras. Todas as elegíveis. Todas interessadas nele, se as suas auras eram qualquer indicação. Ela tentou não pensar nelas em sua cama, beijando-lhe os lábios, pressionando seu corpo ao delas, e que se deslocando entre...

Não! Ela só deveria pensar nessas mulheres como objetos em uma prateleira. Dane iria escolher uma só, como se... como se compra um chapéu. E nesse sentido, Eva iria funcionar apenas como uma lojista, ajudando-o a fazer uma seleção. Ela não poderia

imaginar como ou onde ele usaria o chapéu, uma vez que ele o comprasse. Ou o quanto ele poderia vir a amá-la com o tempo.

Tentando não atrair a atenção para si mesma, ela olhou para ele questionando silenciosa. Por que ele a chamava?

- Ah, minhas senhoras, queiram me perdoar. - ele anunciou. - Eu prometi esta valsa a Mademoiselle Delacorte.

Com um arco em direção a seis rostos entristecidos – Dane tomou -lhe o braço e puxou-a para o meio dos dançarinos. Ele estava quente e tinha cheiro de perfumes diferentes, tendo dançado com várias mulheres. Isso a irritava.

- Você deu o sinal. O que há de errado? - Ela perguntou, em tom cortante.

Ele olhou para ela por um longo momento, depois um ligeiro sorriso tocou seus lábios. - Perdi você.

- O quê? - Ela estremeceu em um impasse. - Isto não é uma piada, Dane.

Ele arrebatou-a mais uma vez, ela quase perdeu o ritmo. - Eu não estava brincando. Quando ela abriu os lábios para repreendê-lo novamente, ele adicionou mais seriamente. - Eu queria avisá-la sobre o homem com quem você estava. - Ele apontou para o irmão de Alexa.

Então ele tinha notado-os juntos.

- O que tem sobre ele? Sua irmã é minha querida amiga e ele...

- É um asno pomposo.

Ela suspirou. - Um caso de que é necessário um para conhecer outro?

- Talvez. - Disse sem se arrepender.

- Ele não é da sua conta, nem minha ligação com ele. - disse Eva com firmeza. – E quanto a você, está provando ser um assunto bastante difícil e eu estou com medo. Você já sentiu um particular interesse em qualquer uma das senhoras aqui até agora?

Ele deu de ombros. - Elas são todas iguais.

- Talvez no primeiro momento, mas a Signorina De Luca é considerada uma grande sagacidade. E a Signorina Constazio é muito bem instruída e aprecia bastante o quebra-cabeça da imagem. Você disse que gostava de quebra-cabeças.

- Ah, sim, eu me lembro. Naquele dia, em seu estudo. - Seus olhos brilharam diabolicamente. - Como também me lembro de muitos detalhes daquela tarde de prazer.

Ela corou como ele havia pretendido. De repente, a oferta que tinha feito nas ruínas temperou o ar entre eles com a promessa.

Ele a puxou mais perto. - Venha comigo para casa, onde poderemos ficar mais a vontade em particular.

- O quê? - Ela olhou dentro dos olhos de prata cintilante. Sua aura estava constante, certo, chegando a sua como não tinha chegado a das outras.

- Sua oferta de uma ligação. Estou aceitando isso, Eva. Venha para casa comigo. Não há ninguém aqui que eu queira.

- Você quer dizer agora? – Calor tingiu seu rosto e ela se sentia um pouco fraca. Não, eles deviam esperar. Mentalmente, ela contou as noites até o Moonful, até que ela poderia tê-lo. Havia demasiadas noites ainda.

Sua mão penetrou a sua nuca, quente e seguro. - Lembra-se de como foi entre nós? - Ele a persuadiu. - Nós poderíamos ter, novamente, em poucos minutos a partir de agora, em minha carruagem. Na minha cama. Contra a minha parede. Eu dentro de você. Venha. - Ele parou de dançar e tomou-lhe a mão, puxando-a para a saída mais próxima. Ela já estava do outro lado do salão com ele quando se recordou e se afastou.

- Pare! Eu não queria dizer esta n-noite, - ela gaguejou, apertando as mãos juntas em sua cintura.

- Por que não esta noite?

Porque você pode tornar-se viciante. Porque se eu estiver com você muitas vezes, eu irei querer dar-lhe meu coração e você poderá quebrá-lo. Porque eu não quero acabar como minha mamãe. – Ela pensou, porém disse: - Porque seria imprudente formar um hábito tão casual. Estou feliz que você está de acordo com a minha proposta, mas...

- Só por prazer?

- Muito prazer, então. - Ele era muito arrogante. Muito confiante. Precisamente o tipo de homem que ela desejava para si. Mas não podia deixar-se querê-lo muito.

- Como eu te disse, eu quero reservar o ponto de encontro para as noites de Moonful exclusivamente. Para aqueles momentos em que nossos cônjuges humanos simplesmente não irão nos ser úteis.

- Nenhum de nós é casado ainda.

Ela franziu o cenho. - Eu poderia ter me comprometido um momento atrás, se você não tivesse chorasse pedindo ajuda.

- Com aquele idiota com quem você estava dançando? - Sua indignação só atiçou o fogo entre eles.

- Chega. - ela disse friamente - Vamos adiar essa discussão. Se você deseja continuar como meu cliente, você irá reservar os seus comentários para a tarefa que temos esta noite. Que é o de encontrar a sua nova esposa.

Ele enfiou as mãos nos bolsos, olhando irritado. - Basta escolher qualquer uma delas para mim e será feito com ela.

- Eu não vou fazer tal coisa. - disse ela, horrorizada. - Esta será a mulher que você vai ter que viver pelo resto de sua vida!

- Difícilmente. Tenciono colocá-la em uma casa própria e visitar sua cama apenas o tempo suficiente para obter uma criança. Enquanto ela for uma mulher decente e de natureza respeitável ela ira me agradar.

- Você realmente quer que eu escolha a sua esposa?

Ele balançou a cabeça. - Você provavelmente fará uma melhor escolha do que eu. E enquanto nós estamos nisso, porque não deixar-me escolher o seu marido em troca?

Eva expulsou um suspiro aborrecido. - Nesse caso, sua tarefa seria muito mais fácil do que a minha. Porque eu já o escolhi.

- Patrizzi? - Um músculo se contraiu no rosto de Dane em seu breve aceno de cabeça - Um pouco velho para você, não é?

- O quê!!? Não!

- Perdoe-me, eu extrapolei. - Deu-lhe uma paródia resumida de uma curvatura - Eu não tenho dúvida de que ele vá cair aos seus pés.

Ela ainda o ouviu murmurar algo mais em relação ao outro homem, fazê-lo devido à exigência de uma bengala para um idoso, mas ela preferiu ignorar isso e apenas encolheu os ombros. - É Claro, eu pareço com minha mamãe. Mas eu sou mais esperta do que ela. Eu não vou deixar que desejos rebeldes se sobreponham a mim. Agora, circulemos. No próximo encontro, eu vou esperar um relatório completo a respeito de você, pelo menos, duas senhoras que você conheceu hoje a quem você admira.

Eva o perseguiu através da sala e se recolheu a um canto. Lá, ela planejava alimentar secretamente sua obsessão com ele, observando-lhe e enchendo seu coração pelo o resto da noite. Mas não foi isso que aconteceu, uma voz falou em seu cotovelo apenas um momento posterior.

- Ele é bonito.

Eva se virou para ver a Signora Patrizzi ao lado dela. Ela também estava olhando Dane e aparentemente a viu observá-lo. Ela era uma mulher extraordinariamente bonita, mas Eva perversamente se perguntou o que ela pensaria se soubesse que sua aura era uma sombra negra e desinteressante.

- Signora. - Eva cumprimentou com a cabeça educadamente para ela, mas ignorou-a na conversação, esperando em vão que ela pudesse deixar o assunto Dane de lado.

No entanto Serafina, apenas colocou o leque esvoaçante para disfarçar o fato de que elas estavam conversando. - Eu espero que você não tenha ajustado suas vistas sobre o meu filho - disse ela casualmente. - Ele é bem consciente de que está destinado para coisas melhores.

A ira de Eva emergiu. Mulheres como esta tinham golpeado a autoestima de sua mãe. - Se você estivesse tão confiante disso não estaria aqui agora me alertando para sair de seu caminho.

Serafina acenou educadamente para um conhecido na sala. - Eu não queria incomodá-la. Eu só queria poupar algum esforço inútil e um inevitável desapontamento. Boa noite, signorina. - Disse ela, e depois partiu sem uma palavra, deixando Eva encharcada em seu próprio aborrecimento.

-“Bruxa velha” - Murmurou uma voz.

Eva olhou ao redor. Uma bandeja de descanso a alguns metros se levantava a alguns centímetros, revelando um duende sorrindo sob ela. Ela fez uma careta.

- Pinot? O que você está fazendo aqui?

A diversão em seus olhos desapareceu enquanto ele baixava a bandeja para descansar em sua cabeça. - Eu estou trabalhando, o que lhe parece? Eu gosto de ganhar um pouco de dinheiro para a casa quando posso. Eu não preciso ter duas mulheres para me manter.

- Espionando soa melhor. Você não me engana.

Os garçons tinham muita privacidade embaixo das bandejas, e Eva estava bem ciente de que alguns se aproveitavam. As mãos de um duende sempre estavam ocupadas, a roubar uma bolsa ocasional ou um relógio de ouro, ou às vezes até os bolsos dos convidados apenas para se divertir.

- Um pouco disso também. As pessoas esquecem que estamos sob essas bandejas. Porque elas não nos veem, elas acham que não temos orelhas. Faz com que seja mais fácil de conhecer as novidades. - Pinot balançou para frente e para trás sobre os calcanhares, arrogante. - Sim, são muitas novidades a serem aprendidas.

- Tais como?

-Tais como a notícia sobre certo cavalheiro que está listado no pequeno livro de sua mamãe. Um Signor Rrrusso, disse Pinot, rolando os Rs de uma forma exagerada, para zombar do elevado status social do cavalheiro.- Eu tenho autoridade para dizer que ele esta bem ali, por aquela estátua.

Russo foi o primeiro dos nomes em sua curta lista de candidatos a serem seu pai. Animada, Eva seguiu o olhar de Pinot.

- Que estátua? Há centenas aqui. Qual a aparência dele?

- É difícil perder ele. Ele é o mais alto dos três irmãos da Misericórdia — os Irmãos de Mercy. Lá, todos trajados de preto como altos e magros corvos. Dá-me arrepios.

Eva encontrou o trio com os olhos. Seus capuzes negros foram jogados para trás sobre seus ombros e suas vestes longas espanavam no chão. Eles colocaram máscaras de seda preta parcialmente encobrindo seus rostos.

Os irmãos verdadeiros eram monges capuchinhos, que faziam obras de caridade. Eles estavam sempre em funerais e nas ruas da cidade enquanto corriam desesperadamente com os doentes em macas na direção do hospital. Mas eles nunca estiveram presentes nos bailes.

- Porque eles estão vestidos daquele jeito? Os capuchinhos não são exatamente criaturas do mito romano. - Ela observou.

- Quem sabe? Mas um dos garçons que esta trabalhando aqui é da casa de Russo. É ele, sim, mas ele não é monge.

- Não, eu imaginei que não era. - Ela deu-lhe uma tapinha no ombro disfarçadamente e, em seguida, dirigiu-se para o trio de preto com capuz.

- Obrigado, Pinot. Acho que vou derivar por este caminho.

- Não tão rápido. - Pinot abandonou sua bandeja e correu atrás dela. - Eu estou indo. Odette me despedaça se alguma coisa acontecer com você. Além disso, eu quero escutar um pouco mais.

Eva virou-se para evitá-lo.

Mas Pinot apontou à frente deles.

- Não há tempo para discutir. Ele está fugindo!



- Gaetano!

Gaetano Patrizzi estava na janela grande na frente do Grande Palazzo Nuovo Hall, torcendo o anel de ouro em seu dedo mindinho ao ver Eva escapar. Dois andares abaixo, a estátua equestre do imperador Marco Aurélio sentava-se sobre um pedestal no centro da praça, brilhando à luz das tochas vacilantes. Duas figuras passaram correndo ao longo da calçada em preto e branco trapezoidal. Evangeline e seu gnomo um pouco estranho estavam se afastando da Gala Pretender a pé.

Quando ele eventualmente a desposasse, Gaetano planejava ter certeza de que o cretino desaparecesse de sua comitiva, à força se necessário. E ela não poderia estar dançando ou confraternizar-se com o seu inimigo, — Lord fodido Dane Satyr — nunca mais, ou seus irmãos também.

Tendo-a marcado, Gaetano tinha a intenção de segui-la como uma abelha atrás de mel, mas agora parecia que estava a ser atacado pela última pessoa que ele sentia vontade de conversar. Sua mãe, Serafina.

- Gaetano, eu estou falando com você. - Disse ela à sua maneira imperiosa.

- Sim, o que é isso? - Atrás deles, os músicos tocando, e o barulho da conversa era ensurdecador. Mas aqui neste recanto, podiam ficar clandestinos em sua discussão.

- É impossível encontrar você ultimamente. Colocando-se de costas para a janela por onde ele observava, ela inclinou-se para ele - Sergio queixou-se que nossas cargas

estão ficando inquietos. Ele requer soro fresco. Por que você não recolheram as azeitonas para fazer mais?

A raiva aumentou dentro dele, e de repente ele estava contente com a notícia que estava para dar. Ele virou-se em sua direção, querendo ver seu rosto quando ele lhe dissesse. - Porque eu perdi o bosque.

- O quê? - Ela perguntou inexpressivamente.

Ele cruzou braços e encostou-se com um ombro contra o vidro, tendo prazer em virar a faca. - Eu o perdi. Em um jogo de cartas. - E agora o golpe final - Para Dane Satyr. - Com rosto manchado ela só conseguia olhar para ele. Deixá-la sem fala pela primeira vez o fez se sentir poderoso.

Um aperto afiado veio em suas costelas e ele gritou. - Dane-se tudo, mamãe!

- Se estivéssemos sozinho, eu ia te dar um tapa bem, - ela disse a ele, impenitente - Isto poderia arruinar-nos, você vira-lata inútil. Oh, por que eu fui amaldiçoada com um filho assim?

Suas mãos se apertaram em punhos ao seu lado. Ele foi o único que tinha sido amaldiçoado. Ela tinha muito a pagar. Um dia desses...

- Eu irei falar com nossos advogados amanhã e coloca-los em uma abordagem ao Satyr com uma oferta. Temos que manter o controle do desse arvoredor. Nossos negócios não podem ser perdidos por tão pouco.

- Qual é o problema Mãe? Medo de que sua boa aparência vá desaparecer se você não tiver os seus cremes e loções?

- Cale a boca, idiota. Isso não é tudo o que está em jogo. Se a notícia de nosso trabalho vazar, nossa reputação estará em frangalhos. A fortuna da família irá desaparecer em um instante. - O rosto dela ficou conivente. - Mas os Satyr têm mais a perder do que nós. Seu mundo inteiro seria exposto se contássemos os segredos que nós sabemos. Ele e sua família seriam presos como anormais temíveis.

Gaetano se voltou para a janela. Eva não estava mais a vista. - Se você acha que ele vai vender a terra de volta para nós, pense novamente. Eu ofereci a ele logo depois que eu perdi e outra vez desde então. Eu vi o quanto ele a queria. Chamou-a de sua herança.

- Só porque algum antepassado distante seu plantou suas árvores, não lhe dão direito a elas. E eu gostaria de o ver provar sua alegação, sem revelar o que ele é. Eu vou fazer uma oferta a ele. Se ele não enxergar as coisas a nossa maneira, nossos advogados irão processá-lo.

- Seus irmãos poderiam ter algo a dizer sobre isso. Eles adquiriram alguns aliados poderosos no governo. Especialmente o mais velho, Bastian. Seus achados no Fórum são o que lhe valeu amigos nos lugares mais altos.

- Vou gerir alguma coisa. Nós vamos ter o bosque de volta, você não duvide. As mulheres não deixaram de limpar a confusão de um homem, como sempre. - Enviou-lhe um olhar de desgosto.

- O que vocês dois estão discutindo? - perguntou Alexa, mais próxima a eles. - É uma festa. Tempo para desfrutarmos. Haverá tempo suficiente para brigar amanhã.

- O que me lembra. - Serafina continuou ao passar repreendendo-o sem parar. - Eu não aprovo você se misturando com a pequena amiga de Alexa.

- Eva? - Perguntou Alexa.

Gaetano rilhou seus dentes. - Ela é mais preferível à sua escolha para mim. A menina Claiborne tem o rosto de um cavalo.

- E a conta bancaria de Midas, bem como um bom pedigree - Serafina repreendeu. - Depois de dizer-me que você perdeu o bosque, não estou em clima de humor para deixar que você entre em relação com uma torta francesa.

- Não fale dessa maneira sobre Eva, - disse Alexa. - Você mal a conhece. E o que isso significa que ele perdeu o bosque?

- Quero dizer que ele perdeu nosso olival no Aventino. Em um jogo de cartas. Para Dane Satyr. Agora eu devo contratar advogados para recuperá-lo. - disse ela.

- Então vá e siga em frente, e me deixe em paz. Quanto à torta francesa, eu pretendo casar com ela. - Disse Gaetano. Ele teria prosseguido com Eva independentemente, mas era um bônus que sua mãe detestasse a ideia.

- Esposa? Pois sim, - zombou Serafina. - Você irá parar de correr atrás dela. Nada pode se mais vergonhoso. Ela mora em uma casa alugada, por amor de Deus. E ela não chega nem perto de nosso status. Não, eu penso que não.

O estomago de Gaetano rolou de raiva. Eva não tinha as maneiras polidas e afetadas como as mulheres que sua mãe escolheu para ele. Mas um homem não se preocupa com essas coisas. Ele queria Evangeline Delacorte, e por Deus que ele ia tê-la. Alexa colocou uma mão de conforto em seu braço, mas ele apertou-a fora. Eles sempre se deram bem o suficiente, mas a vontade de Alexa para pacificar sua mãe estava começando a irritá-lo.

- Não deve você está confundida, mãe? - Honestamente, às vezes, ele queria acabar com ela.

Serafina assentiu. - Eu vejo o nosso advogado por lá. Assim como eu poderia abordar o assunto de nossa pequena dificuldade.

- Ou eu poderia casar com ele. - Alexa se ofereceu fazendo que dois pares de olhos assustados se voltassem para ela.

- Com quem, o advogado? - Perguntou Gaetano - Como isso iria ajudar?

Serafina olhou para ela, intrigada. - Você sempre foi minha alegria. Você estaria disposta?

- Você quer casar com o Satyr? - Gaetano exigiu, fumegando. Quando ele finalmente compreendeu as coisas. - Não, eu proíbo!

- Honestamente Tano, como se você tivesse poder para proibir qualquer coisa. Vamos Alexa, vamos discutir esse assunto, sem a distração de seu irmão. - Disse Serafina. Com um tímido farfalhar de suas saias, ela pegou o braço de Alexa e a fez deixá-lo. Mas antes delas partirem, ela não poderia resistir uma escavação do passado. - Lembre-se eu mantenho os cordões à bolsa nesta família, e tenho certeza que o jogo iria sofrer se você fosse cortado. Vamos dançar, esta noite será a última vez que você desfruta da sua pequena mademoiselle.

Depois de elas terem ido, Gaetano virou e bateu a testa no vidro da janela. - Mas eu me sinto alguém com ela. - ele sussurrou. Seu olhar procurou a praça abaixo. Mas naturalmente, Eva estava muito longe agora.

Colocando seu casado em uma posição que escondesse o que ele fazia, ele se apalpou. Seu pênis estava flácido, como de costume. Se ele tivesse apenas imaginado que tinha mexido quando dançou com Eva hoje? Não, tinha acontecido antes em sua companhia. Era real, e ela era a única mulher que o tinha afetado dessa forma. Estava quase com medo de levá-la com ele para a cama, temendo que, no final descobrisse que era tão impotente com ela como com todas as outras que ele tentou. Mas a possibilidade de que este não era o caso era um engodo que ele não podia resistir. Ele ia cortejá-la com bebida ou droga uma noite e logo faria sua tentativa. E se ele fosse bem sucedido em sua cama, sua mãe iria ceder.

Então, ele poderia ter a deliciosa Eva sempre que desejasse. Poderia desposá-la. Dormir com ela em sua própria cama de folhas frescas. Lá em cima, não embaixo no labirinto úmido que funcionava debaixo de sua casa.

Só então, viu Dane sobre o azulejo abaixo, estava se movendo na direção em que Evangeline tinha acabado de tomar. *Danação. Será que o homem pensava roubar tudo dele?*

CAPÍTULO 11

- Que lugar é esse? - Pinot sussurrou.

- Shh! - disse Eva, empurrando-o para que ele permanecesse atrás dela - Eu não sei. Eu nunca notei isso antes. Escondidos no fundo de uma escadaria na sombra de um grifo enorme de pedra, ambos olhavam fixamente para o edifício misterioso no topo da escadaria.

- Nem eu, - disse Pinot. - E muitas vezes eu passei por este caminho.

Eles seguiram os senhores de capas pretas desde o Palazzo Nuovo por vários quarteirões, até que o trio tinha tomado as escadas até o imponente edifício de três andares. Ao longo de sua fachada, uma série de janelas de guilhotina era alternada com pilastras coríntias coroadas com ramos de oliveira entalhada. Algo cintilou além de uma das vidraças. Um candelabro.

- Isso cheira a magia, - disse Eva.

Ela sentiu o aceno de cabeça que Pinot deu ao seu lado. - Um edifício do Conselho - ele sussurrou. Eles ainda estavam no Capitólio, não muito longe de sua própria casa. De algum lugar atrás deles, a distância era familiar o tilintar de picaretas e pás trabalhando contra o relógio para descobrir os mistérios antigos nas ruínas do Fórum.

- Eu irei entrar. - disse Eva, quando um grupo de náiades chegou e tomou os passos para cima na direção do prédio. - Vá para casa.

- Esqueça isso. Estou entrando também, - insistiu Pinot. - Isso é muito bom é um mistério.

- Depressa, então, se você insiste em vir fique junto de mim, - disse ela. Juntos, eles subiram as escadas. Ficando pertos das náiades durante o percurso das escadas, eles tentaram entrar sorrateiramente pela porta em arco junto com elas.

- Pare! - Uma criatura caolha gigantesca os barrou no limite, antes mesmo que eles fizessem menção de entrar. Um Ciclope. Não era o primeiro que Eva encontrava, mas certamente o maior. Ao seu lado, um cão de guarda de três cabeças cheirou-os por um momento, durante muito tempo, considerando que eles prenderam a respiração. A mente dela correu, tentando pensar em uma desculpa plausível que pudesse fazê-los entrar. Tarefa difícil quando ela não sabia o que esse lugar era. Mas quando o cão não os devorou, a sentinela murmurou.

- Cerberus os encontra aceitáveis.

- Bem, bem. Então... - Eva tentou dar a volta em torno dele.

- Entretanto, eu não. - O Ciclope a bloqueou, olhando para os dois, como um gigante mordomo arrogante que tinha visto vermes. - Onde estão seus cartões?

Cartões? Eva e Pinot trocaram olhares furtivos.

- Eu esqueci meu cartão? - Eva titubeou, sem ter ideia do que o ciclope estava falando.

Os olhos grandes se estreitaram. - Você não parece muito certa.

- Nós somos amigos dos três irmãos da Misericórdia que entraram mais cedo, - Pinot saltou.

- Sim! À direita. Lá estão eles, - disse Eva, apontando o Signor Russo além do Ciclope. No outro lado da sala, ele e seus companheiros desapareceram através de uma cortina de veludo vermelho. Sorrindo com o que ela esperava ser confiança, ela tomou a mão de Pinot e tentou novamente passar pelo guarda.

E mais uma vez, ele os bloqueou. - Sem cartão, sem passagem. Não sem a aprovação do chefe.

Deixando Cerberus para vigiar sozinho, o Ciclope agarrou seu braço em uma mão e o colarinho de Pinot na outra, e os empurrou para dentro e através da cortina de veludo.

Eles rapidamente encontraram-se no que parecia ser uma elegante sala de estar cheia de pequenas mesas e sofás. Talvez duas dúzias de pessoas estivessem abrigadas ali, misturando-se e batendo papo. Infelizmente, Signor Russo e seus companheiros não estavam entre eles. Ninguém olhou para cima enquanto eles entraram, e Eva não conseguiu perceber muito de ninguém em particular. Havia algo de indefinível no ar aqui que incentivava a discrição.

Antes que eles fossem levados mais longe, uma voz masculina os parou. - Mademoiselle Delacorte? - O Irmão de Dane, Sevin estava se aproximando. - O que você está fazendo aqui?

- Eu poderia lhe questionar com a mesma pergunta. - Eva se defendeu. Ele estava vestido de maneira mais formal do que quando ela o tinha visto pela última vez, com seda preta. Ela estava tão entretida com Dane quando eles se encontraram nas ruínas naquela manhã que ela realmente não tinha percebido quão bonito era seu irmão. Seus cabelos eram escuros como os de Dane, os lábios cheios e sensuais, os olhos de um azul claro brilhante, seus ombros largos.

- Eu sou o proprietário. - Sevin acenou ao guarda para fora, em seguida, reconheceu Pinot com um aceno de cabeça e levou pelo cotovelo, levando-os mais para dentro da sala. Seu toque era firme, masculino e confiante, no entanto, não afetou a ela da mesma forma quando Dane fez a mesma coisa. - Você veio antes do previsto, na verdade. - Ele disse - Uma vez que você houvesse residido neste mundo por seis meses, você teria recebido um cartão de convidada.

- É o Salone di Passione, não é? - Pinot lembrou de repente, parecendo animado. Certo de que ele já ouviu falar deste lugar. Ele farejava informação como um cão de caça.

Um canto da boca Sevin foi curvado para cima numa confirmação tácita.

- O quê? - Eva perguntou confusa.

Então, um jovem passou por eles, apontando para Pinot o chamando como se o conhecesse. Ele era alto e esguio e atraente de uma maneira pueril fresco-juvenil. Eva olhou para baixo e viu Pinot corar.

- Ele é um amigo, - explicou Pinot, fazendo menção de deixá-los e seguir o jovem. - Eu vou até ele apenas por um minuto.

Depois que ele os deixou, Sevin a guiou para um lado da sala para que ela pudesse ter uma visão melhor de tudo dentro.

- Um salão de paixão? - Ela perguntou. - Que lugar é esse e por que eu nunca notei isso antes?

- O edifício é encantado para que nenhum leigo possa tomar conhecimento do mesmo, ou de quaisquer idas e vindas a partir dele que pode trazer um questionamento. Para não associados, parece ser apenas um matagal impenetrável. Só posso supor que a sua associação com o meu irmão teve efeito de prematuramente nos tornar visíveis para você.

Fascinada, Eva estudou seu entorno, observando a risque os afrescos e mosaicos nas paredes e pisos, os sofás de brocado, e da fonte borbulhante em que os hóspedes reabasteciam periodicamente suas bebidas. - O que acontece aqui para que seja tão secreto? O Conselho sabe?

Sevin assentiu. - Eles o sancionaram. Eu abordei o conceito para eles há cinco anos, para apresentá-lo como uma forma de afastar problemas para nossa espécie, deste lado do portão. Imigrantes de Elseworld precisavam de um local seguro e privado para se reunirem e conversar sobre compromissos com os parceiros concupiscentes de forma despreocupada. Vir aqui ajuda a limitar o potencial de exposição acidental que tais compromissos poderiam gerar em lugares fora destes ambientes.

Sevin acreditava que ele havia criado um paraíso para todas as criaturas de Elseworld. No entanto, sem o seu pó, Eva sabia que ela seria tão ameaçada neste lugar como estava fora dele. Porque, se ela viesse a se revelar a ele e seus irmãos como um sátiro do sexo feminino, não haveria aqui um santuário para ela. Eles iriam entregá-la para as autoridades de Elseworld se soubessem. *Ou será que não?*

- O que está por lá? - Ela perguntou, apontando para uma cortina que obscurecia um portal em arco. Desde que Signor Russo não parecia ter demorado aqui, ela deduziu que ele deveria ter passado para a próxima câmara.

- O salão principal, - Sevin facilmente explicou. - Esta é apenas uma antessala, que serve para envolver em atividades verbais preliminares. Alguns dos convidados nunca vão, além disso. Para eles, um pequeno flerte com os membros de sua espécie é o suficiente. No entanto, se estiver à procura de mais, há o salão principal por essa cortina. Mas primeiro, os parceiros podem passar um tempo aqui nesta sala e negociar os termos, se o desejarem. Então, quando eles se movem, eles podem chegar com um plano já em caráter, por assim dizer.

- E se alguém chegar aqui sem um parceiro? - Perguntou ela. Ela olhou para Pinot e foi sacudida pela surpresa de vê-lo em um abraço com seu amigo. Egoísta, que nunca antes havia pensado nele como tendo uma vida pessoal fora da sua casa.

- Então isso pode servir como um cenário em que se encontra um antes de entrar no salão principal. Como já sugeri para Dane em inúmeras ocasiões.

- Ele é um membro? Ah, claro. Ele é seu irmão, afinal,- Ela pensou, não totalmente satisfeita com o pensamento de Dane aqui, com outras mulheres. - Ele poderia ter me avisado.

Sevin enviou-lhe um olhar de conhecimento com um brilho nos olhos. *E se ele estivesse fazendo um teste para avaliar sua reação ao falar do seu irmão?*

- Isso pode impactar as suas perspectivas de casamento, - ela improvisou às pressas. - E as minhas. Mesmo com o perímetro sendo encantado o que acontece com uma dessas pessoas? - Ela fez um gesto para os ocupantes da sala. - Eles vão tê-lo visto, e agora me viram. Isso aumenta o risco de fofocas que podem se revelar prejudiciais à nossa perspectiva de casar dentro da comunidade humana.

Sevin já estava balançando a cabeça antes dela terminar. - Apesar de todos serem visível para todo mundo aqui, após o abandono destas instalações, você vai encontrar-se incapaz de recordar qualquer característica precisa de alguém ou de sua identidade. Há uma exceção, mas requer um convite específico. É feito dessa forma.

Ele indicou um casal do outro lado da sala, que estavam juntos. Em suma, cada um colocava as palmas das mãos nos olhos do outro, em seguida, as removiam como se tivessem removendo vendas. - Agora não vão esquecer o que se passar entre eles esta noite.

Eva olhou para baixo para encontrar Pinot ao seu lado novamente. Seu amigo pairava perto da porta da frente, como se preparando para partir, e Pinot estava lançando-lhe olhares de desejo. - Você quer ir com ele? - Eva disse adivinhando.

- Não, eu vou ficar com você. - Mas ele parecia dividido entre o dever e o desejo de se divertir.

Sevin ofereceu sua mão em seguida, balançando a de Pinot. Ela gostou dele o ter tratado como igual. Alguns homens não o consideravam.

- Sevin, irmão de Dane, - disse ele, apresentando-se. - Eu me assegurarei que ela chegue a casa com segurança depois de sua visita.

- Vá. Eu vou ficar bem, - Eva assegurou ao duende.

- Tudo bem, então. - Com um pouco de arrogância, Pinot passeou para o moço. De braço, partiram do salão. Como por acaso que os instintos de proteção de Pinot tinham sido entorpecidos por sua paixão. Agora, se ela pudesse deslizar sem Sevin, em algum momento, ela teria uma ou duas perguntas para o senhor Russo.

- Você está convidada a fazer uma excursão, - Sevin sugeriu, apontando para a entrada em arco para o salão principal. - A menos que você seja intolerante ou simplesmente chocada, caso em que eu não a aconselho.

- Embora eu não tenha certeza sobre esta última, eu sou inocente do primeiro. Mas não tenho que ser um membro? - Disse ela, já se movendo em direção à abertura das cortinas. Até ela, com seu brio de habilidades olfativas, conseguia detectar centenas de diferentes aromas provenientes de fora dela.

- Não se você está comigo, - ele garantiu-lhe. - No entanto, se você planeja se juntar a nós novamente, você primeiro tem que passar pelo nosso processo de orientação. Existem normas e políticas pelas quais todos devem ser regidos. Todos os membros potenciais são cuidadosamente selecionados antes de receberem um cartão de sócio.

Eva considerando, se perguntou como se implicaria a seleção e se os pós de Odette poderiam resistir ao escrutínio. A fantasia de vir aqui novamente em algum momento para recorrer a um propósito carnal. Mas a timidez floresceu em si com o pensamento também. *Será que ela se atreveria?*

Os dois guardas corpulentos de plantão na porta de entrada para o salão principal ficaram de lado quando eles se aproximaram. Sevin abriu a cortina de veludo com uma mão, e então eles estavam lá dentro.

O aroma complexo, sugestivo de magia que permeava o ambiente foi à primeira coisa que a atingiu. E a cor era uma festa para os sentidos, exuberante, feita predominantemente em tons vermelhos e dourados. O teto, em caixotões dourados atingia três andares de altura, e havia balcões circundando o vasto perímetro da sala, bem como aqueles em um enclave com Paris Opera House em Elseworld. Candelabros maciços forjados de metais preciosos desconhecidos para os seres humanos eram abrigados entre as caixas, banhando o chão onde ela estava agora sob uma luz incandescente, enquanto que ao mesmo tempo, lavava os boxes em meia-sombra. Ela viu o movimento clandestino em alguns deles e brevemente se perguntou o que os ocupantes faziam lá em cima nos seus locais privados.

- Vem. - Sevin pegou no braço dela e começou a andar pelo perímetro da sala. Ele ficou em silêncio, permitindo que ela absorvesse os locais no seu próprio ritmo. Guardas em traje, preto costurado cuidadosamente os ignoraram enquanto eles passaram. Eles estavam assentados em locais discretos, seus olhos afiados certificando-se de que tudo corria bem.

O salão estava levemente em uma expansão caótica e em seu centro, um carrossel girava com lentidão hipnótica. Descontroladamente pintada e envernizada com dragões, unicórnios e outras criaturas fantásticas bombeadas para cima e para baixo, as costas nuas assustadoramente de passagem para o momento.

Em pedestais curtos fixados aqui e ali ao redor da sala, a vida do tamanho de estátuas eróticas de pé, algumas totalmente nuas e outras parcialmente. Ela assumiu que eram de pedra, até que de repente tudo mudou na sugestão, houve troca de posições com as estirpes da música suave que emanava de um local indeterminado. Os parceiros de

alguns se emparelhando com novos parceiros, enquanto outros se posicionaram sozinhos. Eles estavam vivos, ela percebeu, e só haviam sido pintados para dar a ilusão de que eles foram esculpidos em mármore. Suas poses eram abertamente sensuais, destinada a excitar. A cabeça de uma mulher foi jogada para trás em êxtase, quando os lábios de seu amante pressionaram-se em seu peito. Um homem acariciou o rosto de uma mulher que se ajoelhou a seus pés, as mãos se posicionando em seus órgãos genitais, o rosto virado para a sua adoração. Duas mulheres se abraçavam, suas barrigas pressionadas e as mãos ligadas uma a outra a sua volta.

Ela corou e sentiu a divertimento de Sevin. - Como se vê você está, de fato, muito passível de choque, não é? - Ele brincou.

- Eu não fiz promessa de outro modo, se você pode se lembrar, - disse ela, sorrindo levemente em troca. E ela estava chocada, mas o ar de liberdade do salão a animou também. Aqui, as fantasias poderiam seguir de flor em flor, livre da vergonha. Qualquer coisa parecia possível e aceitável.

- Tem certeza de que quer ficar?

Eva concordou. Não só por causa de sua busca por Russo, mas porque este lugar a estava fascinando. Todas as espécies de Elseworld circulavam alguns em véus translúcidos. Outros estavam em traje ou roupa de rua, ou mesmo seminus. Era difícil de ser avisado quando quis olhar. - Quem são essas criaturas? - Perguntou ela, quando eles continuaram sua caminhada.

- Um amplo espectro que foi extraído da população de Elseworld de Roma e mais além. - Sevin prontamente informou-lhe - O salão possui mais de quinhentos membros de toda a Europa.

Seus olhos se arregalaram.

Ele riu. - Não todos de aqui uma vez.

Dois senhores bem vestidos passaram passeando, olhando para ela, e Eva se aproximou de seu acompanhante, incerta do que poderiam querer. Sevin colocou a mão em suas costas. Ele e os homens trocaram olhares potentes, parecendo reconhecer algo que ela ainda não entendia. Seu olhar encontrou o chão, e de repente ela percebeu que o vidro se moveu em alguns lugares. Abaixo o vidro era uma piscina, contínua acesa em que sereias nadavam. Parecia que ela tinha permanecido muito tempo em um só lugar, vários deles se reuniram para olhar para cima, o seu ponto de vista que lhes permitia uma visão clara do que estava sob sua saia. Com um grito rouco, ela se moveu de lado para um pedaço do revestimento opaco.

Sevin riu, exibindo os dentes brancos. Várias fêmeas olharam em sua direção, atraídos pelo som e à sua boa aparência sombria. Os sereianos piscaram para ela irreverentes e com um flash iridescente de suas caudas, nadaram para longe.

Pelo canto do olho, Eva viu uma expansão de preto e se virou para ver o trio de senhores encapuzados que ela tinha seguido até aqui com Pinot. Um retinha ainda outra cortina que pendia de uma porta, e todos eles foram para dentro.

- Qualquer coisa tentada sem pleno consentimento do parceiro é proibido aqui, - Sevin estava dizendo. - Outras atividades mesmo com o consentimento dos sócios estão fora dos limites também. Há algumas coisas para as quais eu não tenho estômago, e desde que o estabelecimento é meu, eu coloco as regras.

Uma mulher veio até Sevin então, seus braços deslizaram familiarmente ao redor de sua cintura. Ela subiu na ponta dos pés e sussurrou algo em seu ouvido que o levou a olhar para cima, para a maior dos camarotes de ópera. Ela era coberta com vidro fumê, que tornava impossível ver o interior dela.

Aproveitando-se de sua distração, Eva sumiu, com a intenção de seguir sua presa.



- Eu não estou interessado em vigor. - Dane afirmou inequivocamente, enquanto ele e Bastian observavam a cena em desdobramento abaixo. Da varanda isolada acima, eles tinham visto quando Eva e Sevin entraram no salão a alguns momentos antes. Tendo rastreado Eva e seu duende até aqui, por meio do odor do duende, Dane tinha ido lá em cima para o camarote sabendo que este iria fornecer uma visão geral do salão, tornando mais fácil localizá-la. O vidro fumê que rodeava seu camarote era transparente do seu lado, mas impenetrável do andar de baixo. O camarote também servia como um escritório luxuoso para Sevin, mas Dane tinha encontrado apenas um de seus irmãos aqui.

- Ela já lhe ofereceu uma ligação, - Bastian respondeu com firmeza.

- Com condições.

Enquanto os olhos de Eva permaneceram em um dos quadros vivos que ficavam na estatuária, Bastian enviou-lhe um olhar significativo. Ela admirava um quarteto, três homens reunidos em torno de uma única fêmea, que ficou congelado no lugar. Dois homens estavam em volta da fêmea, um com as mãos cobrindo seus olhos, o segundo com os dedos à direita do vinco nas nádegas. Um terceiro homem diante dela, envolvendo-lhe as mãos ao redor de seu pênis.

- É fácil ver o que atrai seu interesse. Dominação. Com múltiplos parceiros. Dê a ela o que ela quer. Sevin e eu teremos muito prazer em ajuda-lo se você precisar de nós.

- A ideia de dominar e controlar Eva recorreu e, se ele fosse honesto consigo mesmo, a noção de partilha-la sob certas circunstâncias, parecia mito boa, mas ele não seria facilmente manipulado.

- Seu hábito de dar ordens é cansativo. Eu consegui comandar minha própria vida todos esses anos sem sua ajuda.

- Dar ordens é uma grande arte para o irmão mais velho, - disse Bastian com um truque divertido de uma sobrancelha. - Eu tenho orgulho do homem que você se tornou. Outros poderiam ter sido esmagados por aquilo que passou.

Os dois não se olharam um ao outro quando ele falou, mas Dane ficou comovido pelas palavras de seu irmão.

- Bem? - Bastian cutucou. - Você só tem que se juntar a nós aqui, quando Dante chegar e nós vamos ajudá-lo a questioná-lo se você precisar de nós.

Dane angulando a cabeça para o terceiro ocupante do quarto, no sofá atrás deles, um aviso tácito para Bastian ter cuidado no que ele dissesse a respeito de Dante. - Então, eu estarei usando Eva como uma ferramenta.

- Use-a como você deve para o bem da nossa família. Para o bem de Luc. Você vai dar-lhe uma noite de prazer em troca. Todo mundo ganha.

O que quer que tenha acontecido com Dane durante esse ano em falta o havia deixado com uma aversão a qualquer tipo de restrição e de qualquer tentativa de controlá-lo. No entanto, também gerou nele um apetite por uma medida de controle sobre suas companheiras em suas relações carnavais. O próprio pensamento de dominar o corpo suave de Eva com o seu, de tê-la voluntariamente entregue inteiramente em sua guarda em nome do prazer, era um bálsamo para sua alma ferida.

Dane inclinou um olhar em sua direção. - Eu tinha esquecido como você poderia ser persuasivo.

- Lógica fria, - disse Bastian - É no que eu sou bom.

Enquanto observavam, Sevin se afastou de Eva por um momento em que sua assistente aproximou-se dele. Em uma ação furtiva, Eva escapuliu e, em seguida, correu dentro de um dos quartos semiprivados.

- Que diabos? - Dane disse em alarme. As palavras quase não saíram dos seus lábios e ele já estava indo até a porta e tomando as escadas para baixo galgando três degraus de uma vez. Bastian manteve-se no escritório, assistindo.

- Lógica fria é a minha favorita, - brincou uma voz feminina do sofá atrás dele. - Talvez eu pudesse aquecê-la para você?

Embora ele não respondesse, Michaela levantou-se e veio para ficar diante dele, a barriga ligeiramente arredondada, encostando-se ao seu duro abdome.

- Devo ficar?

- A escolha é sua.

- Então, eu escolho ficar. - Sua mão deu forma ao seu pau através da calça.

- Por quê? - Ele perguntou rispidamente, cobrindo-lhe a mão com a dele.

- Minhas razões são apenas minhas, - disse a ele com um sorriso acanhado. Com segurança nos dedos hábeis, ela desatou a calça. Seu pênis se projetou livre delas, as

veias emaranhadas, corado e quase assustador em seu tamanho e poder. Ela tomou-o entre as palmas das mãos e seus olhos oblíquos para cima, para observarem os seus. - Não tão frio, afinal, - ela brincou suavemente.

Ele resmungou, com os olhos colados ao seu rosto, perguntando-se por que ele nunca conseguia ler suas expressões tão bem quanto podia ler as dos outros. Querendo saber por que ele se importava. Suas mãos acariciaram baixo em seu eixo e ela caiu de joelhos em um farfalhar de seda. Seus lábios se separaram apenas o suficiente para revelar os planos de sua língua cor de rosa, que em seguida viajou de sua raiz para cima ao longo da parte inferior do seu comprimento, seguindo a veia que iria em breve realizar o gozo de suas bolas e dentro dela. Muito em breve, se continuasse assim.

- Seus lábios são mágicos, - ele murmurou, acariciando seus cabelos. Era um fato. Apenas uma em quinhentas mil fêmeas de Elseworld foi presenteada com essa boca. O simples toque dos lábios ou da língua sobre a carne poderia fazer um homem —ou uma mulher— gozar em um instante. Ela tinha feito a ele a primeira vez que se encontraram. Antes que ele soubesse o que ela era. Mas ele já havia levantado sua guarda.

Quando seu talento se revelou pela primeira ainda em sua juventude, ela tinha sido vendida por seus pais para a Academie du Grand horizontales, onde estudou as artes da companhia. Bastian sabia pouco mais do seu passado, exceto que de alguma forma ela acabou aqui, a trabalhar no salão. E que ela teve a infelicidade de encontrar-se atraída por ele.

Pelo que ele sabia ela morava aqui, mas ele já tinha decidido que ele iria levá-la em sua casa, na Esquilino, enquanto ela se recuperava de seu aborto inevitável. Ele ligava para ela em seu próprio modo. Seus irmãos o achavam incapaz de amar, mas ele só evitava complicações, pois ele estava interessado em seu trabalho e desinteressado na fidelidade. E ele não iria pedir desculpas por isso. Ele tinha escrupulosamente informado a Michaela e suas parceiras anteriores deste fato com bastante antecedência ao entrar em relação com elas. Suas paixões queimavam mais alto para os mistérios do Fórum, e ele não iria pedir desculpas para quem quer que seja.

A ponta da língua esfregou no sulco sensível na parte inferior de sua coroa, então varreu depressa a fenda de seu pênis. Rangendo os dentes contra a rápida ascensão de luxúria, ele desviou o olhar para a cena que se desenrolava através da janela. Escada abaixo Dane entrou no salão, falou com Sevin, e depois passou pela mesma entrada cortinada por onde Eva havia escapulado.

Obviamente, considerando o assunto em boas mãos, Sevin saiu para cuidar de algum problema que sua empregada havia trazido para ele. Seu irmão aproveitou o sucesso de seu salão, mas o ritmo alucinante de sua expansão foi fácil chegar a um ponto de crise. Os punhos de Michaela estavam a acariciá-lo agora num longo, lento, e molhado empurrão desde a raiz até a crista, forçando o pré-sêmen por sua fenda com cada arrasto. Toda vez que seu punho alcançou sua base, aqueles lábios, aqueles lábios mágicos puxavam na direção oposta, e sua boca e língua amamentou as pérolas de sementes dele. Bastian sugado ar entre os dentes. Esperma agitava-se em suas bolas, e a

luxúria, pagã fervilhava mais quente nele. As mãos dele atingiram o vidro fumê, fazendo-o estremecer enquanto ele preparava-se contra a necessidade intensa e repentina de gozar.

Chega! Um lampejo de raiva o encheu por ela ter conseguido passar por suas defesas tão rapidamente e ele a olhou na intenção de fazer um comentário cortante. Ela tinha estado a observá-lo, mas seus olhos caíram sob o seu. E de alguma forma, encontrou-se, em vez murmurando: - Você deve encontrar alguém. Um homem que possa oferecer o que você merece.

Sua boca lentamente o liberou com um molhado, beijo atrasado, que causou em empurrão em seu pênis e nos músculos longos das coxas a se contorcerem. - Você está dando ordens, - ela sussurrou. - Ouvi distintamente o seu irmão tentando dissuadi-lo disso.

- É um hábito.

Ela olhou para seu pau incisivamente, em seguida, chamou sua atenção. - Um aparentemente, difícil de quebrar.

Seus olhos escuros e sua voz ficaram sugestivos. - Deixe-me mostrar-lhe exatamente o quão difícil. - Dedos longos emaranhados em seus cabelos macios, segurando-a quando em contrapartida trouxe seu pênis em sua boca. - Abra para mim. - Um poder primitivo surgiu nele, enquanto observava os lábios vermelhos obedecê-lo. - Pegue-o. Abra-se para ele. - Ele sentiu-se deslizar sobre sua língua. Senti-a engolir sua ponta em sua garganta, olhava-a lhe tomar como poucas mulheres poderiam fazer.

Ele enfatizou a estranha conexão que sentia com ela em momentos como estes, quase tanto como o sexo, mas o fez desconfiar também. Suas mãos apertou sua bunda como se quisesse mantê-lo aprisionado dentro dela para sempre. Mas ele contraiu os músculos da coxa e do quadril, balançando-se para fora dela, em seguida, voltando para seu calor líquido. Seus lábios se curvaram e franziram enquanto ele fodia sua boca. Ela gemeu e ele sentiu sua antecipação subir. Um arrepio quente de alegria inundou-o. - Deuses, isso é bom, Michaela.

Ele sentia suas bolas rolares apertado, seu pau inchar. Sua cabeça foi para trás contra a parede e seguiu o seu pênis. Ele apoiou os antebraços acima dela, a cabeça inclinada entre eles para vê-la levá-lo novamente. Ele não iria durar muito mais. Alguns instantes mais e ele estaria dando ordens para ela novamente, desta vez de engolir a sua semente. No entanto, com a boca assim agradavelmente ocupada, ela não iria culpá-lo por isso.



Quando a atenção de Sevin deixou-a momentos antes, Eva tinha aproveitado e deslizou por trás de uma fileira de colunas, em seguida, se abaixou até o quarto onde o Signor Russo tinha ido antes. Uma vez lá dentro, ela foi saudada com o som da batida do couro.

Ela ficou paralisada, à espera que seus olhos se adaptassem à escuridão. Sua primeira impressão foi que ela tinha entrado em um claustro austero. Tudo foi feito em cores escuras, velas de cor creme estavam agrupadas em torno da sala lançando um brilho dourado. Duas dezenas de visitantes se assentavam nas fileiras de bancos de pedra desconfortáveis para uma longa estadia, alinhados em três semicírculos de frente para o pequeno palco. Todos os olhos estavam fixos aos três irmãos que ali estavam, e os seus próprios seguiram o exemplo.

O Signor Russo havia retirado o capuz, mas estava ainda vestido em sua túnica longa. No entanto, seus dois companheiros tinham removido as capas e capuzes, deixando apenas as saias de suas roupas, e estava familiarmente beijando uma mulher em trajes do hábito de uma irmã. Eva estremeceu quando o tapa de couro soou outra vez. *Russo estava segurando um flogger!* Ele trouxe a tanga para baixo através das nádegas de um dos homens, que vacilou e depois retomou o seu beijo ainda com mais fervor. *Como se ele tivesse gostado da queda do chicote!* Eva colocou a mão à boca ainda ofegante. *Não, estes homens definitivamente não eram Capuchinhos de verdade!*

Enquanto ela o observava, consternada, a fêmea menor deslizou, caindo de quatro. Os homens caíram de joelhos. Em um instante, a bainha de trás do seu hábito estava revelando um fundo branco, que balançava entre suas saias pretas e meias pretas. Usando a sua boca e a disponibilidade de sua entrada traseira, ela começou a satisfação dos homens. Russo olhou e levantou o chicote, batendo sua própria carne por cima do ombro. As tiras de couro cortaram a tela de seu manto e a pequena plateia aplaudiu.

Eva deu um passo para trás, batendo na parede. Ela nunca tinha visto alguém copular. E ela não podia simplesmente ir até Russo e bater-lhe no ombro com suas perguntas. Se ele era seu pai, era terrivelmente inadequado para ela vê-lo assim. Ela se atrapalhou ao longo da parede de cortina, com a intenção de sair. Uma mão deslizou em torno de seu braço e outra cobriu sua boca, abafando seu grito quando ela tentou lutar.

- Espionando os clientes? - A pergunta era um grunhido sugestivo em seu ouvido. Dane.

- Oh, é você. Graças a Deus, - ela sussurrou. Aliviada, deixando de lutar e se virou para ele. Sua mão foi abaixo em suas costas, esfregando levemente.

- O que você está fazendo aqui?

- Eu segui um desses homens está no palco desde a gala, - disse ela, com a cabeça enterrada em seu peito. - Um senhor Russo.

- Perseguindo os octogenários ainda? - Um humor leve atava a sua voz. - Eu começo a estar verdadeiramente preocupado com o seu gosto para pretendentes.

- Ele não tem mais que quarenta e cinco anos, - ela resmungou - A idade ideal para, eventualmente, ter me gerado.

- Russo? - Acima de sua cabeça, ela sentiu Dane olhar na direção do palco. - Eu não penso assim. Ele prefere os homens.

- O quê? - ela estalou. - Mas e quanto a... a irmã?

- Também é do sexo masculino.

Ela espiou para o palco, e seus olhos se arregalaram pelos acontecimentos por lá. Ela podia ver agora que a pessoa no papel da irmã era, na verdade, do sexo masculino. - Mas o diário de minha mãe fala dele. Ela era uma cortesã. Uma muito formosa. Você acha que ele poderia ter feito uma exceção para ela?

Ele deu de ombros. - Tudo é possível.

- Qual é a espécie dele? Você sabe dizer? - Ela perguntou ansiosamente, fazendo com que seus olhos se estreitassem.

- O livro da sua mãe não presta quaisquer indícios quanto à identidade do seu pai ou espécie?

- Tenho inúmeros nomes, isso é tudo. Minhas habilidades olfativas são quase nada, mas a tua parece ser excelente. Você pode—

Suas narinas alargaram quase imperceptíveis. - Ele é fada.

- Oh! - disse Eva, suas esperanças murchando.

- Você não acha que seu pai poderia ser um fada?

Ela ficou tentada a lhe dizer a verdade. Ele era um rastreador. Com seu nariz, ele provavelmente poderia ajudá-la a localizar seu pai se ela lhe fornecesse detalhes suficientes. *O que poderia doer?* Ele nunca iria saltar para a conclusão de que ela, uma mulher, poderia ser sátiro.

- Na verdade, minha mãe deu a entender que ele era um sátiro.

Dane balançou a cabeça com isso. - Eu não sinto o cheiro de nenhum sátiro aqui esta noite, com exceção dos meus irmãos.

- Você poderia me ajudar a encontrá-lo se ele estiver em algum lugar em Roma?

Houve uma longa pausa potente. - É isso que você está procurando Eva? Um pai?

- Eu disse que eu estava.

- Por quê? - Ele ergueu seu queixo com um dedo, procurando com os olhos na penumbra.

Ela não sabia bem como responder a ele. *Por que era tão importante para ela?* - Todo mundo tem necessidade de conhecer seus pais.

Alguma coisa mudou em seus olhos, em seu toque. Um novo entendimento. - Ou talvez o que você está procurando verdadeiramente não é um pai no sentido exato da palavra, mas sim uma forte presença do sexo masculino de outro tipo em sua vida. O toque da mão em suas costas era itinerante agora, ainda a esfregar em círculos lentos, tentadoramente perto de seu traseiro. Isso tornava difícil pensar em outra coisa. - Eu vi você lá da varanda antes de eu vir para cá, - continuou ele - Eu vi o que lhe interessa. Dominação. Com múltiplos parceiros.

Suas palavras eram suaves, mas a atingiram com se fossem balas, e ela endureceu, seus olhos dardejando cautelosamente.

- Você tem vergonha disso, - ele murmurou vendo com surpresa a suave coloração em suas feições. - Não, não tenha. A vergonha é uma emoção que não serve para nada entre nós. Só machucamos a nós mesmos se não satisfazermos nossas paixões. Você gostaria de atuar no papel de filha enquanto eu fico no papel como um pai rigoroso? Eu posso fazer isso. Quer jogar de freira enquanto estou de padre? Ou quem sabe de aluna e professor? Eu os posso fazer bem. Tudo o que você quiser. Enfim esfregou a mão sobre suas nádegas, apertando e enviando uma emoção quente através dela.

Chocada consigo mesma por estar tão excitada por suas sugestões e mãos errantes, ela o empurrou com a intenção de sair do quarto. Mas ao invés disso ela se encontrou em pé diante dele incerta a estudar seu rosto. Sentia-se desnuda, seus desejos mais secretos expostos. Sentia-se bem e liberta e preocupada ao mesmo tempo. Ela nunca se permitiu considerar tão descaradamente tais noções, mesmo em sua própria imaginação.

- Não é horrível, - disse ela baixinho. Suas bochechas coradas sob seu saber olhar.

Ele estendeu a mão e colocou uma mecha rebelde de cabelo atrás da orelha. - É só um jogo Eva. Para o prazer. Jogos sobre fantasias consentidas entre adultos. Eu treinei como um rastreador lembra? Somos ensinados a provocar, a como atrair nossos suspeitos no interior, para saber o que vai empurrá-los para o precipício do tempo de lazer e outra vez... até que o prazer se torna tão grave que é quase uma dor, e entregar voluntariamente o que queremos deles.

O cenário sugestivo pintado por ele abriu a caixa de Pandora de suas fantasias lascivas em sua mente. As fantasias que ela sempre manteve cuidadosamente bloqueadas sob a luz do dia. Seu coração doía com uma alegria provisória, mas ela estava quase com medo de deixá-lo florescer. Para acreditar que ela não estava sozinha nesses desejos que sempre pareciam muito desviados para serem colocados em palavras, muito menos em ação. No entanto, este homem estava dizendo a ela que seus particulares desejos carnis eram aceitáveis, e mais do que isso, ele estava se oferecendo para torná-los realidade.

- Só posso imaginar o vazio que você vai sentir se você me deixar ou a esse lugar, - ele continuou. - Pense no prazer que você vai perder. Há muito mais para ser visto aqui, mais a fazer. Então fique, Eva. Fique comigo.

CAPÍTULO 12

Dane a puxou contra seu corpo sem resistência, a sua espera pouco exigente para o momento, suas mãos lentamente vagavam sobre ela, a acariciando-a. Ela não poderia deixar de perceber que ele estava duro e se contorcendo com vontade de tê-la. Se ele não a conseguisse, ele explodiria. Mas, ao mesmo tempo, ele aproveitou o tempo de espera. Apreciava as sensações do seu sangue correndo, sua pele picando, seu pênis intumescendo. Os toques entre eles eram uma doce tortura, o pincelar de sua pele como um afrodisíaco. Era tudo ainda novo para ele. Tão maravilhoso.

Através de sua saia, ele traçou um dedo para cima do fosso em suas nádegas e voltou, devagar, quase a sua vagina. Ela estremeceu e se inclinou para ele. Suas coxas retas, e seu pau cresceu mais grosso, mais longo, mais faminto por ela. Em algum lugar dentro dele, Dante se agitou, inquieto para possuí-la. Mas ele —Dane— o controlava agora e sabia quando isso iria acontecer. Esta noite, pela primeira vez, suas duas presenças masculinas já não se antagonizavam e nem repeliam um ao outro. Em vez disso, havia uma verdadeira mistura ocorrendo entre eles, como gavinhas de fumaça entrelaçadas com vapor. No entanto, o equilíbrio na sua relação tinha mudado irrevogavelmente. Agora era Dane que estava no comando.

Por causa de Eva.

Seu desejo mútuo por ela tinha misturado-os nesta grande confusão tangível de necessidade feroz. E Dane usaria essa necessidade em seu favor esta noite. Embora Eva não soubesse, ela seria o instrumento que lhe permitiria interrogar o seu mais recente subjugado, Dante.

Ele iria levar as coisas devagar, prolongando o prazer tentador para todos aqueles dentro de sua incomum ménage — Dante e Eva ele próprio. Ele iria atrair Dante até que ele crescesse desesperado para tê-la. E ainda assim ele iria privá-lo. Não lhe daria liberdade até ele fornecer respostas muito necessárias sobre o passado de Dane. Sobre o que havia acontecido naquela noite a muito tempo e durante aquele ano perdido.

E isso precisava ser feito por causa de Luc.

Mas Dane levaria esta viagem junto com Dante, com relutância, pois ele já estava a ponto de arrastar Eva à parede mais próxima e enche-la com seu pênis até que não pudesse mais se mover. Mas assim era como deveria ser. Ele iria suportar, e ele faria com que Eva obtivesse seu prazer. Todos os três alcançariam seu prazer no final.

Ele olhou por cima de sua cabeça e viu que um terço da plateia se juntou ao elenco no palco. O bacântico frenesi em curso não agradava sua sensibilidade quando ela notou. Envolvendo um braço ao redor dela, ele a levou para fora e guiou em uma direção para longe da porta do salão, retomando a sua turnê que a fuga apressada tinha interrompido quando estava com Sevin.

- Como eu te disse, a minha sugestão de uma ligação entre nós se estende apenas aos Moonful, - ela dizia com aquela voz duvidosa empertigada que apenas o fazia querê-la ainda mais. - Reservado para as noites em que nossos cônjuges humanos não poderão fazer nada por nós.

- Elseworld exige que eu case com uma humana, - argumentou ele complacentemente, seguro na crença que iria convencê-la, porque dentro, ela queria que ele a convencesse - Um casamento para a procriação de crianças. A manutenção da propriedade. Os votos que eu vou levar são necessariamente falsos. Vou continuar a linhagem, mas nada mais.

- Essa é uma diferença entre nós, - disse ela com uma seriedade tranquila. - Eu só vou quebrar meus votos para o meu marido durante o Moonful em caso de necessidade, quando o meu sangue chama-me a abandoná-lo por um macho de nosso próprio mundo.

Ela era uma tola para pensar que ela poderia compartimentalizar sua paixão, dessa forma, mas agora não era o momento de jogar com as palavras.

Ele se virou em sua direção, as mãos em seus ombros. - Ainda hoje não existem impedimentos em no nosso caminho. Ainda não tenho esposa. Você ainda não tem marido.

Em torno deles um caleidoscópio girava sensual, mas para o momento, nem notou. Ela olhou para ele, procurando seu rosto, a esperança de iluminar a si mesma. - É uma verdade.

- Hoje há somente nós. Neste local. Um local apropriado para uma exploração do que a nossa ligação vai acarretar. Um paraíso, para desfrutar do sabor um do outro, antes de apreciar o banquete completo no Moonful. - Suas mãos deslizaram para baixo colocando os braços às costas. Ela inspirou um longo trago ao peito.

Em seguida, levantou os seios em uma forte respiração quando ela pareceu tomar uma decisão. - Muito bem. Como é que vamos começar? - Ela perguntou timidamente, e ele sorriu mais aliviado do que ele gostaria de admitir para si mesmo.

- O que lhe traria mais prazer?

- Eu não tenho certeza. - Ela olhou ao redor, parecendo de repente, lembrar o que os rodeava. - Eu não tenho um amplo conhecimento sobre os jogos carnis.

Seus olhos vaguearam até o esterno, viajaram para a linha de fechos entre aqueles seios deliciosos dela. - Você já havia feito sexo antes da nossa tarde que passamos juntos.

Ela assentiu com a cabeça, olhando de repente desconfortável. - Por razões que eu não posso te dizer, nessas situações, antes era necessário que eu desse as instruções ao meu parceiro e que assumisse todo o controle. Não é o que eu quisesse. E-Eu ansiava por uma situação oposta. Eu continuo a ansiar.

Sua curiosidade saltou neste mistério, mas seu pau pulou também. Seu desejo se mantinha apertado sobre ela. Eva lhe pertencia, mas ele percebeu que ela queria

empurrar as fronteiras daquilo que era confortável para ela, e que ela queria que ele a comandasse agora. Era o que ele queria também. Sobre sua cabeça, seu olhar se fixou na camada de vidro fumê do escritório de Sevin, sentindo que os seus dois irmãos agora estavam atrás dele, observando. Ele iria levá-la ali mais tarde, mas não antes que Dante, ele e ela estivessem tão possuídos de ter um ao outro que não podiam esperar um minuto a mais. Ele lhe daria prazer lá, mas ele a usaria para conseguir os segredos de Dante também.

Com uma mão em suas costas, ele a cutucou e começaram a andar de novo, lado a lado. Ele sentiu o calor dos olhares em torno de alguns deles no salão. Havia aqueles aqui que a admiravam e invejavam e queriam se juntar a eles.

Dane estava a levando onde Sevin havia parado, Eva percebeu, oferecendo-lhe uma visita e uma oportunidade para considerar as possibilidades exóticas apresentadas por todos os lados. Seu ápice aconteceu em cima de uma mulher, escoltada por dois colegas, cada um com uma mão na cintura. Ela chamou a atenção de Eva e piscou quando o trio escapou por uma porta e fechou-a firmemente por trás deles. Eva fez uma careta depois deles, estranhamente ansiosa para saber o que eles fariam em segredo.

Os olhos dela se fixaram ao longo da parede e viu que era perfurada com mais portas em intervalos irregulares, significando que havia salas menores e maiores por trás delas. E, às vezes, em vez de uma porta, apenas uma cortina de veludo ou brocado estava nas entradas.

- Todos os que vêm aqui escolhem se querem ficar em privado, semiprivado, ou público, - Dane disse a ela, observando seu interesse. - Quando uma porta está fechada não é para ser aberta, uma cortina é um convite para entrar numa câmara e observar em um ambiente semiprivado, como com Russo e seus companheiros. Outros, ainda, optam por se colocar em exposição pública. Ele fez um gesto para abranger a sala principal. - Sua presença aqui na área central é um convite para assistir. E algum pode ser especificamente convidado a juntar-se dentro.

Eva seguiu o olhar de sua mão e ela engasgou. Apenas uma dezena de metros de distância havia um bar gigantesco semicircular de mogno polido e latão, em torno do qual havia quatro fêmeas e um macho em vários estágios de nudez. Nenhum dos seus rostos era visível, pois as costas estavam voltadas para a sala e seus torsos curvados para frente na cintura, de braços meio reclinados na superfície lisa do bar. Libações estavam sendo comprados e vendidos nas extensões entre os espaços em que eles estavam, respirando as decorações, e os patronos ignoravam sua presença, exceto para deslizar-lhes carícias ocasionais. Cada um dos cinco parecia estar usando pulseiras. *Não, eles estavam usando cordas!*

- Eles estão algemados? - Perguntou ela, sem fôlego.

- Por vontade própria. - Dane observou. Parecendo dar sua tácita aprovação ao seu impulso voyeurista, ele se inclinou para trás contra uma coluna, alta e espessa e a deitou contra ele, envolvendo os braços em torno dela e para deixá-la demorar a assistir. O

calor de sua propagação do peito sobre suas costas e as pernas se sentia muito e bem em ambos os lados dela.

Duas das mulheres no bar só usavam suas camisas, meias arrastão, e chinelos de salto alto. Os outros dois mantiveram seus espartilhos também, mas nenhuma estava completamente vestida. O único homem no meio delas usava apenas botas e calças que estava sem cinto em seus quadris magros. Dois homens corpulentos de espécies indeterminadas atendiam o bar e Eva tinha a impressão de que eles também vigiavam garantido a segurança dele.

Como ela observou dois cavalheiros, — ambos completamente bem vestidos — visitaram o bar para refrescar em suas bebidas. Um deu uma palmada na nádega de uma das mulheres com se estivesse experimentando e avaliando o valor de um melão no mercado. Os homens que estavam em um lado dela por um momento, tocavam-lhe levemente e discutiam os seus méritos. Então o homem acenou para alguma sugestão que seu companheiro fez e deixou cair uma coisa pequena em um copo ao lado de sua cabeça no bar. Enquanto seu amigo olhava, ele então levantou a traseira de sua camisa e abriu a frente de suas calças. Ela não estava usando calcinhas e ele facilmente impulsionou seu pênis em sua vagina. As mãos da mulher fecharam em punhos e ela estremeceu, erguendo a cabeça.

Eva respirou fundo e colocou a mão no próprio ventre, quando os músculos entre as pernas saltaram em uma resposta empática tão forte que era quase como se o homem houvesse entrado nela. *Ela* corou, percebendo que Dane deve ter notado a reação dela.

Mas incapaz de lançar seu olhar para longe, ela fixou o olhar enquanto o homem agarrou o trilho de bronze em cada lado da mulher para se alavancar e começou sua copula com seriedade, batendo dentro e fora dela. Ele não a tocava em qualquer outra parte, mantendo o seu contacto puramente libidinoso.

E seu amigo olhava, casualmente sorvendo na sua bebida. Algumas estocadas depois, o homem retirou seu pênis e deixou-a. Ele não tinha acabado. Seu membro ainda estava vermelho e inchado quando ele abaixou a blusa e deixou-a para se fixar no outro sexo feminino estacionado ao lado dela. Outra moeda entrou em outro copo. Outra camisa foi levantada.

Ainda assim, o olhar de Eva permaneceu na primeira mulher, cujo desejo de cumprimento era uma coisa tangível, mesmo à distância. Suas mãos estavam flexionadas sobre as cordas que prendiam seus pulsos e os punhos de Eva se cerraram com compaixão. - Parece uma invasão ficar olhando-a - Ela sussurrou.

- Eles estão aqui porque querem que os outros os assistam, - disse Dane, e uma nota em sua voz lhe disse que tinha sido afetado pela cena também. - O segundo homem, que apenas observa é o parceiro da primeira mulher. Ele vai continuar a regressar até ela durante toda a noite, trazendo outros. Um preço simbólico foi definido para seus favores. Quando ela ganhar moedas suficientes em sua taça, o jogo acaba e eles vão encontrar o seu prazer juntos. Será ainda mais intensamente satisfatória a espera.

Outro homem veio agora, a visitar a mulher sob o olhar atento de seu parceiro. A moeda entrou em seu copo, mas depois que este cliente abriu a calça colocou uma camisinha francesa antes de penetrá-la. Eva enviou a Dane um olhar questionador sobre o ombro.

- Você está se perguntando por que a camisinha se os seres de Elses são incapazes de transmitir a doença, - disse ele. - Alguns machos simplesmente desfrutaram de reterem algo de si mesmos como parte de seu jogo.

- Jogo?

- Brincadeiras sexuais.

Ela revirou a frase na sua mente, considerando seus possíveis significados. - Parece tão intrigante, tão libertador, - ela suspirou melancolicamente. - Mas uma vida de doutrinação não é facilmente eliminada em uma noite.

- Seu esforço precisa primeiro ser apenas um discurso da verdade. Diga-me o que quiser. Quebre as correntes. Liberte-se das demais vergonhas, a qual usa para amarrar seus desejos.

Em suas palavras, Eva sentiu uma onda de imprudência por ela. Suas mãos foram baixas em ambos os lados até que elas descansaram na frente de suas coxas. Sob as palmas das mãos, seus músculos estavam muito ligados ao movimento e ela sentiu seu coração bater em suas costas.

- Sim. - Ela admitiu em voz baixa. - Eu quero as coisas que você mencionou antes, e muito mais. - Era difícil para ela dizer as palavras, mas seu anseio profundo as obrigou a partir dela. - Eu espero estar com um homem que comande os jogos carnavais entre nós. Que saiba o que eu queira sem que haja necessidade de me perguntar a cada passo.

Nessa última questão, você terá a chance de ter um homem que assume o que ele quer de você, ao invés de dar o que você quer. Nenhum homem é onisciente. Vamos ter uma noite com início entre nós. Vamos explorar o que você quer o que você gosta. E eu vou lhe dar uma compreensão do que eu quero em troca.

Ela assentiu com a cabeça, a garganta apertada de excitação. - O que eu quero... - Suas mãos subiram mais se movendo por trás dela e entre eles, mimando o seu pênis. Ele empinou, abrigando-se em sua carícia. Sua mandíbula se aninhou no vão de seu pescoço, sua voz um rugido de advertência - Eva... Com metade da palma em cima da outra, ela o acariciou. Ele era tão grande, tão forte, tão quente.

Ele gemia e alcançou com as mãos os seus seios exuberantes sentindo o peso, massageando e encontrando os mamilos apertados pelo tecido do corpete com a ponta de seus polegares. Bem ali, no meio de uma sala cheia de estranhos.

- Você é minha agora. - Foi um grunhido, uma demanda masculina contra o pescoço dela. - Fique aqui comigo.

- Eu sou sua. - Por esta noite. Ela pendeu contra ele, desfrutando de suas mãos sobre ela e as dela sobre ele. Seus polegares beliscaram seus mamilos e os transformaram em grânulos duros, atirando sensações devastadoras em seu clitóris.

- Você vê esses homens? - Seus lábios roçaram seu ouvido. – Olhando para você?

Ela forçou os cílios a levantarem e olharem adiante, para ver três homens altos, ombros largos, senhores bem vestidos a alguma distância. Seus olhos estavam quentes e passeando por ela com admiração flagrante. A mão de Dane achatada na extensão vulnerável de carne acima de seu corpete mergulhou dentro do tecido para reivindicar seu seio. Como ímãs famintos, três pares de olhos fixaram naquela mão.

- Eles sabem que você é minha. - Atrás dela a boca dele acariciava sua nuca. - Que você é inalcançável. Ainda assim eles não podem ajudar a si mesmos e a devoram com seus olhos.

Sob o vestido, os seios e mamilos inchados tornaram-se altamente sensibilizados para os riscos de sua camisa de algodão recatada e seu toque masculino. A barreira do vestuário em si mesma— itens sensíveis de roupa que ela vestiu muitas vezes sem pensar — agora pareciam repentinamente e estranhamente eróticas.

- Mostre-se a eles, - Dane ordenou calmamente.

- O quê? - Suas mãos subiram para cobrir as suas no seu seio.

- Abaixar a frente do seu corpete. Lentamente, de forma provocativa. Mostre a eles o que eu tenho. O que eles desejam.

A própria ideia chocou seu núcleo. No entanto, sua reação a ele chocou mais ainda. Uma pontada de excitação correu sobre sua pele. Isto era isso o que ela queria. Um parceiro que era... criativo... ousado... no controle. Ela se sentia segura com ele, mas sua sugestão picante se sentiu lasciva e maravilhosamente insegura.

- Seu corpo é lindo. E ninguém vai lembrar-se de você, uma vez que todos nós sairmos daqui hoje à noite. É só para o nosso prazer mútuo que aguçaremos o apetite e ofereceremos um vislumbre.

Ele guiou os dedos dela fazendo-os percorrer ao longo de seu decote, esfregando as pontas deles ao longo das alças de seu corpete. Por sua própria vontade, suas mãos começaram a trabalhar com os fechos. A tensão preencheu os homens em toda a sala, e ela observava seus olhos se fixarem em seus dedos no corpete enquanto ela lentamente, provocante revelava o espartilho por baixo.

Dane era uma presença firme, sólida em suas costas, apoiando a sua segurança e força. Suas mãos varreram suas costelas, cintura, quadril e na barriga de volta, pincelando-a com desejo. Sua cabeça estava inclinada sobre ela, o rosto em seu cabelo enquanto ele observava atentamente o que ela revelava com cautela. E ele ofereceu incentivos gentis, dizendo-lhe como ela era bonita. Como sua pele era macia. Como completamente belos eram seus seios. Ela se deleitava com os seus cumprimentos e os olhares lascivos dos estranhos.

Longos momentos depois, seu corpete cedeu aberto até a cintura. E aquelas mãos tomou vantagem rapidamente, movendo para cima, para alargar o fosso e roliço da parte inferior dos seios, forçando para o alto e acentuando seu decote até que os mamilos espiaram acima de seu espartilho e camisa, de pé e rosados e atrevidos. Um dos homens em sua direção jogou de volta a sua bebida e outro engoliu duro, deslocando seu peso.

- E agora o resto, - Dane instruía suavemente. Suas mãos obedientes foram mais fácies agora para o início de seu espartilho. Com cada gancho, ela estourou a tensão da ferida mais apertada nos homens em todo o caminho. Quando ela terminou, corpete e espartilho estavam abertos, apenas a largura suficiente para entrever mais do que sugeriam suas curvas.

Um dos três homens colocou sua bebida sobre a superfície mais próxima com força suficiente para que ela ouvisse sua batida. Ela se endireitou, de repente incerta se ele veio na direção deles para ficar apenas um metro de distância. Além dele, seus companheiros tinham se movido em conjunto, discutindo em voz baixa sobre ela, como se ela fosse de valor inestimável de uma estatuária em leilão. Seus olhos saltados ao redor da sala e, embora ela visse o olho ocasional se transformar a sua maneira, para todos os intentos e propósitos, ela, o Dane, e esse homem estava sozinho em seu encontro.

- Ele não vai tocar em você a menos que você o convide, - Dane murmurou em seu ouvido. Ela olhou para ele, então, por cima do ombro, viu a luz em seus olhos ávidos e sabia que isto o animava tanto quanto fazia com ela.

- A escolha é sua. Eu vou estar aqui, - disse a ela, e colocando as mãos em vota de sua barriga, - Você está segura.

Seus dentes puxaram lábio e olhou para o estranho, tímida, mas intrigada. Seus mamilos estavam apertados com uma dor doce, e sem pensar ela acalmou-os com as pontas dos dedos e sentiu os homens reagirem. Sua ânsia de explorar essa oportunidade que eles ofereceram era tão intensa que era como uma coisa viva dentro dela.

Com mãos trêmulas, ela chegou para as bordas da camisa do espartilho e corpete, e os puxou para trás, expondo os seios. Atrás dela, ela sentiu Dane observando o interesse do outro homem vivo e mais forte. - Você pode tocá-los. - Ela permitiu suavemente.

O homem chegou mais perto, tão perto que ela podia sentir o calor do seu corpo, e ela mal ousava respirar. Ele sorriu nos olhos dela. Ele era alto, quase tão alto quanto Dane.

Suas mãos gentis eram macias, quentes e confiantes que cobriram os seios e descansaram ali, imóveis. Seu olhar caiu para eles e apertou-a gentilmente, e novamente com mais firmeza, e depois novamente, achatando os mamilos com as palmas das mãos e covinhas sua carne com seus longos dedos. Foi maravilhosamente estranho, tendo dois homens segurando uma vontade cativa entre eles desta maneira. Ele a fez se sentir inquieto, ansioso por mais.

Depois de um momento longo e pesado, o homem olhou para Dane sobre sua cabeça. - Você compartilha?

Eva tremia com os olhos arregalados. Ela não estava pronta. E de alguma forma Dane sabia. Ela sentiu que ele balançava a cabeça e ficou aliviada.

Os lábios do desconhecido curvaram com pesar. - Você é um homem de sorte, - disse ele. - Talvez em outra vez.

- Talvez, - Dane concordou.

Dando um ultimo aperto em seus seios, as mãos se afastaram com relutância. Os dois homens acenaram educadamente um para o outro, em seguida, o desconhecido voltou para seus companheiros.

Eva girou nos braços de Dane e seu olhar caiu imediatamente para a ascensão e queda de seu peito. Ele engoliu visivelmente.

- Será que você realmente teria permitido que ele se juntasse a nós?

- Como ele disse, talvez outra vez. Se você quiser. Suas mãos vieram escuras, contra o branco de seus seios, e ele segurou-a onde o estranho havia segurado como se ele apreciasse a memória de outras mãos masculinas a tocando assim. - Ele me excitou ao vê-lo te desejando. Para saber que você prometeu a si mesma para mim, e que eu poderia limitar os favores que você entregasse a ele. Ou a qualquer outro parceiro que você escolhesse, em outra noite. Dois dedos mergulhados em seus seios, traçando uma curva como se estivesse fascinado com sua forma e textura.

Ela sorriu feliz de porque ele gostava de seu corpo. Nunca ela tinha sonhado que ela poderia achar um homem como este, cujos desejos tão bem alinhados com o seu próprio. Antes desta noite, ela achava-se rebelde, debochada mesmo, por causa da fome que ele tão facilmente aceitou e incentivou por ela.

- Como eu sou sortuda por ter encontrado você, - ela disse. - Um homem exatamente como eu queria. Tão bonito tão apaixonado. Tão honesto.

Dane congelou. *Honesto*. Sua palavra voltou para ele. Mas ele não podia ser completamente honesto com ela. *O que ela pensaria se ele lhe dissesse que era dois homens, e não um?* Ela convocaria a policia para prendê-lo. Ele quase não se importaria, contanto que a trancassem com ele. *Mas onde teria que deixar Luc?*

- Vem, - ele murmurou. Ela agarrou o corpete juntos em uma mão e deixe-o levá-la embora.

- Onde estamos indo? - Ela quis saber.

- Lá em cima ha um quarto particular, um exclusivo para os meus irmãos.

Quando eles chegaram a uma porta marcada como PRIVADO, seu rosto endureceu rapidamente e as sombras de pesar cruzaram seu rosto como nuvens de tempestade. - Há algo que eu deveria lhe dizer primeiro — uma coisa sobre mim, que você deve saber. - Ele, pois para fora. Mas o tom sombrio a assustou e ela colocou a mão sobre sua boca,

sacudindo a cabeça. Então ela pegou sua mão e puxou-o para a porta que ele buscou e abriu-a, feliz quando ele a seguiu para dentro.

Juntos, eles subiram correndo as escadas. Ao chegarem, eles pararam e ele a empurrou contra a parede, beijando-a profundamente, como se ele não pudesse esperar para tê-la. Sua mão foi sob suas saias e dois dedos mergulharam dentro dela.

- Deuses, você está tão molhada, ele gemeu contra seu cabelo. Com um farfalhar de saias, ela enlaçou um joelho em torno dele.

- Agora. Por favor.

Sua aura tinha estado prata a maioria do tempo que estavam juntos, esta noite, com apenas ocasionais manchas de ouro. Mas agora, o ouro era maior e queimava como se travando uma luta para ficar livre de alguma restrição invisível. Ela podia sentir seu desespero, mas ele afastou-se tristemente e correu para frente e para cima, arrastando-a com ele. Finalmente, chegaram ao refúgio que ele procurava. Ele abriu outra porta com uma mão, e juntos eles entraram na magia além.

No suave brilho de— luzes brandas, ela ganhou uma vaga impressão de sofás e almofadas, temperos exóticos, os afrescos eróticos... e um movimento sorrateiro! Seus dois irmãos estavam lá, ela percebeu, e a presença deles assustou-a em silêncio. Cada um deles já estava com uma mulher. Sevin estava deitado em cima de sua parceira, movendo-se sobre ela, uma de suas pernas entre as dela e as calças baixas apenas o suficiente para expor as ondulações em ambos os lados da sua coluna lombar. Bastian estava nu até onde ela podia ver dele, e deitado sobre um sofá, entre almofadas de veludo, como uma espécie de sultão exaltado, suas mãos poderosas vagueando na mulher com pouca roupa que segurava. Ambos levantaram seus olhares quando eles entraram. Algo significativo se passou entre os três irmãos, mas depois cada um voltou para o que eles estavam fazendo.

Eva olhou para Dane, encontrando seu olhar fixo sobre ela como um predador olhava sua presa.

- Assim é como será as coisas para nós no Moonful, - disse a ela. - Incomoda-lhe que estejamos acompanhados aqui?

Ela balançou a cabeça, tão ansiosa para tê-lo agora que ele poderia ter trazido hordas de outros — toda uma audiência para o quarto e ela não teria objeções.

Ele a agarrou e beijou-a, então, profundamente e com paixão crua e reprimida que impulsionou todo o pensamento de sua cabeça. E então ela estava de volta no travesseiro e ele foi forçando seus pulsos para cima sobre sua cabeça, o queixo cutucando seu corpete inferior, uma mão rasgando o tecido, e sua boca quente caindo sobre seu peito.

O ar frio encontrou suas pernas quando ele lhe tirou a saia e a calcinha. Empurrando uma mão sob suas nádegas, levantando-a. Em uma vigorosa e longa estocada ele se introduziu em seu núcleo e ela gritou de alívio. E então ele batia nela mais e nada mais selvagem como a fome que ele tentava disfarçar. Ela arqueou com ele

e, em seguida, muito rapidamente foi caindo em um orgasmo, tropeçando e vibrando em esplendor, seus tecidos ritmicamente ordenando o pênis dele como um punho escorregadio. Suas inspirações vieram arquejadas quando ela inclinou-se com cada onda de excitação de prazer feroz. E subiu-lhe todo o caminho, dando a ela o que ela precisava, mergulhando a cada resposta de sua vagina num ritmo medido que a enchia em apenas... Oh... Certo... ahh!

Era perfeito. Tão perfeito que o orgasmo tinha quase desaparecido antes que ela percebesse que ele não tinha gozado com ela. Ela olhou para ele, desapontada, pois ela se lembrou da sensação inebriante de sua semente jorrando e queria novamente. Sua mandíbula estava cerrada, e ela acariciava sua textura áspera.

- O que você precisa? - Ela sussurrou.

Seus olhos procuraram os dela por um longo momento. Quando sua voz chegou, foi baixa e carregada. - Eu preciso que você faça algo por mim.

Ela sentiu a súbita atenção fixa de seus irmãos, mas ela estava muito além para prestar atenção.

- Fale e eu farei qualquer coisa, - prometeu sua eterna escrava agora, querendo que ele encontrasse o mesmo prazer que ela havia obtido o mesmo prazer que ele lhe dera.

Ele se levantou e a ergueu a seus pés, seu corpo entre ela e seus irmãos. Ela teceu os dedos em seus cabelos e puxou a cabeça dele, seu olhar questionador.

- Eu preciso que você coloque sua boca em mim, - respondeu asperamente. - Para chupar-me por quanto tempo for preciso.

Agarrando seu significado, seus olhos mergulhados entre eles. Seu pênis angulava alto, sua haste grossa com veios largos e sua coroa liberada e cheia com a necessidade. Ela lambeu os lábios, de repente, sedenta por um gosto deste novo prazer. Seus joelhos dobraram, mas ele a segurou quando começou a descer - Não pare, não importa o que aconteça, - insistiu ele. - Não até eu terminar.

Seus olhos se arregalaram, mas ela balançou a cabeça. - Eu não vou parar, - foi um sussurro, uma promessa.

E então as suas mãos estavam sobre seus ombros, empurrando-a para os joelhos. Suas pernas se ajustaram melhor para ela e uma de suas mãos se enroscaram em seus cabelos, segurando-a, enquanto a outra levou seu pênis em sua boca. - Chupe-me, - sua voz era áspera e feroz, vibrando com a fome.

Ela molhou os lábios novamente e abriu-os, deixando o pênis entrar suavemente com toda sua largura. Provou o gosto salgado dele em sua verga. Suas mãos subiram para os lados de seus quadris, sentindo seus músculos tensos enquanto ele guiava-se mais profundamente. Ele se inclinou para ela e a textura mais grossa do seu eixo deslizou ao longo de sua língua.

Quando sua coroa cutucou o fundo de sua garganta, ela respirou pelo nariz e forçou seus músculos a relaxarem, permitindo que ele se aprofundasse mais.

Ambas as mãos foram para ela, dedos tensos e emaranhados em seus cabelos, a cabeça inclinada para vê-la chupá-lo. - Isso linda. Relaxe para mim, - ele insistiu em uma firme, voz de veludo. - Eu tenho mais para dar.

E então ele estava macio e escorregadio agora e rapidamente puxava para trás. E, em seguida, enchendo-a de novo. E aspirando incessantemente, trabalhando em sua boca, indo e voltando no tempo, traços elegantes, em hora de flexionar o ritmo de seus quadris.

Seu ritmo logo começou a acelerar e seus impulsos vindo mais curtos e mais rápidos, seu corpo esticando-se. A antecipação invadiu-a enquanto ela o imaginava derramando sua semente em sua boca morna, em jorros maravilhosos.

Deuses! Era como se enterrar em um punhado de mel quente, mais e mais. Dane nunca tinha ficado tão desesperado para disparar seu gozo. Ele sentiu Dante compartilhando o momento, mas não era como antes. Desta vez, eles não estavam disputando o controle. Pelo contrário, era como se dois homens segurassem as rédeas de um carro descontrolado. Ambos curtindo o passeio juntos. Ele forçou Dante no fundo, mas agora a fome de Dante era a sua fome, e foi empurrando após seu controle.

Você quer gozar? Dane exigiu em silêncio.

Porra, sim! O que você acha? Você quer isso, também, seu bastardo, veio à resposta que só ele podia ouvir.

Então me diga o que eu quero saber. O que você sabe sobre Luc. Onde ele está? O que nos aconteceu 13 anos atrás?

Eu não sei!

Mentiroso!!!

Dane começou a sair dela, seu pau ainda grosso e faminto, e brilhante de sua boca. Deixá-la pareceu a coisa mais difícil que ele já havia feito em sua vida.

Dante gritava dentro dele, chamando-o de todo o nome sujo que ele conhecia.

Diga-me o que eu quero saber e eu vou deixar você ter essa boca mais uma vez, Dane prometeu, orando para que Dante concordasse e colocasse fim na miséria mútua.

- Dane? Era Eva. Sua voz parecia vir de muito longe.

As lembranças que você procura. Elas não são minhas. Elas são suas para desbloqueá-las.

- Isso é algum tipo de enigma? - Dane disse, sem perceber que estava falando em voz alta agora. - *Você está dizendo que não sabe o que aconteceu com a gente anos atrás?*

- *Isso mesmo. Não guardo esse segredo.*

- Então, quem diabos o guarda?

- Dane o que está errado? Com quem está falando? - Era Eva novamente. Ela se levantou e puxou a saia e estava segurando seu corpete escancarado juntos em uma tentativa tardia de comedimento. A colegial tímida havia retornado. E ela estava com medo.

Com uma parte de sua mente, Dane observou Sevin escoltando as outras duas mulheres para fora da sala, ele ouviu o barulho do suave fechamento da porta atrás deles. Notou Bastian ir para Eva e colocar a mão em suas costas, acalmando-a. Ela lutou brevemente, mas ele curvou a palma da mão na bochecha dela e inclinou a cabeça para ela, murmurando, lançando uma calma sobre ela.

Mas até lá, os pensamentos de Dane se voltaram para dentro. Preso em seu pesadelo particular, ele deixou seu irmão administrar a situação.

- *Responda-me.* - ele exigiu de Dante. - *Quem sabe essas coisas, se você não sabe?*

- *O jovem Daniel.*

- *Daniel?* - Dedos de terror desceram por sua espinha. *Havia mais alguém dentro dele? - Ele está aqui agora, com a gente?*

- *Ele está sempre aqui, apenas adormecido. Isso é tudo que eu sei.*

- *Tem mais alguém aí? Alguém além de nós e ele.*

- *Não! Agora, deixe-me gozar!*

Sevin colocou a mão em seu ombro, o choque o trouxe de volta à realidade.

- Você está bem?

Dane lançou um olhar sobre Eva, que estava encostada em Bastian.

- Não a deixe ir embora, - Ele virou as costas para todos eles e pegou seu pênis em sua mão. E em uma série de empurrões eficiente, ele gozou na própria mão. Dante amaldiçoava com o alívio e em seguida foi embora. Cansado, Dane foi para a pilha de toalhas de linho dobradas ao lado do canto na pia e se limpou.

- Bem? O que você descobriu? - Sevin exigiu.

- Quem é Daniel? - Bastian questionou ao mesmo tempo.

- Aparentemente outra personalidade -, disse Dane. Ele foi para Bastian e puxou Eva e, segurando-a contra si, sentiu-se a terra novamente.

- O que aconteceu? - Ela perguntou ainda zozza.

- Você precisa dizer a ela -, disse Bastian. - Ou deixe-a ir.

- Mais ordens? - Dane resmungou.

- Dizer-me o quê? - Eva perguntou, se afastando. Evitando os olhos, ela agitou a mão em sua direção para indicar seu desconforto com a sua nudez, agora que as coisas tinham se tornado sério.

- Será que todos vocês, por favor...? - Dane a olhava apertar seu espartilho, escondendo os seios à distância, e sentiu repúdio ao que eles haviam compartilhado. Seus olhos se estreitaram.

Sevin jogou as calças de Bastian a ele e, em seguida, revelou algumas das verdades.

- Eu e meus irmãos ficamos órfãos aqui quando nossos pais morreram da doença. Dane tinha desaparecido um pouco antes disso, aos doze anos.

- desaparecido, - ela repetiu. Dane afastou-se, passando a mão sobre o rosto, desejando que ela não tivesse que ouvir isso.

- Sequestrado e encontrado novamente um ano depois, - disse Bastian, enquanto vestia sua camisa. — Tivemos — temos — um quarto irmão, Lucien, que foi sequestrado com ele. Ele não foi visto desde então. E Dane não tem memória do ano em que ele ficou sequestrado. Então agora você sabe a parte da história que pertence a todos nós, mas algo mais é só dele para contar. Ele acenou com a cabeça na direção de Dane.

Eva estava terminando de fechar o corpete agora, quase vestida. E quando ela estivesse vestida e respeitável novamente, ela o deixaria. Talvez para sempre, se ele não se explicasse. Se ele não conseguisse, pelo menos, tentar fazê-la compreender a incrível verdade.

- Dane, antes, com quem você estava falando? - Ela se aventurou em voz baixa. - Sua aura mudou, então, da prata ao ouro e de volta. Já aconteceu antes com você. Como se fosse duas pessoas diferentes em um só corpo.

- E eu sou. - Sua breve admissão cortou a sala como um trovão calmo, e então as palavras fluíam dele, como se tivessem aberto uma ferida.

- Algo aconteceu comigo enquanto eu estive sequestrado durante esse ano. Algo indescritível. As memórias dele estão presas dentro da mente de... duas... outras personalidades enterradas dentro de mim. Às vezes, eles vêm à tona e assumem o controle do meu discurso e ações.

Eva veio a ele, seu olhar uma mistura suave de horror e empatia.

- Isso explica algumas coisas.

- Eu tenho certeza. - Ele tomou uma respiração profunda. - Eu não conseguia obter nenhuma resposta de Dante, o único que eu conheço melhor. Até que você veio.

Com isso, a verdade da sua participação na noite pareceu se desvendar sobre ela e sua expressão ficou rígida.

- Você estava me usando para extrair seus segredos. - O silêncio dos irmãos o condenou. Rapidamente, ela encontrou os sapatos e calçou-os. - Então, agora que a minha utilidade terminou, eu me despeço de você, boa noite.

Mas Bastian fechou a porta com uma mudança ocasional de seu corpo. - Você é mais importante do que tudo isso que você pensa, - ele disse a ela. - Acreditamos que os

segredos que a mente dele detém pode nos levar a Luc. A sanidade de Dane pode está em risco aqui, e a vida de Luc. Isso traz a urgência da nossa necessidade de obter respostas, por quaisquer meios necessários.

- Cala-te, irmão, - disse Dane, passando por ele. A última coisa que queria era que ela pensasse que ele era louco. - Venha comigo, Eva. Vejo você em casa.

Ela o deixou levá-la para baixo e para fora para a noite fria. - Parece que um ano se passou desde que eu e entrei neste lugar, - disse ela, olhando para as estrelas com um ar melancólico.

- Nada disso importa, - disse ele. – Amanhã você não vai se lembrar. Eu não a convidei...

- Ah. - Ela enviou-lhe um olhar de soslaio. - Isso significa que você não vai lembrar também?

Ele balançou a cabeça. - Os sátiro são as únicas espécies que não necessitam de um convite formal. Vou me lembrar.

- Isso não é justo. - Embora ela estivesse feliz por que sabia que ela também se lembraria. Havia muitas partes desta noite que ela nunca, nunca queria esquecer. Em tempos mais solitários no futuro, ela iria refletir sobre eles, como estimas fotos em sépia de seu passado por demais breve e lascivo.

Mas Dane apenas encolheu os ombros. - Salão de Sevin. Regras de Sevin. Assobiou para a noite e eles ouviram um clop dos cascos.

- Homens, – ela resmungou. - Irrita-me que você pode fazer as coisas acontecerem com tão pouco esforço. Se eu assoviasse, eu garanto a você que nenhuma carruagem iria aparecer.

Ele sorriu para ela, o charme masculino inclinando os cantos dos lábios. - Então parece que você deve se manter em torno de mim, mesmo que apenas por conveniência.

Ela suspirou. - Dane...

- Você não foi apenas uma ferramenta. Nem uma maneira agradável de passar uma noite, - disse ele, enfiando as mãos nos bolsos. – Admito, eu senti medo de dizer a verdade. Medo de que você pensasse que eu sou uma aberração. Você não seria a primeira.

- Você não é uma aberração, - disse ela apaixonadamente. Ela tinha boas razões para saber que o rótulo poderia machucar. *Sim, ela estava com raiva por que ele escondeu segredos dela, mas ela não estava abrigando os seus próprios segredos? Se ela fosse corajosa o suficiente para revelar o seu, o que faria? Ele informaria ao Conselho? Ou protegeria seu segredo, e poria em risco seu próprio futuro e de sua família?* Ela não se arriscaria inconsequentemente e ela não iria pedir-lhe para tomar uma decisão tão dolorosa.

Eles se dirigiram para carruagem e ela se virou para ele. - Haverá outra gala amanhã à noite, - ela ofereceu solenemente. - No Circo Massimo, perto do Fórum. Você vai vir?

Ele fez um som frustrado e olhava para longe em direção ao brilho fantasmagórico das luzes do Fórum. - Meu interesse em encontrar uma esposa humana diminui, - disse ele, mas depois ele olhou para ela novamente e acenou com a cabeça. - Mas eu estarei lá. Quando ela se moveu para o transporte, ele se aproximou. - Uma coisa, Eva, antes que você vá... - E então, delicadamente, ele colocou as mãos sobre seus olhos e falou como se lançando um feitiço. - Eu a Convido. - E então as suas mãos tinham ido embora. - Para se lembrar.

Seu coração derreteu neste presente, embora ele não tivesse nenhuma maneira de saber que seu convite não era necessário. - Obrigado, - ela sussurrou. E então ela plantou um beijo rápido em seus lábios e entrou no carro, sentando-se para trás de modo que ele não iria vê-la com a face deformada pela emoção. Ele tinha tanta perda, tanta dor em sua vida, muita incerteza. No entanto, ele a enfrentou bravamente esta noite e admitiu a terrível verdade de seu passado e presente, e agora tinha confiado nela para salvaguardar o que tinha aprendido. Ela colocou a mão no peito apertado, sentindo o nó terrível de seus próprios segredos ali, pois ela não conseguia encontrar a coragem de ser tão honesta no retorno.

- Amanhã à noite, então, - ele bateu no lado do carro e ele deu uma guinada fora.

Ela olhou para ele, os olhos agarrados à sua figura até que ele foi engolido pela noite. - Sim, - ela sussurrou sozinha em sua carruagem. - Amanhã.

CAPÍTULO 13

- Carmen! Venha saia da chuva, querida. Á noite está atroz.

Serafina Patrizzi fechou a porta e apertou a cintura impressionante de sua amiga de longa data em um abraço superficial.

- Você veio sozinha? - Perguntou ela, ignorando a menina que sua amiga arrastava.

- O meu Alfredo está em Veneza, a negócios, - respondeu Carmen.

- É melhor assim. Os nossos homens partiram para as entranhas da terra há uma hora, e ele teria sido deixado para trás. É tão bom vê-la. Já faz muito tempo.

- É a cólera que me manteve afastada. A epidemia está se dirigindo a todos os meus parentes de Nápoles e na minha casa aqui em Roma. Minha mãe, minha avó, meus nove primos, e assim por diante. Bah!

- Meu Deus! Como você lida com tantas pessoas?

- É um suplicio, - disse Carmen. - Digo-vos eu mal tenho tempo para mim. Eu sei que devo parecer um pouco abatida.

- Muito abatida.

As duas mulheres sorriram uma para a outra, curtindo sua piadinha.

Ambas eram incomumente jovens para a idade. Mas elas trabalhavam diligentemente para manter o esse aspecto.

- E quem é esta? – Perguntou Serafina, finalmente se dignando a observar a jovem por trás de Carmen. Ela pegou o queixo da menina entre o polegar e o indicador, puxando sua face da esquerda para direita.

- Muito bom. - A menina se afastou um pouco desconfiada.

- O nome dela é Nella. Eu a conheci apenas esta tarde, quando minha carruagem pegou uma curva errada e acabou no Esquilino.

Carmen fez uma pausa, retirando seu casaco e escovando alguns pingos de chuva errantes de suas saias.

- Ela tem sardas no rosto como você vê. Fora isso ela é uma doce menina.

- Quantos anos você tem? - Serafina perguntou.

- Dezesseis signora.

- Uma idade linda! - Carmen declarou. - Mas a doce infeliz é solteira e, recentemente, deu à luz um bebê natimorto, você pode imaginar? - Ela reclamou que seu peito está doendo, inchado, pois está cheio com leite de uma mãe que sem criança não pode se desfazer dele.

Ambas as mulheres olharam para os seios da menina, então trocaram olhares significativos. Nella dobrou o xale surrado com modéstia sobre o corpete.

- Oh, não seja tímida. Só nós mulheres estamos aqui, - brincou Serafina.

- Eu disse que ela terá os jovens fazendo fila para se casar com ela se ela apenas se livrar dessas sardas horríveis. Eu sabia que ela poderia se beneficiar com nossos cosméticos, então eu a convidei, - disse Carmen.

- Eu espero que não seja um transtorno?

- Não, na verdade não, - disse Serafina. Sorrindo para a garota, ela pegou a mão dela áspera pelo trabalho árduo, afagando-a.

- Eu mesmo já tive uma sarda. Bem aqui, - ela tocou o nariz com um dedo. - Mas poucos dias depois de usar nosso creme, ela desapareceu. Puf!

- Eu não posso pagar, - a menina admitiu, relaxando sob o jeito amável de Serafina.

- Não importa. Venha comigo, - Serafina pegou seu braço, levando-a para casa. - Você vai nos ajudar com nosso trabalho como pagamento.

- Será que é a Carmen quem eu ouço? - Uma voz veio de longe pelo corredor que elas entraram.

Passando dentro de uma porta, as duas mulheres se juntaram a outras quatro no salão decorado com bom gosto da sala privada de Serafina. Ela havia sido feita no estilo toscano em âmbar e ferrugem, com pelo menos duas dezenas de bustos e pinturas recolhidas das ruínas do próprio Fórum. As prateleiras construídas em uma das paredes foram cuidadosamente empilhadas com potes lisos, frascos e caixas pequenas, todas com designação semelhante.

- Carmen. Até que enfim!

Carmen abriu seus braços em uma saudação barulhenta.

- Anna! Leona! Magda! Cecile! - Ela beijou uma de cada vez em ambas as faces.

- Finalmente, podemos começar, - disse Leona, quando ela começou a encher seis taças de ouro a partir de uma garrafa de vinho. E, em seguida, uma sétima de prata com o líquido de uma garrafa diferente.

- Eu não tenho culpa por está atrasada, - disse Carmen enquanto se acomodava em uma cadeira. - Mas você vai me perdoar quando você vê o que eu trouxe. Uma jovem senhora para nos ajudar com nossas boas obras. Dê um passo à frente, Nella, e deixe todo mundo te ver.

A menina permanecia na porta, indecisa.

- Nella tem sardas das quais ela deseja se livrar, - Serafina confidenciou para as outras. - E só o que nos resta é determinar qual de nossos cremes pode ser mais eficaz para ela, - ela fez um gesto para a garota se aproximar mais. - Venha, nós não a morderemos. Precisamos ver você para julgar o que precisará.

Hesitante, Nella deu alguns passos na sala. Vendo que a menina estava olhando as bebidas sobre o carrinho de chá, Serafina pediu a ela para pegar o que gostasse. - Aqui, você deve querer um cannoli, sim? E, Leona, dê a nossa cliente um pouco de vinho.

Na oferta, as suspeitas de Nella deram lugar à fome. Olhando como se ela tivesse morrido e ido para o céu, ela engoliu o doce e mais três, em seguida, jogou a oferta de vinho em sua garganta também. Serafina e as outras tomaram um gole de suas taças de ouro, olhando para ela.

- Estes são os cremes para as sardas? - A menina perguntou, apontando para os frascos nas prateleiras.

- Sim, mas as senhoras nunca começam os negociar com senhores assistindo. Eles preferem que sejamos seres decorativos em vez de trabalhadoras, - instruiu Serafina.

Nella franziu o nariz em perplexidade.

Serafina colocou sua bebida de lado e se levantou, e suas companheiras seguiram o exemplo. De uma pilha das prateleiras, ela entregou a menina varias peças de veludo, cada uma do tamanho de uma toalha pequena. - Aqui, você deve nos ajudar, cara.

- Sim, enquanto ela ainda pode, - Carmen riu em sua taça. Uma das outras lhe deu uma cotovelada nas costelas, repreendendo-a.

- Ponha esses véus nos homens, seja uma boa garota, - disse Serafina. E vendo que Nella ainda parecia confusa, Serafina fez um gesto na direção de uma linha de bustos em cima de pedestais.

- Aquelas cabeças de mármore lá? - ela demonstrou, vendando uma pintura de Baco com outro pedaço de pano. Cada uma das outras senhoras tomaram outros véus escuros para si, cada um abrangendo várias peças de arte.

- Não, não uma das queridas. Só os homens, - advertiu Serafina à Nella quando esta foi para vender um busto de Diana a Caçadora.

- Por quê?

- É tradição, - Carmen disse a ela.

- Quando vou receber o creme? - Nella persistiu.

- Em breve. Mas nós temos uma ordem na qual as coisas devem ser feitas nestas ocasiões, - disse Serafina, vendando um busto de Cícero. - Temos um novo tratamento para alongar os cílios também. A máscara, também conhecido como rimel. Gostaria dela, querida? Cílios mais longos?

- Você acha que eu preciso signora? - A menina levantou um dedo para tocar os cílios, como se para testar a sua espessura.

- Ele não poderia machucar, não é? Os homens admiram essas coisas.

Uma vez que cada um dos bustos masculinos e pinturas tinham sido encoberto, Serafina anunciou: - Aproximem-se, queridas.

Nella foi sentada em um pequeno sofá, e permitiu que sua pele fosse tratada.

- Há. Basta deixar agir um pouco e nós vamos removê-lo quando chegar a hora. - Serafina disse-lhe antes de se dirigir para as outras senhoras.

- Alguma outra queixa?

Carmen levantou sua saia. - Eu tenho um pequeno nódulo incômodo a ser tratado no meu joelho.

- Isso é uma verruga, - declarou Anna, olhando para ele.

- Cuide da sua vida, enxerida, - Carmen empurrando suas saias para baixo.

Anna encolheu os ombros na maneira alegre e italiana. - Se você não quiser ouvir a verdade, não pergunte.

A conversa continuou enquanto uma ruga errante foi tratada, uma mancha de fígado nas costas de uma mão, outra mancha, e o joelho de Carmen.

Os cremes foram removidos uma hora e meia, mais tarde, e Serafina disse: - Pronto isto está feito. Agora passemos a burocracia e as ordens.

- Tenho o prazer de informar que o negócio está excelente, e prosperando particularmente em Paris, - disse Magda. - Precisamos obter mais matérias-primas. O pó de carvão, vaselina, vinagre, maçãs, argila, glicerina, e, claro, as azeitonas que são as mais importantes - disse Leona.

As outras senhoras animaram a atenção enquanto ela se virava para Serafina. - Sobre a perda de seu bosque.

Serafina enrijeceu. - O quê!!?

- Eu soube da notícia por meu próprio filho que estava lá na mesa de cartas naquela noite, - Leona informou. - Ele alegou que um daqueles Lords Satyr o ganhou de seu filho.

- As azeitonas não podem deixar a família, - disse Cecile em pânico. - Não podem sair!!!

- Shhh! Se acalme, Cecile. Eu estou cuidando disso, - disse Serafina com irritação, - eu pretendo oferecer a minha filha ao Lord Satyr, como esposa, a fim de trazer a terra de volta para nosso seio.

- Alexa? - Perguntou Leona.

- Eu tenho outra filha?

- Será que ela concordará com isso? - Perguntou Carmen.

- Foi dela a sugestão, - Serafina disse-lhes.

- Antes deles se casarem, vamos empossá-la em nosso grupo, é claro, - disse Magda, folheando um livro. - Quando você tiver uma data, deixe-me saber e eu vou ajustar o nosso calendário de reuniões para permitir a cerimônia.

Serafina assentiu. - Existe o pequeno problema da minha falta de marido para que se realize o ritual com ela.

- Você realmente deve se casar de novo, cara. Não é fria a sua cama? - Anna a incomodou.

- É tão quente quanto eu desejo que ela seja, - Serafina respondeu rapidamente. Ela só amou uma vez, e o objeto de suas afeições não tinha sido seu marido, mas sim o inconstante Ângelo.

- Bem, então, quem doará seu marido para atuar durante a cerimônia, - perguntou Carmen, olhando ao redor de seu círculo.

- Isso não será necessário, - disse Serafina. - Alexa tem um irmão. Ele fará o que eu disser a ele para fazer.

- Eu pensei que ele era impotente. - Destacou Cecília.

Várias das suas companheiras estremeceram em sua franqueza, Serafina notou, mas ainda escutavam avidamente a espera de sua própria resposta. - Anna irá tratá-lo, - disse ela. - Esperamos um bom resultado no futuro próximo, - Odiava a compaixão que ela parecia receber. *Se seu filho tivesse sido gerado por Ângelo. Então, ele certamente não seria impotente!*

Ela olhou para o sofá, na esperança de desviar a atenção dos males de sua família. - Ah, olhem, a protegida de Carmen adormeceu, - levantando, ela foi para a menina e ajustou a cabeça em um ângulo mais confortável e, em seguida limpou o creme de seu rosto. - Bom, o creme fez o seu trabalho. Veja como ela é bonita. Um presente digno para a nossa deusa.

Então ela se virou para as outras enquanto todas elas cobriam o cabelo com o véu cerimonial. - A luz das chamas, senhoras. Nós começaremos.

CAPÍTULO 14

Eva foi acordada ao som de pingos de água e conversaçoão. Pinot estava enchendo a caixa de carvão e água, foi correndo para a banheira de porcelana no banheiro fora de seu dormitório, em preparaçoão para seu banho. Era de manhã.

- Que tipo de mulher fica fora a metade da noite com um homem? - Odette murmurou enquanto ela trabalhava o pilão no almofariz na mesa de cabeceira, preparando o pó matinal para Eva.

- Uma ova! - disse Pinot, dirigindo-se para a porta com o balde vazio. - Qualquer tipo. Senhora de seu homem, bonito e novo! Mais bonito que a maioria. Com um grande problema em suas calças.

Eva sorriu em seu travesseiro.

Odette estendeu a mão para golpeá-lo, mas ele era rápido demais para ela e saiu em disparada para o corredor.

- O que você sabe sobre isso? - Ela exigiu.

- Meus olhos estão apenas ao nível certo para julgar essas coisas. Eu sei o que ele tem. Nossa Eva é uma sortuda de ter chamado sua atenção, isso é certo. - Pinot levantou e abaixou as sobrancelhas e, em seguida caiu na gargalhada enquanto descia as escadas.

- Ele está certo, - disse Eva, deixando Odette saber que ela estava acordada. - É a natureza de o sátiro ser carnal. Assim como a sua é ser desaprovadora.

Sentada na cama, ela tomou a poçoão que Odette entregou-lhe, tentando ignorar o olhar furioso da mulher. Ela balançoou sua mandíbula para o lado suavemente. Estava dolorido, um lembrete sutil de que a noite passada com Dane não tinha sido um sonho. Ela se levantou os lábios curvando em um sorriso suave e secreto, lembrando as melhores partes de seu tempo com ele. Houve muitas dessas.

Os lábios de Odette se apertaram enquanto ela acenava para o banho. - Que motivos você tem para sorrir? Você não tem marido. Vai ser uma prostituta agora, em vez de ser uma esposa, hein? Assim como sua mãe.

Eva entrou na água morna, suspirando de prazer, ela dobrou-se obedientemente para a banheira. - Hum, isso parece bom, - disse ela, ignorando o mau humor da outra mulher.

- Deite-se com os cães, e você vai ter pulgas, - Odette reclamou. - Mas nós vamos lavar todas as pulgas de você agora, não é, e você se esquecerá do homem da noite passada. Pense sobre como conseguir uma proposta do Signor Patrizzi.

Tal proposta era a última coisa que ela queria pensar agora, mas Eva concordou e se inclinou para frente. Odette começou a ensaboar-lhe as costas, assim como ela fazia todas as manhãs desde que Eva era uma menina.

- Eu quis dizer o que eu disse antes, Odete. Eu não posso mais fazer... o que eu fiz no Moonful passado por mais tempo.

- Você não tem escolha, bebe. Você deve culpar sua mamãe por deitar-se com um sátiro e colocar você em sua barriga. Mas não se preocupe que Patrizzi vai cuidar de você nas tais noites uma vez quando pertencer a ele. Levante seus braços agora.

Obediente, Eva levantou os dois braços e o pano os lavou um de cada vez, sobre os seios, a barriga e para baixo. - Eu sou uma adulta e agora devo tomar minhas próprias decisões. Eu vou continuar a ver Dane, - Eva anunciou sem rodeios. Era bom dizer isso em voz alta. - Apenas o visitarei todos os meses, é pedir muito? - Ela apressou-se antes de Odette poder se opor. - Se eu não puder tê-lo, eu vou ser reduzida a visitar o Muro di fuori, esperando por mais da minha própria espécie que vierem ao acaso. Você prefere isso?

Odette bateu na borda da banheira com a palma da mão. - Você pare de falar de coisas sujas! Onde você ouviu falar isso?

Eva revirou os olhos. - Eu tenho 22 anos e eu ouço as coisas! - Ela não iria falar que ela havia aprendido sobre o assunto com Dane.

- Você vai jogar todas as suas promessas que fez a Fantine fora? Esqueceu por que viemos aqui? - Odette acusou.

Eva suspirou. - Eu não esqueci. Eu vou casar com Patrizzi se ele pedir. Se ele não pedir, eu vou casar com outro ser humano, a fim de manter a todos nos seguros. Mas eu vou passar meus Moonfuls com Dane, se ele quiser passá-los comigo. E talvez algumas outras noites, além disso, também.

- Você ficou tola! Assim como Fantine! - disse Odette, esfregando bastante ferindo a pele de Eva enquanto lançava-se em um discurso retórico.

- Um marido humano não compreende o que eu preciso no Moonful, você não vê? - Eva argumentava.

Odette apertou os lábios, obstinada. - Você pode encantá-lo, então, fazer ele pensar no que você precisa. Esta não é uma dificuldade. Você tem outros homens para cuidar de você em noites assim. Homens com a pele iridescentes, que você evoca para isso - Ela tocou o dedo na testa de Eva. - Tudo bem agora. Pode levantar-se.

Era impossível explicar as sutilezas do que ela precisava nas noites de Moonful, então Eva nem tentou. Ela levantou-se e deixou que Odette a secasse.

- Tenha cuidado! Se eles descobrirem que você é sátiro eles irão caçá-la, - Odette continuou. - O tempo está ruim lá fora. As meninas estão escassas. Eu ouço coisas no mercado.

O peso das expectativas de Odette e as preocupações cresciam mais opressivas a cada dia que passava. Ontem à noite, Eva teve o gosto da liberdade com Dane. Ela queria mais do mesmo. A necessidade de libertar-se das promessas feitas na infância a

duas amargas, mulheres solitárias rasgou-a, mas ela só entrou no roupão que Odette trouxe para ela e foi até a janela. - Onde estão as garotas?

- Em suas aulas de música, - disse Odette.

Balançando a cabeça, Eva procurou uma saída para suas frustrações, e quando seu olhar encontrou o diário de Fantine, ela encontrou uma. A questão de sua origem que ainda existia, e ela iria colocar sua mente em uma investigação mais aprofundada. Ela foi para sua mesa, escreveu uma nota, e entregou-a a Odette.

- Peça para Pinot entregar isso e diga-lhe para aguardar uma resposta.

Quando ela viu o nome na carta, Odette resmungou alguma coisa sobre um cachorro com um osso, mas ela fez o que Eva pediu. E naquela mesma tarde, após ter recebido uma resposta a sua nota, Eva chegou ao pé do Capitólio, no extremo noroeste do Fórum.

O segundo homem na lista de sua mãe a esperava lá na sombra do arco de mármore maciço e branca do antigo imperador, Septímio Severo. O pintor veneziano Canaletto tinha retratado em óleos de quase um século e meio antes, quando ainda estava semienterrada nos sedimentos, antes das escavações do Fórum terem começado.

Ela circulou pelo arco, querendo a luz para lançar-se no rosto dele, não no dela. Odette a tinha acompanhado e agora esperava dentro da visão em um pequeno espaço de sombra nas proximidades.

- Signor Arturo? - Eva chamou suavemente.

- Si? - O garboso, cavalheiro de cabelos grisalhos virou-se para ela. Seus olhos eram verdes, como os dela. *E o desenho de sua testa era um arco semelhante ao dela também? A esperança cresceu dentro dela. Ele seria um sátiro? Era ele seu pai? E se ele fosse será que ele iria admitir que fosse?*

- Eu queria muito conhecê-lo, - ela disse a ele, sua excitação crescendo enquanto ela chegava mais perto.

- Você é a pessoa que enviou a nota? - Ele acendeu um charuto e o anel de ouro em seu dedo mindinho piscou a luz do sol.

Ela assentiu com a cabeça.

- Como eu mencionei, eu acredito que temos um conhecido em comum.

- Ah?

- Fantine Delacorte. - Eva prendeu a respiração, a espera, esperançosa.

Suas sobrancelhas se levantaram o reconhecimento encheu seu rosto.

- Este é um nome que eu não tenho ouvido falar a muito tempo, - disse ele lentamente. Ela deu um passo em direção à luz e, em seguida, deixou o olhar varrê-la. Quando ele ergueu os olhos para seu rosto, eles se encheram de choque. Sua aura

balançou uma fração de segundo antes que seu rosto, e a mente trabalhassem lentamente até o reconhecimento chegar à alma. Ele chegou mais perto.

- Quem é você?

- A sua filha. E a dela.

Ele riu e deu uma longa tragada de seu charuto.

- Eu não penso assim.

- O que você era para minha mamãe?

- Financiador dela por um tempo. Seu admirador. Nunca amante dela, não por falta de tentativa da minha parte. Eu a adorei por quase um ano e não cheguei a nada.

Um olhar distante entrou seus olhos. Ele acendeu outro charuto.

- Ela tinha um jeito dela, sua mãe. Você é linda. Como ela.

Os dedos de Eva foram para o seu cabelo.

- Ela era loira...

- E uma notória paqueradora. Mas seu rosto, sua forma, eles são como o dela. Então, o que é que você está buscando signorina? Dinheiro? Eu tenho muito disso, para uma garota bonita que esteja interessada.

- Interessada em quê? - Ela perguntou confusa.

Uma atração doentia queimava nele, tingindo sua aura com cores biliosas.

- Em ganhá-lo de costas, na minha cama.

Ela endureceu o repelindo.

- Você tem idade suficiente para ser meu pai, senhor!

Seus olhos verdes estreitaram contra a gavinha de fumaça que enrolou de seu charuto.

- O pensamento veio de você, - ele zombou. - Um pai.

Eva arfou em afronta. Passando em seu calcanhar, ela correu para longe fumegando. Sua risada insultuosa a seguiu. Bem, esse era outro nome que poderia riscar de sua lista. Um homem horrível! Graças a Deus ele não era seu pai!

- Bem - Perguntou Odette, quando Eva se juntou a ela, que esperava na periferia das ruínas ao longo da Via Sacra.

Eva abanou a cabeça.

- Não era ele. Ele é odioso. Como poderia Mamãe ter se relacionado com ele, mesmo de passagem?

Odette encolheu os ombros.

- Fantine amava aos homens. E todos eles a tratavam de forma agradável, mesmo que ela não os deixasse pular em sua cama. Manteve-nos em grande estilo. Enquanto durou. O que você vai fazer agora?

- Há um nome definitivo para considerar na minha pequena lista antes de pesar novamente toda a lista de possibilidades que havia esquecido, - disse Eva. - Ângelo Sontine. Mas minhas perguntas sobre ele não resultaram em nada até agora.

- O que pode ser a melhor coisa a acontecer, - Odette estalou. - Nada de bom pode vir de onde você quer olhar.

- Eu discordo, eu... - Eva parou de surpresa. Do outro lado da Via Sacra ha uma distância a partir delas, Dane estava na entrada da Prisão Mamertine. Alexa e sua mãe estavam com ele.

Odette agarrou seu pulso.

- Você não vai lá com ele. Vou lançar um aperto se você tentar.

- Claro que não, - disse Eva, arrastando para longe dela. - Ele está envolvido de outra forma, e é hora de recolher as meninas na aula de música. Mas vou vê-lo esta noite, - acrescentou ela prontamente. – Haverá outra reunião, desta vez no Circo Massimo, se tem tempo estiver bom.

Elas continuaram caminhando, e Eva se perguntou o que no mundo Alexa e sua mãe poderiam querer falando com Dane. Ainda mais na prisão romana, de todos os lugares.

- Lord Satyr?

Dane cerrou a grade na varanda em frente à antiga prisão Mamertine, onde os seus pulmões recusavam-se a se encherem de ar e entraram em pânico. Ele aventurou-se nas celas apenas agora, e os apertados quartos bolorentos o colocaram drasticamente claustrofóbico. Ele só conseguiu isso por alguns minutos, mas que tinha sido mais que suficiente.

Ele não estava com disposição para companhia, mas a mãe de Gaetano Patrizzi e a irmã estavam caindo sobre ele, tomando as escadas até a varanda. Serafina e Alexa. Ele as tinha encontrado na noite anterior à gala. Eva os tinha apresentado. *Que diabo elas estavam fazendo aqui?*

A prisão era no Capitólio ao lado do Fórum, perto de onde ele foi encontrado trajando apenas uma tanga e vagando naquele dia um ano depois de seu seqüestro. Ele veio aqui hoje em busca de respostas.

Uma prisão isolada parecia o lugar perfeito para ter prendido Luc e ele ao mesmo tempo, talvez em alguma câmara subterrânea. Construída ao longo de dois séculos e meio atrás, a prisão era parte da cisterna, com uma mola no nível mais baixo perto as células onde os prisioneiros em tempos antigos tinham sido lançados, e estrangulados ou morreram de fome. Era ligado ao Cloaca Maxima, o primeiro sistema de esgoto bem desenvolvida na história, de acordo com Bastian. Há muito tempo, funcionários do

governo havia sorrateiramente liberado os corpos dos prisioneiros mortos por eles no rio Tibre. O que ele achava que poderia explicar como as fadas foram paras no rio agora.

Contudo, até agora, nada aqui havia lhe parecido familiar e ele não encontrou nenhuma evidência de qualquer prisioneiro tendo sido recentemente alojados aqui. Também não tinha havido qualquer antecâmaras fora as principais células abaixo, onde poderiam ter prendido Luc e ele todos aqueles anos atrás. Outro beco sem saída.

- Podemos ter uma conversa particular com você? - Perguntou Signora Patrizzi.

Dane encolheu os ombros e, em seguida, apontou no interior da câmara principal para se sentar em um banco ao longo da parede. Não havia mais ninguém aqui há esta hora, e o quarto estava frio e desconfortável. Esse lugar tinha uma história terrível e não era lugar para duas senhoras visitar. Mas elas vieram sem convite e ele não iria interromper sua investigação para se preocupar em levá-las para um local mais adequado.

Serafina espanou a poeira fora do banco com o lenço e depois se sentou, apontando para que a filha fizesse o mesmo.

- Sente - Serafina convidou.

Ele cruzou os braços, abstendo-se do banco em frente a elas.

- O que você quer?

Algo nesta mulher o perturbava sufocando-o como as celas tinham feito, o tentado muito para retornar para fora e tomar ar fresco. Seu filho o afetou da mesma maneira, mas não a filha. Alexa. Ele lembrou-se dela na noite passada. Ela tinha estado animada então, mas a presença da mãe parecia ter um efeito negativo sobre seus encantos.

Serafina removeu as luvas e as dobrou artisticamente em seu colo.

- Muito bem. Vou direto ao ponto, Lord. Eu desejo que você devolva para mim a terra que você roubou do meu filho no jogo de cartas.

Ele tinha esperado por isso. - Eu suponho que a senhora fala do arvoredo e da casa que sua família roubou de mim há 13 anos?

Ela encolheu os ombros. - Não me lembro de nenhuma oposição por parte de seus pais na época.

A Raiva ardeu nele. - Porque eles estavam mortos, - Seus pais haviam sido derrubados pela doença, enquanto ele e Luc estavam sequestrados. Ele nunca voltou a vê-los novamente depois de ele ter sido sequestrado. - Meus irmãos e eu éramos jovens, então, sem dinheiro ou poder. Mas eu lhe aviso que não é mais o caso.

- Esta é uma tangente infrutífera, - disse ela suavemente. - O fato é que eu quero a terra. E meus advogados me asseguram que tenho um bom motivo para processá-lo e reavê-las. Meu filho estava embriagado com o licor que você forneceu naquela noite na mesa de cartas. O jogo aconteceu em um estabelecimento sem nome de propriedade de seu irmão, que, estranhamente, parece que ninguém pode localizar. Coerção, etc, etc...

Ela agitou a mão.

- São apenas cinco hectares, cobertos de trepadeiras e ervas daninha. Não é nada ao longo dos que você já possuiu. Gostaria de saber por que você agora diz que é tão caro a você.

Seus lábios se apertaram. – Você vai devolver a terra ou não?

- Mãe - Murmurou Alexa em censura mole, mas ambos a ignoraram.

- Não - Respondeu ele.

- Um caso entre nós poderia sentar-se nos tribunais por mais de uma década. Meus advogados poderiam organizar as coisas de modo que você não tenha acesso à terra durante esse tempo.

- Por que o bosque é tão importante para você? - Ele perguntou de novo.

Serafina pegou as luvas e as bateu na palma da mão oposta.

- A terra pertencia a meus antepassados décadas antes que sua família viesse para cá. Seu pai as roubou de mim quase da mesma maneira que você as tomou de Gaetano.

- São séculos que os meus antepassados plantaram as oliveiras lá. Certamente minha família empresta um pedido anterior.

- Prove isso, - disse Serafina, em tom arrogante de quem acreditava que seu pé superior social e da riqueza seria garantia de vitória em qualquer discussão.

Dane correu os dedos pelos cabelos, temendo que ela estivesse certa.

- Dê o seu preço e eu vou pagar. E vamos esquecer que a conquista ocorreu em uma aposta com seu filho.

Seus olhos saltaram como se fosse essa a oferta que ela tinha esperado por tanto tempo.

- Excelente, mas não é o dinheiro que estou procurando. Acontece que eu tenho uma solução que resolveria isso para o benefício de todos. Posso colocá-la para você?

- Se tratar da retirada de minha família, do bosque, guarde o seu fôlego.

Ela continuou como se não tivesse ouvido.

- Percebi as fofocas de que você está procurando a aquisição de uma esposa? - Ela olhou para ele inquiridora.

Ele ficou em silêncio, pressentindo uma armadilha.

- E, claro, que você conheceu minha Alexa? - Acrescentou ela prontamente.

O entendimento passou por ele fazendo-o se endireitar, seus olhos foram para a filha. Ela corou sob sua atenção.

- Você quer que esses cinco acres tanto assim que você está disposta a vender sua filha por eles? Para um homem do qual não sabe nada?

Serafina encolheu os ombros, sua expressão suave.

- Você e seus irmãos têm demonstrado um talento decisivo para acumular riquezas e terras, - seu olhar o varreu - E você parece um bom ganhão.

Alexa lhe lançou um olhar horrorizado.

- Mãe, por favor!

- Para você ou para sua filha? - Disse ele, empurrando-a.

- Você não precisa ser grosseiro, - Serafina se levantou e começou a caminhar pela circunferência da sala, de braços cruzados observando vários detalhes. Ela logo se aproximou dele, olhando para o buraco no chão que levou à tullanium, as celas profundas, onde os prisioneiros haviam sido mantidos.

- Lugar interessante, não é? - Ela ofereceu suavemente para seus ouvidos apenas. - Eu posso reunir provas que podem jogá-los em tal lugar.

Todos os músculos do corpo de Dane ficaram tensos, mas ela não tinha terminado.

- Eu posso ter a polícia visitando você e seus irmãos em seu precioso bosque em uma noite sob a lua cheia. Seu comportamento não pode levantar as sobrançelas - continuou ela - Seria uma pena ver homens tão cheio de vitalidade presos, deixados para definhar.

Deuses! Ela sabia sobre eles!

- Eu imagino que você não casaria sua prole com quem você considera insano. - Ele zombou, mas por dentro suas entranhas estavam agitadas.

- Nós dois sabemos que você não está louco, mas eu quero a terra, - ela insistiu - Para sua filha, ela disse - Querida, por favor, despeça-se para que eu possa falar em particular com o Senhor Sátiro.

- Por quê? - Alexa perguntou, olhando completamente confusa com as palavras que ouvira. - Trata-se de mim. Certamente, eu deveria estar aqui?

- Saia à rua, - Serafina insistiu. - Eu vou acompanhá-la em um momento.

Com um suspiro, a menina dirigiu-se para a porta, mas Dane a pegou pelo braço no seu caminho para fora. Ele sentiu o cheiro do perfume fraco de sua atração por ele na noite passada e novamente agora. Mas ele ainda assim perguntou.

- Você quer isso? Um casamento comigo?

Ela olhou para ele, com olhos tímidos, mas famintos.

- Eu vou me curvar à vontade de minha mãe, - depois, com um vislumbre de vitalidade, lembrando-se de sua dança com ele na festa de gala, ela acrescentou. - E você é de longe preferível ao candidato anterior que ela tinha para mim, eu lhe garanto.

- Isso é o suficiente, Alexa, - disse Serafina. - Espere por mim no final da escada.

- Alexa não sabe nada sobre seu mundo ou o seu tipo, - disse a ele uma vez que sua filha havia desaparecido, - Eu sugiro que você mantenha-se oculto dela. Ela nunca foi de salvar segredos. Então, nós temos um acordo?

Os pensamentos de Dane rodopiavam. Esta mulher tinha o poder de destruir sua família. *E, para expor Elseworld!* Mas ele não seria manipulado.

- Eu poderia simplesmente fazê-la desaparecer ao invés.

- Eu não recomendaria isso. Há outros em meu círculo íntimo que sabem o que eu sei sobre você, – ela o ameaçou. - Eia agora vós, quer uma esposa. Por que não ter Alexa? Você pode ver que ela está disposta.

Ele sabia exatamente o que o estava segurando. O pensamento de uma mulher, qualquer mulher em seus braços ou sua cama com exceção de Eva não lhe dava nenhum prazer. Mas ele tinha que escolher alguém, ou desistir de qualquer esperança de permanência neste mundo para encontrar Luc. Ele soltou um suspiro de frustração.

- O bosque fica na minha família. - Ele alertou.

Ela concordou, mas ele não confiava nela e ela teria que fazer isso por escrito antes que qualquer casamento acontecesse. Mas, por enquanto, ele apenas acenou com a convenção.

- E eu quero ter filhos dela.

A excitação acendeu nos olhos de Serafina, obviamente satisfeita porque ela havia ganhado.

- Será que você deseja se casar antes da próxima lua cheia?

Ele chegou mais perto, intimidando-a com seu tamanho.

- Diga-me exatamente o que você sabe sobre nós. E como você sabe disso.

Os olhos dela voltaram-se para além de modo a assegurar que sua filha estava fora do alcance da voz.

- Eu sei o suficiente. Eu estive envolvida romanticamente com um de sua espécie, há muitos anos, - ela admitiu. - Um sátiro conhecido pelo nome de Ângelo Sontine. Um homem alto, corpulento e muito parecido com você e seus irmãos. Você o conhece?

Dane balançou a cabeça. Ela pareceu um pouco desapontada com isso, mas só calçou suas luvas. - Eu desejo a você, um bom dia, então. E eu entrarei em contato.

Seu olhar era de uma mulher de quarenta anos, mas sua figura e rosto eram os de uma mulher poucos anos mais velha que Eva ou a própria filha. Ele franziu o cenho. - Quantos anos você tem?

Ela sorriu, se afastando. - Eu sou mãe de dois filhos adultos. Você não pode esperar que eu revele a minha própria idade, não é?

Gaetano Patrizzi estava na entrada de seu quarto de dormir, encarando o par de mulheres que se aproximavam dele pelo corredor.

- Gaetano! Que homem bonito que você se tornou. E ainda não se casou? - Anna a feiticeira tomou seu queixo entre os dedos. - Quando você vai fazer alguns bebês para a sua mamãe, hein?

Ela deu-lhe uma bronca pouco dura, como se fosse um garoto errante.

- Você acha que eu queria essa situação para mim mais do que você? -Ele puxou da sua espera, irritado.

Imperturbável, Anna feiticeira acariciou seu rosto com a palma lisa. Como a maioria das amigas de sua mãe, sua pele era incrivelmente sem rugas para sua idade.

- Você vai ter filhos ainda, - Serafina declarou quando ela e sua amiga passaram por ele entrando em seu quarto. - Quem mais para continuar o meu legado, senão meu único filho? Ainda assim, o tempo está passando, e eu não estou ficando mais jovem.

- Nem mais velha, - brincou a feiticeira.

Ambas as mulheres deram uma risadinha silenciosa em sua brincadeira particular.

- Mas por enquanto vamos ao nosso paciente, - Anna apontou para as calças de Gaetano – Ponha-o para fora, apresse-se e deite-se. Eu tenho outros pacientes para ver.

Fervendo com ressentimento, Gaetano se despojou de sua calça e atirou-se de costas em cima de sua cama. A feiticeira caminhou para mais perto e examinou seu pênis flácido.

Ela pegou um frasco cheio de uma substância verde.

- Aqui, vamos tentar isso hoje.

- Outra poção? - Gaetano fixou o antebraço sobre seus olhos, resignando-se a se submeter à outra humilhação desta mulher. Ela começou a aplicar a sua pasta verde de seus órgãos genitais com os dedos. - Deus, que fedor! O que é essa coisa nojenta? Tem cheiro de morte. - Cobrindo o rosto com um travesseiro.

- Isso com o travesseiro me lembra de uma sugestão que eu iria discutir com vocês, - anunciou a feiticeira, colocando o cântaro de lado. - Nós estamos nisso por anos. Neste ponto, eu estou pronta para sugerir algo mais drástico. O que você acha sobre a asfixia?

Incrédulo, Gaetano tirou o travesseiro do rosto para olhar para ela.

-O quê?

- Historicamente, é um tratamento que alguns na minha profissão têm prescrito para a sua condição, - continuou ela, perfeitamente séria. - Afinal, os homens vítimas de

enforcamentos públicos foram observados desenvolvendo uma ereção, às vezes até ejacular. Alguns levam a ereção de morte à sepultura

- Sério? - Serafina perguntou, parecendo fascinada.

- Eu não vou me submeter a tal coisa. - Gaetano anunciou.

- Eu quero netos de você, - disse Serafina. - Se esgotar todas as outras medidas, irá fazê-lo.

A feiticeira tentou tranquilizá-lo.

- É apenas um pequeno desconforto. E pense na recompensa se ele funcionar. Não há uma senhora que você gostaria de foder?

Uma visão lhe veio à mente espontaneamente, dele tendo Eva em sua cama nua e fodendo-a. De ter a seu alcance as duas fendas melosas ao seu pênis, enquanto olhava para aqueles olhos verdes dela.

A feiticeira ofegou. - Os santos no céu! A pasta está tendo algum efeito!

Seguindo o olhar dela, Gaetano olhou para baixo, mal ousando acreditar em seus próprios olhos. Seu pênis estava ficando duro. Ela o sacudiu, fazendo um esforço para que continuasse.

As duas mulheres se aglomeraram, dobrando-se perto para estudá-lo.

- É o suficiente? - Serafina perguntou ansiosamente. - Ele poderia colocá-lo dentro de uma mulher assim?

- É um começo, - incentivou a feiticeira. - Só um pouco mais dura e ele conseguiria.

- Chega a dar-lhe a sua descendência?

Se não, ele poderia foder em sua mão e derramar em minha seringa. Se ele pode fazer sementes, eu posso inseri-las em sua esposa. E então, - ela estalou os dedos. - Todos os netinhos que você quiser!

- Eu não tenho uma esposa, - Interrompeu Gaetano.

Serafina bateu no braço, sorrindo para ele.

- Bem, tendo em conta esta evolução, talvez devêssemos comprar mais desta pasta e, em seguida, vou encontrar uma para você. Mas vamos ter que dar a pobre senhora um prendedor de roupa para o nariz com este mau cheiro.

- Ambas as mulheres riram.

- Não é a pasta. - Gaetano disse-lhes, irritado.

Elas se voltaram para olhar para ele.

- Claro que é, - disse a feiticeira. - O que mais pode ser?

- Então o que é? - Sua mãe perguntou, ao mesmo tempo.

- Uma mulher. Uma mulher em particular que eu estava pensando naquele momento, - Insistiu. - Evangeline Delacorte.

O rosto da mãe ficou zangado. - É mentira. Você está atraído por ela assim você está tentando enganar-me para dar minha aprovação.

- Não! - Ele apontou para o pau distendido; - Você vê isso? Aconteceu ontem à noite no baile enquanto eu dançava com ela, e duas vezes antes, quando em sua companhia. Só agora, quando ela veio em minha mente, aconteceu de novo. Então agora você compreende a razão do meu interesse por ela?

Serafina bateu as unhas bem cuidadas de uma mão sobre sua mesa de cabeceira, fazendo um som audível de clicar. Ela olhou para a amiga. - O que está por trás disso, o que você acha? Por que essa garota francesa? Alguém tão normal, tão inadequada.

- Será que isso importa? Ela é o que eu quero, - Gaetano a interrompeu. Ele abanava o nariz. - Lave esta maldita coisa, certo? Está na minha mão agora, também. Deus que fedor terrível.

A feiticeira foi para uma bacia.

- Os homens muitas vezes encontram uma mulher de origem humilde estimulante, - atirou por cima do ombro em resposta a Serafina.

- Estou surpresa, porém, - Serafina pensou alto enquanto a feiticeira voltava para lavá-lo. - Eu sempre assumi que iria tomar uma fêmea Elseworld para incitá-lo.

- Evangeline tem sangue de Elseworld.

As mulheres se voltaram para ele com espanto.

- Ela foi para o Salone di Passione a noite passada, - Gaetano informou E não o deixou até esta manhã.

Os olhos de sua mãe se afiaram. - Você foi em seu encalço depois que eu avisei que não fosse? Até onde foram as coisas entre vocês? Você...?

Ele olhou para longe. - Nada aconteceu. Mas eu sei que ela é um deles. E ela não é fada. Se eu não soubesse melhor, eu diria que ela era um sátiro.

A atenção de Serafina estava realmente capturada. - Será que ela vai aceitar uma oferta sua?

Seu olhar atirou nela. - Que casamento? Ontem à noite você me disse para não ousar dançar com ela, agora você está pronta para que eu anuncie minhas núpcias?

- É claro que o que mais? Se ela conseguir levantar seu pau a tempo de conseguir uma ejaculação, você pode ter herdeiros dela. Todo médico que vimos concordou que sua semente não tem problemas, mas sim a sua capacidade de entregá-las entre as pernas de uma mulher.

- E se ela não o quiser, - perguntou Anna.

- Ela vai querer, - Serafina assegurou. - Qualquer um pode ver o que ela está atrás. Seus olhos se iluminam com o pensamento de sua posição social e sua lira.

- Talvez seja eu que coloque a luz em seus olhos, em vez de minhas liras, - disse Gaetano.

- Talvez, - sua mãe concordou em dúvida.

- E se ela não tomar a sua prole quando tudo estiver dito e feito, - perguntou à feiticeira, começando a arrumar a mala, mais uma vez.

Serafina encolheu os ombros. - O que é outro corpo no Tibre? Os peixes irão fazer seu trabalho sobre ela. Outro desaparecimento trágico e incógnito da Carabinieri.

- E então nós poderemos sempre tentar as coisas do meu jeito, - A feiticeira fez um movimento com as mãos, as torcendo.

- Eu que vou sufocá-la se você tentar isso, - avisou Gaetano. Ela apenas sorriu, beliscou a bochecha dele de novo, e deu um beijo de despedida em Serafina.

- Ciao. Avise-me se você precisar de mim novamente.

CAPÍTULO 15

A cena exterior da gala estava brilhantemente iluminada quando Eva saiu de sua carruagem naquela noite. A ansiedade subiu com o pensamento de ver Dane novamente. Embora soubesse que o conhecia a menos de uma semana, ela se sentia mais ligada a ele do que a qualquer um que ela já conheceu. Ela estava com o seu melhor vestido, um vestido de tafetá cremoso. Odette tinha dobrado pérolas no cabelo dela e lhe fornecido com um excesso de conselhos não desejados sobre o que precisava fazer nesta noite. Garantir um noivo com um humano estava no topo da lista. Contudo, Eva decidiu ignorá-la. Ela sentiu que ela e Dane tinham chegado a um entendimento no fim da noite passada, e uma frágil esperança florescia agora nela que eles poderiam de alguma forma fazer dar certo entre eles.

Pinot saltou de seu assento na frente da carruagem e lhe deu a mão para ajudá-la a descer e depois partiu para um terreno adjacente onde havia outros meios de transporte, onde iria passar a noite fofocando com os cocheiros.

O evento desta noite no Circo Massimo foi criado para incentivar o interesse nas escavações em curso no Fórum vizinho, e várias estátuas haviam sido transferidas temporariamente para cá. Esculpidas em mármore branco, elas estavam alinhadas no gramado bem cuidado em cada lado do Circo como soldados fantasmas.

No meio do gramado, brilhando com as luzes de velas cortadas em forma de fadas nas mãos dos convidados. Lanternas decorativas foram estabelecidas para marcar os caminhos. Situada no vale entre os montes Aventino e Palatino, essa faixa retangular onde houve corridas de bigas, que uma vez encantou o público antigo estava agora preenchida com mesas de banquete e uma grande plataforma de madeira para a dança.

O auge da sociedade com suas bolsas cheias estavam em evidência aqui. Guardas policiavam o perímetro acima do vale, garantindo que os clientes e suas jóias estivessem seguros de vagabundos que percorriam as áreas próximas. Tochas acesas nas escadas, que tinham sido construídas em intervalos nas laterais inclinadas do Circo para a ocasião. Ao longo destas mesmas vertentes, assentos de mármore tinham mais uma vez ressuscitado, elevados para as multidões de romanos que tinham vindo para cá em busca de entretenimento.

- Um pouco da deusa Luna para você, signorina, para iluminar seu caminho? - Uma vela foi entregue a Eva, que representa a deusa romana da lua. Sorrindo, ela aceitou a vala e foi tomar o braço da escolta que foi designado para orientar os clientes abaixo das escadas para que ninguém levasse um tombo. Um braço forte bruscamente a usurpou da escolta. Ela olhou para cima, mas a esperança de que fosse Dane foi rapidamente frustrada.

- Boa noite, senhor Patrizzi, - disse ela, tentando esconder seu desapontamento. Apenas uma semana atrás, ela teria ficado encantada que ele houvesse escolhido a ela para escoltar.

- Gaetano, por favor. Nós somos amigos agora, - ele cobriu a mão dela em sua manga com a sua própria.

- Muito bons amigos, nós somos não, Evangeline? - O olhar determinado em seu rosto foi preocupante. *Ele estava em um estado de espírito para propor?* Ela não estava pronta. Ainda não.

- Oh, olhe para as iguarias que foram colocadas para nós, - ela se entusiasmou quando eles chegaram ao fundo das escadas. Apontando para as mesas com um prazer sincero que lhe deu uma desculpa para afastar-se dele.

Sob uma série de toldos listrados, mesas rangiam com crostini, ravioli, bolos, queijos, e todos os outros gêneros alimentícios. No meio, havia uma enorme fonte antiga moldada para assemelhar-se ao deus romano da uva, Baco. O vinho borbulhava de uma meia dúzia de torneiras escondidas dentro dela. A maioria dos frutos à vista eram delicados e tinham sido cultivados aqui neste mundo a partir de sementes de Elseworld. Tomates em forma de estrelas, as uvas de sabor inusitado. Parecia impossível que o homem não notasse a mudança em seus produtos e do cardápio. Mas as diferenças tinham vindo gradualmente, e a magia que foi semeada em toda Roma e Toscana felizmente embalava-os em sua aceitação.

Ela sentiu a impaciência em Gaetano, mas levou tempo examinando os itens em exposição, conversando com os cozinheiros sobre os méritos de cada um e dando saudação aos conhecidos que passavam. Com olhares furtivos, ela procurava a distância de qualquer sinal de Dane, esperando que ele pudesse salvá-la de uma proposta iminente. Um desejo perverso da parte dela, pois ela esteve atraindo este cavalheiro durante semanas.

- Evangeline, gostaria de falar com você sobre um assunto em particular, - Gaetano começou, num tom pomposo e ensaiado.

- Ah? – Ela sentia que estava por vir e seu coração bateu com um desespero peculiar para evitá-lo. Silenciosamente, ela arreliou a si mesma. Ela deveria deixar que ele propusesse, para o bem de suas filhas, dela mesma, Odette, e Pinot. Ela e Dane ainda poderiam ter um ao outro ocasionalmente. Tudo tinha sido decidido. Assim...

- Eva!

Ela se virou, muito aliviada ao ver Alexa acenando e correndo em sua direção. - Olha, não é sua irmã!

- Ela pode esperar. - Tomando seu braço de maneira possessiva, Gaetano tentou levar Eva para longe.

- Oh, querida. - Eva deixou cair à vela propositadamente e piscou o olho para fora, permitindo Alexa a alcançá-los.

- Querida! - Alexa beijou seu rosto com carinho quando chegou ao seu lado. - Oh, você perdeu a vela? Tano, porque você não sai e vai buscar outra? Isso vai permitir-me tempo para dizer-lhe minhas notícias!

Gaetano tentou protestar, mas Alexa acenou com ele.- Não corra, irmão. Você já sabe, e eu quero conversar a sós com Eva.

Com uma curva abreviada e um suspiro descontente, Gaetano marchou sobre a sua missão.

- Você nunca vai adivinhar! - Alexa sussurrou, puxando-a longe das mesas.

- Então me diga, - disse Eva.

Alexa levou as duas mãos em seu próprio peito, e baixou os olhos com emoção engarrafada. - Estou noiva! - Ela anunciou dramaticamente.

- O quê?

- Estou comprometida e preste a casar.

Eva apertava as mãos, completamente apanhada de surpresa.

- Mas isso é maravilhoso! Como isso aconteceu, e quando? E por que estamos sussurrando sobre ele?

- Porque minha mãe deseja fazer um anúncio formal nos jornais antes que a notícia se espalhe amplamente. E talvez porque eu tenho medo de gritar ao mundo e venha a descobrir que é um sonho. Você é a primeira a quem eu disse.

- E o seu noivo? Quem é? - Eva sorriu, perguntando-se qual dos muitos admiradores de Alexa, finalmente ganhou a sua mão. - Signor Fitzgerald?

Alexa franziu o nariz.

- Não! Não é ele. Você acha que eu estaria tão exaltada? É o seu protegido, Lord Satyr - Anunciou ela, os olhos brilhando.

O sangue fugiu das faces de Eva com pressa torrencial, deixando-a pálida e momentaneamente sem fala. Sua visão nadou com um formigamento de pontos, e um suor frio polvilhou seu lábio superior. Tonta, ela abanou-se em um esforço para permanecer na posição vertical. - Dane? - ela finalmente conseguiu falar.

- Sim! - Alexa saltava aos dedos dos pés, como Mimi, quando ela estava animada.

- Devo admitir que a minha mãe teve uma mão firme nas coisas, mas devo-lhe muito obrigada também, pois você é a única que nos apresentou na gala.

Não! Ela iria perder Dane tão cedo? E para sua melhor amiga? Por favor, não, que isso seja só um engano. Como ela desejou que pudesse escapar instantaneamente em um vestígio de magia como em uma das histórias de fadas de Mimi. Mas ela não poderia controlar nem mesmo uma partida convencional, porque seus joelhos tremiam muito.

Ao seu lado, apressou-se Alexa, tão preocupada que estava alheia ao sofrimento de Eva.

- Você quer saber onde a cerimônia será? E os detalhes do meu vestido? Eu...

- É uma união de amor? - Eva a interrompeu.

Alexa assentiu. - Da minha parte, pelo menos. Eu fiquei atraída por ele imediatamente. Mas com toda a sinceridade, eu não posso dizer que ele tem algum carinho por mim. Vou trabalhar com ele, no entanto. Ele deve estar enamorado de alguma forma, ou ele não teria cedido, não importa o quanto minha mãe tentasse persuadi-lo, não acha?

- Mas eu pensei que você estava muito certa de que uma noite de núpcias com ele iria assustá-la para fora de seu juízo. - Argumentou Eva, desesperada para acordar deste pesadelo. - E sobre a estátua com os dois...?

- Isso é só bobagem. Os antigos romanos tinham todo tipo de ideias estranhas, fadas e afins. Os homens não podem alterar seus corpos para fazer crescer um segundo apêndice. - Alexa disparou um sorriso travesso. - Embora eu não me importasse se fosse verdade. Quanto à nossa noite de núpcias, eu confesso que estou quase ansiosa por isso.

Gaetano voltou, então, com uma vela. E de alguma forma Eva encontrou-se a coloca-la de lado e girando sobre a plataforma de dançarinos em seus braços, sem ser muito consciente de como tinha chegado lá.

- Finalmente, tenho você para mim. - Seu companheiro disse em uma voz satisfeita.

- Hum-hum. - Obrigando-se a acompanhar a conversa, Eva deixou sua mente vagar para um caminho que ela não queria seguir. *Ela teria que desistir de Dane!* Seu coração batia com uma dor latente, batendo. Mas ela sabia que ela deveria. Tê-lo como um amante — mesmo que fosse só durante o Moonful — seria uma traição imperdoável para com Alexa. A perda dele agora que ela tinha começado assim importar com ele ameaçou deixá-la fisicamente doente.

- Bem Evangeline? Eu estou te pedindo para casar comigo. Para ser minha esposa, - disse Gaetano.

Ela olhou para ele fixamente. *Enquanto ela estava sonhando, ele tinha vindo a propor?*

- É o que você quer, não é? — ele acrescentou. - Eu não me enganei com o seu interesse?

- Você faz-me uma grande honra, — ela balbuciou. - Mas— você pode permitir-me algum tempo para considerar sua oferta? É tão... inesperada.

- Estou decepcionado, - ele disse uma infiltração de frieza em sua voz. - Eu esperava uma aprovação rápida. Mas enquanto você me considera, lembre-se do que é que eu lhe ofereço. Respeitabilidade. Um nome de família fina e rica. Um futuro seguro. Eu sei que estas coisas devem ser importantes para você em vista de sua filiação.

- O quê? - Ela tremia, de repente, temendo que as previsões sombrias de Odette a respeito da exposição de sua espécie pudessem vir a ser concretizado. Ela tentou se afastar, mas ele continuou a dançar, carregando-a junto com ele e segurando-a ainda mais apertado. Ele era mais forte do que parecia.

- Eu sei que sua mãe era uma cortesã aqui em Roma, e que você nasceu em Paris. Que você é uma bastarda.

A vida em Paris era uma ficção que ela havia tecido para Alexa, mas ele soube o resto por conta própria de alguma forma.

- Não importa para mim, - Ele continuou com grade magnanimidade. - Eu quero você, Evangeline. Case comigo.

- Sua mãe não vai concordar, - ela argumentou, fracamente. Ela só queria ir embora. Para ir cuidar de suas feridas em particular.

- Ela vai. Ela já. - A música parou e eles se encontraram ao longo da borda da plataforma. Ele a puxou para baixo os três degraus para o gramado escuro.

Por que ela estava hesitando? Ela não poderia ter Dane como o marido, mesmo que ela recusasse a oferta deste homem. Dane pertencia a Alexa agora. Quando Eva arrumasse um noivo próprio no local serviria como uma barreira conveniente entre elas.

As mãos de Gaetano se curvaram em seu pescoço e seus dedos deslizaram sob seu cabelo. Sua cabeça pendeu para trás e ela olhou para ele através de seus cílios, desejando estar em qualquer outro lugar, menos ali. Seus olhos se encheram de calor e um braço puxou-a mais perto. Ela se sentia sufocada. Sentia murchar a esperança. Sua boca baixou. *Ele ia beijá-la. Ugh.* Ela fechou os olhos.

De repente, veio-lhe a mente que se ela casasse com esse homem, ela teria que se acostumar a encontrar-se na companhia de sua irmã e seu novo marido.

Não, isso seria horrível demais! Ela teria que encontrar outro pretendente. Assim quando ele fez menção de beijá-la, ela abriu os lábios para recusá-lo.

- Patrizzi! Estalou uma voz tão escura como uma nuvem de tempestade. *Dane.*

Eles observaram além para vê-lo de pé a poucos metros de distância, o braço dobrado com o de Alexa através dele. Os olhos de Eva se fixaram nos braços entrelaçados, e ela sentiu aprofundar o poço de seu estômago. Ela não podia suportar isso. Ela tinha que ir embora antes que ela se partisse na frente de todos. Mas antes que ela pudesse considerar suas desculpas, Gaetano escorregou a mão na cintura como se fosse seu direito.

Dane incluiu ambos em seu negro, condenatório olhar. Eva se sentia um pouco culpada, como se ele a tivesse pego traindo-o. Bobagem! Ela não estava fazendo nada do tipo. Ele era o único que tinha se metido com uma noiva!

Alexa bateu palmas de contentamento. - Você pediu a ela, não foi, Tano? Ah, Eva, estamos para ser como irmãs! Eu sabia que ele estava considerando propor, mas eu não poderia deixar vazar a notícia de antemão. - Ela estendeu a mão para abraçá-la.

Quando ela se aproximou, Dane também se aproximou. Sua luva acariciou o braço nu de Eva. Um toque inocente, mas enviou uma lambida de fogo por ela. Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas.

- Oh, eu sei como você se sente. Foi a mesma coisa quando eu descobri que estava para se casar com Lord Satyr, - Alexa disse quando ela retrocedeu, entendendo totalmente errado a razão do seu choro. - Mas pare, você vai me fazer chorar também e nossos rostos vão ficar borrados.

- Você nos interrompeu, querida irmã, - Gaetano censurou. - Eu apenas perguntei a ela.

Todos os olhos foram para Eva. - E eu te dei a minha resposta por agora, - ela disse a ele gentilmente. Ela iria recusá-lo, mas não tão publicamente.

Meia hora depois, Eva conseguiu encontrar o seu caminho livre de Gaetano. Ela escapou das festividades e foi deixando as ruínas, sem se despedir. Lágrimas que haviam surgido perto da superfície desde que ela ouviu pela primeira vez as notícias de Alexa agora escorriam sobre seu rosto. *Oh, Deuses Dane estava perto de se casar!* Ela levantou a saia, correndo mais rápido e mantendo a cabeça baixa para que ninguém a visse. Ela precisava encontrar Pinot. Para chegar ao carro. Para fazer o seu caminho para casa e chorar a noite toda.

Ao longo da periferia do Circo, uma mão agarrou sua cintura e outra cobriu sua boca. A força dura de um homem veio em sua volta, e ela lutou.

- Sou eu, - disse Dane. Ela acalmou com cautela e deixou-se ser levada para longe da confusão e luzes. Segundos depois, eles enfrentaram um ao outro em uma plantação isolada sob as sombras das árvores na beira do toldo do Circo. O ambiente era animado com a chegada do outono, e impregnado de cipreste e sua fome, mútua impossível.

Eva bebeu de sua presença. Ele era tão bonito, em seu traje escuro, aparecendo alto e forte, sua impecável camisa branca brilhando na penumbra. Seu coração se apertou, sabendo que ele não poderia ser dela novamente.

- Você não vai se casar com ele, - Ele anunciou, quebrando o silêncio.

Ela enviou-lhe um brilho afrontado. - Mas você vai casar com Alexa?

Cortou a mão no ar como se a cortar essa parte de sua vida longe da vida que ele desejava fazer com ela.

- Ela não faz diferença para você e para mim.

- Suas auras são incompatíveis. Você deveria ter me consultado antes de oferecer para ela. Você a ama? - Ela perguntou, mal ousando respirar enquanto esperava pela sua resposta.

Ele se mexeu impacientemente.

- O que você acha?

- Eu estou perguntando.

- Sua mãe sabe sobre o nosso mundo e ameaçou expor nossas cerimônias de Moofull – ele admitiu.

- O quê? - Eva perguntou precipitadamente - Eu não posso acreditar! Alexa nunca poderia manter um segredo para si mesmo.

- Duvido que ela saiba, mas afirma que sua mãe e outros sabem. Não se preocupe, eu vou descobrir os seus nomes e tudo vai ser cuidado em breve.

- Mas... - Ela disse perplexa. - Então por que casar-se com Alexa?

- Porque eu quero o bosque, e sua mãe quer lutar comigo por ele. Você sabia que eu iria casar em algum momento. Qual a importância de com quem?

- Mas você vai fazê-la infeliz.

Ele abriu um sorriso triste. - Eu asseguro que eu não vou.

Eva engasgou, querendo sumir. A imagem dele com o Alexa. Nesse caminho. Ela não podia suportar. Ela olhou para o gramado, querendo agarrar a mão dele e pedir que ele deixasse suas obrigações e partisse com ela. Mas onde quer que fossem eles seriam confrontados com elas novamente. Algumas coisas não podiam ser vencidas.

- E quanto a você? - Perguntou ele - É por isso que você aceitou se casar com seu irmão? Num ataque de fúria sobre o meu noivado?

- Ataque de fúria? - Ela repetiu em indignação.

- Escolha outro alguém. Eu não vou vê-la casar com esse bundão, - Dane cruzou os braços, insuportavelmente confiante em sua capacidade de obter o que desejava. - Ou melhor, ainda, deixe-me encontrar alguém para você, como eu sugeri antes.

- Então, você iria ditar a minha escolha de marido, mas eu uma Agente Matrimonial encarregada de encontrar uma mulher para você não tenho nada a dizer sobre a sua escolha?

- Gaetano Patrizzi é velho o suficiente para ser seu pai.

- Ele não tem mais de trinta.

- Ele terá quarenta anos em poucos dias, - Sua expressão era impiedosa. - Mas será perfeito: o pai que você sempre quis. E, amarrado às cordas do avental de sua mãe. Os três vão fazer um triângulo fascinante.

Eva fez menção de dar uma tapa nele, percebendo tarde demais que ele estava incitando-a e esperando por essa reação. Ele a puxou contra ele, suas mãos acariciando as costas dela. *Oh, Deus, era o céu estar contra ele.*

- Seu Porco!

- Não, isso é mais parecido com ele, - ele murmurou em seu cabelo. - Eu pensei que eu tinha perdido você.

Ele a tinha perdido, ela o empurrou para longe.

- Alexa é minha querida amiga. Eu não vou dormir com o seu marido.

- Eu ainda não sou.

- Ou com o noivo dela, - disse ela prontamente.

Dane olhou para ela, consternado. Ela reconhecia esse olhar agora. Arrogante como sempre, ele assumiu que, se ele encontrasse a chave certa, ele poderia abrir o seu coração e mente para ele novamente. Mas ela seria mais forte.

- Nossa intenção original de trair os nossos votos de casamento parecia bem menos desagradável quando a sua esposa era um fantasma, sem nome e sem forma. Agora eu posso ver que essa solução não teria sido adequada, - ela suspirou trêmula. – Foi só um dia, mas já me preocupo muito com você.

- Então não desista daquilo que temos.

- Como se fosse tão preto e branco! - Eva olhou diretamente nos olhos para que ele pudesse ver sua determinação. - Eu tive poucos amigos na minha vida e não vou jogar isso fora. Deixe Alexa ser a mãe de seus filhos. Algo que eu nunca poderei ser.

Embora ela tivesse mentido sobre ter a doença, o que ela disse ainda era verdade em um sentido.

O Conselho necessitava de fêmeas férteis e solteiras para registrar-se como tal e para cruzar com uma sucessão de parceiros que eles selecionassem. Uma perspectiva intolerável, e que envolvia também mais testes e o risco de expor o que era.

- O Conselho...

-Foda-se o Conselho. Eu não vou deixá-los ficar em nosso caminho.

Ela deu um passo para trás, batendo numa mesa de lençóis limpos atrás dela. Não, eles eram os casacos e capas dos convidados, que foram armazenados pelos servos aqui fora de vista sobre uma longa mesa. Só então ela percebeu que os funcionários tinham usado isso como uma área de serviço temporário, pois tinha caixas empilhadas ao longo do outro lado também.

- Alexa está no nosso caminho, - insistiu ela. - E um país inteiro vai estar entre nós, logo que eu obtenha permissão do Conselho de me mudar para Paris ou Toscana. Eu não vou casar com Gaetano, mas eu ainda pretendo casar com um ser humano, um que puder prover minha família.

Dane tomou seus ombros.

- Não. Eva, não. Vou me preocupar com você se você estiver tão longe. Preocupar-me-ei com o dia que seu marido possa descobrir que não é humana. As coisas podem tornar-se feias entre vocês. Se você permanecer em Roma, pelo menos vou estar perto o suficiente para ajudar.

- Os homens humanos são facilmente enganados. Vou encantar meu marido quando a lua cheia vier. Ele vai deitar em sua cama e sonhar com o que fazemos juntos e nunca saberá que nada aconteceu.

Dane deu-lhe uma pequena sacudida como se estivesse tentando incutir sentido nela.

- Mesmo um homem fraco é fisicamente mais forte que uma mulher, - sua boca se firmou com a nova determinação.

- Por que não abrir mão de um marido completamente? Eu duvido que o Conselho pressione uma mulher infértil a se casar. Você poderia viver em acomodações que eu fornecerei ao invés deles.

- Como uma prostituta como a minha mamãe? E chorar em meu travesseiro nas noites que você está com a Alexa? Não, eu observei minha mãe chorar por um homem em muitas noites sombrias. Eu não vou ser como ela. Tenho obrigações. Para proteger e garantir um futuro para Mimi, Lena, Odette e Pinot. Todos eles dependem de mim. Eu não vou decepcioná-los.

- Então me de um beijo de adeus, - ele exigiu amargamente. - E lembre-se do que você sentirá quando deitar na cama de seu marido humano.

Mãos fortes a puxaram para um aperto e os lábios duros desceram sobre os dela.

- Dane - Era um grito de clemência, a quebra de um coração, uma mulher empurrou contra uma parede com nenhuma das suas escolhas agradável - Por favor. Nós não devemos.

- Você sente o gosto de suas lágrimas - Ele murmurou, sem misericórdia.

Eva agarrou o peito de sua camisa, ávida por este último beijo. Mas o beijo se transformou em algo mais, cada um mais desesperado que o anterior. Um toque, um suspiro... Mãos em concha suas pernas ele puxou-a sobre ele enquanto a colocava na mesa, puxando-lhe as coxas uma de cada lado dele. Seus joelhos ondularam na almofada de peles, sedas e cetins, e ele arrastou-a contra ele, para que sua masculinidade acariciasse seu sexo através de camadas de tecido. Seus lábios se agarravam, úmidos. Tudo era necessário e sorrateiro e suspiros rápidos e gemidos abafados, e ela iria parar em um minuto. Apenas mais um minuto.

- Eu vou desistir dela, - Dane apertou contra sua boca. - Casaremos, em vez disso. Eu não preciso de meus próprios filhos. Nós vamos ter suas sobrinhas. Elas serão suficientes.

Ela balançou a cabeça. - Mas não são humanas. Não é o que o Conselho quer para você. Quer Alexa. Ela é o que você precisa. Se o nosso mundo for descoberto por um desastre, uma mulher humana e as crianças vão reforçar a sua espera no seu terreno, o seu futuro, todos os seus irmãos que trabalharam por isso. Você deve...

- Eva? Oh! Lord Satyr! O quê...? - a voz de Alexa diminuiu para um guincho de horror.

Eva se afastou de Dane em um farfalhar de saias. Alexa parou a poucos metros na borda da plantação. Atrás dela estava Gaetano, sua mãe, e outros com os rostos chocados, e ávidos. Um grupo que estava deixando a festa e entrando em seu segredo.

A tez de Alexa ficou pálida quando ela olhou de Eva para Dane e de volta à Eva... - Lágrimas brotaram nos olhos dela. - Como você pôde? - Ela perguntou miseravelmente.

- Alexa, Eu... - Eva deu um passo hesitante na direção dela, mas que desculpa tinha para isso?

- Venha querida, - disse Serafina, reunindo seus casacos e puxando o braço da filha. E então a única querida e maravilhosa amiga que Eva tinha, foi embora.

Gaetano atirou a Eva um olhar zangado. Dane se aproximou e colocou o braço em sua cintura. Ela olhou para ele e interceptou o desafio irritante no olhar duro que ele enviou a Gaetano, quase implorando por uma altercação. Ela se colocou entre os dois homens e pôs a mão a cada um de seus peitos para desarmar seu antagonismo.

- Sinto muito, - disse Gaetano, mas ele só zombava e empurrou a mão, e depois, colocou-se à esquerda, na sequência de outros que já tinham apanhado seus pertences e desapareceu.

- Vá atrás de Alexa, - Eva disse a Dane. - Você deve reparar o dano entre vocês. É a coisa certa para todos, - podia ver isso agora. *Mas por que não conseguia ver isso em seu coração?*

Ele balançou a cabeça lentamente.

- Sua família está em perigo de serem descobertos, se você não for! - Ela insistiu.

Dane permaneceu obstinado. - Eu vou visitá-la, mas apenas para romper o noivado.

- Então faça o que deve fazer, mas não me visite novamente, - ela disse a ele, começando a se afastar. – Eu preciso de tempo para pensar.

Ele agarrou seu pulso, o rosto duro e quase brutal de uma maneira que nunca tinha visto antes. - Você não vai fugir para Paris, ou através do portão Elseworld?

Ela apertou a mão aos lábios e abanou a cabeça, com medo de que se ela falasse, ela cairia em prantos. - Prometa-me.

Ela assentiu e afastou-se, fugindo para sua carruagem e se perguntando como tudo tinha dado tão errado em tão pouco tempo.

CAPÍTULO 16

- Preciso contar-lhe uma coisa, - disse Eva enquanto Odette a ajudava a se vestir na manhã seguinte. – Na noite passada, Gaetano Patrizzi me pediu para casar com ele, mas...

Os olhos de Odette brilharam. - Glória! Nossos sonhos estão se tornando realidade, bebe! - Ela fez menção de abraçá-la, mas Eva a acalmou.

- Espere. Deixe-me acabar. Eu não vou a ser noiva dele.

- O quê? Você o recusou?

- Não, por favor, me escute certo? Eu não tive a oportunidade de responder à sua oferta antes porque eu cometi uma indiscrição com outro cavalheiro.

O rosto de Odette avermelhou com raiva. - Com o Satyr? Era ele, não era? Aquele que veio aqui para que você arranjasse uma noiva e encontrou-a em seu lugar. Ela apontou na direção do estúdio de Eva, onde ela e Dane tiveram sua primeira relação.

Eva inclinou a cabeça, corando. - O Signor Patrizzi nos viu juntos na noite passada. Sua mãe e sua irmã também nos viram. Outros também o fizeram. Nossos planos devem mudar como resultado disso. Gaetano não me quer mais, e eu não posso simplesmente me infundir nos círculos superiores da sociedade agora para encontrar outro como ele que me queira para casar.

- Deixe-me pensar. Nós descobriremos alguma maneira. - Odette estava em pé sobre um banquinho e baixou uma saia cheia de alfinetes sobre a cabeça de Eva.

Eva estava sacudindo a cabeça quando apareceu novamente. - Há outra coisa que você deve saber. Uma dificuldade ainda maior. Ela fez um gesto para a mistura que Odette tinha preparado para que ela bebesse pela manhã.

- Estes pós que eu tomo. Eles não parecem estar funcionando como antigamente, pelo menos não durante o Moonful.

Pânico preencheu a expressão de Odette. - O quê?

- Há quatro anos, quando comecei a tomá-los, a lua era lenta a afetar-me durante o ritual mensal, - explicou Eva. - Seus efeitos começavam gradualmente e atingiam o pico somente quando a lua estava alta no céu, e depois se reduziam bem antes do amanhecer. Minha necessidade era muito menos avassaladora do que é agora. Quando a lua cheia veio algumas noites atrás, eu senti o efeito dentro de uma hora. E foi uma noite difícil de passar sozinha. Ela levantou a mão antes de Odette pudesse intervir. - Os Shimmerskins não são mais suficientes. Você entendeu?

- Eu disse você só precisa de um marido, - disse Odette, ajustando a saia em torno de Eva para depois ajudá-la a vestir seu casaco combinando.

- Um marido humano não será suficiente para mim. Não sempre.

A voz de Odette subiu. - Mas Satyr é? O que você acha que ele fará se ele descobrir o que você é?

Eva murchou ligeiramente. - Eu não sei.

- Você deve ficar longe dele e ele não irá descobrir. Esse é o único caminho.

- Eu não posso. Ele é dono do bosque agora, - Eva argumentou. - Ele ganhou de Gaetano Patrizzi num jogo de azar. Nós vamos ter que pedir-lhe as azeitonas agora e depois.

Odette começou a andar, a sua marcha irregular se tornando mais evidente em sua agitação. Isso não aconteceria, ela pensou. Tudo tinha sido tão perfeitamente organizado em sua mente. Se ela só pudesse encontrar uma solução, tudo poderia estar bem de novo. A propriedade do bosque precisava ser devolvida a família Patrizzi. Eva iria ganhá-lo como seu marido e ter acesso ao bosque para esconder o que ela era. Era assim que as coisas deveriam ter acontecido. É como devem ser.

- Se eu for me casar com alguém deste mundo, vamos ter de deixar Roma. Obter a permissão do Conselho para se mudar para Paris. É onde eles queriam que estivéssemos em primeiro lugar, com base na minha facilidade com o idioma. Mas pedimos para vir aqui, onde Mamãe queria que eu encontrasse um marido. E onde eu esperava encontrar meu pai. Bem, isso não vai mais acontecer agora.

- O Satyr não vai deixar você ir. Não é fácil. Eu sei que os homens gostam disso. Se ele descobrir o que você é, haverá problemas.

- Se eu for cuidadosa, ele não vai descobrir.

Odette ergueu os olhos para os céus como se a procurar orientação divina.

- Ele é um rastreador! Claro que ele vai descobrir. O que você acha que vai acontecer então? Ele vai entregá-la ao Conselho, isso sim. E quanto a Fantine? Suas promessas a ela. E a mim. Está jogando tudo fora? E sobre suas meninas? Como você vai protegê-las se você for descoberta? E se o Satyr decidir mantê-la em seu harém privado ou vendê-la aos seus amigos em vez de dizer ao Conselho. Quem sabe?

- Isso é ridículo, - disse Eva, vibrando a mão no ar para dispersar suas noções tolas. Totalmente vestida agora, ela dirigiu-se para as escadas.

- Dane não quer me prejudicar. Se eu estou determinada a ir, tenho certeza que ele vai ser razoável e nos fornecerá azeitonas o bastante a cada outono para me manter segura. Ele ia se casar com Alexa, mas agora...

- A menina Patrizzi?

Eva inclinou a cabeça, olhando inquieta. - Isso é uma longa história, e eu não tenho o coração para contar agora. Basta dizer que desde que ela me viu com ele, eu não tenho certeza de que haverá casamento entre eles.

De repente, oprimida com a dor, ela calçou suas luvas e abriu a porta da frente. - Eu não consigo e não quero falar sobre isso. Eu estou saindo. Por favor, cuide das meninas.

Eva se moveu para o caminho do jardim. Com um guincho, o portão se abriu em sua mão e, em seguida, bateu fechado atrás dela.

- Espere - Odette a seguiu e agarrou a grade do portão, olhando para ela por ele. - Nunca lhe disse antes. Mas você precisa saber agora. Esta perna, - disse ela batendo com o punho na coxa danificada que lhe fazia mancar. - Um homem deixou-me com essa perna assim anos atrás em sua ira. Um homem que dizia que me amava. Tenha cuidado, bebe. Eu me preocupo com você.

- Eu sei que você se preocupa. - Disse Eva.

- Aonde você vai? - Odette perguntou a ela.

- Tentar consertar uma amizade espero. - Eva respondeu baixinho, e então ela se foi.



Odette passeava pela calçada, esfregando a cicatriz em sua coxa, onde seu namorado abusivo a aleijou anos atrás. Ela ainda o amava, mesmo depois disso. Mas ele encontrou outra para amar. E assim ela não teve escolha senão matá-lo por sua traição. Muito triste.

Ela virou-se para caminhar na direção oposta de novo, ignorando o ponto de vista das escavações do Fórum para além do parapeito. Sob a sua respiração, ela ensaiou o que diria quando a porta do outro lado da pista abrisse finalmente cuspidando a matriarca Patrizzi.

- Podemos ir para baixo e passear nas ruínas? - Mimi pediu pela quinta vez. Ela trouxera Mimi e Lena junto para passear com ela, como uma desculpa para sua presença aqui neste bairro nobre. Uma serva passeando com duas crianças bem vestidas ao longo de um ponto de vantagem sobre as ruínas do Fórum não atrairia atenção indevida. Mas elas estavam aqui há uma hora agora, e as órfãs de Eva tinham começado a cansar e a choramingar.

- Podemos fazer isso? - Mimi pediu novamente.

- Silêncio ou eu vou enviar demônios em você. - Disse Odette. Os olhos de Mimi se arregalaram e ela aproximou-se de Lena.

- Nós estamos com frio, - queixou-se Lena. - Ou você nos leva para casa ou vamos voltar para lá por conta própria.

- Shhh, eu te digo! Você vai esperar aqui e ficar quieta sobre isso, - disse ela. Ela estava para dar uma palmada em Lena, mas parou, ao ouvir a porta ser aberta do outro lado. Quem ela procurava saiu finalmente. A mãe de Gaetano, Serafina Patrizzi.

- Eu vou falar com alguém. - Disse ela as meninas.

- Quem? - Mimi perguntou, tentando ver.

- Uma senhora, imensamente rica, fina demais para o gosto de você. Fiquem aqui até eu voltar, se vocês sabem o que é bom para vocês.

- Quando você vai voltar? - Lena exigiu saber.

Mas Odette já estava atravessando a rua e não se incomodou com a réplica.

- Senhora, - ela chamou. - Eu poderia falar com você sobre... - Um motorista vestindo uma farda digna entrou na frente dela, impedindo-a de chegar a carruagem. - Ela é uma senhora ocupada, velha! O que você acha que está fazendo?

Odette esticou ao redor dele, gritando.

- Se você quer Evangeline Delacorte para seu filho, você vai ouvir o que tenho a dizer.

Serafina fez uma pausa, o pé do degrau da carruagem. Embora ela não se dignasse a virar a cabeça e a reconhecer, ela perguntou:

- E o que você sabe sobre isso?

- Eu sou a sua governanta. Estou com ela desde que nasceu. E com a mãe antes disso.

- O que você poderia dizer que iria me interessar? - Serafina perguntou, enviando-lhe um olhar rápido.

- Se você ainda estiver interessada, tudo bem. Porque eu sei como ele ainda pode tê-la.

- Eu não estou acostumada a conversar nas ruas. Entre em minha carruagem comigo. Vou te dar dez minutos. Minha carruagem dará uma volta em torno do parque e depois voltaremos para cá.

Odette se içou na carruagem, entrando no carro atrás da mulher, observando a almofada de couro fino e o cheiro caro. Logo Eva andaria em um carro como este e Odette com ela. Ela acariciou a mão sobre a cortina de veludo na janela. Ela mesma se encarregaria dos funcionários de Eva. Não faria mais trabalhos braçais. Elas estariam vivendo como rainhas, ela e Eva.

- Bem? - Perguntou Serafina.

- Você quer a minha Evangeline para o seu filho? - Odette perguntou. - Ou é só ele que a quer para si?

- Você está aqui para me dar informação, não para fazer perguntas. O que é que você tem a dizer?

- Primeiro, eu quero a resposta. As fofocas dizem que você é quem manda nas coisas em sua família. Eu não acho que seu filho teria oferecido casamento a ela se você não a quera para ele também.

- Por que eu iria querê-la quando ela nos envergonhou a todos com o Lord Satyr?

- Mas você o quer? - Odette insistiu um pouco desesperada. Ela não sabia o que faria se essa família não quisesse sua menina.

- Meu filho a quer. E eu quero os netos dele.

Odette sorriu em alívio. - Bom, então. Isso é o que eu quero. É o que a mãe queria. Minha Fantine. Ela era uma tola. Mas Eva não é.

- Serafina ofegou. - Fantine? A Fantine?

Odette assentiu um sorriso orgulhoso jogando em seus lábios. - Você se lembra de quando ela estava aqui antes, não é? Todos os homens a queriam na época. Mas ela caiu no amor com a pessoa errada. - Ela fechou os punhos das mãos no colo. - Não permitirei que isso aconteça a minha Eva.

- A julgar pelo seu comportamento terrível ontem à noite no Circo, parece que já o tem feito.

- O Satyr? - Odette torceu o lábio - Bah! Eu sei como consertar isso.

- Consertar?

- Você quer o bosque e minha Eva para o seu filho? O que você está disposta a fazer para conseguir essas coisas? Estas são minhas perguntas para você. Antes de lhe dar qualquer resposta.

Serafina a considerou. - Eu diria que estou disposta a fazer tudo o que for possível para ter essas coisas.

- Mas e ele, seu filho? Ela o humilhou. Ele ainda a quer?

- Ele vai fazer o que eu disser. Mas como você irá fazer para convencê-la?

- O Satyr é tudo o que está no nosso caminho. Se ele desaparecer, Eva voltará a si e ira querer voltar ao seu filho.

A testa de Serafina enrugou. - Se ele desaparecer? Como você faria isso?

A expressão de Odette ficou astuta. - Com meus feitiços.

- Seus feitiços? Com maldição? Se esse lixo é todo o montante de planos que você tem, então não temos nada mais a dizer.

- Já fiz isso antes, duas vezes. O homem que me deu essa perna manca? Desapareceu, - Ela estalou os dedos. - E o pai de Eva, que deixou minha Fantine grávida? Sumiu. Assim mesmo. - Ela enxergou novamente o interesse nos olhos de Serafina.

- Eu me lembro de que Fantine tinha uma série de admiradores aqui em Roma. Quem exatamente é o pai de sua filha?

- Não vou dizer. Eva não pode saber.

- Mas você sabe, não é?

Odette mandou-lhe um olhar astuto. - Eu sou a única que sabe, e eu nunca vou dizer. Quanto menos gente souber mais seguro o segredo continua a ser.

- Você vai me dizer ou não vou te ajudar. Eu quero filhos do meu filho, - Serafina inclinou-se para ela e olhou-a de forma significativa. - E eu quero saber exatamente que tipo de bebês eu posso esperar do casamento dele com a sua Eva.

Um arrepio percorreu Odette. - O que você quer dizer com isso?

- Você sabe o que eu quero dizer, – endireitando-se, Serafina colocou um lenço perfumado no nariz e abriu a janela do carro para deixar uma brisa que fez exalar um odor estranho e picante que emanava para a serva, como se ela tivesse saltado de uma cripta de demônios pela manhã. - Eu me pergunto se a Lua afeta sua menina.

A mestiça ficou com os olhos arredondados seu rosto escuro. Ela era ofensiva, gananciosa acima de sua posição social, e um pouco nervosa por estar no meio de tanta riqueza, mas tentando não mostrá-lo. Ela seria facilmente manipulada.

- Você sabe sobre tudo isso? E você ainda a quer para o seu filho?

- Claro que sim. Sua linhagem é a razão pela qual eu a quero. Eu vou confiar algo a você e espero que você confie em mim em troca. Mademoiselle Delacorte agita a libido e a luxúria em meu filho, quando nada mais o faz.- Ela se aproximou. - Vamos, agora é sua vez. Devo assegurar que a prole virá com o emparelhamento com ela. Meu Tano tem dificuldades nessa área, e eu preciso ter o que possa para facilitar as coisas. Então me diga, ela só pode ficar grávida de uma criança durante o Moonful?

A serva entrou em pânico. - Não. Não, eu tenho que ir disse ela, tentando abrir a porta. Serafina colocou a mão enluvada em seu braço sua voz a acalmando.

- Não seja estúpida. Responda-me. Eu não quero nenhum mal. Qual é seu nome?

- Odette.

- Bem Odette. Eu não irei às autoridades. Muito pelo contrário. Estou convidando você e Eva para fazerem parte de minha família. Para compartilhar nossa casa, nossa posição social, e nossa riqueza. Você poderia viajar numa carruagem como esse sempre que quisesse, - ela fez um gesto ao redor do suntuoso interior do carro - Você poderá se vestir bem, comer bem. O que você acha disso?

Odette engoliu a isca. - Sim, é o que eu quero. - Disse ela ansiosamente.

- Excelente. Mas para que isso aconteça, eu e você devemos primeiro tornar aliadas. Então vamos falar com franqueza. Fantine era fada, não era?

Serafina perguntou casualmente, como se essa questão não fosse nada fora do comum.

Quando Odette balançou a cabeça, seu pulso disparou. Gaetano estava certo, então. Eva tinha sangue de Elseworld em suas veias.

- Quem era o pai de Evangeline?

Odette se retraiu um pouco, duvidosa. - Você não vai contar a ela? Ou alguém mais?

- Ela não sabe?

- Não, quanto menos ela souber sobre isso, melhor.

- Eu prometo, então.

- Bem, então, o pai foi Ângelo Sontine, - com a ponta do dedo, Odette desenhou um sinal invisível de alguma espécie em seu próprio peito e cuspiu pela janela. - Eu amaldiçoo o seu nome cada vez que o falo. Ele deu a minha Eva seu sangue, a fez a mais rara das criaturas de Else um sátiro do sexo feminino. Arruinou qualquer chance de que Eva tivesse de ser normal. E arruinou minha Fantine para qualquer outro. Mas tenho a certeza que ele pagou por tudo isso.

Enquanto a mulher se queixava, Serafina se escaldava com as revelações que saiam dos lábios dela. Eva era de sangue sátiro? E o pai era Ângelo? Seu amado Ângelo? Que todo esse tempo, ela pensava que ele estava vivo e vivendo uma vida feliz no outro lado do portão em seu próprio mundo com Fantine. Só para descobri-lo que estava morto!

- Você se lembra dele? - Perguntou Odette, pensando em seu silêncio.

- O quê? Sim, mas só pelo nome. - Serafina mentiu.

Ela podia ver que Odette não acreditava nela. Afinal, Ângelo tinha sido tão bonito como um anjo negro, encantador e rico. Mas ela deveria convencê-la. - Eu estava com 25 anos, já casada e mãe quando eu o conheci. Nós não frequentávamos os mesmos círculos sociais. Por que estou contando isso? Nós concordamos que nós queremos a mesma coisa, mas você parece ter tudo planejado, com os seus feitiços. O que você precisa de mim no que diz respeito ao Lord Satyr se você é tão poderosa?

- Antes que eu diga, eu preciso saber se seu filho vai querê-la depois que eu fizer o feitiço. Ela precisa de um marido humano. E eu de bebês para cuidar. Uma bela casa...

- Ela terá todas essas coisas quando Dane se for.

- Prometa-me. Jure por sua vida.

- Eu juro.

- Tudo bem, então, eu vou lhe dizer. Não são apenas os feitiços e maldições que eu uso. Sou hábil na arte de fazer veneno. Dei veneno suficiente para acabar com ele e, em seguida o empurrei no rio Tibre. Houve pedido de informações da polizia quando o corpo foi encontrado, mas não puderam seguir adiante, pois os peixes gostaram dele e ninguém o reconheceu. Ele não tinha família para manter um inquérito ativo, por isso não deu em nada. Este Sátiro, os irmãos, porém, estão sempre olhando por ele.

Ela envenenou Ângelo! Uma mistura quente de raiva e tristeza cozeu em Serafina, fazendo com que ela quisesse matar essa mulher sozinha, mas todas as coisas em tempo útil.

- O que você propõe?

- Eu posso fazer com que o Satyr seja morto, mas eu precisarei de ajuda para levá-lo da cidade para o rio neste momento. Eu estou mais velha agora. Não sou mais tão forte.

- Estamos quase em casa novamente, - observou Serafina, olhando pela janela da carruagem. - E o que é isso? Eu vejo sua Eva e minha filha Alexa à frente.

Alarmada, Odette espiou na estrada em frente da casa, olhando para as ruínas. As duas pirralhas se foram! Como ela iria explicar para Eva que as perdeu?

- Não ai. Deste lado, em pé na calçada, - disse sua companheira.

- Eu sei disso. Eu estou me escondendo. Ela terá muitas perguntas, se me vê com você.

Serafina assentiu com a cabeça e bateu no teto do carro. Quando o motorista lhe deu atenção, ela lhe disse.

- Leve esta... senhora... em mais uma volta e depois a deixe aqui novamente.

- Não, me leve para casa agora. Para o Capitólio.

- Muito bem. Leve-a para o endereço que ela especificar no Capitólio, e coloque a carruagem longe depois. Eu não vou estar presente no meu almoço, depois de tudo.

Então, para Odette, ela perguntou.

- Quando você vai fazer isso?

Odette lançou ao motorista uma olhada.

- Em breve. Não é possível ter certeza ainda. Quem vai enviar para ajudar quando for à hora?

- Gaetano. Ele saberá como lidar com essas coisas.

Sem outra palavra, Serafina pegou a mão do motorista e desceu do carro. Como era maravilhoso que essa mulher repulsiva houvesse aparecido disposto a assumir o risco, de um assassinato. Depois, Gaetano poderia se certificar de que tanto a vítima quanto ela acabasse como alimentos para os peixes.

- Alexa! - Eva chamou sem prestar atenção à carruagem.

Tão, mal-educada, Serafina implicou silenciosamente. Gritando na calçada. Desprezava as mulheres que levantavam suas vozes em público. Um tom bem modulado era um dos marcos de uma senhora. Depois que a garota casasse com Gaetano, lições de etiqueta eram, obviamente, a primeira ordem.

Enquanto ela estava caminhando rastreava os nomes dos possíveis tutores em sua mente, Eva estava entretida com Alexa.

- Eu pensei que nós iríamos ao mercado de Aventino esta manhã. - disse ela sem fôlego.

Alexa girou sobre sua raiva, saindo de perto dela.

- Não finja que está tudo bem.

Eva virou suplicando. - Por favor, você não pode me perdoar? Não tínhamos a intenção de te machucar.

- Ainda assim você o fez. - Respondeu Alexa.

Serafina as deixou discutirem, tomando o tempo necessário para examinar o rosto de Eva, estudando-a e procurando as semelhanças com o seu querido Ângelo. Ela tinha os cabelos escuros. A linha do maxilar e rosto eram os mesmos. As maçãs do rosto pareciam as suas, e o jeito em que ela fazia um gesto com as mãos tão animadamente.

Era tudo tão parecido com ele que uma sombra de tristeza pungente passou por cima dela. Ele tinha sido o único homem que ela sempre amou, e que ela tinha ficado chorando em sua cama por semanas, quando ela percebeu que ele tinha ido de Roma, sem uma palavra. Tinha sido um amor carnal, pois ele sabia o que fazer na cama, como sabiam todos os sátiros. Mas tinha sido amor, pelo menos do lado dela.

Se Evangeline realmente tinha sangue sátiro, ela estava em um a... Bem, nunca tinha havido outra criatura para fazer comparações! As possibilidades eram infinitas para ela. A determinação a encheu em se apossar da filha que Ângelo havia criado em sua traição a ela. Para fazer uma fortuna com ela durante as próximas décadas. E se Eva sofresse por achar que o pai a havia abandonado no processo, tanto melhor.

- Por favor. - Eva estendeu a mão para Alexa.

Alexa abanou a cabeça. - Não podemos mais ser amigas, - disse ela, tentando superar. - Ainda não. Dá-me algum tempo. Então falaremos de novo.

Eva concordou, aceitando a rejeição, mas olhando mais esperançosa agora.

- Venha, Alexa. - Disse Serafina, instando-a para voltar para sua casa.

Alexa fez menção de segui-la, então parou e olhou para Eva.

- Você vai continuar com ele?

- Com Dane? – A voz de Eva ficou amolecida com a confusão. - Eu, eu não sei.

Alexa suspirou, como se ela tivesse esperado tanto.

- Pelo menos você não vai se casar com meu irmão. Eu não poderia suportá-lo se você e eu fôssemos forçadas a partilhar a mesma casa. Quando Alexa subiu as escadas, Eva estava tão desolada que Serafina lhe deu uma tapinha no braço.

- Não se preocupe. Ela vai te perdoar. Eu já o fiz, e Gaetano também. Nós ainda esperamos recebê-la em nossa família.

Virou-se e subiu os degraus acima, deixando a menina atrás dela olhando boquiaberta com o choque.

No momento em que ela entrou na casa, Alexa se aproximou zangada.

- Eu ouvi o que você disse para Eva, mãe! Como você se atreve? Isso é assunto meu.

- Você sabe como eu odeio gritos, - disse Serafina, retirando as luvas em empurrões rápidos. - Mas é propício em você fazer um show.

- O que está acontecendo? - Perguntou Gaetano, descendo as escadas.

- Estou feliz por você estar aqui, Tano. Eu decidi que é hora de sua irmã descobrir a verdade sobre o funcionamento do nosso pequeno negócio familiar.

Os olhos de Gaetano passaram entre elas.

- Por quê?

- Porque as outras filhas e eu concordamos que é hora. Vamos?

- Você está vindo para baixo, também? - Perguntou ele.

Serafina assentiu. Sua surpresa foi compreensível. Ela raramente visitava o labirinto, normalmente limitava suas visitas ao ritual anual quando ela e as outras filhas desciam juntas sem os homens. Nesse ínterim, sempre se garantia novas vítimas para as celas, como Nella há pouco, calhou para o filho a acompanhá-las nas entranhas da terra.

- Onde? - Alexa perguntou confusa. - Que negócio?

- Nossos cosméticos, é claro. Você nunca se perguntou como eles são feitos, e onde? - Serafina perguntou.

- Bem, sim, eu perguntei para você várias vezes, mas você sempre disse que moças não deviam se preocupar com questões financeiras ou de fabricação.

- Ah, mas você está crescida agora, e um dia você e Tano deverão continuar com os negócios da família quando eu for embora. É hora de conhecer o seu patrimônio.

Serafina levou seus dois filhos em seu elegante salão, aquele em que ela entretinha as ladies para recolhimento. Ao longo de uma parede mais distante, ela puxou uma alavanca que virou a estante cheia de potes e frascos, e Alexa, ofegou. Uma abertura apareceu por trás dela, levando a um túnel, de altura bruta talhada na rocha. Serafina entrou e acendeu uma lanterna decorativa com um palito de fósforo.

- Por que eu não sei sobre isso? - Disse Alexa, movendo-se para espreitar o interior. - É um pouco gótico. Assustador, na verdade.

- Você não viu nada ainda. - Murmurou Gaetano.

- Venha comigo. - Serafina acenou para Caetano, que acendeu outra lanterna e apontou para Alexa precedê-lo através do labirinto.

- A primeira coisa que você deve compreender, - Serafina passou por ela enquanto liderava o caminho ao longo do corredor sinuoso. - É que existe um mundo além do nosso, acessado através de um portão na Toscana. Sua amiga Eva é desse mundo, como também é o Lord Satyr.

Alexa parou, e Gaetano colidiu com ela.

- O quê? - Ela perguntou baixinho.

- Por que ela tem que saber? - Gaetano exigiu em frustração.

- Mas como é adorável, - arrulhou Serafina surpresa. - Você, bancando o irmão mais velho e protetor. Isso vai funcionar muito bem nos meus planos, pois sua irmã está para ser introduzida na feminilidade em breve. E você foi escolhido pelas filhas para substituir o seu pai com ela.

Gaetano sacudiu a cabeça, atordoado novamente pela marca de crueldade casual em sua mãe.

- Do que vocês estão falando? - Perguntou Alexa.

- Ela quer que eu aja com você como Fauno, - Gaetano apertou com raiva - Um homem que cometeu incesto com sua própria filha, Bona Dea, como em nossa própria Bona Dea Cosméticos. Eu serei embriagado, depois serei levado para sua cama. Elas provavelmente a drogarão também assim você não vai se lembrar de nada depois.

- Não! Pare com isso! - O rosto de Alexa ficou pálido e ela colocou as mãos nos ouvidos, então se virou para correr de volta pelo caminho em que eles vieram.

Mas Serafina agarrou seu pulso, puxando seu rosto para perto.

- Eu sei que parece estranho agora, mas você vai se acostumar a ele. É uma tradição em nossa família, - ela alisou para trás uma mexa de cabelo que tinha caído sobre a testa de Alexa. - Meu pai foi à cama comigo quando eu tinha sua idade. Mas seu pai está morto, assim Tano é a minha escolha para você. Melhor ele do que um dos maridos gordos das outras Filhas.

Alexa sacudiu a cabeça, os olhos apavorados.

- Isso tudo é muito hediondo. Você não pode dizer isso! Nenhum de vocês!

- Nós somos descendentes da deusa, Alexa! - Serafina exclamou. - A Bona Dea e Fauno ditaram há muito tempo que um acasalamento deve ocorrer entre a família antes do casamento. É um rito de passagem divino. Tenha orgulho.

- Orgulhosa? Eu nunca estive mais envergonhada! - Alexa começou a recuar. - Onde quer que você esteja me levando, eu não quero ir. Só posso esperar que ao acordar amanhã eu veja que tudo isso era algum tipo de pesadelo.

Serafina enviou um olhar em direção a Gaetano e ordenou.

- Pare-a!

Mas ele não se mexeu, permitindo que Alexa fugisse na direção da casa.

- Eu não vou deixar você machucá-la. Ela é minha irmã, pelo amor de Deus. Não me importo com todo o resto, - ele fez um gesto em direção ao túnel mais adiante. - Mas eu prefiro continuar como estávamos antes. Ela não tem que saber de tudo.

- Oh, pare com esse ataque histérico. É hora de lhe dar mais poder por parte do trabalho. Você não está cansado de fazer tudo isso? Afinal, você está para ser um marido em breve, com mais responsabilidades.

- E exatamente com quem eu estou para casar?

- Evangeline Delacorte, é claro. Nada mudou sobre isso.

- Tão fácil assim? - ele zombou. - Deseja-o e isso vai acontecer? Ela vai deixar seu amante e voltar para mim?

- Não tenho preocupações a esse respeito. – ela disse, satisfeita. – O Dane Satyr logo encontrara um fim prematuro.

Suas sobrancelhas se levantaram.

- Como?

- Não por minha mão. Sua serva me visitou esta tarde. Ela está convenientemente determinada que Eva case com você e concordou em envenenar o Satyr. E eu só estou lhe contando isto porque a sua ajuda poderá ser necessária depois no sumiço do cadáver dele. E da empregada também. Ela é repugnante, e eu não quero que ela fique e possa nos chantagear depois.

Considerando a questão resolvida, Serafina olhou para as profundezas do labirinto.

- Está tudo bem aí? - Ela perguntou timidamente. - Eu dependo de ti para cuidar das coisas, você sabe.

Seu olhar se estreitou e ele fez um gesto em direção ao abismo do inferno feito para ele por sua mãe. Sempre que ela pretendesse tomar Alexa.

- Por que não me deixa lhe mostrar? Você pode conhecer alguns dos nossos clientes.

Ela estremeceu.

- Não, eu tenho medo e é um pouco desagradável por lá para eu visitar mais vezes do que devo. E nós devemos encontrar Alexa e acalmá-la.

Seu nervosismo lhe agradou. Ele se aproximou, intimidando-a.

- Sim, você prefere fingir que nada disso existe. No entanto, você me banuiu para estas masmorras a cada noite para manter a ordem. Para viver entre suas vítimas.

- É o jeito que as coisas têm sido feita em nossa família há séculos, querido. O andar de cima é das mulheres, os homens ficam com o debaixo. Por que objeta a esta altura?

Ela passou por ele na direção da casa e deixou-o para trás.

- Por quê? - Ele sussurrou quando ela tinha ido. - Porque eu odeio isso. E odeio você por me fazer viver assim.

Ele ficou ali, pensando em Eva como sempre fazia agora, como uma maneira de escapar da realidade. Ela representou um novo começo. Se ele pudesse tê-la, ele tinha a sensação de que ele poderia encontrar seu caminho para sair deste inferno. O pensamento em Eva fez seu pau dar um pequeno salto. Ele colocou a mão sobre seu pau e apertou, saboreando a pequena dor sexual. Sim, se alguém pudesse salvá-lo esse alguém seria Eva.

CAPÍTULO 17

Já era crepúsculo quando Mimi e Lena voltaram para casa, procurando desgrenhadas e exaustas.

- Por onde as duas estiveram? - Perguntou Eva, introduzindo-as dentro de casa - Nós estivemos tão preocupados! Eu estava perambulando no bairro a procura de vocês. O pobre Pinot está fora procurando por vocês ainda.

Mimi lançou um olhar amotinado em Odette.

- Nós...

Lena a interrompeu, abafando o resto de suas palavras.

- Nós quisemos ver as ruínas, então nós andamos ate lá por conta própria.

Ela enviou um olhar de advertência a Mimi, deixando Eva completamente confusa.

- Vocês não entendem o quão perigoso isso é? Vocês não devem fazer uma coisa dessas novamente, - disse Eva, abraçando-as com ela. Mimi e Lena estremeceram em seus braços.

- Vocês estão frias e empoeiradas. Odette ajude-me a levá-las para um banho quente.

Mas quando Odette se aproximou, Mimi recuou e Lena entrou na frente dela, em uma manobra de proteção.

- Nós podemos nos despir.

- O que está acontecendo? - Eva exigiu, olhando delas para Odette.

- As meninas estão crescendo. - Odette tentou explicar, os lábios formando um sorriso crepitante. - Querem fazer as coisas por si mesmas. Isso é bom, sim? Querem ser “independentes”. Eu suponho.

As meninas estavam obviamente irritadas com Odette por algum motivo, mas elas não estavam em um estado de espírito para dizer o quê.

- Vá em frente, então - Eva disse a elas - Você tem um olhar exausto.

- Podemos dormir aqui esta noite? - Mimi perguntou.

- Comigo? - As meninas só pediam para dormir com ela quando tinham sonhos ocasionais ruins.

- Bem, é claro - Disse Eva - Se vocês quiserem. Mas não enquanto você esta como um limpador de chaminés. Vão tomar banho.

As meninas estavam extraordinariamente quietas e tomaram banho rapidamente. Uma vez que elas estavam em suas camisolas, Odette deu-lhes um pouco de chocolate, sua bebida costumeira de dormir. Então Eva enfiou-as em sua cama, e deu a cada uma

um beijo, e no pedido de Mimi também concedeu um beijo em sua boneca, e ambos caíram no sono dos exausto.

- O que aconteceu entre você e as meninas? - Eva perguntou calmamente quando Odette retornou pelas roupas sujas para levar a lavanderia.

- A verdade é que eu levei-as para o mercado - Odette murmurou, entregando-lhe uma caneca de chocolate quente - Elas correram para as ruínas, quando eu estava de costas.

Eva tomou um gole.

- Por que você não disse nada antes, quando Pinot e eu estávamos procurando por elas?

- Pensei que era melhor que aprendessem uma lição por sua obstinação, ao procurar seu próprio caminho para casa.

Então ouvindo o ranger do portão Eva foi até a janela. Era Pinot.

- As meninas voltaram para casa - Ela disse suavemente para baixo para ele - Elas estavam vagando pelas ruínas por conta própria, você pode acreditar nisso?

Ele sacudiu a cabeça sobre a sua loucura, então disse.

- Elas estão bem?

Ela assentiu com a cabeça.

- Eu estarei fora, em seguida, vou ao Capitólio, a menos que você precise de mim.

- O que tem no Capitólio. - Perguntou Odette, chegando à janela.

- Esse é meu negócio, velha senhora. - Ele piscou para Eva e saiu, assobiando.

- Ele tem um novo amor, aquele, por isso eu nunca consigo encontrá-lo quando preciso dele. - Reclamou Odette.

Eva sorriu.

- É bom que o Pinot faça amigos. As meninas devem ser encorajadas a fazerem o mesmo. Talvez isso a impeça de vaguear em busca de entretenimento.

Voltando a sentar-se na penteadeira, Eva colocou sua caneca na mesinha e começou a tirar os alfinetes de cabelo em preparação para a cama. Odette veio por trás dela e assumiu a tarefa.

- Não se esqueça, de que as meninas se sentem confortáveis perambulando pelas ruas. Foi onde você as encontrou. Nada vai acontecer com elas lá fora.

Eva levantou.

- Isso vindo a partir da mulher que está sempre me dando essas advertências sobre a segurança, e como eu vou ser encontrada boiando no rio Tibre? Não, essa parte da sua vida acabou. Elas são nossa família e agora temos de cuidar delas, você entende?

Odette concordou a contragosto.

- Eu vou arranjar alguma coisa para encontrar algumas crianças de sua idade na vizinhança.

- Pensa que é sábio? - Depois que o cabelo de Eva foi solto, Odette começou a escová-lo. - Se alguém descobre que elas são fadas, será um problema para nós. As meninas têm boca grande.

Eva pegou seu olhar no espelho.

- Eu quero que elas tenham amigas. E que não cresçam como eu que sinto muita falta delas.

- Foi para seu próprio bem que lhe foi impedido estar com outros jovens em Elseworld. Poderiam ter adivinhado o que você era.

- Eu sei. - Eva suspirou. Enquanto crescia Fantine e Odette sempre mantiveram um olho nela, esperando pelos sinais de seu sangue a vontade de sair. Em seu aniversário de dezoito anos, os sinais que elas tinham esperado finalmente haviam se mostrado. Sua menstruação tinha finalmente começado — muito mais tarde do que tinha nas meninas de algumas de suas outras relações — chocando o seu corpo com desejos que ela não entendia ou sabia como lidar com isso. Suas noites viraram inquietas e ela começou a despertar do sono, suas coxas cerradas apertadas, tentando segurar os impulsos do prazer que seu corpo espontaneamente sentia entre as pernas. Ela tinha sido retirada da companhia de outras moças, finalmente entendendo o que sua mãe e Odette tentaram explicar todos aqueles anos. Que ela era diferente. Que isso sobre ela era uma vergonha. Que era perigoso ficar perto demais daqueles que possam expô-la pelo que era.

- Umm, que agradável, - disse Eva, apreciando a sensação da escova de prata de sua mãe traspassando o cabelo dela. - Assim como quando eu era uma garotinha.

- Você ainda é minha garotinha. Sempre será, - disse Odette. - Sua mamãe, ela tinha o cabelo de um anjo, mas você tem o cabelo de uma bruxa. Assim como seu pai.

Eva franziu a testa, colocando a mão sobre a escova que ainda massageava sua cabeça - O quê?

- Oh, meu engano, - disse Odette, alisando a mão em seus cabelos. — É só emoção ao pensar sobre o casamento.

- O casamento?

- Seu com Patrizzi, bambina, qual mais? - Ela começou a trançar o cabelo de Eva para a noite, algo que ela não tinha feito desde que Eva estava em sua adolescência.

A carranca de Eva se aprofundou.

- Você não ouviu o que eu disse na noite passada? Eu fui pega fora, nos braços de Dane. Gaetano Patrizzi nos viu. A última coisa que ele quer agora é um casamento comigo.

- Vai dar tudo certo com o Gaetano, você vai ver. - Odette afagou-lhe o braço.

Eva afastou-se, uma inquietante sensação tomando conta dela.

- Você tem viseiras se você acha que o Signor Patrizzi me levaria ao altar. Eu fui pega o traindo antes do casamento diante de toda a sociedade. Eu só estou feliz por ele não ter anunciador nosso noivado antes disso ter acontecido.

- Não se preocupe com tudo isso. Eu conversei com a Signora Patrizzi, - Odette anunciou orgulhosamente. - Tudo vai ficar bem.

- Você falou com a mãe dele? - Eva ergueu-se lentamente para encará-la. Ela colocou uma na mão penteadeira para firmar-se, de repente sentindo-se um pouco tonta.

- Quando? Como?

- Não se preocupe com isso. Você vai ter o que quiser. Vai casar com seu ser humano. Ter seus próprios bebês. Você não precisará ir buscá-los nas ruas.

Odette sorriu e alisou os cabelos de Eva sobre os ombros. Então suas mãos desceram, cobrindo os seios de Eva.

Eva bateu o seu toque para longe e afastou-se da penteadeira e dela. Algo estranho estava acontecendo aqui.

- Odette, você está agindo de forma inapropriada.

Odette apenas deu de ombros e voltou a escova de prata em suas mãos, puxando os fios negros com o corvo de Eva. Eva se afastou dela, tropeçando, seus pensamentos tornando-se confuso.

- O que você disse antes, sobre o cabelo do meu pai. Como você sabe que o seu era escuro?

Um olhar distante pairou nos olhos de Odette. - Ele era muito bonito, o seu pai. Poderia também dizer-lhe seu nome, pois a Signora Patrizzi sabe isso agora. Ângelo Sontine. Fantine pensou que eu não vi que ela estava se apaixonando por ele. Eu vi, mas eu estava muito atrasada em me livrar dele. Ainda assim, ele teve que ser punido por colocar você dentro dela. E tinha que ter a certeza de que ele seria punido.

Um sorriso vinco o rosto enrugado.

- Usei meu dom com ele. Tinha que fazer o que era certo para nós. Você me entende, não é? - Envolvendo a longos fios do cabelo de Eva em torno de dois dedos, ela os colocou dentro da pequena bolsa que trazia no bolso.

- E agora você acha que deve usar o seu dom — seus poderes — sobre mim? - Perguntou Eva, assumindo que Odette pretendia fazer algum tipo de magia com o uso dos fios.

- Já comecei com isso, bebe. Você ficará quieta aqui no seu quarto de dormir por uma semana ou mais assim. Dar-me-á tempo para realizar alguns planos que eu fiz para o Lord Satyr.

Eva levantou uma mão trêmula sobre a testa, tentando pensar.

- O chocolate que você deu as meninas e a mim. Você os temperou com uma de suas raízes e especiarias, não foi?

Odette enganchou um braço ao redor dela. Apesar de si mesma Eva inclinou-se pesadamente sobre ela, sentindo-se muito sonolenta para resistir.

- Você só bebeu um pouco. Removerá o Satyr de sua cabeça.

Gentilmente, ela levou Eva para a cama, onde ela puxou as cobertas sobre ela e empurrou-a para deitar-se ao lado de Mimi e Lena, em seguida, a cobriu como se ela fosse uma criança também.

- As três não vão se levantar daqui e nenhum mal lhes alcançará. Não saberão nem mesmo o que eu vou fazer. Odette irá cuidar de tudo.

Eva suspirou em seu travesseiro, apenas vagamente consciente do som da porta sendo trancada por fora. No momento em que passo desajeitado de Odette estava se afastando no corredor, ela estava dormindo.

Muito mais tarde — embora parecesse que apenas alguns minutos se passaram — Lena e Mimi estavam empurrando para o seu despertar, o sol da tarde já estava começando a cair em direção a um horizonte alaranjado.

- Meu Deus! Por quanto tempo nos dormimos? - Disse Eva, sentando-se.

- Durante toda a noite e mais o dia de hoje, - disse Lena. - Quando Odette deixou o jardim agora a pouco, a porta rangeu e nos acordou.

Odette. Um calafrio deslizou sobre Eva. Ela mal podia acreditar no que a mulher lhe tinha dito ontem, mas ela acreditava, e isso a aterrorizava. Ela tinha que pegar as meninas e levá-las para a segurança antes que Odette retornasse.

- Eu preciso do meu banheiro, mas a porta está trancada, - disse Mimi, pulando de um pé para o outro.

Eva apontou em direção ao banheiro.

- Use o meu. E não se esqueça de lavar as mãos na bacia.

Correndo da cama, ela lutou contra sua tontura e foi escovar os dentes na bacia em seu quarto, em seguida, tentou abrir a porta.

- Esta fechada, eu lhe disse, - Mimi falou de dentro do banheiro, parecendo irritada.

Eva encontrou um grampo e ficou de joelhos, tentando arrombar a fechadura.

- O que aconteceu ontem? - Ela perguntou a Lena sobre seu ombro. - Vocês realmente não foram vagar por conta própria, não é?

- Odete disse que os demônios iriam nos pegar se nós falássemos. - Lena deixou escapar.

- Ela não pode conjurar demônios. - Eva assegurou.

- Eu sabia! - Lena disse com satisfação - Ela é apenas uma mulher de idade.. Ontem, ela deixou-nos no parque e foi embora com uma senhora muito bonita em sua carruagem. Estávamos com frio, então voltamos para casa.

Eva deu-lhe um rápido aperto em seu braço, então voltou para tentar arrombar a fechadura.

- Eu sinto muito pelo que aconteceu, e estou feliz por vocês estarem seguras. A respeito de Odette. Quero que vocês fiquem longe dela a partir de agora.

Ela tentou não pensar sobre seu pai e o fato de que ele encontrou seu fim na mão de Odette. De como Fantine havia esperado todos esses anos sem saber o verdadeiro motivo dele não ter vindo para ela como prometera. Que miséria Odette tinha causado! Como ela ousava pensar que ela tinha feito para seu próprio bem. Ela tinha sido ferida pelos homens e sido deixada sozinha, mas ninguém tinha percebido como isso a tinha distorcido. *Como eles puderam não ter notado durante todos esses anos?*

Quando ela não conseguiu destrancar a porta, Eva começou a atirar em suas roupas, sua mente correndo para formular um plano de fuga. Esta sala, que a tinha prendido durante seu Moonful havia se tornado uma prisão muito mais aterrorizante.

- Eu estou com fome, - reclamou Mimi, saindo do banheiro.

- Eu sei. Precisamos encontrar uma maneira de sair daqui, - disse Eva. Indo para a janela, abriu-a e inclinou-se sobre a sua grade de ferro forjado. Elas quebrariam seus tornozelos ou até pior, se tentassem saltar.

- Se você fosse Rapunzel, você poderia jogar para baixo seus cabelos. - disse Mimi, lendo sua mente.

Eva virou-se da grade e beijou o topo de sua cabeça.

- Brilhante Mimi!

Os olhos de Lena se iluminaram, imediatamente agarrando o plano.

- Nós podemos amarrar os lençóis juntos.

- E talvez estendê-los com um vestido ou dois. - acrescentou Eva. Arrancando os lençóis e a colcha da cama ela começou a atá-los fazendo uma corda improvisada pela qual elas poderiam descer. Meia hora depois, ela amarrou uma ponta da corda à grade e deixou cair o resto para baixo até sua extremidade tocar a grama do jardim.

Indo rapidamente para a penteadeira, Eva localizou o diário de sua mãe e sua escova de cabelos de prata, e os colocou em seus bolsos. Então, ela respirou fundo, reunindo sua coragem.

- Eu vou descer primeiro. E então vocês vão me seguir uma de cada vez.

- Como macaquinhos. - disse Mimi.

- Só que em silencio, - advertiu Lena. – Para o caso de ela voltar.

- Sim, todas nós devemos ser muito, muito silenciosas. - Eva concordou.

- Como ratos macaquinho! - Mimi improvisou um sussurro sibilante como um camundongo.

- Exatamente, - disse Eva. - Tenham cuidado e lembre-se de segurar firme. Eu vou esperar por vocês lá baixo - Com isso, ela balançou a perna sobre o parapeito e começou a descida, precariamente.

Algun tempo depois, ela deu um suspiro de alívio quando as três se encontraram no jardim sem contratempos. Mas quando chegou ao portão de ferro, Lena ficou atrás.

- Nós não podemos sair com nossas camisolas. E com os pés descalços!

- Nós temos que ir assim mesmo, - disse Mimi, soando muito adulta dessa vez. - Se ficarmos, Odette poderá voltar e nos pegar.

- Vite! - Eva sussurrou. O portão deu um áspero guincho, quando elas passaram por ele. Então elas correram as três correndo em direção ao pôr do sol.

- Onde estamos indo? - Mimi sussurrou, parecendo animada. Para ela, isso parecia uma aventura.

- Para Dane, - Eva decidiu, tentando parecer confiante. - Lord Satyr.

- Será que ele vai nos querer? - Perguntou Lena, e isso partiu o coração de Eva, por ouvir a incerteza em sua voz.

- Sim. - Garantiu Eva, com uma oração para que isso fosse verdade. Mas como elas iriam chegar lá era um mistério. Quando elas passaram por um vagão já engatado a um cavalo e só aguardando o seu condutor e passageiros, Eva hesitou apenas brevemente antes de apontar para as meninas entrar dentro.

- Nós estamos roubando! - Disse Mimi, olhando tanto escandalizada quanto encantada.

- Só porque estamos em perigo. Nós vamos voltar amanhã, com um pedido de desculpas e o pagamento pela utilização do mesmo, - disse Eva. - Mas agora depressa, temos que ser camundongos macacos, lembra?

Milagrosamente, o dono da carroça não as ouviu pegar o carro, pois ninguém as perseguia. Quarteirões depois, elas passaram por Pinot a pé, indo em direção ao sobrado.

- Que história é essa? - Disse ele, saltando para frente do vagão.

Eva olhou para ele, um pouco apreensiva. Suas bases haviam sido sacudidas pela traição de Odette, e ela se perguntou por um momento se ela podia confiar nele.

- Odette nos prendeu, - anunciou Mimi. - Ela é ruim.

- Isso não é novidade. Essa senhora é tão podre como uma fruta estragada, - Pinot pulou para o banco e tomou as rédeas de Eva. - Onde estamos indo?

Enquanto eles faziam o seu caminho para o bosque, Eva disse a ele o que tinha acontecido. Seu rosto ficou triste e deu um assobio longo e baixo. Anoitecia quando chegaram a Monte Aventino e ao bosque.

Dane se os encontrou na varanda de sua casa, uma carranca de questionamento sobre seu rosto.

- O que aconteceu? - exigiu ele. Ele as olhava todo másculo e capaz, e ao vê-lo Eva queria apenas cair em seus braços.

- Odette nos trancou no quarto de dormir, mas nos escapamos com a roupa de cama e roubamos uma carruagem! - Mimi riu alegremente.

Dane fez um som com se estivesse profundamente impressionado, mas seu cenho se aprofundou.

- Bem, eu estou feliz que vocês tiveram o bom senso de vir aqui depois disso-, ele disse a ela, enquanto ele retirava cada uma das meninas do vagão.

- Nós não temos que voltar? - Lena perguntou a ele.

- Não, vocês não tem que voltar-, disse Dane. – Nunca mais.

Voltando-se para Eva, ele a ergueu com facilidade do vagão, com as mãos na cintura. Uma expressão fixa surgiu em seu rosto e ele fez uma pausa, deixando-a pendurada no ar, os dedos dos pés a poucos centímetros do chão. Manter o seu peso parecia não lhe custar nenhum esforço enquanto ele procurava os olhos dela com uma concentração feroz.

Ela inclinou a cabeça. - Tudo bem nós termos vindo até você?

- Vou ver os cavalos-, Pinot interrompeu, após o estranho silêncio que se estendeu por muito tempo.

Dane a baixou contra ele e ela deslizou para o chão.

- Só por isso é claro, eu tentei ver Alexa, mas ela saiu de Roma-, informou ele. - Minha carta rompendo nosso noivado segue agora para Veneza. Ela e eu não temos, mas nenhum compromisso não continuará entre nós. Você entendeu?

Ela assentiu com a veemência em seu tom. Parecendo satisfeito com isso, ele se virou como se esquecesse dela.

- Há acomodações aqui para você também-, disse ele a Pinot. – Por quanto tempo você quiser.

Os olhares dos dois homens se encontraram, e Pinot relaxou sob a acolhida que ele leu em Dane.

- Isso vale para todos vocês-, anunciou Dane, agrupando-os para dentro. - Venham. Considerem sua casa.

Eva introduziu as meninas à sua frente, desejando que ele não houvesse feito promessas na frente delas às quais poderia não ser capaz de manter. Elas já haviam se

decepcionado com bastante frequência pelos adultos em suas vidas. Uma vez lá dentro, Lena pegou a mão de Mimi e ambos estudaram a magnífica casa com incerteza enquanto andavam por ela. A sala da frente era enorme, com uma escadaria e um lustre que tilintava sinistramente como elas se movessem do passado, atrapalhando o ar. O candelabro sibilou em lâmpadas aqui e ali, oferecendo pouco em termos de iluminação. Tudo aqui era sombrio, parecendo ter sido intocável em uma década ou mais, com a poeira em todas as superfícies e sujeira nas janelas. Os móveis estavam cobertos com panos brancos o que fazia com que as cadeiras, sofás e mesas parecessem ser figuras fantasmagóricas.

- É assombrada? - Ouviu Mimi sussurrar.

- Não, só suja-, Lena informou a sua maneira prática e com pouca consideração pelos sentimentos de Dane.

- O Lord Satyr não tem residido aqui há muito tempo-, Eva disse a elas, esperando que as meninas não tivessem vergonha dele, mas curiosidade sobre a condição da casa. Ela obviamente tinha sido uma vez linda e poderia ser novamente com cuidado suficiente.

- Podemos dormir com você?- Mimi perguntou a Eva, parecendo um pouco nervosa.

- Hoje não-, Dane respondeu em um tom inabalável. Eva olhou para ele, mas ele olhava para as meninas. Ele parecia preocupado desde que ele a ajudou a descer do vagão, preocupado com ela. Ao aparecer sem ser convidada a esta hora com o seu séquito, ela não havia lhe dado muita escolha em lhe oferecer acomodações. Ele queria que não tivesse vindo?

- Eu terei os quartos prontos pelas dríades para todos-, disse ele, e ela ficou só um pouco mais tranquila.

- Dríades-, perguntou Mimi, imediatamente intrigada. -Como os espíritos das árvores nos livros de fadas?

Dane assentiu.

-Elas estão trabalhando para que minha casa fique novamente em ordem, como você e sua irmã notou com franqueza tal, tem sido negligenciada por muitos anos. Para nossa sorte, elas começaram os seus trabalhos pelos quartos de dormir, assim vocês terão camas limpas.

Felizmente, as meninas tomaram as suas babás etéreas em vista, que por sua vez mimaram ambas na forma maternal comum a essas ninfas. Eva não pôs em causa a sua presença em sua casa, pois também tinha sido tradicional que os proprietários de Elseworld tomassem tais criaturas, quando as árvores que habitavam chegavam ao final de suas vidas.

E foi assim que menos de 30 minutos após sua chegada, Eva se viu sozinha com Dane no corredor sombrio fora do novo quarto de dormir das meninas.

- O que diabos aconteceu?- Perguntou ele, dobrando-a contra si. Apesar das preocupações anteriores, ela havia tentado ser forte para as meninas, mas agora ela estava desabando.

- Eu descobri uma coisa terrível. Odette, minha serva, matou o meu pai, antes de eu nascer.

As mãos de Dane se moveram sobre sua volta em círculos suaves e sentiu os lábios em seu cabelo.

- Sinto muito, Eva.

Ela acenou com a bochecha contra o peito de sua camisa.

- Há mais e estou com medo, muito medo. Odette tem planos para fazer-lhe mal. Ela saiu esta manhã e nos trancou em casa.

Ele colocou uma mão em sua nuca e a puxou para trás, emparelhando sua testa na testa dela.

- Você está segura aqui. Assim como eu.

Ela ficou na ponta dos pés e tocou os lábios nos dele com gratidão.

- Obrigada, mas sua segurança é o que esta mais em jogo.

Alguma coisa mudou em seu rosto e ele se virou, puxando-a pelo corredor.

- Onde estamos indo?

- Para meu quarto, no outro lado da casa onde eu posso ter você para mim.

Uma excitação súbita borbulhou dentro dela, mas ela continuava preocupada com ele.

- Você deve tomar esta conspiração contra ti a sério, Dane.

- Eu faço. Mas acredito seriamente que posso me defender contra uma serva idosa.

Eles viraram outro canto, passando por uma lareira tão grande que ela poderia ter ficado dentro sem aperto. E então, passando uma parede de espelhos, e depois outra de janelas.

- Você não ouviu como ela falou. Você...

- Shh. Não há nada que possamos fazer sobre ela esta noite. Eu preciso de você agora. Para saber que você está aqui e real e é minha. Amanhã haverá tempo suficiente para assuntos sérios.

Momentos depois, eles passaram por uma porta. Ela parou dentro da sala que ele tinha mostrado a ela, de pé no meio de um tapete fino da Pérsia, e inspecionou a enorme cama de oliveira com cortinado pendurados da cor bordô escuro. Ela ouviu o clique da porta se fechando atrás dela e virou-se para vê-lo encostado contra ela. O halo em torno dele brilhava de prata pura, mas era estranhamente turbulento. Os olhos dela desceram para os seus, e encontrou-os implacáveis.

- O que é que lhe diz?- Ele se empurrou para fora da porta e aproximou-se dela. - Minha aura. Você estava a estudá-la em busca de pistas para o meu humor. Será que ela esta lhe informando que eu estou feliz porque sua serva revelou-se uma louca assim você acabou aqui no meu quarto de dormir esta noite?-

-Dane. - Seus lábios apertados, professora antiquada novamente.

Dane riu baixo e escuro.

- É verdade. - Ele circulou lentamente, rondando, puxando as pontas dos dedos sem corte em cima dela, um leve toque em sua cintura, quadril, costas. - Mas o que mais lhe diz, eu me pergunto? - Uma pausa. Então, gentilmente - Que eu sei o seu segredo?

Seus olhos verdes ficaram cautelosos.

- Meu segredo?

- Que você é uma sátiro. Como eu. - As palavras eram suaves, acusando.

Mas ela se afastou dele, como se atingida por um golpe físico.

- Não seja ridículo.

Ele ignorou sua negação, perseguindo-a para sua cama. Erguendo-a e a jogando de costas sobre a cama, e a prendeu com as mãos plantadas em cada lado dela.

- Eu senti seu perfume esta noite antes que você chegasse à minha porta. E isso me trouxe à mente o seu cheiro da primeira vez que nos encontramos no bosque durante o Moonful passado, algo que Dante tinha a certeza que eu ia esquecer. Desde então, você está fazendo algo para disfarçá-lo. O quê é?

Ela conseguiu um riso frágil.

- Francamente! Primeiro Odette revela sua loucura, e agora você.

Ele arrastou-a mais acima em sua cama, chovendo beijos quentes na garganta, a boca. Segurando-a com as mãos grandes que sempre antes tinham a feito se sentir segura. Só que ela não se sentia segura agora. Sentia-se exposta, indefesa por sua descoberta.

- Do que você tem medo? - Perguntou ele. Seus lábios tremeram e ela dobrou-os para dentro, como se tentando manter seus segredos.

- Eva! Sua voz era um grunhido.

- Se eu contar você pode me denunciar! - Ela empurrou contra o peito em ênfase – E eu vou estar enjaulada em um laboratório e estudada como um inseto em um pino. E Mimi e Lena serão colocadas nas ruas por que eu não vou estar aqui para protegê-las. Eu tenho mantido esse segredo durante 22 anos. E você se pergunta por que eu tenho medo de revelá-lo?

- Eu não vou contar a ninguém.

- O que você vai fazer? - Ela exigiu com uma voz devastada.

- O que? - Sua boca a tocou, como o bater suave de uma borboleta.

- Eu vou despir você. Aqui na minha grande cama, e beijá-la e prendê-la, e vou me colocar dentro de você. Toda. - Um beijo. -Noite. - Outro beijo. -Todinha. - Suas mãos vieram entre eles, soltando seu corpete, e colocando seu plano em ação.

- Mas não devemos... você não... se importa com o que eu sou?

- Oh, eu me importo-, disse ele, amarrando mais beijos ao longo da carne pálida, ele foi descobrindo— os seios, as costelas - Eu me preocupo profundamente. Eu estou a ponto de me colocar em você muito, muito profundamente.

Seu terrível segredo foi enviado para o passado, mas estranhamente Eva só podia sentir alívio e uma necessidade feroz para que ele fizesse exatamente como sugeriu. Para sentir-se ligada a ele. Ela saiu de baixo dele e ambos ficaram de joelhos sobre o colchão. Em um sussurro correu a lã, seda e linho, enquanto despiam-se um ao outro na penumbra dourada. Eles falaram em sussurros, as vozes animadas.

- Deixarei as meias-, disse ele, quando suas mãos foram para sua liga. Ela assentiu, devorando-o com os olhos. Ele era tão bonito. Esculpido como uma estátua de algum deus romano e poderoso vindo a vida, seu pênis enorme e ardente entre um ninho escuro.

Precisando tocá-lo, ela colocou as palmas das mãos sobre o peito e beijou seu pescoço sentindo o tremor que correu por ele quando seus corpos se pressionaram perto.

- E Dante? Será que ele vira? - Perguntou ela.

Suas mãos em concha em suas nádegas agora estavam apertando e massageando-as de forma voluptuosa.

- Eu imagino que todos nós vamos entrar-, disse ele, parecendo distraído. Ela olhou por cima do ombro e viu que ele estava olhando para seu reflexo no vidro da janela, vendo suas mãos escuras e remodelando seu bumbum. - Mas eu vou estar no controle.

Pegando seu olhar com o dele maliciosamente perverso, ele virou seu corpo para que ficasse de frente para seu reflexo, bem como, suas pernas de seda envoltas deslizando entre as suas sobre o colchão. Salvo por suas meias, eles estavam nus juntos em seus joelhos, o peito e as coxas e o pau aquecendo suas nádegas.

Seus dedos delinearam sobre uma de suas ligas e da extensão da seda erguida em sua coxa, como se ele gostasse do fato de que o fecho restringisse a meia e forçava a conformar-se à sua forma. Ela observava as mãos tocando em seu corpo, então, explorando. Eventualmente, ele cobriu os seios, revirando a carne entre as palmas de suas mãos e as pontas de seus dedos com gosto de tal forma que ela sentiu que ele tinha guardado para este último. A sensação vibrou entre suas pernas e seus tecidos internos umedeceram, na expectativa para onde tudo isso iria finalmente os levar. Uma respiração sussurrou em sua cabeça e ela pendeu para trás em seu peito. Sua mão levantada a curva ao lado da sua garganta.

- Suas mãos parecem sempre acabar aqui. - Observou ela, sem fôlego.

Sob os cílios baixos, seus olhos estavam fixos na pressão hipnotizante e na torção dos dedos longos em seus mamilos.

Em seu reflexo, ela viu o seu sorriso, o brilho predatório de seus olhos.

- Seus seios mendigam pelo toque de um homem. Tão firmes e altos, e brancos.

Ele puxou as mãos para segurar seu peso exuberante e mostrou-lhe o movimento que ele gostava, e depois a observou acariciar-se em seu lugar com um olhar de intensa satisfação no rosto.

- Deuses, você é tão linda, Eva. - Disse ele com reverência. E com seus olhos ardentes sobre ela em aprovação, a fez se sentir bonita.

Atrás dela, ele se moveu um pouco, encontrou seu pênis, e com os dedos, orientou-o entre suas pernas. Apertando-o longitudinalmente ao longo das dobras escorregadias dela, ele serrou ao longo dela, fazendo-a tremer.

- Eu estou molhada. - Disse ela baixinho, e ouviu o pedido de desculpas em seu tom.

Seus olhos se encontraram no vidro e o desejo em seu coração iluminado.

- Eu amo que você esteja molhada para mim. - Ele disse em uma voz quente e sombria.

A mão em seu quadril foi descendo sobre o seu abdome até que o seu segundo e quarto dedos estavam pressionados em seu osso púbico, um de cada lado do clitóris. Gentilmente, eles bifurcaram para cima, espalhando-a, expondo seu núcleo sensível ao ar frio. Ela ofegou, chocada com a sua ousadia.

- Mas como você é desobediente, pequena Eva -, ele murmurou em censura fingida, o olhar fascinado em seu reflexo. - Assim, impertinente, mostrando-me o seu clitóris doce e rosa - Seus olhos se arregalaram incertos.

No vidro, os dois pareciam tão decadente juntos, ele polido, de ombros largos, masculino deus altaneiro protetoramente sobre sua estrutura feminina.

Suas mãos ainda sobre os seios. Sua mão na abertura de sua carne privada nesta forma quase obscena. No entanto, a simples visão deles desse modo enviou uma explosão de emoção tumultuosa despertando em suas veias.

- Como vou puni-la, pergunto-me? - Continuou ele, em um delicado ralar.

- Eu não sei, - ela sussurrou, tentando entrar no jogo. - Eu não posso ajudar nessas coisas. - Ela arqueou, inclinando seus quadris para trás, o movimento deslocando sua vagina para que ela florescesse naturalmente para ele, chamando-o para dentro.

Ele suspirou como se fosse um professor muito decepcionado com sua pupila.

- Vamos então tentar verificar tais impulsos hedonistas-, em desacordo com suas palavras, ele aninhou-se lá no seu centro tremendo, e então ele estava subindo nela, o seu botão de cogumelo esticando seus lábios com sua largura. Algo roçou o clitóris. A

ponta calejada de seu dedo médio. Ela gemeu. Sua respiração era quente em seu ouvido.

- Estou chocada, Eva querida. Eu começo a pensar que você poderia ter feito isso antes.

O toque tentador veio novamente em seu clitóris.

-Não, não, eu não poderia... monsieur.

Ele fez um som suave e descrente. - Você não vai sair de seu castigo com tanta facilidade, mademoiselle. Não com mentiras-. Seu pênis empurrou em sua vagina então sem pressa, em uma medida que a fez deslizar e contorcer contra ele, querendo mais. Mas um braço de aço enrolado ao redor de sua cintura e segurou-a firmemente agora, recusando-se a acomodar seu impulso em direção a uma fuga para frente. Em vez disso, ele tirou um tempo doce, ao contê-la com o seu corpo às suas costas e coxas pressionado em ambos os lados dela tão perto que era como se seus joelhos estivessem unidos. Sua fenda e canal foram comprimidos com mais força do que ela alguma vez tinha sido para a invasão de um homem. E ainda ele empurrou com lentidão enlouquecedora, abrindo-lhe seu confortável refúgio com o poder, estável.

- Deuses, eu posso sentir meu pau em cada centímetro de você-. Ele gemeu. Seus traços foram desenhados e tensos, a sua retenção, obviamente, chegando a um custo.

- Eu preciso de você mais profundo-. Ela implorou, sabendo de repente que isso seria o seu castigo amoroso em sua retenção na fonte do jogo.

- Não, ainda não-. Ele sussurrou. E ainda assim, ele não a preencheu completamente, mas só começou a pressão em suma, pulsos superficiais que a acariciavam com sua ponta bulbosa de tal maneira e em um ponto tão particularmente sensível dentro dela que seus tecidos internos começaram a tremer e chorar por ele. Seus dedos brincaram com o clitóris na mais suave tortura, fazendo-a ter derrames excitantes. Ela estava vazia agora, nada mais, nada menos. Um vazio que chorava para ser preenchido e satisfeito.

Sentia-se confinada, dominada e controlada. Ela queria que durasse para sempre, mas, ao mesmo tempo, ela queria gritar por socorro.

Ela levantou os cílios e olhou para seu reflexo. Viu a cabeça escura inclinada em seu ombro, a boca em sua garganta. Viu o desejo gravado em seu rosto, a tensão em sua face. Viu suas mãos, grandes e fortes em sua carne pálida.

- Mais forte, mais fundo, por favor, Dane.

- Sinto muito, Eva-. Ele a beijou na nuca, com suave lamento.

Ela queria ficar por baixo dele, para abrir as pernas e movimentar seu corpo de modo a forçá-lo a dar o que ela desejava. Mas, ao mesmo tempo, ela ficou emocionada com o fato de que ela não podia. Pelo fato de que ele estava em completo controle. Só ele poderia determinar a força e o ritmo de seu acasalamento. Só ele decidiria como ela poderia se mover sobre ele. Só ele decidiria o quanto ele iria enchê-la.

Este era o tipo de homem que ela sonhava em seu quarto solitário. Um homem que tomaria as rédeas nessa área. Um homem que sabia o que fazer com uma mulher. Que

sabia do que ela precisava, e tinha a confiança e força de caráter para dar a ela. Ou, para retê-la para seu prazer mútuo.

Alguma coisa mudou em seu coração, então, algumas terríveis, emoções, maravilhosas e violentas que ela sabia com certeza que seria para sempre o seu contato com ele a partir deste momento. No vidro, ela viu o movimento de sua boca, viu os lábios em silêncio formando três poderosas, palavras de ligação. Eu te amo.

Embora ela não fizesse nenhum som e ele não pudesse vê-la, algo pareceu despertar dentro dele. Suas mãos capturaram os ossos dos seus quadris e ele a penetrou com um movimento único e poderoso. Ela gritou quando sentiu seu pênis grosso passar através de seu canal comprimido como um punho liso e erótico.

- Você esta tão apertada-. Disse com voz áspera, seu olhar varrendo seu reflexo, como se a quisesse possuir de todos os modos. - Tão, apertada pra mim?

- Sim.

- Tão, apertada e minha para eu foder.

- Sim, eu sou sua. Só sua Dane-. Ela prometeu.

Com um grunhido de satisfação masculina, ele saiu dela e, em seguida, mergulhou novamente, seu acasalamento com uma série de batidas vigorosas, que estremecia seus seios. Nisso ele era o dono dela, assumindo o que ele queria dela, mas oferecendo-lhe o êxtase em retorno. Um gemido, cru foi arrancado de sua garganta enquanto ele dirigia tão profundo e alto que ela foi tirada da cama, e seu corpo erguia apenas pelo pênis, grosso tremendo em sua vagina e suas mãos grandes em seu quadril. Penetrada com tanta força, ela sentiu as bolas dele sendo levadas e apertadas em sua vagina, sentiu a explosão calorosa de sementes que pulsava através de seu eixo. O orgasmo dele jorrou dentro dela em uma série rápida e quente, duro jorro.

Ela gritou, esmagada pela sensação. Completamente empalada, ela só poderia montá-lo e sentir a emoção da dominação do seu corpo por ele.

Seu dedo pressionado em seu clitóris vibrava e esfregava suavemente. - Goze para mim-. Ele pediu com a sua voz de veludo. E com um leve suspiro de surpresa feminina, ela o fez, derretendo-se em cima dele, quebrando a crista do seu próprio orgasmo, seus tecidos o apertando como um punho e engolindo gulosamente o sêmen, que ele bombeava como algum vulcânico deus pagão lambendo línguas de fogo em seu ventre.

- Oh, graças a Deus, graças a Deus-. Ela sussurrou, glorificando o seu presente para ela, em ter-lhe permitindo alcançar seu prazer e sua experiência.

- Eva-. O nome dela nos lábios dele era uma bênção bruta, e ele passou os braços em torno dela e segurou-a firmemente. Eles se agarravam lá de joelhos no que pareceu uma eternidade, presos em um feitiço carnal, arqueando em cada aperto, cada derrame; ondulando juntos como um só corpo, um gemido.

Longos, deliciosos momentos mais tarde, sua respiração desacelerou e eles se deitaram juntos na cama grande, ela de costas e ele ao lado. Com a cabeça apoiada sobre o punho, ele olhava para ela.

- Você não disse como é que você disfarça seu cheiro-. Como se fosse incapaz de parar de tocá-la, seus dedos continuavam a tocar gentilmente o ninho de cachos úmidos. Ela suspirou com prazer e deslocou as pernas, relaxando no rastejar maravilhoso e no deslize de sêmen depositado no vazio entre eles.

- Eu bebo um pó feito de caroços de azeitona esmagada-, ela murmurou. - As azeitonas apropriadas em toda Roma somente crescem em algum lugar aqui em sua terra.

- Que é o que te trouxe para mim naquela primeira noite-. Ele supôs, agora rastreando as pregas femininas ainda escorregadias com os restos de seu sêmen, e encontrando mais de si mesmo no interior das coxas.

Ela assentiu com a cabeça, ruborizada com o esforço de fingir que ignorava o fato de que ele tinha começado a pincelar a umidade em redemoinhos macios sobre o clitóris ainda tremendo.

- Onde você encontrou as que você me mandou aquele dia com o seu pagamento?

- Perto do templo no canto norte da minha propriedade. Por quê?

- Vou ter de colher algumas e tentar eu mesma fazer o pó para mim, porque eu preciso retomar a tomá-lo pela manhã-, ela rodeou seu pulso quando seu toque sobre ela virou mais carnal. - Dane!

Ele inclinou-se e aninhou o nariz no oco de sua garganta, onde o seu cheiro de Else era mais intenso.

- Eu prefiro você assim. Seu sabor e aroma tão natural como os deuses o destinaram. Isso me faz ter uma selvagem vontade de ter você outra vez.

E então, seu corpo estava cobrindo o dela e passou a mostrar-lhe o quão selvagem ela de fato o colocava.

Eva acordou algum tempo perto da madrugada para vê-lo parado na janela. Algo em sua postura melancólica a fez sentar-se e chamar-lhe: - Dane?

Ele balançou a cabeça e virou-se, olhando para ela. - Não.

Ela puxou mais as cobertas sobre seu peito. Não era Dane. Mas este não era Dante sequer. Era o outro que tinha vindo ao estúdio depois deterem se relacionado sexualmente a primeira vez. O deprimido com a aura cinza. Ela não sabia quem ele era na época, mas agora...

- Daniel?

Ele balançou a cabeça, sua expressão intensa, urgente.

- Diga a ele. Bona Dea. Você deve dizer a ele.

E então, seu comportamento e aura foram alterados, e ele era Dane novamente. Ele passou a mão sobre a barba da noite, olhando surpreso ao encontrar-se na janela.

- Droga está frio -. Ele escorregou para a cama, os braços deslizando ao seu redor. Ela passou os seus próprios em torno dele.

- Uma coisa aconteceu agora-. Disse a ele. Ele olhou para ela tenso e em alerta.

Quando ela passou a explicar o que ele disse, o pânico encheu seu rosto, um terror cru que veio e foi num piscar de olhos.

- Bona Dea. A deusa? - Perguntou ele. - Que tipo de aviso é esse?

- Eu não sei. Mas há outra coisa. Quando você me deixou naquela primeira manhã em meu escritório, você, Daniel, a sua outra personalidade falou a mesma palavra. Desculpe-me por não lhe dizer isso antes. Eu não sabia que era importante.

Ele caiu de costas, entre as cobertas.

- Talvez isso tenha algo a ver com Luc, ou talvez seja simplesmente uma loucura.

- Você não está louco! - Ela seguiu-o para baixo e beijou-o, em seguida, com paixão, beijos que significavam carinho para curar. Eles se esquentaram no meio do caminho, e logo ele estava puxando-a sobre ele e enchendo-a de novo com o calor delicioso de sua semente.

Com seus braços ao redor dela, Dane ficou acordado até de madrugada, com medo de que se ele dormisse novamente, ele pudesse perder a si mesmo, seus irmãos, ou ela em seus pesadelos.

CAPÍTULO 18

Na manhã seguinte, Eva congelou nas escadas ouvindo Dane seu irmão se enfrentando no salão de baixo. Ele, obviamente, estava com ele já durante algum tempo, por que Bastian parecia saber tudo.

- Aliar-se com ela é malditamente perigoso! - Bastian discutiu com uma segurança fria. - E se o Conselho descobre que ela é de sangue sátiro e que você acasalou com nela?

- Isso não vai acontecer! - Dane argumentou.

- Ah? No entanto, você descobriu o seu segredo em questão de dias! E se ela ficar doente em algum momento? Ou se ficar grávida com o seu filho e passar suas manhãs em náusea como algumas mulheres? O efeito do seu pó será muito bom se ela não puder mantê-los para baixo. Você não será capaz de esconder o que ela é! Ela pode arruinar suas chances de encontrar Luc. Começando por fazê-lo ser preso novamente.

- Eu não vou deixá-los colocá-la em um laboratório para ser estudada como um animal do caralho! - Dane explodiu. - Eu já tive o suficiente de seus médicos para durar uma vida.

- Você não pretende mantê-la aqui?

- Sim eu pretendo. Ela não vai precisar do pó para sempre. As fêmeas de Else sempre levam o cheiro de seu companheiro. O meu em breve ira mascarar o que ela é.

- Isso é o que você espera. Como você sabe que aconteceu o mesmo com ela? Ela é um fenômeno sem precedentes. Nenhuma das regras normais se aplica necessariamente. - O tom de Bastian foi abaixando, crescendo mais persuasivo. - O Conselho quer você de volta, Dane. Desesperadamente. Você é o rastreador a premio. Você mesmo disse que a única maneira de que deixem você ficar aqui quando encontrá-lo é que você siga as suas regras. Que é a de encontrar uma noiva humana e constituir sua prole.

Eva pressionou uma mão aos lábios, consternada. Dane tinha vindo através do portal sem permissão? Ela não tinha conhecimento disso. Isso fazia a sua permanência aqui e a de todos mais insustentável.

- Eu vou casar com Eva e que se danem as consequências.

- Noventa mil infernos, caralho, Dane! Não seja estúpido a esse respeito. Eu não quero perder você de novo. Nenhuma mulher vale isso. - O som de uma mão sobre uma superfície dura terminou junto com a declaração nervosa de Bastian.

Atrás dela, Eva ouviu que Mimi e Lena vinham pulando descendo as escadas. Virando-se, ela colocou um dedo sobre os lábios pedindo silêncio, depois acenou para que seguissem à frente em sua direção à cozinha. Ambas usavam seus próprios vestidos agora. Pouco depois do amanhecer, Pinot tinha retirado os irmãos de Dane da cama com as notícias de tudo que tinha acontecido, e os três homens tinham ido para a moradia de

Eva em busca de Odette. Eles não a tinham encontrado, mas Bastian tinha vindo aqui depois, carregando um baú de Eva e das garotas, enquanto Sevin e Pinot continuaram à procura de Odette.

Banhadas e vestidas, Eva tinha descido agora ansiosamente buscando Dane, com as doces lembranças de sua noite juntos dançando em sua cabeça. Mas a discussão dos irmãos tinha os encharcado com um balde de realidade fria.

Ela tomou as mãos de Mimi e Lena e as três terminaram a escada, encontrando uma cesta de bolos e chá sobre o aparador da cozinha, e em seguida saiu em disparada pela porta dos fundos. Bastian estava certo. Sua presença aqui era um perigo para Dane e sua família. Ela teria que ir, mas ela não podia suportar pensar sobre isso ainda. Primeiro, ela levaria as meninas para explorar um pouco o ar fresco. Ela iria encontrar as azeitonas e deixar até mais tarde para formular um plano para o futuro.

No salão da frente, Dane se cansou da coerção de Bastian e cortou o ar com a mão. - Chega! Há outra coisa que eu preciso de sua experiência. Talvez você possa provar-se mais útil a ela que você tem sido, até agora, com as suas ordens estúpidas. - Imperturbável pelo olhar de Bastian, ele continuou. - A noite passada eu falei com Eva na voz de Daniel, a terceira personalidade que nós encontramos no salão de Sevin.

Os olhos de Bastian se estreitaram. - E...?

- E eu — Daniel, é isso — disse. *Bona Dea. Diga a ele.* Bona Dea era uma deusa. Eu sei que não é muito. Mas qual é a mensagem que posso tirar disso?

Com uma severa carranca, Bastian percorreu fatos que ele conhecia. - O culto de Bona Dea era de vital importância na Roma antiga, mas os rituais associados com sua adoração eram tão misteriosos, quanto são agora. Seus adoradores eram exclusivamente do sexo feminino. A presença de machos em sua cerimônia era estritamente proibida. As mulheres ainda camuflavam as estatuárias do sexo masculino antes que comesçassem.

- E quanto à urna em sua tenda no Fórum? - Dane solicitou. - O homem que batia na menina.

- Bona Dea era a filha do Fauno-, disse Bastian. - Um homem infame por perseguir uma relação incestuosa com ela. A mitologia diz que ele bateu nela com paus de murta e deixou-a bêbada com vinho, na esperança de tê-la em sua cama.

- É só isso? - Perguntou Dane.

- Não há muito mais que seja conhecido. Será que nada disso significa para você? Não evoca alguma lembrança?

Dane esfregou as costas de seu pescoço em frustração. - Nem uma maldição.

- Há referências mais detalhadas do culto nos textos no meu escritório. Vou voltar com novidades. Você vai ficar aqui?

- Eu vou estar aqui. Com Eva.

Murmurando algo terrível sobre teimosia e jumentos, Bastian dirigiu-se para a porta.

Enquanto isso, Eva e suas garotas estavam explorando o templo, que estava no bosque. Com a ajuda do diário de Fantine, que ela havia trazido no bolso, tinha sido uma simples questão para Eva localizá-lo. Pois era o ponto de referencia que sua mãe descreveu claramente no mapa.

- Está mais limpo que a casa. - Lena pronunciou.

- E menor, como um pequeno castelo ou um teatro! - Concordou Mimi. Ambas as meninas tinham razão. O templo era, de fato, um charme, branco reluzente de estrutura circular com um pórtico em torno de uma área parcialmente fechada no centro. Mas foi pelas árvores ao seu redor que Eva tinha vindo. Elas tinham um transcendental olhar— a sua casca como cetim prateado, seus galhos retorcidos, os suas azeitonas roliças e perfeitas.

Esvaziando as migalhas deixadas pelos muffins, ela começou a encher o cesto que tinha trazido com azeitonas. Se elas deveriam deixar Roma, logo, ela teria que ter o maior número de azeitonas que podia com ela, a fim de transformá-las em pó.

O mosaico brilhante em uma parede do templo havia fascinado Mimi e Lena, mas Lena acabou por sentar-se entre as raízes na base de uma árvore perto de Eva, com um caderno de desenho que Pinot havia incluído em seu baú. Mimi mal percebeu e estava inventando uma aventura fantástica com o templo proeminente. - Este pode ser o palácio-, ela dizia. - E esta é a brinquedoteca, onde eu jogo porque eu sou a princesa e... Olha! Não é a rainha?

- Bem, você não é uma coisa bonita? Qual é seu nome? - Perguntou uma voz feminina refinada.

- Princesa Mimi.

Eva virou em suas costas, chocada ao ver Serafina e Gaetano. Dane tinha encantado sua terra contra os intrusos, mas aqui estavam eles no templo um de cada lado de Mimi! Uma altura, parte retangular da parede de mosaico foi girada e agora estava em um ângulo, revelando uma porta. E além dela um túnel escuro bocejava em uma escuridão e que parecia infinito.

O medo ardeu dentro dela, pois havia algo sinistro sobre mãe e filho agora.

Seu primeiro impulso foi correr para Mimi, mas então ela se lembrou de Lena, que foi obscurecida de sua visão pelo tronco da árvore.

- Não se mexa. Fique tranquila-. Ela sussurrou entre os dentes cerrados, esperando que Lena não escolhesse este momento para ficar desobediente.

- Você é realmente uma rainha? – ela ouviu Mimi perguntar em voz clara e inocente.

- Sim, como você adivinhou? - Disse Serafina.

- Vem cá, Mimi-, disse Eva enquanto ela cautelosamente se aproximava do trio no templo. Passando por Serafina, ela tentou chegar perto da menina, na esperança de roubá-la, recolher Lena, e correr para casa, mas Gaetano agarrou seu braço em uma das mãos dolorosas e Mimi em outra.

- Me largue! - Mimi gritou, de repente percebendo o perigo.

- Afaste-se dela! - Eva gritou, deixando cair à cesta ela não percebeu que ela ainda estava segurando. Várias azeitonas caíram para o chão de mármore.

Serafina as pegou. - Que bom, vocês terem feito todo o trabalho para nós-, disse ela, olhando as azeitonas que Eva tinha recolhido. Acenando para o filho dela, ela inclinou o queixo em direção à entrada do túnel, e embora ambas lutassem contra ele, ele arrastou Eva e Mimi através da porta de mosaico. Uma vez dentro do frio e escuro túnel, ele largou Eva, mas bloqueando sua fuga. Como se ela fosse deixar Mimi sozinha para enfrentar qualquer destino que tivessem planejado para ela! Levantando Mimi em seus braços e longe de Eva, ele tirou algo do bolso e segurou perto de seu nariz. A luta desesperada de Mimi acalmou.

O que é isso? - Eva exigiu, tentando alcançá-la. - Dê ela para mim. O que você quer conosco?

Elevando Mimi agora dormente sobre um ombro, Gaetano balançou a cabeça.

- Ela é muito pesada para você. Eu apenas dei-lhe algo para acalmá-la. Nós não vamos te machucar.

Mas Eva sabia que ele mentia. Seu olhar, que antes parecia tão inofensivo, agora a fez querer mantê-lo longe.

Ela lançou um rápido olhar para além dele através da porta, que foi rapidamente aberta e fechada por Serafina. Nenhum sinal de Lena. Boa menina. Ela ficou escondida. Gaetano seguiu o olhar dela, desconfiado. Com a mão livre, ele ergueu uma das lanternas a gás que ele e sua mãe deviam ter deixado no interior.

- Não Leve Mimi-, ela implorou, puxando a sua atenção de volta para ela. - Deixe-a ir e leve apenas a mim. Vou fazer o que quiser. Por favor.

Sua aura pulou em sua direção e seus olhos brilharam. Ele ainda a queria. Talvez ela pudesse usar isso em sua vantagem. Se ela vivesse o suficiente.

- Não tente seus truques com ele. Ele é leal a sua família-, tendo trancado a porta por dentro, Serafina levantou a lanterna restante. - Vamos.

- Onde?

Serafina sorriu.

- Ora, vamos à brinquedoteca que sua garota tão claramente desejou.

Com isso, ela se virou e abriu o caminho, a lanterna erguida. Atrás dela, Eva sentiu o peso do olhar cobiçoso de Gaetano.

E sentiu a colisão de algo em seu bolso também. O diário de Fantine.

Depois do que pareceram quilômetros de caminhada, eles saíram do túnel em uma espaçosa sala circular com uma plataforma em alto relevo no centro. Serafina colocou a sua lanterna em um candeeiro perto de vários outros que já queimavam e colocou o cesto de azeitonas em uma pequena mesa. Rapidamente, Eva puxou Mimi de seu captor e sentou-se na plataforma, segurando-a firmemente no colo e embalando-a suavemente. Até que a menina acordasse do seu estupor, não poderia tentar uma fuga, porque Eva não poderia se mover rapidamente, com ela no colo.

Quando seus olhos se acostumaram à luz mais brilhante do ambiente, ela viu as salas em numerosas ramificações fora do espaço principal. Através de uma porta aberta, ela avistou uma jovem mulher que aparentava dezesseis anos, sentada em uma cadeira. Seu rosto estava calmo, um olhar vago de drogada. Um homem idoso cego se ajoelhou ao seu lado. A menina gemeu quando uma espécie de dispositivo comprimiu e se fixou praticamente sozinho em seu peito, deixando uma fina tiara vermelha de atrito em torno da circunferência do peito. A taça foi então colocada à sua outra mama, provocando outro gemido.

- Pare! O que ele está fazendo com ela? - Eva se encaminhou para a cena, mas, em seguida, parou, temendo que Gaetano e Serafina roubassem Mimi, quando ela passasse por eles.

- Essa é nossa mais nova convidada. Nella é uma fada. - Serafina disse alegremente. *Dane estava certo, então. Esta mulher sabia sobre o seu mundo!*

- Pobrezinha-, Serafina continuou. - Seus seios estão inchados de leite e nenhuma criança para alimentar. Sergio esta apenas a ordenhá-lo dela. Usamos o leite como ingrediente em nosso creme rejuvenescedor, que vendemos por cinquenta liras um grama. Alexa deu-lhe algum recentemente não foi?

- Mas isso é cruel! É um crime! - Disse Eva, quase incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Isso a fez violentamente feliz de nunca ter aberto o frasco que lhe tinha sido dado.

- Esse olhar de desaprovação em seu rosto irá resultar em rugas—, lhe alertou Serafina.

Rugas? Esta mulher era louca? - Alexa sabe sobre isso? - Eva perguntou.

- Alexa? - Disse Gaetano, atirando a sua mãe um olhar cheio de ódio. -Não, minha querida irmã desenvolveu uma aversão súbita e urgente de Roma, ontem, arrumou suas coisas e saiu para visitar nossos parentes em Veneza.

- Vou escrever-lhes esta tarde-, disse Serafina acentuadamente, Eva sentiu a tensão entre eles e perguntou se poderia empregá-lo como uma cunha. - Eles vão mandá-la para casa.

- É você quem deveria está presa, não a menina! - Disse Eva, incapaz de esconder a sua repulsa.

Irritada, Serafina se aproximou, inclinando-se para olhar na cara dela.

- Quantos anos eu tenho em sua opinião? - Além dela, Gaetano revirou os olhos.

Eva ficou boquiaberta. - O que é que isso tem com alguma coisa?

- Estou com quarenta e oito anos-, disse ela enfaticamente.

Embora ela parecesse muito mais jovem, Eva se recusou a ficar impressionada.

- Essa menina aí faz um grande serviço. Como fazem os outros-, insistiu Serafina, fazendo um gesto amplo, que englobava as outras portas. - A doação de leite materno, sêmen, lágrimas— e inclusive sangue e urina têm usos em quantidades ilimitadas— oferecem a promessa de juventude a milhares de nossos clientes em envelhecimento.

Havia outros como a pobre garota atrás de cada uma dessas portas? Era horrível demais para imaginar! A todo custo, ela deveria evitar ser fechada sozinha em um dos quartos. Ela deveria mantê-los falando até que ela pudesse pensar em algum tipo de plano que lhe permitisse escapar com Mimi. - Como você sabe sobre nós— sobre o meu mundo?

- Um dos meus ancestrais, Fauno, teve uma ligação com uma fêmea de Elseworld. Ela morreu ao dar à luz a sua filha. E através dessa filha, minha família descobriu o seu tipo de usos-, Serafina sorriu. - Naquela época, as senhoras ricas de Roma, tiveram que se contentar com carvão, o açafrão, o giz, para usar em seus cosméticos. Dá pra acreditar? - Ela desdenhou. - Mas com o uso dos fluidos da filha de Fauno, pelos meus antepassados matriarcais inventaram novas receitas de cosméticos. A mulher da Roma antiga saltou a nossa oferta superior que fizeram a sua pele lisa, alimentada queda de cabelo, e as mantiveram jovens. Eles nos fizeram ricos, mas nós não esquecemos nossas origens humildes. Chamamos nossos produtos pelo nome da filha de Fauno, que tinha nos ajudado muito em nossas descobertas. Bona Dea. Agradecidas as mulheres a adoraram como uma deusa e correram para os seus templos para receber tratamentos, tão desesperadas que fecharam os olhos para o funcionamento interno do nosso negócio. É muito parecido com o que fazemos hoje.

- Bona Dea-, as palavras que Daniel tinha falado! Eva arregalou os olhos quando de repente tudo se encaixou. - Vocês sequestraram Dane e seu irmão todos aqueles anos atrás, não foi? E os trouxe aqui.

Gaetano quebrou seu silêncio mal-humorado ao fazer um som irritado.

- Não seja ciumento, Tano, - criticou Serafina. - Você terá o seu momento. Aborrecido, ele pegou algumas chaves e abriu outra porta, revelando um jovem dentro. Seus traços eram bonitos, seu cabelo escuro e longo demais, pendurado nas costas. Levantou-se vacilante a seus pés e ela viu que ele usava apenas uma tanga de linho. Seu rosto virou-se lentamente em sua direção, piscando os olhos abertos. Eles eram prateados! Iguais aos de Dane. Oh, Deus, era — ele tinha que ser...

- Lucien? - Eva gritou com voz trêmula. Ele inclinou sua cabeça e seus olhos se fixaram em sua direção um pouco mais lúcido, como se tivesse reconhecido o seu

nome. - É você, não é? Dane e seus irmãos, eles ainda estão procurando por você. Eles não desistiram. Eles te amam.

Seus olhos fixaram em sua intenção, e fascinado. *Estavam esperançosos?*

- Ele não entende você, - Gaetano deu uma palmada forte e o olhar fascinado de Lucien voou até ele. - Vê? Qualquer coisa chama sua atenção. Ele está drogado.

- Como você o acordou você pode muito bem dar-lhe a cebola, - Serafina ordenou, e como um cão obediente, Gaetano voltou para dentro do túnel para buscá-la. Quando ele voltou, ele carregava uma estranha forma de funil, uma cebola branca redonda e uma faca, e se dirigiu para a cela de Luc.

- O que você está fazendo com ele? - Eva exigiu. Ela meio que se levantou para ir até eles, mas o peso de Mimi mandou-a para baixo novamente. Se ela causasse muitos problemas, eles poderiam prendê-las também. Se apenas Dane pudesse saber onde seu irmão estava. Ela precisava dizer a ele de alguma forma. Seu olhar foi para a saída.

- Não tente nada estúpido, - disse Serafina. - Ele não vai machucá-lo. A cebola é apenas para trazer as lágrimas do menino assim meu filho pode colhê-las. - Ela parecia completamente incapaz de compreender que o que eles faziam aqui era errado!

Serafina foi para um armário, pegou uma faca e uma tigela de dentro, e depois começou a cortar as azeitonas que Eva tinha escolhido e recolhido na cesta. - Perdoe-me por ser uma anfitriã pobre, mas estamos bastante desesperados para ter essas azeitonas. O agente calmante que usamos em seu tipo é feito a partir dos caroços. Em doses pequenas, embota seus perfumes, mas em grandes quantidades, ele acalma sua mente também. Desde que perdemos o arvoredor, os nossos convidados têm ido sem ter o suficiente, o que os torna inquietos.

Eva observou a lâmina da faca de corte com precisão voando para outro caroço na bacia. - É isso que nos vamos nos tornar? - Ela perguntou baixinho - Suas convidadas?

Em vez de responder, Serafina ofereceu. - Você se parece com seu pai, você sabia?

A Bile subiu na garganta de Eva. - Você quis prendê-lo aqui também?

- Não seja boba. Ângelo não sabia nada sobre isso. Ele estava visitando Roma, vindo de Florença, quando nos encontramos em uma festa social. Lord, ele era tão bonito, um anjo negro. As mulheres reuniram-se com ele. Mas ele queria apenas a mim. Até que a puta da sua mãe veio. Eu a odiava por levá-lo-. O corte da faca ficou mais alto com sua raiva. Então ela olhou para Eva e disse cruelmente. - Tua serva o envenenou.

-Então eu só soube ontem.

Serafina fez um gesto com a faca em direção às portas que cercavam o quarto. - Mas você não sabe que ela está aqui, não é, em um dos quartos? Veio esta manhã em minha casa, histérica. Acusando-nos de esconder você. E ameaçando de ir para polícia. Eu não poderia permitir isso.

Apesar de Eva saber que jamais perdoaria Odette por tudo o que ela tinha feito, a mulher tinha sido como uma segunda mãe para ela e ela não queria vê-la torturada! - Posso vê-la?

Serafina abanou a cabeça. - Ela esta drogada por agora, mas é demasiado velha para ser de utilidade para nós. Ela vai ser jogada no Rio Tibre logo que Gaetano pode fazê-lo.

Pobre Odette! Por ter caído nas mãos dos responsáveis pelos afogamentos e condenado a si mesmo para um destino que ela tinha temido por muito tempo. O terror ameaçava imobiliza-la e Eva lutou para colocá-lo para baixo.

Serafina se endireitou, espanando as mãos. Ela tinha terminado o seu trabalho— os carcos foram empilhados em um pequeno monte. - Tano, saia e a vigie! Estou indo para a copa. - Ela ergueu sua lanterna e voltou para dentro do túnel.

Quando Gaetano saiu da cela de Luc, Eva sentiu os olhos dele nela e abaixou a cabeça. Mimi se mexeu e seu peito apertou de preocupação por ela. Pobre Lucien. Pobre Odette. E os outros aqui. Ela se sentiu golpeada, quase entorpecida de todas as terríveis revelações lançadas em sua direção uma após a outra.

Com todo seu coração, ela desejou que ela pudesse proteger Mimi de tudo que estava por vir. O fato de que os sequestradores eram tão livres com informações incriminadoras certamente significava que não tinham planos de soltá-las. Ela faria qualquer coisa para salvar Mimi. Qualquer coisa.

A coxa de Gaetano entrou em sua visão periférica quando ele se aproximou. Uma mão leve em seu cabelo. Ela queria dar-lhe uma tapa. Mas ao invés disso ela fez o que sabia que ela que deveria. Calmamente, ela ergueu o olhar para o dele e forçou um sorriso gentil. - Ainda me importo com você, você sabe, - disse ela em uma apelação macia. Era uma afirmação ridícula, mas essa era a única jogada que ela podia inventar no momento.

Infelizmente, ele não era tão facilmente enganado. - E foi por isso que me humilhou com Satyr? - Ele zombou - Porque você se importa comigo?

- Eu...

- Eu só queria que você tivesse visto o seu amante, quando nós o trouxemos aqui. Ele não era muito experiente então. Os jovens nunca são. Ainda assim, demos-lhe a cebola. Ele odiava isso. Amaldiçoou-nos e lutou mais do que qualquer um que já tivemos aqui em baixo. Nada podia ajudá-lo, no entanto. Nós conseguimos o que queríamos. Todos os dias durante um ano-. Seus olhos encontraram os dela. - Tem ele tido você?

Quando ele leu a verdade em seu rosto, seus lábios tomaram em uma curva cruel. - Bem, eu o tive uma vez. Não com o meu pau, mas com o cabo de um chicote.

Oh, Deus! Isso a matou pensar em Dane apenas um menino, aqui com este homem demente. - Você é uma década mais velho que ele. Um homem que poderia ter um filho em seguida. Como você pode!

Ao longe, Eva ouviu o retorno de Serafina. Gaetano suspirou e disse baixinho. - Senhor, eu daria um reino para ser capaz de dizer para aquele desgraçado como ele e seu irmão passou o seu tempo aqui.

- Não-, ela implorou rapidamente. - Ele já se machucado o bastante. Por favor, me prometa que nunca vai dizer a ele.

Seus olhos varreram lentamente por ela, persistentes em seus seios. - O que você vai fazer por mim em troca?

CAPÍTULO 19

Eva. Não. Deuses, não!

O terror esfaqueava o peito de Dane enquanto ele olhava para o túnel escuro além da porta de mosaico. Ela havia sido selada, mas ele tinha acabado de abri-la com as próprias mãos. Foi assim que ele e Luc tinham sido tomados! Lembrou-se agora. Através dessa porta, e neste abismo escancarado. Como ele pudera ter esquecido todo esse tempo? Um ano depois de seu sequestro, ele foi encontrado vagando no Fórum. Então, ele concentrou seus esforços para encontrar Luc lá nas últimas semanas. Maldita perda de tempo! Em vez disso, o segredo do paradeiro de seu irmão estava bem aqui debaixo do seu nariz.

- Você tem que encontrá-las! - Chorando lágrimas abundantes Lena o trouxe de volta para o presente. Seu coração tinha quase parado quando ela tinha aparecido na casa há pouco, dizendo-lhe que Eva e Mimi tinham sido raptadas no templo.

Ele pegou seus ombros magros e deu-lhe uma leve chocalhada.

- Você fez bem em trazer-me aqui, Lena. Agora, pare de chorar e me diga o que aconteceu.

Olhando com medo de seu tom severo, ela obedientemente se lançou em discurso. - Viemos aqui para que Eva pudesse reunir os caroços de azeitona para que ninguém pudesse adivinhar que ela é sátiro. - Ela cobriu a boca, com os olhos arregalados. - Eu não deveria dizer isso. É um segredo.

- Está tudo bem -, Dane disse ela, impaciente. - O que mais?

Lena apontou para o túnel. - Uma mulher e um homem levaram Eva e Mimi arrastadas por lá. - Ela fez menção de entrar e procurá-las, mas ele a pegou de volta.

- Não! Ouça-me, Lena. Volte para a casa. Espere lá por Pinot ou os meus irmãos e diga-lhes o que aconteceu. Diga a eles que eu fui por esse túnel para encontrar Eva e Mimi.

- Mas...

- Prometa-me.

- Eu prometo, - Lena disse bravamente, embora seu corpo magro tremesse tanto que seus dentes batiam.

- Boa menina. Eu estou orgulhoso de você. - As palavras escorregaram dele com facilidade surpreendente, um eco das aprovações de seu próprio pai para ele e seus irmãos há muito tempo atrás, quando sua família era proprietária dessas terras. Ele virou seu corpo para a casa e deu-lhe um pequeno empurrão. - Vá.

Quando ela entrou, ele pegou uma lâmpada do templo e acendeu-a. Dante e Daniel despertaram dentro de si, um acontecimento sem precedentes. Dante nunca veio para

outra coisa senão para uma gratificação física. E Daniel— ele nunca veio de todo quando Dane estava consciente. Mas agora os dois estavam fazendo apelos frenéticos para impedi-lo de entrar no túnel. Suplicando-lhe para deixar seus irmãos irem em seu lugar.

Eu não posso ficar esperando por eles para ajudar! Dane respondeu em uma mensagem silenciosa. *A trilha vai esfriar e Eva poderia ser...*

Não. Não, ela ficaria bem. Arrogantemente, ele se recusou a pensar que fosse de outra maneira e endureceu-se contra qualquer possibilidade de perdê-la como ele tinha perdido Luc.

Com o coração batendo em sua garganta, ele cruzou o limiar para as mandíbulas do inferno. Mesmo com a lanterna, estava quase totalmente escuro no túnel. Enquanto ele se movia através da escuridão, as paredes pareciam ondular, sufocando-o, tentando fechar-se sobre ele de todos os lados. Sua cabeça nadava com seus próprios medos e as suas personalidades alternativas enquanto eles lutavam com ele e consigo mesmos.

Vamos voltar. Estou com medo. Eu odeio este lugar! Este era Daniel.

E então, Dante se juntou ao coro. *Você vê o que está fazendo? Está deixando ele em pânico. Nada de bom pode vir disto. Você quer acabar em outro asilo? Volte ou voltará a ir para lá! Vooooolte!!!*

Não! Eu tenho que encontrá-las. Preciso. Devo. Para. Esquerda. Direita. Eva. Mimi. Luc. Eva. Mimi. Luc. Continuar. Movendo-se.

A trilha ferida loucamente, depois de cinquenta metros a diante, se bifurcava. Se ele escolhesse a trilha errada, ele poderia desperdiçar preciosos minutos. *Qual o direção?* Ele segurou a lanterna mais ao alto.

Havia algo logo à frente, na direção da bifurcação direita. Um retângulo de cor branco abandonado no chão. Correndo para ela, agarrou-a. Uma folha de papel, molhada pela umidade escoada das paredes e coletadas em poças no chão. A palavra Evangeline chamou sua atenção, escrita emaranhada por uma mão feminina. *Era uma página do diário da mãe de Eva!*

Ele ergueu a lanterna novamente e moveu-se naquela direção para baixo do túnel. Nada, mas escuridão. Mas então ele viu outro retângulo de cor branca no chão. Suas botas escorregaram e quase caiu quando ele correu em direção a ela. Outra página. E mais adiante, outra. Eva deve ter deixado cair uma por uma, deixando um rastro que seus captosres tinham perdido! Ele deixou cair duas páginas no chão para marcar o caminho para sua viagem de volta. Quando ele tivesse seus entes queridos resgatados no reboque.

Ou quando seus irmãos seguirem para encontrar o seu corpo! Isso partiu de Dante, sempre otimista.

Quase paralisado por claustrofobia e medo por Eva, Luc, e Mimi, Dane seguiu a trilha de páginas, uma após a outra. Dante protestou e Daniel implorou enquanto ele

ziguezagueava através alveoladas catacumbas e áreas de ruínas subterrâneas, um pilar caído aqui, uma laje de mármore rachada lá.

Lembramo-nos disso, não é? Ele murmurou silenciosamente para os dois companheiros em sua mente. A atmosfera, úmida perto da quietude, onde o tempo não significava nada. A frustração. A angústia.

Flashes de lembranças vieram horríveis rasgando-o.

Tinha sido Moonful, 13 anos atrás. Ele tinha saído sorrateiramente durante a noite, curioso para observar o misterioso evento que ocorria sob a lua cheia, quando todos os adultos desapareceriam no bosque e não voltavam para casa até o amanhecer. Ele não sabia que Luc o tinha seguido. Eles começaram a discutir. E depois que a porta do mosaico no templo tinha sido aberta. Figuras mascaradas tinham carregado-os para o túnel. Ele e Luc lutaram, mas eles eram apenas meninos, impotente. A próxima coisa que ele soube foi que tinha sido apresentado a sua nova casa, uma cela, sem ar sem janelas. E então as drogas. Ele tinha se tornado um objeto, sem direitos. Nem mesmo o seu próprio corpo ou a sua mente. E agora, seus sequestradores haviam roubado presa fresca.

Estes são segredos que você não precisa descobrir.

Vá para trás.

A dor está por vir.

Nããão!

Deixe-me descansar.

Por favooooor.

- Quanto mais longe? Luc esta aqui embaixo? Ele questionou, resmungando para si mesmo na escuridão, como um louco. - Quando encontrar Eva, eu vou encontrá-lo também?

Quando ele teria respostas, agora as vozes se calaram. Cruelmente, Dane se movia, agora com cautela, pois ele nunca saberia quando poderia virar uma esquina e vir sobre alguém.

Então, de repente, ele encontrou com lamento nos olhos. O pequeno livro de Eva, deitado a seus pés. Ela deve tê-lo deixado cair aqui como uma espécie de pista final. Ele estava chegando perto.

Ao som de uma porta se abrindo, ele congelou. Vozes murmuravam. Moveu-se furtivamente, espreitando na esquina para ver o que o aguardava. *Eva!* Estava com o olhar cansado e vulnerável, mas ilesa. E Mimi em seu colo, e Gaetano de pé ao lado deles no centro da sala. Serafina do outro lado. Com uma faca.

Bonadeabonadeabonadea! Daniel gritava em seu cérebro.

- Prometa-me que nunca vai lhe dizer, - Eva estava dizendo a Gaetano no que parecia ser uma conversa privada.

- O que você vai fazer por mim em troca?

- Qualquer coisa, - ela prometeu de forma imprudente. - E deixe Mimi ir. Se você fizer isso, vou ficar aqui nessas salas, sem qualquer argumento. Vou fazer o que você quiser.

O inferno que ela faria.

- Compartilharia minha cama? Será Perséfone para meu Hades?- A mão de Gaetano acariciava suavemente o rosto de Eva, e um desejo primitivo de matar atravessou Dane fazendo-o dar um passo adiante. Mas a sua formação nas Operações Special o chutou, interrompendo-o. A cena do crime em andamento não era volátil no momento. A melhor maneira de protegê-la era levantar mais informações agora. Outros poderiam estar escondidos atrás daquelas portas, frustrando qualquer tentativa que ele fizesse de encabeçar um resgate. Não ajudaria a Eva ou Mimi, se ele conseguisse ser morto.

- Eu ouço você barganhando e tramando, mademoiselle-, Serafina jogou por cima do ombro. Colocando a faca de lado, ela despejou os caroços de azeitona em um almofariz. - Mas o meu filho falou-lhe sobre a sua dificuldade?

Gaetano ficou com a face avermelhada. -Não, mãe!!!

Esmagando os caroços com um pilão, ela sorriu para ele. - Sua puta francesa deve saber o que ela está recebendo em seu negócio. – Ela olhou para Eva. - Ele é impotente. Não é possível se manter em pé e forte o suficiente para se colocar dentro de uma mulher.

- Você tinha que dizer a ela, não é! - Gaetano explodiu. - Mas nós sabemos o que causou a minha dificuldade, não é? Você acha que eu tinha esquecido o que você fez para mim, mamãe? Você e seu clube de senhoras?

Com as sobrancelhas levantadas, Serafina disse. - Você está falando de sua participação em reuniões ocasionais nos nossos negócios quando ainda era um menino? Das inocentes tardes de familiares e amigas com chá e bolos? Isso foi há anos atrás. Você amou os bolinhos com a cobertura de limão na época, lembra?

A mandíbula de Gaetano se contorceu e selvageria iluminou seus olhos quando veneno veio derramando para fora. - Eu estou falando das mães. Com os filhos. Pais com suas filhas. Perversões. E você sabe disso.

Ela olhou para ele, então, com surpresa vaga. - As Filhas da Bona Dea devem continuar as tradições da família. Eu não peço desculpas. É por isso que você precisa de sua própria esposa e filhos. Para fazer o mesmo quando chegar o momento.

Atravessando a sala, Gaetano pairou sobre ela. - Cale a boca!

Loucamente, ela não. - Você não é tão inocente em tudo isto a si mesmo, - continuou ela. - Enquanto as filhas estão lá em cima em nossa adoração a cada mês, não se esqueça de quem lidera os Filhos de Fauno aqui para fazer uso dessas criaturas.

- Cala-te, Mãe! - Gaetano agarrou-a, os olhos arregalados com raiva. O pilão caiu no chão. Suas mãos apertaram sua garganta. - *Cale. A. Boca.*

Bom, pensou Dane. Deixe-o matá-la. Salve-me alguns problemas. Seus olhos foram para Eva. *Venha. Venha.*

Como se ela tivesse o ouvido falar, Eva, de repente levantou-se e colocou Mimi de pé. Puxando-a junto, ela correu na direção dele. Serafina viu e levantou a mão em sua direção, apontando. Mas Gaetano estava enlouquecido e não percebeu.

Eva explodiu para dentro do túnel, e Dane pegou seu peso maravilhoso em seus braços e abraçou-a próximo. Pressionando o rosto em sua camisa, ele sussurrou em seu ouvido. - Eu deixei as páginas que você deixou cair para uma fuga. Você pode encontrar o caminho para fora?

Ela acenou para ele. - Mas...

- Pegue minha lanterna. Leve Mimi para fora. - Ela não queria ir e deixa-lo para traz, mas ela iria por Mimi, que estava estranhamente dócil uma vez na vida.

Eva colocou uma mão em seu braço, o rosto cheio de ternura. - Seu irmão Luc, - ela sussurrou. - Ele está aqui, vivo. Na sala com a porta entreaberta é a sua. Há outros, mantidos em cativeiro em outras salas.

Alegria, dor e saudade torceram dentro dele, mas ele só balançou a cabeça.

- Vá. - Empurrou-a fora como ele tinha feito com Lena antes. Seus olhos estavam cheios de emoções e palavras que ela queria falar, mas ele queria que ela saísse daqui. Agora. - Espere na casa com Lena. Espere por meus irmãos. Espere por mim.

- Por favor, fique seguro e vinde a mim em breve. Eu te amo, - ela sussurrou. E então ela se foi, levando Mimi com ela.

Do outro lado da sala, Gaetano ainda estava sufocando sua mãe, murmurando, com sua voz cheia de tristeza e ódio. Dane pegou a faca pequena no gabinete, ele passou e depois foi para o lado de Gaetano, a lâmina na sua garganta. - Abra as portas. Todas elas. E eu poderei deixá-lo viver.

Gaetano secou um olhar cômico e assustado em seu rosto. Deixou Serafina cair a seus pés, morta ou próximo a isso. - Sérgio! - Gaetano gritou.

Um guarda cego saiu correndo de um dos quartos e no túnel em direção oposto a que Eva tinha tomado, e foi ouvido amaldiçoar a distância quando ele bateu em paredes que não podia ver.

Dane deu a Gaetano uma dura sacudida.

- Abra você mesmo seu maldito. - Gaetano blasfemava contra ele.

Uma porta se abriu. Luc. Adulto agora, mas ainda Luc. - Eu vou fazer isso.

Na visão dele, o coração de Dane ameaçou rachar. Era a voz de seu irmão, ainda fraca, e tão cansada. Tantos anos perdidos neste lugar abandonado por Deus. - Luc - Ele engoliu a dor. - *Lucien*, me desculpe.

Luc apenas sorriu de volta, uma curva estranha e angelical em seus lábios. - Está tudo bem, Dane. Eu sabia que você ia voltar por mim.

- Você deveria está drogado! - Gaetano gritou, esticando a volta da faca em sua garganta.

Enquanto observavam, Luc pegou as chaves de um gancho e começou a destrancar cada uma das portas. Puxando as vítimas, uma por uma. A última porta se abriu para revelar uma Odette deitada ameaçadoramente quieta em uma cama estreita, um frasco de veneno em uma mão. - Ela está morta, - disse Luc com uma calma pouco natural. *Deuses era só as drogas ou tinha outra coisa de errado com ele?*

Uma raiva vulcânica surgiu através de Dane, pronta para explodir, e ele jogou Gaetano em uma das celas agora vazias. O bundão cambaleou para trás e colidiu em cheio com um suporte de viga com força, derrubando-o alguns centímetros para trás. Poeira caiu sobre eles.

- Por que você me deixou ir todos aqueles anos atrás? Por que não deixou Luc ir também? - Dane questionou, perseguindo-o. - Responda-me! - Ele bateu as mãos no peito de Gaetano.

- Eu não deixei você ir! Nós precisávamos exercitá-los. Gaetano acenou para os sete fantasmas reunidos agora na sala principal com Luc. - Assim foi como você escapou. Nós amarramos você também e você estava no final da fila. Você se afastou de alguma forma e encontrou o caminho para a superfície. - Seus olhos eram cruéis. - Mas o seu irmão foi deixado para nos entreter.

Com um rugido poderoso, Dane bateu-lhe contra o apoio do túnel novamente, com tanta força que ele caiu. Mais poeiras e cascalhos caíram sobre eles.

- Você está louco? - Gaetano perguntou.

As mãos de Dane estavam em punhos com uma fúria assassina. - Eu sou o que este lugar me fez.

- Não, Dane. É perigoso. -Era a voz de Luc, uma voz sem inflexão. Luc estava de pé ao lado dele, com calma. Muito calmamente. Luc olhava para Gaetano, e depois mais acima dele, olhando fixamente para a viga sobrecarregada. A prata de seus olhos parecera brilhar mais intensamente por um momento. Depois veio um grande som de gemido, o de pedra e madeira sendo rachados e lascados. Luc colocou a mão no braço de Dane. - a caverna está desmoronando.

- Maldição! Dane pegou seu irmão, empurrando-o para frente e para fora da cela. Gaetano se mexeu para sair, mas, em seguida, gritou de horror quando pedaços soltos de rocha começaram a desmoronar e a chover sobre ele, tornando-se uma torrente. O teto

caiu e estourou na porta da cela de suas dobradiças como uma bola de detritos e poeira jorrou para fora no salão principal.

- Vamos dar o fora daqui! - Dane gritou. Ele e Luc arrebanharam as outras criaturas drogadas na frente deles para fora do túnel, seguindo por onde Eva tinha ido. Atrás deles a rocha vulcânica cedeu, esmagando tudo abaixo em uma grande queda de tufo, mosaico, e mármore. Em segundos, Gaetano, Serafina, Odette, e os seus males insidiosos foram enterrados para sempre.

Uma parede de explosão de pó foi vomitada dentro do túnel, perseguindo Dane, Luc, e os outros através do labirinto, ameaçando sufocá-los. Os cinquenta metros depois ficaram mais fácil, e alguns metros depois, eles encontraram Bastian.

- Que diabos? - Bastian disse quando viu o grupo cobertos de poeira.

- Um desmoronamento. - Dane tossiu - Luc está comigo. E Eva?

O olhar de Bastian disparou para Luc e as emoções distorceram seu rosto. Mas tudo o que ele disse foi. - Sevin está com a Eva. Encontramo-las na metade, e ele a levou junto com a criança para fora. Vamos.

Juntos, eles levaram a sua preciosa carga através do túnel e saíram para o sol, ar puro e liberdade.

Sevin estava esperando por eles no templo.

- Eva? - Dane exigiu novamente.

- Na casa com as garotas. Disse para conduzi-lo lá para cima no instante em que você saísse. - Então ele fez uma dupla tomada de fôlego. - Lucien? Deuses é você—

- Casa - Luc deu um sorriso angelical, que englobava os três irmãos. - Estou em casa.

Era noite, quando todos os nomes e situações das sete vítimas dos Patrizzi haviam sido determinados. Eles e Luc dormiam agora sob os cuidados dos servos da noite, e seus futuros seriam resolvidos nos próximos dias. Dane não tinha tido o tempo que ele queria com Eva ainda e estava louco para colocar as mãos sobre ela. Para assegurar-se de que estava inteira e bem e sua. Mas ele ainda tinha que esperar, pois ela insistiu em colocar suas meninas na cama.

Bastian e Sevin tinham se juntado a ele em seu escritório, uma das poucas salas limpas da casa, e ele sentiu a sua intenção de falar de coisas que ele não queria discutir.

Para evitá-los, Dane disse. - Lá, naquela câmara de horrores hoje, Luc fez com que a viga de alguma forma se rompesse, propiciando o desmoronamento que matou Patrizzi. - Ele teve a atenção imediata dos irmãos. - Não foi com as mãos, mas com sua mente, ou com seus olhos. Eu não sei. Eu nunca vi nada parecido.

- Danação. Um talento? - Sevin aventurou.

- Possivelmente, - Disse Bastian, pensativo. - Embora eu não me recorde se o tinha antes de o perdermos. No entanto, ele tinha apenas cinco anos, e—.

- Por que nós só não o tiramos ao ar livre uma vez por todas. O que aconteceu com ele, a maneira como ele é agora— a culpa é minha, - Dane disse com certeza tranquila - Tudo isso.

Com isso, os dois irmãos sentaram-se mais a frente. - O inferno que é! - Disse Bastian.

- Eu sabia! - Disse Sevin. - Você tem se culpado todos estes anos. Mas o que aconteceu com os servos da noite que era suposto estar cuidando de nós? E Bastian e eu éramos mais velhos que você. Por que não notamos suas faltas é nossa culpa também?

Mas era difícil abrir mão de uma culpa de longa data. - Luc não teria saído naquela noite, se eu — Deuses, se eu não tivesse sido tão malditamente curioso.

- Foi uma brincadeira de menino, - Bastian insistiu.

-Inferno, se eu tivesse pensado na idéia de jogar de voyeur, durante o ritual, eu teria feito à mesma coisa que você fez, - disse Sevin - Estávamos todos curiosos.

- Basta pensar pelo que o nosso irmão está passando. - Dane esfregou a mão sobre o rosto. - A memória do que era o inferno de Dante e Daniel escondido em mim todo esse tempo. Dante tomou conta da minha mente quando eu fui abusado sexualmente por lá. E Daniel colocou-se no comando das memórias de quem eram os meus agressores e a localização do calabouço subterrâneo. Ambos só queriam me salvar da dor e do terror na época, mas não sabiam como parar de fazê-lo depois, quando o perigo já tinha passado para mim.

- Eles não são seus inimigos absolutamente, - disse Sevin. - Eles são seus protetores.

- Só uma mente forte poderia ter vir acima com tais mecanismos de enfrentamento, - disse Bastian. - Outros poderiam ter enlouquecido de vez.

Dane lhe lançou um olhar sarcástico. - Então, você não acha que eu pertenço a um asilo?

- Não, mas às vezes tenho minhas dúvidas sobre Sevin.

- Eu também te amo, irmão, - Sevin respondeu com um sorriso sarcástico.

Dane riu como se pretendia. Em seguida, a cabeça inclinada para a porta e ele lentamente se pôs de pé. Eva estava chegando.

Segundos depois, seu coração disparou. Ela estava no escritório com ele. Lena segurava a mão dela de um lado e Mimi, por outro, tanto em sua longa camisola feminina. Os olhos de Eva fecharam-se sobre ele, cheio de uma emoção que ele ainda não entendia. - As meninas queriam dizer boa noite, antes de—

De repente, Lena rompeu com ela, seu rosto selvagem, quase em pânico. Ela olhou de Dane para Bastian a Sevin e Dane novamente.

- O que é isso? - Dane perguntou, pensando que algo novo deveria estar errado.

Chocando todos eles, ela se abateu sobre ele, então, e colocou os braços ao redor de sua cintura, abraçando-o com o rosto enterrado em sua camisa. - Obrigada por nos salvar.

Os braços de Dane subiram de surpresa em seu abraço inesperado, mas então ele abaixou-os às suas costas e sua expressão cheia de um calor novo que Eva ainda não tinha visto nele antes. Isso de um pai tranquilizar o seu filho. Seus olhos captaram sobre a cabeça de Lena e Eva derreteu dentro, esperando. Nunca sendo de ficar de fora, Mimi correu para participar do abraço e foi imediatamente incluída. E então Dane abriu um braço para Eva, e ela passou a participar com um riso que era uma mistura de alívio e alegria. E algo mais precioso.

- Vamos oferecer-lhes boa noite, - disse Bastian. Dane olhou para cima para ver ele e Sevin sair da sala e acenou para eles na despedida. A ligação do sangue Sático entre eles os fizeram perceber a profundidade dos sentimentos dele por essa mulher e eles estavam felizes por ele. Embora Bastian ainda se preocupasse, ele se reconciliou.

- Você e suas sobrinhas são bem-vindas aqui, - Dane falou, uma vez que tinham ido – Para sempre. Vocês fazem parte da minha família agora.

Eva puxou um pouco para fora e olhou para ele, sua expressão adorando fazer sentir-se heroico.

- Nós não somos sobrinhas. Somos órfãs, - Mimi informou a ele.

Dane olhou fixamente para Eva.

- É verdade – ela confessou.

- Mas não somos mais órfãos, - Lena corrigiu. - Os órfãos não têm casas ou famílias.

- O que somos então? - Perguntou Mimi.

- Gostariam de serem minhas filhas no lugar? As nossas filhas? - Dane perguntou, seus olhos nunca deixando os de Eva. Lágrimas encheram sua visão. Quando as meninas abraçaram com entusiasmo esta proposta, ele ergueu uma sobrancelha para ela sobre suas cabeças. - Existe mais alguma coisa que eu devo saber sobre você?

Enxugando suas lágrimas, ela fingiu considerar. - Hmm. Vamos ver. Eu sou a única mulher sático que existe, minhas meninas não são sobrinhas, e eu não sofro com a doença. Eu acredito que é tudo.

Dane pulou. - O que foi que você disse por último?

Ela sorriu para ele, ciente de que essa última era novidade para ele.

Ele balançou a cabeça com espanto. - Danação, mulher. Uma sático em idade fértil?

- Então você vê o prêmio que eu seria para o Conselho, - disse ela.

Seus olhos suavizaram. - Mas um prêmio ainda maior para mim. Case-se comigo, meu amor?



O Perseguidor que Dane temia vir chegou três semanas depois. Ele veio apenas horas antes da lua cheia fazer sua aparição e trouxe com ele um administrador carregado com livros e papéis. Ambos estavam sentados sem aviso prévio no estúdio de Dane, de emboscada, quando ele entrou.

Bastian e Sevin estavam ausentes da cidade, tendo escoltado Luc para a Toscana e através do portão intermundo. Uma clinica em ElseWorld professava ter alguma experiência com o tipo de habilidades sobrenaturais de Luc e se ofereceu para trabalhar com ele. Mas os irmãos não quiseram correr qualquer risco de perdê-lo para os asilos de Elseworld como eles tinham perdido Dane, e insistiram em viajar para lá com ele, enquanto Dane supervisionava assuntos aqui até o seu retorno.

- Você está aqui para me prender? - Dane perguntou ao rastreador, e foi sentar-se a mesa maciça que Eva tinha comprado para ele. A casa inteira resplandecia agora sob seus cuidados, e o cheiro de limão polonês e cera de abelha e do ar fresco e alegria misturada aqui como tinha em sua infância.

O administrador olhou surpreso com sua indiferença. Mas o rastreador rapidamente desceu para o negócio. - Prisão militar ou juntar-se a sua unidade operativa. Essas são as duas opções.

- Eu escolho uma terceira, - disse Dane, seus olhos indo até a janela e a Eva além dela. Ela estava no quintal jogando um jogo de croquet turbulento com Mimi e Lena. Tendo vindo para ver as contas domésticas semanais como fazia agora semanalmente, como parte de sua atividade profissional de contabilidade, Pinot estava gostando do jogo também.

O rastreador lançou um olhar para Eva seguindo o seu, e Dane agradeceu que seu perfume tenha se fixado imediatamente nela evitando muitas atrações. - Quem é essa?

- Minha esposa.

O administrador entrou em alerta. - Você casou sem permissão?

- O Conselho queria um casamento, - disse Dane. - Volte até o portal e diga-lhes que tenho uma.

- O nome dela? - Perguntou o administrador.

- Evangeline Delacorte.

- Humana? - Perguntou o rastreador.

- Uma mistura de fada e humano, - Dane mentiu suavemente.

O esnobe administrador começou a agitação. - Eu a conheço. Ela é uma Agente Matrimonial. Preparamos seu visto e a mandamos através do portal. - Ele fez uma careta. - Ela teve a doença.

- Não é assim, como se constata, – Dane os informou sinceramente nesse momento.
- Mas ela foi testada. - Insistiu o administrador.

Dane se inclinou para frente, o interrompendo. - Os testes são falíveis. Ela não é infértil, eu lhe digo. Esta noite será Moonful. Vou me certificar que minha semente vá dentro dela. Em um mês eu vou ter os filhos que exigem de mim.

- Mas que tipo de crianças? Eles não serão humanos como nós pedimos, – desaprovou o administrador.

Os olhos de Dane se estreitaram. - Não.

O rastreador olhou para ele, pesando a verdade de suas palavras. - Terão crianças, pelo menos. Isso é alguma coisa. - A camaradagem compartilhada brilhou entre eles, o de homens ligados por um serviço e formação. Um momento depois, o rastreador levantou-se e acenou para a porta ao seu companheiro.

- Mas... - O administrador protestou, cuspindo.

- Nós terminamos por aqui, - afirmou o Controlador de forma inequívoca. - Lord Satyr está de parabéns pela obtenção deste antigo bosque de novo para o nosso mundo. E ele está casado. É fácil de ver que ele está obcecado com sua nova esposa. Se eles não conceberem, poderemos encontrá-lo novamente com facilidade suficiente para reabrir o assunto.

Ele conduziu o administrador para fora da porta. Quando ele o seguiu, ele voltou-se para Dane com um meio sorriso sarcástico. - Essas crianças que você está planejando fazer com ela. Se não puderem ser humano, vai torná-los sátiros, não vai?

Dane sorriu lentamente. - Eu vou fazer o meu melhor.

Com Eva como sua companheira, o homem não tinha ideia de quão fácil esse pedido provavelmente se provaria.

CAPÍTULO 20

Poucas horas depois, Eva voou através do bosque de oliveiras no Monte Aventino, seu vestido esvoaçante na brisa. Seus chinelos estavam molhados pela grama orvalhada, bentônica e alecrim que cresciam baixa no chão do bosque. Dane seguida em seu rastro, não tentando pegá-la, mas ainda apreciando a perseguição. Era Moonful, e seus instintos de caça estavam ansiosos, o seu sangue correndo em intensamente.

Uma chuva fina caía suavemente, o céu em cima acenava cinzento. Embora a Lua estivesse na clandestinidade, a sua atração sobre eles era forte. É não faltava muito agora.

Dane desacelerou quando viu para onde sua presa deliciosa estava se dirigindo. O templo. O mosaico foi removido agora, substituído por um retirado de outro sitio antigo e trazidos para cá. Este retratava cenas mostrando colheita de uvas e azeitonas catadores com seus cestos e redes, as cubas e as urnas, e as celebrações selvagens em que o consumo de vinho e azeitonas era proeminente. O túnel além do mosaico foi destruído transformado em escombros, vinte metros de profundidade de forma que nenhuma porta jamais seria aberta aqui novamente para roubar a sua alegria. Ainda assim, quando voltou para casa esta noite, ele atribuiu dez servos da noite para vigiar Mimi e Lena, todos com ordens estritas para mantê-las seguras. Alguns medos são mais difíceis de morrer do que outros.

Sua amada Eva esperava nos degraus do templo agora, seu vestido úmido e agarrado, seus longos cabelos em represados em seus ombros e coroado por uma coroa de oliveira, como uma bela deusa pagã.

- Bonito vestido, - ele disse a ela, se aproximando.

Ela segurava a saia longa, de linho simples, movimentando em cada lado dela, e seus olhos caíram para o caminho do seu tecido encharcado moldado nas coxas e o vão sombrio onde se juntaram. - Você gosta dele? Foi feito a partir de um desenho que eu encontrei em um dos livros de Bastian. O tradicional vestido de uma virgem em sua noite de núpcias na Roma antiga. Observe o bordado. - Seus dedos roçaram a costura decorativa sobre os seios. Seus mamilos estavam eretos, cutucando a roupa encharcada de chuva que a cobriu. Eles seriam gostosos em suas mãos, sua boca.

Suas sobrancelhas abaixadas. Ela tinha desenhado o seu olhar lá de propósito, oferecendo atrativos na esperança de atraí-lo para ignorar o fato de que ela o trouxe a este lugar vil. Ele se aproximou e ela tirou os chinelos, a emoção iluminando seus olhos.

- Estamos casados há mais de uma semana, - informou ele. - Não é nossa noite de núpcias. Lembro-me claramente da nossa noite de núpcias. Ele estendeu a mão para cima de um galho retorcido, arrancando uma oliveira que, estava succulenta e gorda.

Ela olhou para o pequeno oval verde que ele rolava entre o dedo indicador e o polegar e corou, lembrando exatamente o que ele tinha feito com uma azeitona muito

semelhante em sua noite de núpcias. Desbastando-o sobre suas dobras escorregadias, separando suas pétalas, e aconchegando-o delicadamente dentro de seu núcleo e... Ela suspirou de felicidade com a lembrança. Embora ele não soubesse, ela tinha guardado a pequena azeitona, com cuidado de colocá-la em uma caixa de veludo dentro de um tesouro que também continha o retrato dele que Lena tinha feito naquele dia, em seu estúdio e o papel dobrado de embalagem da caixa de azeitonas que ele enviou-lhe depois.

- Mas esta será o nosso primeiro Moonful aqui na tua terra, - ela persuadiu suavemente. - Eu fiz este vestido para celebrá-lo.

- Eva. - Seu nome era um grunhido primitivo na garganta de Dane. Ele tomou os passos para ficar um pouco abaixo dela.

- Dane. – Um degrau da escada acima dele, ela colocou as mãos em seus ombros, respondeu clara e provocando. Depois, mais seriamente, disse ela. - Deixe que isso aconteça aqui. Nosso primeiro Moonful juntos. Deixe isso acontecer onde seus antepassados acasalaram, onde fizeram amor e bebês sob a lua cheia muito antes de nascermos. Vamos nos curar aqui, juntos, unir os nossos corpos na forma antiga, pela primeira vez.

A tensão entre eles crepitava, elétrica e a espera, em seguida Dane despiu-se de sua camisa, calça e botas em um turbilhão, deixando-os jogados na escada. Ele veio para ela e arremessou algo sobre o altar levantado além deles. Algo que ele tinha carregado. Um rolo de corda. Ela estremeceu a antecipação colorindo seus olhos escuros. Levou as mãos à cintura. - Isso vai ser a primeira vez para nós dois, pois eu nunca tive um Moonful sozinho, um sem Dante.

- E eu tive muitos, sozinha. - Ela inalou o seu cheiro quente e gemeu suavemente. Quanto mais tempo ela ficava em sua companhia, mais facilmente ela podia distingui-lo nítido e precioso entre outros. - Eu trouxe algo também, hoje mais cedo.

- Outra surpresa. - Ele parecia desconfiado.

Ela se virou, indo para o altar.

- O ritual de casamento implica o vinho, mas eu pensei que por esta noite — ela segurava uma garrafa e inclinou-a, enchendo a palma da mão com âmbar viscoso— “azeite de oliva”. Colocando a garrafa de lado, ela voltou para ele e as palmas das mãos em concha em torno dele, massageando seu pau e bolas até brilharem. E enquanto ele a assistia com apaixonado olhos de prata, apreciando ao vê-la fazer este serviço para ele. As costas de seus dedos acariciaram seu abdômen, fazendo-o tremer e ondular. Sua pele era lisa lá. Mas os músculos debaixo estavam extraordinariamente tensos. Com a chegada da lua, seu segundo seu pau iria surgir. - E me excita saber como você vai mudar aqui, - ela sussurrou.

Ele agarrou os pulsos dela, sua voz forte de emoção. - Eu quero estar dentro em você quando isso acontece. Eu quero que você sinta.

Ela respirou com dificuldade e afundou os dentes no lábio inferior, balançando a cabeça. - Sim. Sim.

Ela pegou seu braço e apressada foi para o altar. Estava liso e molhado pela chuva, mas ela prontamente se ajoelhou sobre as bordas de mármore que projetava da base do mesmo.

Ele pegou a corda que ele havia trazido, e os olhos dela observaram enquanto ele a desenrolava. Com dedos experientes, ele a enrolou e atou firmemente em torno de seus pulsos, amarrando-os juntos. Ele balançou a cabeça em direção ao altar que se estendia à sua frente. - Você vai sentir frio?

Ela balançou a cabeça, sorrindo ligeiramente. - Não por muito tempo. - Ainda de joelhos, ela estava meio inclinada para baixo sobre sua superfície de modo que seus peitos e bochechas encontraram o frio, da chuva que lambia a pedra. Seus seios acomodados em depressões leves, onde a laje tinha sido gasta com os seios de outras mulheres que se prostraram aqui nos séculos anteriores. Ele puxou seus braços para cima e os amarrou na armação que se projetava na frente do altar, em seguida, veio para ficar na cavidade dividida, entre as coxas dela estendidas. E ela esperava o seu prazer, em seguida, como as gerações de fêmeas antes dela haviam aguardado o prazer de seus machos ancestrais.

Seu úmido, vestido cerimonial agarrado, delineando a fissura das nádegas. Ele levantou a parte de trás da roupa, revelando-a. - Deuses, eu gostaria que você pudesse ver quão bonita você é de se olhar, amarrada aqui, seminua, e assim aberta para mim, - disse ele.

Ele inclinou seu quadril para cima, notando os sinais indicadores do efeito da lua sobre ela — o profundo rubor carmesim de suas dobras, suas pétalas extraordinariamente gordas em torno de seu núcleo feminino. Despejando óleo em sua mão, ele cobriu-a e ela gemeu, esfregando a mão, massageando-a até que ela estava pingando com ele. Outro sintoma — hipersensibilidade. Então, ele gotejou mais âmbar viscoso ao longo da fenda de seu traseiro, a unção com óleo de azeitonas plantadas aqui pelos antigos do seu mundo. Ele abriu suas bochechas, massageando-a em seu anel enrugado, ouvindo seu gemido quando ele deslizou um dedo dentro. Os sinais estavam aqui também, uma inchação geral, uma resposta ao mero toque. - Eu mal posso esperar para entrar aqui, - disse ele, sua voz baixa e sombria.

- Dane. - Era um gemido, uma suplica. - Por que é tão... intenso?

- O chamado, - ele disse a ela. - Sem o seu pó para inibi-la, a lua a tem afetado fisicamente desta maneira, deixando você extremamente sensível e receptiva. E assim malditamente linda.

- Oh, Deus, eu não tenho certeza se posso esperar muito mais. Eu preciso... a lua, onde está?

Ele lavou as mãos e, em seguida, colocou a coroa de seu pau no seu centro escorregadio. Ela gritou quando ele se empurrou para dentro. Este primeira união seria

rápida, primitiva e pagã, mas eles tinham o resto da noite. Ele começou a fodê-la e ela o conheceu estocada por estocada, seus tecidos já ordenhando o pau dele. - Maldição, Eva. Você é tão apertada. Tão quente. Perto de gozar já.

Sobre suas cabeças as nuvens passavam delicadamente tremulas, e à primeira luz da lua encontrou. Juntos, eles gritaram a sua alegria quando seu segundo pênis irrompeu dele, empurrando ao longo de seu vinco traseiro e crescendo alto. Recuando um pouco de seu traseiro Dane agarrou este novo eixo, com dedos que tremiam. Então, em um movimento suave, ele posicionou-o em sua abertura e empurrou para dentro com um golpe longo, o óleo deixou-a escorregadia, facilitando o deslizamento duplo até que ela segurou-o mais profundamente e completamente do que recordava ter feito qualquer mulher.

Ela gritou e arqueou para cima, com os braços puxando as cordas, empurrando contra ele, tentando fazer com que a penetração ficasse mais forte, mais áspera, mais primitiva. E ele estava ali com ela, resistindo com o embate duro. O som dos seus gemidos e suspiros e as batidas de carne molhada e aquecida ecoaram no templo e mais suavemente através do bosque ate desaparecerem entre as árvores e a neblina.

Dane levantou o queixo, a garganta apertada enquanto ele olhava para o céu, buscando a beneficência da lua. - Com a minha semente, vamos trazer a vida esta noite, - ele murmurou. Através dos galhos retorcidos que cresciam pesados com azeitonas acima, ele viu as nuvens se moveram derramando a luz radiante que ele e sua parceira desejavam. Com o reforço deste brilho torrencial, ele entrou nela com um grande rugido, e ambos os pênis bombearam jorros de sêmen quentes e viscosos simultaneamente. Ela gozou quase imediatamente, apertando as coxas e seus tecidos ordenhando-o quando seu grito abrangeu o ar fresco, encharcado de chuva.

Eva desmaiou brevemente, e quando ela voltou, uma névoa de êxtase e faíscas dançava em sua visão. Seu pênis pélvico já havia recuado em sua carne, para não retornar até que houvesse outro Moonful. Ainda assim ela se sentiu tão cheia dele, tão cheia com suas sementes que escorriam dela.

As faíscas na sua visão tinham encolhido a um brilho iridescente. Ela levantou a cabeça ligeiramente. Uma mão iridescente desamarrou as cordas que a prendia, livrando-a delas. Ela engasgou. Shimmerskins! Dois. Ambos do sexo masculino. Musculosos e masculinos. Seu olhar foi baixando. Muito musculosos.

Liberta das cordas e ela empurrada para cima com um pau ainda dentro dela. - Dane?

- Pense neles como um presente de casamento atrasado, - ele disse por trás dela, seu pau começando a endurecer dentro dela novamente.

- Mas...

- Me excita compartilhar você, quando e como nós dois quisermos. Vou comandá-los e direcioná-lo algumas vezes para agradá-la e para o meu prazer. Você gostara?

As mãos iridescentes se apossaram de seus seios em movimentos circulares e desceram quando o primeiro Shimmerskin ajoelhou diante dela. Uma boca quente cobriu seu clitóris. Uma língua pressionou, acariciou.

Apaixonadas lágrimas encheram seus olhos, misturando-se com a suave, névoa constante. Descansando de volta contra ele, ela acenou com a cabeça retorceu ligeiramente para desenhar os lábios até os dele. - Eu te amo. - Suas palavras caíram sobre ele como chuva sobre a terra seca, e rachada e ele encharcou-se nelas.

- Eu também te amo, - ele disse solenemente, em troca, seu olhar cheio de emoção enquanto ele envolvia os braços fortes ao seu redor.

Dane acasalou com ela ali até o amanhecer, sobre o altar, onde os seus antepassados tinham acasalado com suas mulheres por séculos. Contra a parede, na escada. Fizeram amor na limpidez da chuva e entre as peles e almofadas na sala central, reconsagrando este templo com a sua paixão. Fazendo esta terra pura e completa novamente. E sussurrando palavras doces de amor.

EPILOGO

Deitada na cama na manhã seguinte, Eva virou a cabeça para sorrir para Dane, o sentimento de amor bem em cima dela. Ele estava dormindo, e tão lindo. Tão forte e bom, e tão maravilhosamente dela. Com cuidado, para não acordá-lo, ela rolou em direção à mesa de cabeceira e pegou um pequeno livro de capa de couro dela. Era outro presente de Dane, para ajudar a curar a sua perda do livro de sua mãe, que ficou enterrado no labirinto. Este novo diário estava esperando para ser preenchido suas páginas em branco só esperando por ela para gravar as alegrias de seus dias futuros. Ela pegou uma caneta, desejando iniciar o seu preenchimento. Para isso se sentia como um novo início — na manhã, após seu primeiro Moonful com Dane. O marido dela. Que palavra deliciosa para ser aplicada a ele.

Vou começar com a forma como as coisas são agora. Sou casada com o Lord Dane Satyr agora, e temos adotado legalmente Mimi e Lena como nossas filhas. Mimi segue todos os passos de Dane e está se transformando em uma agricultora diante de nossos olhos, fascinada com a sua azeitonas e videiras. Lena adora Lucien pelo tempo em que ficaram juntos e sente falta dele agora que ele foi para ElseWorld.

Pinot e seu amante estão extasiados em sua pequena casa em Monte Viminal, mas o vemos sempre que ele faz as contas e investimentos em nosso lar, como parte dos negócios financeiros que ele já começou. Quanto a Odette, ela está morta, e eu não consigo falar dela ainda, então vou passar para assuntos mais felizes.

Bastian recentemente fez uma nova descoberta no Fórum, uma Casa de Vestais. Ele tem um dom incrível

para a localização de tais coisas incríveis, quase como se ele já soubesse para onde olhar e só tem que cavar lá para encontrá-los. Ainda tenho a esperança de assegurar uma esposa para ele, mas eu temo que eu precise olhar pelos museus, pois as estátuas de mármore parecem ser as únicas fêmeas que mantêm seu interesse.

Sevin está fazendo obras de expansão em seu Salone di Passione, e acho que ele pode ser muito bem sucedido, pois ele sempre parece estar lá. Espero vê-lo casado também, mas primeiro vou trabalhar com seu irmão.

Minha querida amiga Alexa foi considerada inocente de qualquer delito no caso Patrizzi. Mas ela está arrasada com a traição de sua família e está cheia de culpa pela devastação cruel que causaram. De uma forma estranha, tudo o que aconteceu nos aproximou. Para agora eu sei os segredos dela e ela sabe o meu.

Dane e seus irmãos descobriram a identidade dos outros envolvidos no anel do mal de Serafina e conseguiram encantar cada para o esquecimento do culto inteiro. Não foi possível revelar toda a questão aos tribunais romanos, naturalmente, assim que as punições devem vir com o tempo, meios sorrateiros serão encontrados para diminuir as suas fortunas e posições na sociedade e no governo. E, certamente, o crescimento

contínuo da fama e fortuna dos senhores Satyr aqui já é uma espécie de castigo para eles.

O Conselho continua a avisar que a qualquer dia ElseWorld pode ser exposto. Mas nós existimos em um casulo de felicidade aqui em Roma, e a ameaça de que o perigo seja iminente parece distante.

Daniel não aparece mais, e Dante nos visita somente quando Dane, ocasionalmente, convida-o a se juntar a nós em combates carnavais. Este parece alimentar alguma necessidade.

Eu estou feliz. Verdadeiramente feliz, porque o meu amado ocupa meu coração e minha mente e meu corpo de uma maneira que é inteiramente satisfatória. Eu não corro mais o risco de ser descoberta, pois é assumido por todas as criaturas de ElseWorld que nos visitam ou que passam por mim na rua que o meu perfume se deve ao toque carnal do meu marido sobre mim. E ele me toca, muitas vezes, como se para assegurar-se que eu sou real e sua.

Espero que Fantine esteja feliz em saber que estou casada com um homem como este. Ela gostaria de saber que ele é rico, e que ele e seus irmãos são bem-vindos nos mais altos círculos da sociedade romana.

*Mas eu me preocupo só que ele me ame. Que eu
estou segura. Que eu sou...*

Eva engasgou e deixou cair sua caneta, sentindo uma sensação estranha sobre ela. Uma vibração. Seus olhos se arregalaram e sua mão foi para o seu abdome. Lá estava novamente sob a palma da mão! A Vibração. Oh! Glória a Deus!

Ela sentiu a colcha sendo puxada para longe. Uma mão alisava suas costas. Ela olhou por cima do ombro. - Sim, eu estou acordado, minha amada, - Dane resmungou, sorrindo de maneira sexy que só ele tinha. - E, querendo a atenção de minha esposa. - Ele virou-se para ela, puxando-a através de seu corpo. O lençol de linho parecia uma tenda, seu pau um poste abaixo dele, mas ele não estava exigindo nada dela e beijou-a apenas em um acasalamento calmo e com doçura nos lábios.

A vibração voltou, e ele sentiu que sua barriga tremeu junto à dele e puxou-a para trás. Olhando-a com os olhos escurecidos. - Eva? - Era uma pergunta. Uma chama de esperança.

Ela moveu sua mão grande para cobrir seu abdome e sorriu com o seu olhar. - Sim, meu amor. Parece que sua semente foi potente na noite passada. Estou grávida. Em um mês, vamos ver que tipo de criança maravilhosa fizemos juntos na noite passada.

Alegria iluminou o seu rosto. - Sim, minha doce esposa sátiro, vamos de fato.